

13.2.3 - Corpus D

**Carta do Ministro
Jarbas Passarinho ao Presidente Médici -
IPM Padre Fernando Bastos de Ávila**

Senhor presidente,

Os documentos em anexo me sugerem alguns comentários, que pessoalmente datilografo, ao tomar a liberdade de assim me dirigir a V. Excelência.

Em primeiro lugar, ocorre-me dizer que enquanto Vossa Excelência se empenha em reconciliar o povo com a Revolução, sem qualquer concessão à demagogia, pessoas há que parecem trabalhar no sentido contrário. Nada conheço em relação à instituição, objeto da batida policial.

Vejo, porém, envolvido o nome do padre Fernando Basto de Ávila, homem que nos merece o maior respeito e a quem o Presidente Castello Branco chegou a oferecer o Ministério da Educação.

Além de grande teórico do solidarismo cristão, que repudia firmemente qualquer aliança com o Comunismo, o padre Ávila, por sua conduta e por sua qualidade de pensador católico altamente respeitável, constitui-se numa espécie de anti-Hélder da Igreja Católica. De sorte que, se também e até ele passa a ser suspeitado de comunista pelos policiais da Guanabara, ou pelos encarregados da segurança do 1º Exército, então não vejo mais nenhum modo através do qual nós possamos nos entender com a Igreja.

Quanto ao atual reitor da PUC, padre Viveiros, conheço de longa data, pois é ligado por parentesco, conquanto remoto, com a minha esposa. ele tem pelo Governo de V. Excelência um grande apreço e disso já deu demonstrações concretas. Através dele, estávamos mantendo bom diálogo com os estudantes da Guanabara, visando a uma reaproximação, que caminhava

celeremente e, já agora, nada saberei prever.

Parece-me sobre tudo estranho que, no instante em que tudo começa a se desanuiar, em que Vossa Excelência vem de colher a explosão de palmas do Maracanã como de mais de meio milhão de paraenses no Círio de Nazaré, haja pessoas dispostas a toldar o seu esforço e a gerar as mais graves ocorrências, como a que está relatada no documento que me envia o padre Viveiros. E mais, a estranheza é maior quando o general Fontoura de nada sabia, ou melhor, era enganado, pois se lhe deu garantia que desmentia as primeiras versões.

Achei um indeclinável dever passar às suas mãos o relato e o bilhete angustiado do Padre Viveiros, feito de próprio punho.

Acho que servir ao seu Governo é uma tarefa das mais nobilitastes, pois significa bem servir ao Brasil soberano, livre, democrático e isento de ódios. A sua imagem não merece ser toldada por qualquer laivo de despotismo ou de arrogante exercício de autoridade, democrata e até mesmo humilde que é Vossa Excelência como presidente da República.

Eis por que achei de meu dever indeclinável fazê-lo conhecedor diversão que me transmite um homem a quem, até agora, só pude admirar, como o reitor da PUC da Guanabara.

Com o maior respeito e inexcusável apreço, o Jarbas Passarinho.

(in: PASSARINHO Jarbas Gonçalves, Um híbrido fértil, cap XXIII, "OME Cea Repressão", Carta ao presidente Médici, Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997).

Brasília, 8/3/71

Meu caro presidente: Esta é uma carta que eu mesmo estou datilografando, tal a sua natureza. Desculpe-me, pois, o datilógrafo que sou. Ouso escrevê-la, pela sincera amizade que lhe tenho, e, estou certo, nada abalará.

Em anexo, estão recortes, mais ou menos recentes, de jornais norte americanos, que me motivaram.

Presidente: quando, certa feita, em programa de televisão, (Pinga Fogo) admiti que havia casos isolados de brutalidade policial para com presos chamados políticos, filo de caso pensado.

O senhor há de recordar-se de uma conversa que tivemos, durante um dos meus despachos, quando lhe relatei um caso de tortura, que eu mesmo apurei, com uma moça universitária, da UnB, feita aqui mesmo, a poucos metros do seu Palácio. Lembro-me da sua revolta, diante do relato que lhe fiz e da sua autorização para que eu procurasse o general Walter Pires. Mandou a verdade dizer que as sevícias (pontapé no ventre, seguido de hemorragia uterina; eletrochoques, que provocaram coma, pois a moça era epilética; etc.) não foram ordenadas por autoridades superiores.

Sei, até mesmo, que o militar (do EB) responsável teria sido transferido. Outros casos, infelizmente não raros, chegaram ao meu conhecimento, com alta probabilidade quanto a serem verdadeiros. Uma arquiteta de origem japonesa, que trabalha no nosso programa de expansão de ensino médio (Premem) foi torturada. Depois, pediram-lhe escusas, por se tratar de equívoco. A um companheiro que procurou determinada autoridade do EB, a quem estava direta ou indiretamente afeto o caso, a autoridade respondeu que: "Guerra é guerra.

"Quando houve a violência (embora não tortura) contra os padres no episódio da invasão do Ibrades, onde foi molestado o reitor da PUC, homem altamente disposto a auxiliar ao seu Governo (padre Viveiros de Castro), bem como o atual presidente da CNBB (d. Aloísio), estava o senhor na Amazônia. Vi que nem o general Fontoura conhecia a verdadeira versão, quando a transmiti, de ordem sua. Chegou ao meu conhecimento que a autoridade exorbitava de seus deveres e fora punida.

Tudo isso, presidente, me faz ter orgulho de pertencer ao seu Governo. Daí eu ter dito ao ..

Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo
Prefácio de Jarbas Passarinho

Prezada professora, Fui procurar nas estantes que tenho na garagem a Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo do padre Fernandes bastos de Ávila. Fiquei estarecido ao abri-la, para copiar o prefácio de que lhe falei. Vi e - e não consigo entender quem o fez e porque o teria feito - que meu prefácio está com a primeira página retirada do livro. Ainda assim, concluo que na primeira página transcrevi palavras do padre Ávila que estão no livro dele *Neoliberalismo socialismo solidarismo*.

Transcrevo a seguir a página, que tem o n° 7 do livro, editado em 1972:

"... participar dos sacramentos da Igreja.

É ingênua, de resto, a posição de um católico que, sem pertencer ao partido comunista, pretenda cooperar com este, na realização de objetivos imediatos comuns.

Os objetivos imediatos do comunismo são intrinsecamente vinculados aos seus objetivos últimos, isto é, são meios para seus verdadeiros fins.

Isso não significa, de modo nenhum, que um católico deva abandonar sua luta por um ideal

senhor que admiti, de caso pensado, a existência de fatos isolados. Primeiro, porque negar o óbvio seria cinismo. Admitindo-o, crescemos em autoridade moral, o suficiente para preservar o senhor. Sei que a minha atitude criou áreas de reserva, mas sei também (e só isso me interessa) que a tática surtiu efeito bom, em relação ao presidente e ao Governo. Recebi, até mesmo, cartas de telespectadores neste sentido, inclusive a de uma senhora, mãe de moça que se diz torturada, onde ela, apesar da indignação com que se expressou, ressaltou a figura do presidente.

No que depender de mim, tudo farei para que nenhuma pecha dessa natureza o atinja, porque o senhor decididamente não merece. Se, com isso, me 'queimo' diante de certos grupos, permita que lhe diga, presidente, que isto não me incomoda.

(in: PASSARINHO, Jarbas Gonçalves, Um híbrido fértil, cap XXIII, "O MEC e a Repressão", Carta ao presidente Médici, Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997).

de justiça social, sempre que os comunistas se batam pelas mesmas reivindicações e pelas mesmas reformas.

Se fosse assim, a tática mais simples do comunista para paralisar a ação dos católicos seria defender seus pontos de vista. Isto significa que os católicos, lutando pelos seus ideais, devem explicitamente repudiar qualquer cooperação com os comunistas".

Em seguida escrevo no prefácio: Insisto: isto, escrito quando a propaganda comunista atingia o clímax e o PCB já era parte ostensiva do Governo, representava ao mesmo tempo definição de idéias e demonstração de coragem, máxime porque uma parcela não desprezível do clero "progressista" brasileiro reativava as idéias em favor de uma aliança comunista cristã.

Excusado dizer que, desde então, me tenho servido dos argumentos irresponsáveis do Padre Fernando Bastos de Ávila SJ, teórico maior do solidarismo cristão no Brasil, homem que nunca fez segredo de sua posição anticomunista, mas que sempre repudiou usá-la como fazem os que, como ensina Emile Baas, "não estão interessados na defesa do primado da fé, mas apenas têm medo de perder privilégios e posições".

Personnas: gradações e sujeitos do discurso político-religioso no Estado autoritário pós-64 - uma abordagem lexical e sóciosemiótica

E porque ele é contra os privilégios que caracterizam a injustiça social é que, considerando uma perigo para a democracia "todas as investidas contra a justa liberdade de iniciativa privada e os direitos da pessoa humana" define o solidarismo como a doutrina que condena tanto a concepção socialista do Estado como a concepção liberal individualista, ambas fazendo tabula rasa das prerrogativas pertinentes à pessoa humana, ambas por igual, pois, inumanas.

Não imaginava eu que, em 1972, os fados me reservassem o privilégio de prefaciar a 2a.

....

Carta ao Ministro J. Passarinho

Rio, 8/10/1970

Sr. Ministro Jarbas Passarinho

Desculpe a informalidade do comunicado e a cópia, por não dispor mais do original.

Achei obrigação minha pô-lo a par do incidente desagradável. A tal 'incurião' do Dops, a mando do I Exército foi contra o Ibrades do Pe. Ávila, que felizmente estava fora de casa. Levaram-lhe porém as notas pessoais e até caderno de endereços pessoais. A impressão que conservo, após 24 horas, é de que isso é o fim.

Com os cumprimentos do Reitor e um abraço do amigo

Pe Ormindo Viveiros de Castro

OS FATOS

Tendo chegado ao meu conhecimento, às 1:30 hs. do dia 7/10/70 de que o Pe Pedro Velloso, antigo reitor da PUC e atualmente Provincial dos Jesuítas (e portanto meu superior religioso) estava cercado em sua residência à rua Bambinal 115 e não conseguindo comunicar-me com ele, dirigi-me ao local indicado. Como ao chegar todo o aspecto da casa era normal, com os portões abertos, entrei, dirigindo-me ao 4º andar. Aí fui abordado por um indivíduo exigindo-me identificação, no que foi atendido bem como explicada minha visita ocasional ao Pe Provincial. Ao tentar retirar-me fui impedido de fazê-lo.

Insistindo em meu propósito devido aos compromissos na Universidade, meu caráter de reitor e de visitante ocasional, fui violentamente desafiado pelo valente indivíduo a fazê-lo, declarado preso, recusada qualquer chance de comunicação com qualquer pessoa externa, inclusive militares.

O mesmo indivíduo, chamado de capitão pelos seus subordinados, soube apenas declarar aos

edição de uma enciclopédia de moral e civismo , feita sob a direção de que, como o Pe. Fernando Bastos de Ávila , nos idos cinzentos de 1963, defendeu com tanto ardor e desassombro os princípios morais e deu tantas provas de civismo. Seu livro, sobre moral e civismo, só pode, pois, ser bom.

Brasília 1972.

Jarbas G Passarinho,

Ministro de Estado da Educação e Cultura

(email de 23/10/2000-21:53)

gritos que aquilo era uma célula comunista e que executava ordens. Na mesma situação se viram cerca de 30 ou 40 pessoas entre as quais d. Aloisio Lorscheiter, secretário geral da Conferência dos Bispos do Brasil, um médico que fora recolherem seu carro um padre para levar os últimos sacramentos a um enfermo grave, um professor de S Paulo que devia regressar no mesmo dia etc.etc.. Essa situação desagradável que começou para alguns às 10hs., se estendeu para todos até às 18 horas. Durante esse tempo fomos indiscriminadamente intimados a deixar-nos identificar com fotografia numerada, impressão digital e ficha impressa onde figurava inclusive o item "motivo da prisão".

Simultaneamente eram revistados todos os quartos e arquivos da casa, subtraídos e confiscados documentos e apontamentos pessoais de todos os religiosos residentes juntamente com numerosos livros de estudo dos professores de Sociologia considerados subversivos. Quando estava começando o movimento de remoção das pessoas para os carros da polícia, pouco antes das 18 hs, onde já se encontravam 4 detidos, foi comunicado ao padre Pedro Velloso pelo mencionado indivíduo chefe da expedição que recebera ordens de retirar-se e desculpar-se sem levar pessoas mas que iriam transportar o material apreendido. Cinco minutos depois estávamos novamente livres, com exceção de um rapaz e uma moça que foram conduzidos no carro da Polícia e cujo paradeiro até agora ignoramos.

CONSIDERAÇÕES

O que não entendo é que pessoas de responsabilidade e insuspeitas possamos ficar durante seis horas à mercê de um indivíduo que não teve a ombridade de declinar o nome e demonstrou total incapacidade de raciocinar,

Personnas: gradações e sujeitos do discurso político-religioso no Estado autoritário pós-64 - uma abordagem lexical e sócio-semiótica

obrigados a identificar-nos como delinquentes presos e na perspectiva de sermos transportados para a Polícia, não fora a intervenção de amigos junto a pessoas que ainda pensam. Tais acontecimentos, em troca de ocasionar a prisão de alguns considerados suspeitos que poderiam ser procurados de outra maneira, conseguem indignar e paralisar em centenas de pessoas qualquer desejo de cooperar com o real trabalho

e boas intenções do atual governo. Foi o que sucedeu comigo.

Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1970

Pe. Ormino Viveiros de Castro SJ

Reitor da PUC RJ

Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo

Decálogo

1. amarás o Brasil, tua Pátria, com amor inteligente e forte. Inteligente, para conhecer seus problemas e grandezas;

forte, para empenhar-te em prol de seu desenvolvimento e na defesa de sua soberania.

2. amarás os teus irmãos brasileiros, reconhecendo em todos a igual dignidade de pessoas humanas, sem discriminações de raça, origem, condição social, situação econômica, opiniões doutrinárias, ideológicas ou religiosas.

3. Não excluirás de teu amor e respeito os filhos de outras terras que vieram colaborar lealmente para a grandeza da pátria comum.

4. Prezarás os teus valores humanos, espirituais e físicos, procurando, através de todos os recursos do ensino e da educação, levá-los a uma plenitude ordenada e harmoniosa.

5. Amarás entranhadamente o bem, a virtude e a verdade, detestando o mal, a mentira e a iniquidade.

6. Amarás com predileção a tua família, a cuja promoção te dedicarás pelo trabalho competente e honesto, no exercício de uma profissão.

...

Prefácio do Padre Ávila

O presente trabalho foi concebido no objetivo de contribuir para a formação cívica do povo brasileiro.

Baseia-se na premissa, talvez de inspiração socrática, de que uma condição prévia para agir bem é conhecer o bem, e onde se infere que, para ser um bom cidadão, é indispensável conhecer os deveres morais e cívicos de um cidadão.

Para a realização do intento, foram escolhidos aproximadamente 1500 verbetes referentes à organização política, social e econômica brasileira e aos valores humanos que lhe dão embasamento. Os verbetes foram distribuídos por cinco categorias que fixavam suas dimensões em função da importância relativa ao fim colimado.

7. Procurarás conhecer sempre melhor teus deveres e direitos de cidadão, para observá-los com maior fidelidade, esforçando-te

por participar da vida de tua cidade, de teu município, de teu Estado e da Federação.

8. Lembrar-te-ás que um bom cidadão não pode ignorar os elementos fundamentais da organização jurídica e administrativa de sua Pátria.

9. Deverás também te esforçar por conhecer sempre melhor os elementos da organização econômica e dos processos sociais do Brasil, bem como os sistemas propostos para resolver os seus problemas, a fim de formar, a respeito de todos, uma opinião clara e segura.

10. Não deverás nunca esquecer que o Brasil faz parte de uma Cultura e de uma Comunidade Internacional, para com as quais tem também direitos inalienáveis e deveres urgentes, de cujo respeito depende o advento de uma paz justa e definitiva.

Padre Fernando Basto de Ávila

Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo

No desenvolvimento de cada verbete procurou-se, na medida do possível, abordar quatro tópicos, a etimologia, para por em foco a força original do termo; a definição, porque a falta de conceituação precisa é uma das maiores carências da formação intelectual brasileira; a história, para situar o assunto em sua perspectiva concreta e, enfim, a problemática, para referi-lo a suas coordenadas teóricas.

Os critérios e juízos de valor adotados se inspiram numa ética natural, aconfessional, cujos preceitos possam oferecer uma base comum de entendimento e ação, independentemente de conotações ideológicas ou motivações religiosas.

O grande desafio com que se defronta o Brasil é a aceleração de seu desenvolvimento. O presente trabalho não é alheio a esta temática essencial. Uma geração mais consciente de suas

- uma abordagem lexical e sóciosemiótica

responsabilidade morais e cívicas estará em melhores condições para assumir o projeto nacional de mãos limpas e libertas das pesadas vinculações com que a corrupção e a venalidade oneram o desenvolvimento. A obra se endereça especialmente aos jovens e àqueles a quem compete a alta e árdua missão de prepará-los para a vida.

É uma espécie de testamento de uma geração a outra, para poupar-lhe a dura contingência de redescobrir penosamente, tudo o que uma secular experiência humana acumulou de sabedoria.

Cabe-me aqui o grato dever de expressar à Professora Heloisa Araújo e a toda a sua equipe da Companhia

Nacional de material de Ensino, minha gratidão pela confiança com que me distinguiram convocando-me para esta obra e pelo constante estímulo com que me sustentaram em sua elaboração.

Devo, enfim, uma homenagem de especial reconhecimento à Professora Alfredina de Paiva e Souza, coordenadora do trabalho que, sem sua colaboração dedicada e esclarecida, não teria, talvez, chegado a bom termo.

Fernando Bastos de Ávila SJ setembro 67

Acre: Bispo luta pelo Seringueiro

O bispo de Purus e Acre, Dom Giocondo Grotti, vive no Acre há cerca de 8 anos. Nascido em Bologna, na Itália, da Ordem dos Servos de Maria, o bispo fala com lucidez e segurança dos muitos problemas do Estado. Na cidade todos o consideram um homem sensato. Mas Dom Giocondo é muito voluntarioso e dá sua opinião quando é preciso: "a situação dos seringueiros é das mais tristes".

Dom Giocondo, com grande experiência na área, acha que esta situação não se modifica com muita facilidade.

Entre outras coisas, lembra o bispo que, "no Acre a maioria dos líderes em todos os setores, não tem muito interesse em que o Estado se desenvolva." Para o bispo, a solução seria oferecer maiores condições ao homem.

E, segundo ele, a luta seringueira persiste.

- Hoje, a área de atrito é muito maior. No início, o seringueiro ainda dava condições de sobrevivência ao seringueiro. Agora, ele não procura oferecer nem mesmo os menores benefícios. No interior, onde o juiz é mais condicionado, raramente dá-se ganho de causa ao seringueiro (há pouco tempo o bispo entrou com um pedido de habeas corpus em favor de um seringueiro - Dom Giocondo é formado em direito pela Faculdade de Direito do Acre - que havia sido vítima de um marreteiro. O habeas corpus foi negado.

E opinião do bispo de Purus e Acre, que a culpa inicial da péssima situação dos seringueiros cabe, em parte à União, que teria enfatizado de forma imprópria o seu trabalho, na época da II Guerra Mundial. E para o bispo, teoricamente, todos os contratos realizados na época seriam ilegais "ferindo todos os preceitos da legislação trabalhista". Acrescenta o bispo, que o governo prometeu tudo e não deu nada.

- Nós aqui não somos muito ligados ao Estado. A Igreja no Acre é bastante independente e manifesta-se com total liberdade sobre os mais importantes setores.

Uma coisa importante para Dom Giocondo seria levar a cultura aos seringais. Numa cidade do Acre - Sena Madureira - os padres já começam a movimentar-se nesse sentido. Mas, de um modo geral, o bispo de Purus e Acre, mostra-se um pouco cético quanto às possibilidades de desenvolvimento do acre. E aponta um dos entraves a este desenvolvimento: "o pequeno aproveitamento da mão-de-obra. Em Rio Branco, por exemplo, há apenas 4 indústrias: Alimentação (que pro sinal funciona em condições precárias); Bebidas; Vinagre e Cerâmica. Além disso, há uma fábrica de laminação e classificação de borracha".

Mas o produto não é manufaturado no Acre. Também aqui, a mão-de-obra se perde.

Projeto -

É grande a preocupação de Dom Giocondo quanto à situação dos seringueiros. Tanto que, recentemente, elaborou um projeto, que define a profissão do seringueiro e dá normas para a previdência social do mesmo (o Ministério do Trabalho poderá providenciar a lavra de um contrato modelo, com base neste projeto).

De início, o bispo lembra que "o seringueiro é parceiro agrícola, e tudo que se refere à parceria agrícola, nos Estatutos da Terra, aplica-se ao seu caso (seringalistas e seringueiros deveriam, ao contrário do que normalmente ocorre, assinar contratos de parceria)".

O projeto apresenta outros itens também importantes: 1) obrigatoriedade de o seringueiro manter uma caderneta de conta - corrente para cada empregado (isto daria segurança ao seringueiro, muitas vezes sujeito a cálculos arbitrários do patrão); 2) é facultado ao seringueiro o lucro ordinário de 30% ao máximo nas transações comerciais com o seringueiro; 3) o seringueiro pagará o imposto único de 10 centavos por quilo de borracha bruta. Para a constituição de um Fundo de Previdência Social do seringueiro; e deverá declarar, anualmente, quantos seringueiros e quais trabalham em seu seringal (isto poderia moralizar a situação do seringueiro, que até o momento nunca contou com qualquer tipo de legislação trabalhista).

Francisco Costa Pinto, 1971, Projeto Rondon

A Igreja na Política - uma nova cruzada

(...) O contra ataque ficou por conta do presidente do Senado, Jarbas Passarinho, que, na verdade, investiu ainda antes de tornada pública a ofensiva clerical. No mesmo fim de semana em que os bispos preparavam seu documento, Passarinho compunha uma longa entrevista à Folha de São Paulo, na qual denunciou uma parte da Igreja "por se deixar envolver pela doutrina marxista", comandando invasões de terras particulares e provocando "uma luta de classes que pode desaguar num banho de sangue".

Passarinho manteve o tom agudo do debate e chegou a receber estímulos discretos. Sua entrevista foi levada a todos os cantos do país, na noite da segunda-feira, 31, pela Voz do Brasil, no horário destinado às notícias sobre atos do Poder Executivo. Naquele dia os jornais registraram indignadas reações dos bispos às palavras do senador. "É uma acusação muito grave, para a qual a gente tem o direito de exigir, realmente, uma documentação séria e bem-fundada. Se ele faz essa acusação ele deverá trazer as provas correspondentes", afirmou o cardeal Aloísio Lorscheider. "O coronel Jarbas Passarinho seguramente não está a par daquilo que é a ação global da Igreja", secundou Dom Angélico Sândalo, bispo da Pastoral Operária de São Paulo. Dom José Maria Pires, da Paraíba, pediu os nomes dos bois e até o venerando cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, rompeu um longo silêncio, na diocese de Aparecida, e aos 91 anos veio a público censurar Passarinho por ter dito "uma bobagem" e se comportado "como um menino, um rapazola". (Istoé 1981 p22).

No que toca especialmente à Igreja, o problema número um envolve a conduta dos órgãos de segurança. A questão do respeito aos direitos humanos foi examinada nos encontros que o General Golbery manteve, ainda no Rio, com diversos prelados, entre eles o cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. Este levantou especificamente o caso do grupo de leigos, entre os quais uma educadora e um jornalista, que teria sido detidos em São Paulo. (Dias antes da posse de Geisel, passado já algum tempo desde a última entrevista de Arns com Golbery, o DOPS paulista os acusou formalmente

de exercerem atividades subversivas e pediu a decretação de sua prisão preventiva.) De todo modo, Dom Paulo não pareceu ter saído frustrado de suas conversas com o general; o último boletim do Centro de Informação da Arquidiocese de São Paulo, *Eclesiais*, em editorial sobre 'O quarto governo' além de elogiar "os homens de que o presidente Geisel se fez rodear", prevê "um governo tão eficiente quanto o anterior e, certamente, mais humano e sensível nos planos social e político" (*Visão*, 25-3-74, p.18)

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

Encaminhamento nº 050/17/AC/75
Anexo E

"Relatório sobre" A Igreja e o Problema de Terras", de 27 Janeiro de 1975

A IGREJA E O PROBLEMA TERRAS SUAS ORIGENS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

1. Considerações Iniciais

a. Nos Relatórios - PBOBLEMAS PSICOSSOCIAIS E ECONÔMICOS DA REGIÃO DE MARABÁ/PAXAMBIOÁ/GO - ARAGUATINS/GO e - "UNIÃO PELA LIBERDADE E PELOS DIREITOS DO POVO" - ULDP, foram enfatizados só problemas existentes nas citadas regiões, concluindo:

- que nessa área reina um império de violência, pressões, abusos e crimes, cometidos contra uma população indefesa, a par da impunidade dos grileiros, dos assassinos e de todos os tipos de contraventores.

- que essa situação produz revolta entre a população.

- que a solução dos problemas não está calcada pura e simplesmente na ação isolada de um Ministério.

b. Foi ressaltada a importância da área no cenário da Segurança Nacional e a necessidade premente de uma ação conjugada de diferentes órgãos federais, aos quais competiria o estudo, o planejamento, a excussão e a supervisão dos mesmos, tendo como finalidade a neutralização das irregularidades existentes.

c. Ressaltou-se também, que os maiores anseios da população da área se resumem na:

- distribuição de terras
- assistência médica
- educação
- justiça social

d. Outrossim, os fatores que tornam a área

sensível, se constituem:

- na inexistência de ação dos Poderes Públicos

- na falta de regularização dos títulos de propriedade das terras, foco dos problemas da região

- na impunidade dos criminosos, na arbitrariedade e na corrupção das autoridades

- na revolta da população local e. concluiu-se que, em decorrência do exposto, seria de suma importância intensificar a atuação do governo na região, através de um planejamento metódico e integrado, visando, não somente a erradicar os graves problemas existentes, como também, a concretizar as justas aspirações do povo da área, impedindo que, em futuro próximo, não fosse necessário o emprego de medidas exclusivamente repressivas com visível e flagrante prejuízo para o Governo Federal.

2. Origens dos problemas

A outrora tranqüila região amazônica vem sofrendo, nos últimos anos, as consequências do desenvolvimento socio-econômico, trazido pela política do governo revolucionário, se por um lado esta política trouxe um grande progresso para a área, esta, por sua vez, atraiu grande número de aventureiros que, em contra-posição aos verdadeiros colonizadores e trabalhadores que para lá se deslocaram em busca de melhores condições de vida, procuram, pela subversão ou pela corrupção, dificultar esse progresso e esse desenvolvimento.

A abertura das estradas, valorizando terras anteriormente esquecidas, e a criação da Zona Franca de Manaus, abrindo amplas possibilidades comerciais e industriais para a área, ofereceram de uma maneira geral, excelentes condições para todo tipo de atividades ilegais.

Por sua vez, esse progresso e esses problemas tiveram repercussão também na área externa, ora gerando desconfianças e providências desenvolvimentistas do países vizinhos, ora oferecendo ótimo campo de atuação para aventureiros internacionais.

3. O PROBLEMA "TERRAS"

O desenvolvimento da área AMAZÔNICA trouxe para esta região um fato novo; a luta pela posse de terras onde se viram envolvidos proprietários posseiros e grileiros.

A medida que o progresso avança com a estrada, o problema vai surgindo e aumentando, gerando choques inevitáveis, evoluindo para uma situação perigosa.

O problema é complexo e envolve vários setores governamentais além de interesses conflitantes.

O INCRA não está estruturado para resolver o problema, e a falta de uma cobertura judiciária, para as suas decisões, não só impede a concretização de uma justa reforma agrária como também desgasta a imagem do governo revolucionário. Surgem, em consequência, as explorações políticas com críticas bem colocadas pelos anti-revolucionários e bem aceitas pela população.

Nenhuma ação isolada por parte deste ou daquele Ministério resolverá o problema. Somente uma ação integrada poderá solucionar as demandas existentes.

Convém salientar que a reforma agrária foi uma das grandes bandeiras levantadas pelos subversivos antes de 1964. Dez anos após, a Revolução ainda não solucionou o problema que volta a ser agitado atualmente, com a agravante que, a ampliação dos meios de comunicação poderá disseminar essa agitação em todo o País, com repercussões imprevisíveis.

4. MISSÕES RELIGIOSAS

Muitos foram e tem sido os informes e informações recebidos sobre as atividades de estrangeiros na área, na sua maioria técnicos e especialistas, travestidos de missionários.

De uma maneira geral, já se constatou o seguinte:

- não foi comprovado, pelo menos até agora, que os missionários façam pesquisas minerais com material sofisticado; entretanto, quase todos eles possuem uma especialidade técnica

além de suas funções religiosas;

- as missões, excetuando as mais antigas e tradicionais, pouco ou nada tem feito a favor do índio no que se refere à sua aculturação. Suas maiores contribuições são no setor do conhecimento da língua indígena, transmissão dos ensinamentos bíblicos e uma precária assistência social;

- quase todos exploram o trabalho do índio sob a alegação de necessidade de manter os trabalhos missionários, seja o trabalho braçal, gratuito ou mal remunerado, ou a venda do artesanato indígena, comprado a preços baixos e revendidos a um bom preço nas grandes cidades;

- quase todos exploram os serviços de taxi aéreo entre as localidades constantes de suas rotas.

A passagem não é paga, constituísse numa doação da instituição;

- o comércio de peles e couros silvestres, algumas vezes até com a cidade de Leticia na Colômbia, é uma das fontes de renda dessas missões;

- possuem uma bem montada e explorada rede rádio;

- não permitem a presença de estranhos nas suas sedes ou postos, a não ser autoridades;

- não foi possível constatar, até o presente momento, qual o órgão governamental que autoriza a implantação dessas missões e sobre elas exerça um controle e uma fiscalização visando avaliar a produtividade do seu trabalho em prol do índio ou a fixação de objetivos que devam ser atingidos pelas mesmas, na aculturação ou no desenvolvimento das comunidades indígenas.

Assim sendo, o índio é mantido no seu habitat natural sem nenhuma preparação para o inevitável encontro com a civilização que marcha, célere, em direção as suas aldeias e reservas; e sem esta preparação o índio será, fatalmente, destruído, pois não resistirá a este impacto.

A FUNAI, por sua vez, não possui uma estrutura que permita realizar esse controle e fiscalização;

entretanto, já foi despertada para o problema e começou a tomar providências visando iniciar o desenvolvimento dessas comunidades indígenas, pretendendo mudar a orientação anterior e com isso buscar a integração do índio, gradativamente, tirando o do isolacionismo atual, que, fatalmente, o levará a destruição futura.

5. A Conferência Nacional de Bispos do Brasil e o problema "terras"

a. Através do Folheto "Nós, Irmão da Prelazia Acre-Purus", tem chegado ao homem

do interior daquela região a orientação proporcionada pela CNBB sobre a posse da terra. Na orientação em si nada há de negativo; contudo proporcionando "orientação" a Prelazia envolvesse em matéria que não diz respeito à Igreja. A própria Prelazia justifica sua intromissão "em face da grave situação criada pelo problema das terras no Estado do ACRE e em particular no território desta Prelazia " conforme consta na introdução do folheto distribuído e que abaixo se transcreve:

*** 1) "ORIENTAÇÃO DA IGREJA DO ACRE E PURUS SOBRE O PROBLEMA DAS TERRAS"**

Em face da grave situação criada pelo problema das terras no Estado do ACRE e em particular no território desta Prelazia, a Igreja Acre puruense não entrando no lado técnico deste problema, mas inspirada no Evangelho de Cristo, faz questão de dar a esse respeito suas diretivas para todo o povo de Deus.

A problemática das terras preocupa em especial os posseiros, colonos e seringueiros que vivem na maioria das vezes há vários anos no interior de nossos seringais e coloniais, sobre quem pesa a ameaça de deixarem suas posses, sem perspectiva alguma de sobrevivência. Na realidade com o passar dos dias, MULTIPLICARAM-SE OS CASOS DE POSSEIROS, COLONOS E SERINGUEIROS QUE DAMANEIRA MAIS ARBITRÁRIA E VIOLENTA VÊM SENDO EXPULSOS DE SUAS POSSES SEM O MENOR RESPEITO À DIGNIDADE DA PESSOA E MESMO ÀS LEIS VIGENTES. Igualmente esta problemática vem preocupar os investidores do Sul, em especial aqueles que com boa vontade vieram investir seus capitais num Estado onde os títulos de terras em geral não se encontram devidamente legalizados, e daí o fato de inúmeras vendas de terras se processarem de forma irregular.

A orientação da igreja no que diz respeito aos posseiros é a seguinte:

a) CONSCIENTIZAR OS POSSEIROS DE SEUS DIREITOS SEGUINDO AS ORIENTAÇÕES DO INCRA, SOBRE A POSSE DA TERRA;

b) URGIR JUNTO AOS ÓRGÃOS COMPETENTES: INCRA, 4ª CIA, POLÍCIA FEDERAL, POLÍCIA MILITAR, SECRETARIA DE SEGURANÇA, AS ARBITRARIEDADES COMETIDAS CONTRA ESTES TRABALHADORES;

d) DEFENDER NA JUSTIÇA, INDIVÍDUOS OU GRUPOS, QUANDO NENHUMA OUTRA PROVIDÊNCIA FOR TOMADA PE-

LOS ÓRGÃOS DE DIREITO;

e) SUGERIR AO GOVERNO DO ESTADO E AO PRÓPRIO INCRA, LEVANDO EM CONTA O FUTURO DESTES TRABALHADORES, O ENQUADRAMENTO DOS MESMOS NUM PLANO GERAL DE COLONIZAÇÃO DO ESTADO.

A orientação da Igreja no que diz respeito aos investidores é a seguinte:

a) ESCLARECER NO DIÁLOGO ABERTO COM OS INVESTIDORES A REAL SITUAÇÃO DAS TERRAS NO QUE DIZ RESPEITO AOS TÍTULOS EM CONSONÂNCIA COM AS DIRETIVAS DO INCRA;

b) FAZER SENTIR AO GOVERNO E AOS COMPRADORES, O PROBLEMA DO FUTURO DOS COLONOS E SERINGUEIROS, QUE PASSADO O CICLO DAS DERRUBADAS E TIRADAS AS POSSIBILIDADES DE SUBSISTÊNCIA, FICARÃO TOTALMENTE MARGINALIZADOS SEM PERSPECTIVAS;

c) FAZER VER NUM DIÁLOGO COM O GOVERNO DO ESTADO A SITUAÇÃO ATUAL DAS TERRAS QUE VEM GERANDO PREOCUPAÇÃO NÃO SÓ AOS COLONOS, MAS TAMBÉM AOS PRÓPRIOS COMPRADORES;

d) MANTER UM CONTATO CONSTANTE COM O INCRA, 4ª CIA, POLÍCIA FEDERAL, POLÍCIA MILITAR, SECRETARIA DE SEGURANÇA E JUSTIÇA EM VISTA DO ENCAMINHAMENTO ADEQUADO DESTA PROBLEMÁTICA.

Estas orientações dirigidas a todo o Povo de Deus desta Prelazia tem por finalidade a ação o mais possível conjunta de todos os seus agentes pastorais em face de tão delicado problema ficando as posições públicas sobre o conjunto da Igreja de competência exclusiva do Bispo e do Conselho Presbiterial.

Este documento redigido em XAPURI, dia 21/6/74, traz as assinaturas de Dom MOACYR GRECHI, bispo do ACRE e PURUS; do Pe FRANCISCO CARMINEO,

Provincial OSM da Província do Brasil além das assinaturas de todos os sacerdotes desta Prelazia ".

2) "ORIENTAÇÃO SOBRE A POSSE DA TERRA"

a) O QUE É O INCRA?

É o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Sua principal missão é proteger os trabalhadores da terra (colonos, posseiros, seringueiros etc). O principal interesse deste órgão é a fixação do homem a terra.

b) QUAL É A LEI QUE GARANTE A FIXAÇÃO DO HOMEM A TERRA? É a Lei 4504 de 1964, assinada pelo Presidente Castelo

Branco, além do Decreto 70.430 de 1972, assinado pelo Presidente Médici.

c) QUE DIZ A LEI 4504 DO ESTATUTO DA TERRA?

A Lei 4504 do Estatuto da Terra garante o direito à posse de terra (o módulo), a quem nela morar habitualmente depois de um ano e um dia, dedicando-se à cultura efetiva da terra.

d) QUE SIGNIFICA O MÓDULO DA TERRA?

O módulo da terra é uma área que uma família pode utilizar convenientemente para o seu sustento. Como base, o módulo parte de 50 hectares, aumentando conforme o tipo de utilização e capacidade braçal da família.

e) O QUE FAZER PARA GARANTIR SEU DIREITO À POSSE DA TERRA?

A melhor garantia do direito à posse da terra é não sair da terra, onde você trabalha, mesmo se lhe oferecerem indenização, ATÉ UMA DECISÃO JUDICIAL.

f) O QUE FAZER EM CASOS DE CONFLITOS EM RAZÃO DE VENDAS DE TERRAS?

Em casos de conflitos, sugere-se as seguintes normas:

- conservar a calma e não brigar com os compradores;

- não se deixar intimidar por ninguém, pois você não pode ser jogado fora de sua terra enquanto você não quiser;

- se for necessário você deve recorrer às autoridades competentes, que no caso são: o próprio INCRA, na sede em Rio Branco ou ao JUIZ FEDERAL, POLÍCIA FEDERAL E 4 CIA DE FRONTEIRA. *

6. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

A Igreja evangélica de Confissão Luterana no Brasil publicou através de seu "Jornal Evangélico", de janeiro de 1975 o artigo que abaixo se transcreve, sob o título "O BOI É O NOVO DONO DO ACRE":

*a. O ACRE é um imenso seringal. Nos seus 152 mil quilômetros quadrados mais da metade da população extraiu borracha das árvores para sobreviver, durante muitas dezenas de anos. Nos últimos quatro anos, porém, houve uma invasão de novos personagens, principalmente paulistas, que afirmavam ter levado o progresso ao ACRE. O progresso é o boi. O boi que está expulsando os seringueiros.

Não se sabe bem como começou. De repente, centenas de empresários do Centro Sul, pecuaristas e produtores de soja e café, invadiram o ACRE à procura de terras e em menos de quatro anos adquiriram no mínimo dois terços

do Estado.

Um só grupo de investidores comprou 2,5 milhões de hectares, pouco menos que os 27 mil quilômetros quadrados de ALAGOAS.

Os compradores pagavam a terra antes mesmo de medi-la. Assim, à vista do dinheiro, os donos não sabiam dizer não, e só depois percebiam o que era feito das suas terras e quanto elas realmente valiam. Os novos donos, como, por exemplo, o paulista JOSUÉ ALEXANDRE DE OLIVEIRA compraram em 1971 o seringal CATUABA, com 224 mil hectares, pagando menos de Cr\$150,00 o hectare.

Há diversas acusações de que os seringueiros estão tendo que abandonar o ACRE, levando como herança e patrimônio, às vezes, um dente de ouro. Vão para a BOLÍVIA, expulsos pelo boi, instalado nos campos antes cobertos pelos seringais.

Os padres da região estão sendo os grandes defensores dos expulsos; a Igreja acreana, por sinal, é considerada a mais avançada do País, em pastorais de evangelização, e organizou para este contexto o "Documento de Xapuri", ratificando a orientação que o INCRA dá "aos despejados ou ameaçados" e sugerindo que em "caso de conflitos devem conservar a calma e não brigar com os compradores."

O padre JOSUÉ CARNEIRO, ao falar neste assunto, diz "é uma vergonha nacional". Mas não se arrisca a calcular quantas pessoas saíram do BRASIL para procurar trabalho nos seringais bolivianos, limitando-se a dizer que 45 mil brasileiros, vejam bem, não são 45 mil seringueiros, não."*

b. Estranha-se que a Igreja Luterana tenha decidido se envolver em assunto dessa ordem, uma vez que se tenha absterido, sistematicamente, de tecer quaisquer comentários sobre problemas que não estejam diretamente ligados com sua comunicação evangélica junto às comunidades.

7. "PRELAZIA DO ACRE E PURÚS"

a. Dom MOACYR GRECHI, em recente reunião do clero missionário para estudos de pastoral solicitou aos sacerdotes que enviassem relatórios urgentes sobre a situação do 'HOMEM DO CAMPO' para encaminhamento a COMISSÃO DE PASTORAL DA CNBB, no Rio de Janeiro.

Nessa oportunidade, teceu considerações especiais sobre dois assuntos que "observador eclesialístico" acredita enquadrar-se no documento "IGREJA E POLÍTICA" recentemente publicado pela CNBB:

1) Disse que a Igreja tem por missão defender "aqui e agora" o homem do campo con-

tra os “ricos empresariados” do sul que pretendem expulsá-los de suas terras para explorações agropecuárias.

Saliou a constância dessa luta como objeto primordial à vitória concreta.

2) Enfatizou a “atuação do INCRA” dizendo que são forças paralelas, o INCRA e a IGREJA na Prelazia.

Recomendou que orientassem o homem do campo para que não deixasse de procurar os organismos federais do governo para registro de queixas, preferivelmente, as que mais se aproximassem da realidade da situação.

b. Do Boletim Semanal da CNBB “NOTÍCIAS”, transcrevesse a “ORIENTAÇÃO SOBRE A POSSE DA TERRA” com considerações violentas sobre a grave situação fundiária do País, agravada pela inexistência de providências das autoridades nesse setor:

* A um grupo de posseiros, no meio dos quais algum esmorecido abandonou a luta da terra e vendeu a posse, o PCANUTO escreveu esta carta, “para lição e estímulo de todos os posseiros:”

Quando estive aí, pela primeira vez, em 1972, fiquei entusiasmado com as pessoas que encontrei, com a disposição de trabalho, com os serviços feitos, com a vontade de ir para frente.

Mas tive uma grande decepção quando dois companheiros seus acabaram vendendo o ganha-pão de suas famílias, ou melhor, jogando fora, de graça, aquilo que tantos anos de sofrimento, de luta e sacrifícios custou.

E agora estou ouvindo dizer que há vários outros fazendo o mesmo. Isto é demais. É arrancar o pão da boca dos filhos para o jogar aos cachorros. É uma grande falta de sentimento e de pensamento. Parece que não custou nada esta terra. Ninguém mais se lembra disto: de quantos companheiros seus pagaram para obter a defesa de um direito que estava sendo roubado. Vocês se esquecem dos irmãos de vocês que foram presos, alguns espancados, para conseguir que cada um tivesse um pedaço de chão onde se agasalhar com sua família e assim garantir o dia de amanhã.

Não se lembram de que para conseguir esta terra, o Pe FRANCISCO labutou durante anos, agüentou um ano de cadeia e nem pode retornar para ver o povo de SANTA TEREZI-NHA, tendo que viajar para sua terra, a FRANÇA.

Parece que o cão está entrando na idéia de vocês, fazendo pensar que alguns mil cruzeiros vão lhes dar a felicidade.

O dinheiro na mão acaba logo. A terra dura e permanece, e é fonte de trabalho para vocês, seus filhos e seus netos. Dela vocês tiram o de comer, o vestuário, o remédio, tudo.

O resultado disto é vocês se tornarem

peões das fazendas, que, quando não precisarem mais de seus serviços, os dispensarão.

E como vão viver? Será seu futuro comer capim? Outra terra não vai ser fácil encontrar. A próxima terra que vocês vão encontrar será só sete palmos...

Gente que se honra e se preza não faz o que alguns de vocês fizeram. Sinto vergonha por conta disto. É uma grande traição feita aos irmãos e companheiros que tanto lutaram. Sinto pena de seus filhos, pois vão ter que enfrentar uma vida de sujeição muito mais dura do que vocês enfrentaram. E sabendo que seus pais jogaram fora aquilo que poderia-lhes dar um conforto.

Se antes eu elogiava vocês, agora não posso mais. A dureza que vão encontrar pela frente os fará lembrar do que fizeram.

Um abraço forte aos que permanecem firmes, àqueles que sabem honrar o que foi conquistado com dor e sacrifício.

Que Deus derrame suas abundantes graças sobre estes e lhes dê uma grande colheita. E lhes abra os olhos para não entrarem por este caminho de destruição.*

8. ‘ORIENTAÇÃO DA PRELAZIA DE SÃO FÉLIX/MT’

a. O “Clero Progressista”, da área do VALE ARAGUAIA, sob orientação do Bispo D. PEDRO CASAL DA LIGA, após um aparente recesso vem paulatinamente incrementando a sua ação.

b. Tais ações se desenvolvem através de freqüentes reuniões com posseiros da área, intrometendo-se os padres, na solução “definitiva” dos problemas de terras e acertos de contas.

c. O pasquim “ALVORADA”, editado pela Prelazia de SÃO FÉLIX é distribuído por toda a região do VALE ARAGUAIA.

d. Durante o ano de 1974, com uma ação desenvolvida em conjunto, integrada por representantes de órgãos federais, estaduais e entidades privadas, procurou-se anular a ação que vinha se desenvolvendo naquela área.

e. Os artigos publicados, além de inserirem nomeias verdades, atacam frontalmente o Governo e dão bem uma mostra de como está agindo o Clero e seus simpatizantes, visando aliciar a população da área a tomar atitudes de cunho caracteristicamente anti-revolucionário.

f. A edição do “ALVORADA” de novembro de 1974, publica entre outras notícias a carta dirigida aos posseiros que concordaram em vender suas posses:

* A um ...

g. A edição “ALVORADA” em outro trecho diz:

Lembramos a nosso povo e a todos os

nossos leitores que foi essa Fazenda "AGROPASA" que se ofereceu como sede da repressão, já na primeira vinda ACISO dos militares que perseguiam guerrilhas nas reuniões e nos amigos "dos Padres". E foi nessa Fazenda onde Padres e Leigos da Prelazia estiveram presos e foram torturados, em julho do ano passado, por elementos da Aeronáutica e outras Forças Armadas, sob o olhar sarcástico desse gerente tão servidor da Pátria nestas regiões da Integração Nacional...

Deus, às vezes, castiga Sodoma, já aqui na terra. Dois dos militares que caíram recentemente no desastre do "BUFALO", desses "Búfalos" benéficos que por aqui conhecemos, foram torturadores identificados em Goiânia...

9. CONCLUSÕES

- A problemática "Terras" vem obtendo repercussões em amplos setores da opinião pública nacional, particularmente na Igreja, em face do clima de violência e conturbação da ordem social registrados em grande número de regiões do País.

- As lutas que se sucedem entre posseiros e grileiros, os crimes quase que diariamente cometidos, os interesses em disputa, concorrem para gerar um perigoso clima de insatisfação do homem rural, predispondo o a se tornar alvo fácil para a ação ideológica de natureza comunista.

- A insuficiência de meios policiais ou

até mesmo as atitudes parciais de determinadas autoridades, mais concorrem para agravar a situação existente.

- O assunto "Terras" não se constitui em um problema isolado. Vinculados ao mesmo, encontramos outros problemas de igual gravidade e intimamente ligados entre si;

- a destruição sistemática da flora e da fauna;

- a invasão indiscriminada de reservas indígenas;

- o trabalho escravo;

- a subversão.

Em face da total ausência da justiça nas áreas conflitantes, há absoluto menosprezo aos direitos de posse e domínio de terceiros, e pela conseqüente ocupação ilegal de glebas por falsos proprietários, gerasse tensões sociais e conflitos de conseqüências imprevisíveis.

O problema "Terras", caso não tenha uma rápida e definitiva solução, continuará sendo explorado pela Igreja, e particularmente, pelo Clero Progressista. Além disso, a omissão dos órgãos competentes estará apenas alimentando a situação existente, proporcionando o aparecimento de novos movimentos subversivos, e, enquanto perdurar, os acontecimentos poderão ser aproveitados e até mesmo precipitados pelo inimigo interno, que possui um fértil e extenso campo para a consecução de seus objetivos.

Discurso de Dilermando Gomes Monteiro (Jornal do Brasil-15-12-76)

"Qualquer um de nós que praticamos a doutrina do Cristo, também saberá vibrar o chicote contra aqueles que são os vendilhões da pátria e expulsá-los do templo cívico de nossa nação. Não se deve confundir, portanto, amizade, camaradagem e boa vontade com fraqueza ou medo de agir. É preciso não confundir, como muitos fazem, a serenidade com medo, o bom humor com falta de agressividade, a alegria com tibieza, porque o próprio Jesus nos deu exemplo quando expulsou dos templos aqueles que perturbavam o ambiente com idéias malsãs de fundo materialista (...)

Ainda permanece válido o se vis pacem para bellum ("se queres paz, prepara a guerra").

Ainda temos de estar preparados para enfrentar os ambiciosos, os desejosos do poder que querem infiltração para dominar e subjugar. Enquanto isto permanecer, temos de estar prontos para a luta, para empunhar o chicote. por isso, estamos reunidos em torno de nossos chefes, porque eles sabem o terreno em que estão pisando, conhecem o modo de enfrentar os obstáculos e de vencê-los. Sabem nos levar ao melhor destino."

Anexo3: militares x religiosos

“É meio-dia quando Frederic Chapin, cônsul-geral dos Estados Unidos em São Paulo, chega ao prédio da Cúria Metropolitana. Nervoso, quase invade a sala de Dom Paulo Evaristo Arns. Fala da chacina, pede ao Cardeal que inicie gestões para evitar a morte dos que estão presos. ‘Sabíamos da reunião há dias, mas não es-

perávamos que sob o Dilermando acontecesse o que aconteceu’, diz o diplomata. É avisa a Dom Paulo que tem os nomes dos militantes que estão presos”.

(“Massacre na Lapa”, p. 20)

Marcia Elizabeth De Aquino

PERSONNAS

*gradações e sujeitos
do discurso político-religioso
no Estado autoritário pós-64
uma abordagem lexical e sóciosemiótica*

Corpus D – cont.

Considerando a vigência dos Atos Institucionais, caracteriza como democrático o regime vigente no Brasil?

O regime atual nada tem de democrático. Não está em vigor a maioria dos direitos individuais que definem um regime democrático, a saber:

- o direito de liberdade de expressão do pensamento, visivelmente cortado no uso da radiodifusão (rádio e TV), livros e publicações e na liberdade nas ruas e praças, de vez que o governo não dá permissão para comícios;

- o direito de representação, que foi tirado do eleitorado para ser transformado numa pseudo e falsa delegação a um colegiado incompetente juridicamente e desmoralizado por via de vários processos, como cassações e ameaças;

- a estabilidade dos funcionários e militares e a vitaliciedade dos magistrados.

Vivemos todos de favor. Nossa situação depende exclusivamente das qualidades pessoais do Presidente e, isto não basta, porque ele pode falhar, pode faltar e ser substituído por ou-

tro atribiliário. O sistema é indispensável. A segurança de um povo não pode repousar exclusivamente nas boas qualidades de um homem. O Brasil regrediu à ignomínia de 1937.

Julga necessária a permanência desse regime, além do prazo previsto pelo Ato Institucional nº2, ou é favorável à adoção de medidas que visem o retorno ao regime democrático?

Não julguei jamais necessário o Ato nº2, quanto mais sua permanência. Quando marchei à frente das forças militares e sediadas em Minas Gerais, meu Manifesto à Nação e às Forças Armadas foi claro: defesa da hierarquia e da disciplina nas Forças Armadas e o pleno respeito à Constituição de 1946. Isto explica por que me apresentei ao General Artur da Costa e Silva que era, então, meu superior hierárquico. Foi um puro ato de coerência, boa fé e confiança no atual Ministro e candidato à Presidência.

General Olimpio Mourão Filho.
Ministro do Superior Tribunal Militar (Revista Civilização Brasileira, abril 1966)

Diário

São 10 horas da noite. Maria dorme. Chegamos do Rio. Tudo lá continua mal. Ninguém consegue nada. Agora começa, ou melhor, continua a campanha contra a saída do Kruel para dar lugar ao Osvino.

Isso faz parte da dinâmica do golpe. Só os cegos não o vêem.

Goulart passou um telegrama enorme a João XXIII, pela Encíclica Pacem in Terris, que melhor se chamaria Bellum in Terris porque ele veio a acender o estopim no mundo inteiro. A Encíclica é tendenciosa e anti-científica do ponto de vista econômico. Mas toda a gente bate palmas.

Sempre temi, desde o Seminário, os efeitos da Chefia perpétua da Igreja por italianos. Mas nunca imaginei que o perigo fosse tão grande.

Agora, o chefe da Igreja, o vigário de Cristo (sempre um italiano) é um camponês de origem e, por isso mesmo, temo complexo da revolta.

A Igreja vai entrar pelo cano.

Quinta-feira não tive reunião com o Menna Barreto. Mas, tudo marcha no melhor dos mundos. Somente não estou em contato com o trabalho do meu emque não trabalha, esta é a verdade. Ramiro é fraco.

Outra nota interessante para mim: O Correio da Manhã de 21 de abril publica na íntegra a carta que o Adhemar de Barros escreveu, ou melhor, dirigiu ao Congresso, sobre Reforma Agrária e fui eu quem a redigiu integralmente.

Adhemar não tem cultura para escrever uma carta daquelas.

Eu fui, do mesmo modo, o autor da idéia da Aliança Brasileira para o Progresso.

Mas Adhemar é incapaz de levar avante qualquer coisa séria. Se bem aproveitada São Paulo acabaria dominando politicamente o resto do País, o que é muito justo.

General Olimpio Mourão Filho.
Diário 21/4/63 domingo Memórias Helio Silva

Entrevista

Considerando a vigência dos Atos Institucionais, caracteriza como democrático o regime vigente no Brasil?

Evidentemente não. O que existe atualmente no Brasil é um regime de transição, esperando se que, ao seu término, venha a ser restabelecida e consolidada a Democracia que

se achava tão ameaçada de desaparecimento com a indisciplina social reinante até 31 de março de 1964 e com a pretendida implantação da República Popular Sindicalista, que era o objetivo político do movimento subversivo capitaneado pelo famigerado CGT, o qual foi contido pela anti-revolução de 31 de março.

Julga necessária a permanência desse regime, além do prazo previsto pelo Ato Institucional nº 2, ou é favorável à adoção de medidas que visem o retorno ao regime democrático?

Em 26 de março de 1965, concedi uma entrevista à Emissora Continental que me formulou a seguinte pergunta cuja resposta guarda afinidade com a que julgo merecer a questão acima.

Pergunta: "Seria opinião de VExa que o Ato Institucional veio fortalecer o Poder Judiciário no que tange à punição para crimes de corrupção e subversão?"

Resposta: Julgo que o Ato Institucional não prestigiou o Poder Judiciário; não veio fortalecer os Poderes da União, nem mesmo o Poder Executivo. Era perfeitamente desnecessário aos propósitos moralizadores e punitivos da Revolução. Para punir os subversivos e meter corruptos na cadeia, um Governo honesto, austero e de autoridade, como o do honrado Marechal Castelo Branco não precisava de Ato Institucional".

Ora, se assim pensava eu em relação ao Ato Institucional de 9 de abril de 1964, não tenho motivo para pensar de modo diverso quanto ao Ato Institucional nº 2. (Aquele Ato Institucional não foi numerado então, porque, certamente, se destinava a ser o único) julga-se que os Atos Institucionais eram absolutamente desnecessários para os fins da Contra revolução, ou da anti-revolução de 31 de março, como poderia concordar com a sua permanência além do prazo previsto neste último AI?

A Constituição dá ao Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, poderes legais e meios de ação poderosa e adequados à defesa de sua autoridade funcional, indo até o estado de sítio; e, para felicidade do Brasil, a consciência legalista de suas Forças Armadas é muito forte, sendo destituída de autenticidade qualquer aparência em contrário, que não passa de exceção à regra geral.

Sou assim, inteiramente favorável à adoção de medidas que visem à redemocratização do País o mais cedo possível. A esse respeito, reporto-me à entrevista que concedi ao Diário de São Paulo, por ocasião do 2º aniversário do Movimento de 31 de Março - o Movimento de março de 1964 foi, por sua natureza, uma reação de defesa das instituições constitucionais ou uma revolução restauradora da Democracia; oxalá atinja plenamente os seus objetivos. E quais eram estes, explicitamente? O restabelecimento da disciplina e da hierarquia militar, cujo solapamento se vinha processando aceleradamente; a contenção da ameaça comunista, o restabelecimento

da legalidade e, assim, do princípio da autoridade dentro da lei, e, por via de consequência, a restauração da democracia que se baseia no voto livre. As Forças Armadas havendo agido em março de 1964, em tempo oportuno, sob pressão da consciência cristã e democrática do povo brasileiro, o programa político da revolução - programa natural e espontâneo - parece poder resumir-se da forma acima. Obviamente, os revolucionários não terão tido tempo de organizar, com antecedência, um programa ou plataforma de governo, compreendendo objetivos diferentes dos acima enumerados. Desses objetivos ou metas merece referência especial o restabelecimento da hierarquia e da disciplina militar. É fundamental para a normalização da vida constitucional do País.

Forças Armadas conscientes de sua missão institucional serão sempre uma garantia para o funcionamento do sistema político que assenta na harmonia e na independência dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Com Forças Armadas instruídas e disciplinadas, dotados de chefes fiéis ao seu juramento a Bandeira, leais aos seus superiores e aos seus subordinados, uns e outros perfeitamente integrados no seu dever, não haverá jamais possibilidades de êxito para subversão de qualquer origem ou natureza: comunista, fascista, sindical ou pretoriana. Que a fase de transição em que vivemos - de limpeza da área, como se ouve dizer - passe logo e dias solares de estabilidade política, de vida democrática normal, de segurança e tranquilidade, estabilidade de nossa moeda, e abundância e euforia para o povo brasileiro, confiante e orgulhoso de suas instituições políticas e de seus grandiosos destinos, se sucedam aos dias atuais e que a república venha a ser a concretização do regime ideal sonhado pelos seus fundadores que a visionaram pura, fecunda e benfazeja - regime orgânico da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Que Deus assim o queira e inspire os nossos compatriotas, governantes e governados, que se estabeleça, quanto antes, uma perfeita harmonia e cordialidade entre todos os brasileiros e que nunca mais haja novos motivos para revoluções no Brasil. Que nossas instituições sejam aperfeiçoadas de tal forma que fique assegurada sempre a possibilidade de solução legal para as crises políticas ou de qualquer natureza. Que o povo brasileiro viva sempre sob a égide da Lei e da Justiça e que ame as instituições políticas de seu País, nelas confie e delas se orgulhe, legitimamente; tenha respeito e confiança nos homens que as representam, e se encontrem ao seu serviço.

Que a questão social que não é a inven-

ção dos comunistas e é multissecular, se resolva no Brasil, pacificamente, por via legal com a incorporação do proletariado à sociedade, segundo os princípios morais e a fórmula preconizados por Augusto Comte e admitidos pelo grandes papas, que posteriormente se ocuparam da matéria através de encíclicas famosas - Leão XIII com a *Rerum Novarum*, de 15 de maio de 1891, Pio XI, quarenta anos depois, com a *Quadragesimo Anno*, e João XXIII com as recentes encíclicas que darão nome ao século, *Mater et Magistra* e *Pacem In Terris*. Criaram com essas encíclicas um magnífico corpo de doutrina social cristã que dever' a conduzir os povos à paz e à felicidade, tanto no lar como na sociedade, na pátria como no mundo.

Augusto Comte, o imortal fundador da Sociologia Moderna, proclamou que "o capital sendo social em sua origem, deve ser social em suas aplicações".

E, com grande autoridade, afirmou o eminente filósofo: "O problema máximo para o estadista é o da incorporação do proletariado à Sociedade Moderna, pois que este vive apenas

acampado às portas da civilização."

Analisando profundamente o comunismo, assim sentenciou aquele cérebro privilegiado que dominou toda a cultura humana, em sua luminosa trajetória terrena (1789-1857): "... não tem, pois, de fundamental o comunismo senão o sentimento que o inspira, sem que se possa, jamais, admitir a sua solução, ilusória e subversiva" e advertiu, ao mesmo tempo, com clara visão do futuro, "se os estadistas não promoverem essa incorporação do proletariado à sociedade, o comunismo vingará." E não foi exatamente o que aconteceu em países onde o povo vivia mergulhado em incrível atraso e aviltante miséria? E nesses países, hoje, o povo não conhece a felicidade porque não conhece a liberdade; apenas não morre de fome, como também ocorre nas prisões com os criminosos, com os animais em jardins zoológicos e ocorria com os infelizes e cativos no tempo da escravidão.

Gen Pery Constant Bevilacqua.
Ministro do Superior Tribunal Militar
(Revista Civilização Brasileira, abril 1966)

Marcia Elizabeth De Aquino

PERSONNAS

*gradações e sujeitos
do discurso político-religioso
no Estado autoritário pós-64
uma abordagem lexical e sóciosemiótica*

**14.3 Apêndice – corpus E
Entrevistas**

14.3.1 Entrevista com Senador Jarbas PASSARINHO

Summer Institute of Linguistics

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Estava dizendo para a sra que, na minha profissão, quando fui Chefe do Estado Maior e antes disso, Oficial do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia, toda aquela fronteira do Comando Militar da Amazônia, era de 11 mil quilômetros, desde a Guiana francesa até a Bolívia. E lá conheci os salesianos, um padre salesiano que gramatizou a língua dos tucanos. Ele fazia gramática da língua tucana. E o pessoal da área de informações achava que esses outros, não os padres salesianos, mas os outros

Marcia: do *Summer Institute*

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- do *Summer Institute* - que aquilo era uma fachada apenas. Porque na verdade... As coisas da Amazônia, a respeito... A possibilidade de ter mais informações sobre a Amazônia do que o próprio brasileiro teria...
O que hoje é mais fácil, com o satélite

Marcia: É, as fronteiras mudaram.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Mudaram. Quando eu vejo hoje - é um outro tema para a sra, que eu acho muito interessante desenvolver. Talvez não seja numa tese de mestrado mas, pelo menos uma dissertação de mestrado ou uma tese de

doutorado:- a mudança da conceituação de "soberania".

Marcia, Sim, é um grande tema. Esse SIL, Summer Institute, é ligado aos presbiterianos e realmente

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Ah, é?

Marcia: E realmente, uma das partes desse projeto contempla a história de um deputado presbiteriano, o irmão do Reverendo Jaime Wright, Paulo Stuart Wright. Devido a isso, estive estudando alguma coisa sobre o SIL e essa região, em especial.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:-Esse reverendo morreu agora, não foi?

Marcia: Foi, em maio.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:-Eu tenho uma restrição, entre moderada e grande, na participação dele naquele *Brasil..*

Marcia: *Nunca Mais.*

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- No "Tortura Nunca Mais". E ele colocou naquele livro (!), por exemplo, uma citação do governador Fernando Guilhon, que foi a cerebração mais brilhante da minha geração, no Pará. Civil, era engenheiro, incapaz, incapaz de qualquer tipo de violência, inclusive armada. Incapaz. Ele era governador, honesto, homem profundamente honesto, respeitado Até hoje, se cita

como quase uma exceção em determinados tipos de governadores do Pará. E aí um deputado estadual, radialista (talvez tenha entrado na história do Brasil Nunca Mais por ser negro) começou a denunciar corrupção no serviço de trânsito, mas no discurso incluiu o governador, cujo único patrimônio era sua honradez. Caluniado, o governador Guilhon teve a licença da Assembléia Legislativa para processar o deputado, o que foi feito. O Jaime Wright...

Marcia: Reverendo Jaime Wright

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Sim. Mas o que fizeram, os que fizeram, naturalmente, coleta de dados para ele. Mas no Superior Tribunal Militar e.... autoritarismo e violência e botaram o nome do Guillon no "Tortura Nunca Mais". Ele nunca torturou coisa nenhuma.

Geopolítica

Marcia: Está anotado para a gente aprofundar essa pesquisa. Eu separei um trecho aqui, para mim importante, porque nós estamos iniciando 2000.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É.

Marcia: Se o Senhor me permite, vou ler.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Pois não.

Marcia: É do General Meira Matos.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Ah! Conheço muito. Foi meu Mestre em Geopolítica....

Marcia: "A missão da Revolução de 31 de março é de levar o Brasil a atingir no ano 2000 o seu lugar entre as nações mais desenvolvidas do globo. Nosso conceito de desenvolvimento é o democrático e encontra suas raízes na filosofia cristã. Entendêmo-la como o fez o Papa Paulo VI" (aí ele faz uma citação do Papa). Interessante que ele diz ali em cima que:

"Este prazo concedido à Revolução não poderá passar o ano 2000. No início do milênio teremos que estar formando entre as nações mais prósperas e poderosas do universo."

Gostaria de um comentário do Senhor, neste início de milênio.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Pois não. Quando eu lhe disse que ele foi meu Mestre de Geopolítica, é que eu era Capitão e ele Major. Nós éramos Instrutores de Cadetes na Academia Militar de Agulhas Negras. Inclusive era um dos poucos que falávamos alguma coisa de inglês e tínhamos um grupinho de inglês. E ele era muito estudioso do assunto de Geopolítica, inclusive da Amazônia. E sempre ficamos ligados, até hoje. Mas nesse ponto ele fazia parte exatamente de um grupo. Eu chamo **contra-revolução de 64**, para mim ela não foi

revolução, ela foi uma contra-revolução.

Então, o embaixador Fomin, da URSS, em 64, publicou em suas memórias que Jango lhe havia confidenciado querer criar uma República Sindicalista, no estilo Perón.

Jango tinha o grupo de sindicalistas dele, os chamados "pelegos", para neutralizar os comunistas na área sindical. O Brizola falava publicamente em fechar o Congresso, que chamava de Clube de elite. O Arraes era uma esfinge, não se sabia o que queria. Governador de Pernambuco, recebeu com homenagens Luiz Carlos Prestes, no Palácio das Princesas. Ao agradecer, Prestes disse: "Nós comunistas estamos no governo mas ainda não no poder". O Arraes ligava-se, assim, ao Partido Comunista ainda ilegal. E Prestes tinha entendimento com Jango, tanto que no livro Prestes, Lutas e Autocríticas, dos jornalistas Dênis de Moraes e Francisco Viana, Prestes diz que quando se entendia com o Jango ficava preocupado quando ele o mandava fazer contato com Darci Ribeiro, porque o Darci "era muito à esquerda".

Bom, então, havia aquelas ações muito mais brandas do que hoje o MST faz. De invasões, depredação, eles queimavam canaviais lá em Pernambuco, sobretudo Minas Gerais, invasão. Aquilo tudo configurava para o Estado Maior do Exército Brasileiro, uma revolução em marcha. E analisada sob o ângulo estratégico e doutrinário da guerra revolucionária – aquelas cinco fases da guerra revolucionária. E o Estado Maior passou a

estudar. Por exemplo, a minha Escola de Estado Maior que eu fiz, não estudava defesa interna. Era só a possibilidade de antagonismo externo. Depois é que passou a se estudar...

Marcia: O Senhor é de uma formação anterior?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Anterior.

Marcia: Por isso o Senhor está situando isso como "contra-revolução" e não "revolução" ?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Contra-revolução. É. Porque aí, isso traduzido na linguagem banal, quando disseram: "Vamos almoçá-los antes que eles nos jantem". Quer dizer, é uma ação preventiva.

Marcia: Mas esse prazo que o General Meira Matos cita aqui, achei interessante.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É porque ele .. e eu partici pava um pouco desse ponto de vista.. Porque nós começamos, por exemplo. Doutrina da Escola Superior de Guerra era: "Segurança e Desenvolvimento" - Segurança era o tema inicial. Com o Geisel virou "Desenvolvimento e Segurança" Quando ele cita, provavelmente Paulo VI aí, talvez seja... Talvez seja naquela Encíclica, na "Populorum Progressio" Talvez seja isso.

Marcia: Sim, é Paulo VI. A citação é: "O desenvolvimento não se reduz ao simples

crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo”.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É. Se a sra pegar a “**Populorum Progressio**” vai encontrar isso. É pena que não esteja citado. É uma das coisas que eu acho que nós erramos muito aqui no Brasil, fora de vocês, fora do campo acadêmico, se obriga a citar a fonte. A sra vá lá – O camarada diz.. o Al Gore disse isso assim assim e a gente diz quando que o Al Gore disse que a Amazônia não era dos brasileiros? Quem cria os nacionalistas epidérmicos...

Marcia: Algoz?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Al Gore – o vice-presidente que quer ser agora candidato. ... os nacionalistas que chamo epidérmicos. Eu me considero nacionalista, mas não epidérmico. Eu quero em profundidade.

Marcia: Em profundidade?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Em profundidade, senão eu destruo a própria tese. Se... quando eu digo coisas que são inverossímeis ou mentirosas, eu destruo a tese. Bem, nós achávamos que realmente devíamos dar prioridade ao desenvolvimento com um mínimo de segurança. Isso nos levaria a chegar ao ano 2000 em condições muito melhores. Por que?

Marcia: Esse intervalo de 25 anos, por que? Essa projeção? Foi publicado em 75.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É, mas eu acho que é arbitrário. É que nós estávamos tendo – vamos analisar, voltar para o intervalo que a sra. deu.

Marcia: Vamos. 65...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Nós tínhamos chegado em 73.

Marcia: Sim, data significativa.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Inclusive no meu livro de memórias já escrevi isso. Ao fim do governo Médici, nós tínhamos uma inflação de 12,5% oficial – do Delfim. E era, naquele tempo, era verdadeira. Talvez não fosse verídico, do ponto de vista nacional, porque a inflação era medida pelo custo de vida. E o custo de vida era medido pela Guanabara. Só a Guanabara é que diz quanto custou...

Marcia: Era o referencial.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Era o referencial. Hoje tem o FIPE, tem o IBGE, estava começando comigo o DIEESE, quando eu era Ministro do Trabalho. Naquele tempo tinha pouca expressão. Tinha muito maior força de investigação do que eles tinham. Mas então chegamos à inflação de 12,5% em 1973, quando se considera que foi um crasso erro não ter acabado a correção monetária. Agora, a dívida exterior brasileira, e a sra vai, com a

responsabilidade de justamente fazer sua tese, de estudar as fontes, a sra procure isso, por favor, nos dados oficiais de hoje.

Marcia: Está certo.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Nossa dívida externa era de US\$12 bilhões. Nossa reserva de conceito líquido de caixa eram US\$6 bilhões. Então, a fração era uma fração própria, era 12 sobre 6, dava 6, que era a dívida líquida. 6 dividido pelas exportações, que era 6,3 dava uma fração própria 0,9. O que isso significava? Com 9 décimos de um ano de exportações nós pagávamos a dívida externa.

Marcia: Por isso, a projeção.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- A projeção era essa. E o Brasil, crescendo ali 14% no governo Médici, até 14% num ano do PIB. Num ano. Havia essa projeção. Nós estávamos tirando o Brasil do 45º lugar entre as economias mundiais para o 8º lugar. Pena que eu não me lembre agora, doutora, exatamente o nome que eles davam. Não era missionários - Os que faziam isso, tinham uma missão para cumprir e os outros não tinham.

Marcia: Isso, no ambiente militar.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É, militar. Havia hipótese de que nós podíamos chegar ao ano 2000, já de 73 – quando chegar ao ano 2000 no escalão do primeiro mundo.

Marcia: Que acidente de percurso teve aí? Foi a época Geisel?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Bela pergunta! Acidente de pergunta, de percurso, nós devemos à OPEP!

Marcia: Época Geisel?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Antes. Antes. Por que? Vou justificar minha resposta para a sra. Porque que foi isso que impediu que nós chegássemos lá? Só Gudin viu isso, quando ele dizia que estávamos pagando um resgate aos árabes. São os árabes. Os árabes, a Venezuela também. Todo mundo que entrou na OPEP, mas principalmente os árabes e outros não árabes, por exemplo, os persas que também são grandes produtores de petróleo. Aí, a sra vai fazer com que o Jarbas Passarinho se lembre do tempo que ele era líder do governo Figueiredo.

Marcia Já estamos em 78-79.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Pois é, mas vai haver retrospectiva. Eu vou fazer um *flashback*. Nós discutíamos naquela altura as dificuldades que o governo enfrentava com o aumento da inflação. Eu debatia com Brossard, com Franco Montoro, com esse pessoal todo e ...
“É interessante como Vossas Excelências querem analisar o hoje sem ligar ao ontem. Hoje é uma consequência do ontem”.
Aí eu dizia Governo Médici, nós tínhamos isso – melhor

índice de economia na estatística governo brasileiro

Marcia: O milagre. A época do milagre.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Então, porque nós pagávamos US\$600 milhões no governo Médici para comprar 800 mil barris por dia de petróleo? A Petrobrás ainda produzia pouco e o Brasil, gastando mais éramos campeões, éramos campeão do pelotão de terceiro mundo dos importadores de petróleo, era o Brasil. Então, US\$600 milhões. A balança do governo Médici estava equilibradíssima, com esses dados que estou dando aí. E agora? Agora o que é que tivemos. Veio a Guerra do Yom Kippur. E logo depois da Guerra de Yom Kippur a OPEP fez o aumento do preço do barril de petróleo, que no governo Médici era até menos de US\$2 o barril. Vamos tomar US\$2. Entre o governo – isso foi fim do governo – a Yom Kippur perto do fim do ano... Então, perto do fim do governo Médici. Passou para o Geisel.

Marcia: 74-75.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- A responsabilidade de manter esse equilíbrio saltando de US\$2 para US\$14 o preço do petróleo. Então, em valor relativo, foi brutal. Foi sete vezes mais. Mas ainda nesse período do presidente Geisel, ficou estável em US\$14. Agora entra o defensor do presidente Costa e Silva, do presidente Figueiredo. Então, como está isso, no momento? Quer dizer, como este ontem se reflete sobre o hoje?

Marcia: Em 79...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Passou todo o período Geisel com US\$14 de qualquer maneira, nós nos ajustamos. E a balança comercial não estava tão agredida como está agora no ano de 79. Por que? Estamos comprando os mesmos 800 mil barris de petróleo por dia. A Petrobrás aumentou sua produção. Aí nós aumentamos o consumo e curiosamente, é coincidentemente o mesmo número que nós estamos hoje importando. Quanto estamos pagando, senhores? Pagávamos US\$600 milhões, repito. Vamos lembrar a memória. Estamos pagando US\$11 bilhões pelos mesmos 800 mil barris. Por que? Porque o petróleo subiu para US\$34. E chegou no “spot market” de Rotterdam a US\$40. E que é que fez o presidente Médici, o presidente Geisel quando se sentiu agredido, com 14? Ele tomou aquela decisão de aumentar a dívida externa para poder trazer empréstimos, aplicar em processos reprodutivos e para com isso salvar o país. Ou então tinha que fechar o país.

Marcia: Obrigada pela resposta.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Por que a hora que ele fosse pensar em racionamento... eu lembro que o meu querido amigo Mário Henrique Simonsen, falou nas *simonetas*, que não haveria racionamento de gás, gasolina, querosene, dos combustíveis líquidos. A outra hipótese era parar. E voce pararia de saída

toda a navegação de cabotagem, pararia todos os transportes terrestres de carga, que era tudo no diesel, Pararia...

Marcia: Pararia o país...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- O país. Esse era o projeto que eu acho que o Meira Matos não contava.

Araguaia

Marcia: Se o Senhor permitir eu vou mudar o tema...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Pois não. Sobre o quê?

Marcia: Fiz uma pauta ampla e sei que eu vou precisar de ir me cortando aqui...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- É...

Marcia: Mas a explicação de “**contra-revolução**” para mim está bem clara. O Senhor também usa um termo diferente, ao falar da *Guerrilha do Araguaia*. O Senhor usa o termo “**contra-insurreição**”. E assim numa entrevista: “*A maior escola de contra-insurreição, a guerrilha de Xambioá*”

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Xambioá.

Marcia: Minha pergunta é: Por que *contra-insurreição* e por que *Xambioá*, em vez de *Araguaia*?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Xambioá porque ficou conhecida como Xambioá, porque no Araguaia não tinha uma referência

geográfica. É na minha terra. Não tinha. Qual é esse lugar aqui? Ninguém sabia. O mais próximo era Marabá, não sei quantas dezenas, dezenas de quilômetros. E Xambioá era uma cidadinha de Goiás, defronte.

Então, ficou sendo conhecida como a *Guerrilha do Xambioá*, a *Guerrilha do Araguaia*. Só depois que se falou em *Guerrilha do Araguaia*. É minha terra.

Doutora, eu não sei se a sra já andou na Amazônia.

Marcia: Obrigada por me chamar de doutora, ainda não sou.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:-Mas estou antecipando, é com certeza.

Marcia: Mas é um sonho ainda. É uma projeção.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Todas as realizações partem de um sonho. Pelo menos de uma pitada de sonho, com certeza.

Marcia: É, uma pitada.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Naquela terra, não sei se a sra andou por lá, as árvores são enormes. Quando se fala nisso a sra pensa que é conversa de pescadores – mente como o diabo. São 30 a 40 metros de altura, uma árvore de copas enormes. O sol prendia...

Marcia: Filtra a luz?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu estou numa fase na minha idade – eu acho que eu li o Bobbio e

concordo com ele, sabe a gente procura a palavra (risos)...

Marcia: Norberto Bobbio (risos)

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- ... procura a palavra como o computador e chega lá. A luz é filtrada e é difusa. Naquela área as pessoas andam com *flashlight* durante o dia. Foi onde eles foram se situar. Os 60 guerrilheiros do Pcdob. Que tinham rompido com Moscou, tinham rompido com Mao Tse Tung. E tinham agora Tirana...

Marcia: Estavam juntos com...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- a Albânia.

Marcia: Os castanheiros do Pará.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Exatamente. E aquela área foi muito bem escolhida. De uma para outra... Escolheram muito bem.

Marcia: O Senhor cita isso textualmente. É uma *confluência de comandos*.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- De comandos. São os três comandos. É a tal história: quem é que comanda, agora? Quem era A que senhor eu devo: E ao mesmo tempo uma área em que o governo.. o governo do Pará, nem se fala, o governo estadual entrava lá para cobrar, não dava assistência nenhuma aos castanheiros. Primeiro, a dificuldade que eles tinham de entrar naquela mata. E só podia ser em determinado período do ano,

porque se entrassem no período que a castanha está caindo, morriam lá. A castanha na cabeça, morria. Tinha que esperar aquilo. Já entravam financiados pelos comerciantes do Marabá. Financiavam a ida deles.

Marcia: Xambioá é mais perto de Marabá?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não, Xambioá é mais longe.

Marcia: Estou estudando esse mapa aqui, já tem, vamos olhar no mapa aqui. Porque eu estava pensando em ir até Imperatriz. Queria ver esse local, porque não faz sentido muita coisa.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É.

Marcia: E mineiro é teimoso, não é? Marabá está aí...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- (risos) Está aí. Xambioá é na fronteira de Goiás com... Olha aqui. Marabá... É muito grande...

Marcia: Aqui é uma OP que foi construída.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Isso já foi na contra-insurreição.

Marcia: Na terceira. Isso. Por que *contra-insurreição*?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Porque nós chamávamos a guerrilha de uma insurreição. Uma insurreição de natureza ampla institucional. Uma insurreição feita, não para mudar o

governo. Para mudar o regime. E daí, combater.

Marcia: Desculpa. Guerrilha foi um termo vindo da 2ª guerra, não é, Senador? Porque eles eram resistentes aos nazistas.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Ainda ontem eu estava lendo o Eric Hobsbawn, como se pronuncia o nome dele? Hobsbawn .

Marcia: Hobsbawn .

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Hobsbawn . De nítida simpatia marxista.

Marcia: Sim, ele é marxista.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- E (!) ele diz uma coisa que eu estranho muito: que a guerrilha só entrou no dicionário da esquerda revolucionária depois de Cuba.

Marcia: Não, esse termo é da 2ª guerra. Os resistentes, os *partisans*.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu acho que ele está redondamente enganado. Tinha inclusive os *partisans*. E ele diz isso, que era tão pouco bem recebido o termo pela esquerda que eles inventaram *partisans* para não chamar guerrilheiros. Só depois, no manual do Che Guevara, etc, que aparece guerrilheiro.

Não, a guerrilha sempre foi, na vida militar, e aí sim é meu estudo... Na vida militar as guerrilhas sempre foram consideradas como as guerras de antrueza limitada.

Marcia: Tá. Não é o mesmo sentido que da resistência contra os nazistas?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Pode ser. É uma variante.

Marcia: é uma variante...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É uma variante. A guerrilha é caracterizada por nós como uma guerra irregular. Então, de ser por exemplo aonde é a frente, voce conhece a frente do combatente, sabe aonde ele ocupa. Se voce sabe com que efetivo voce pode combater ou não, se pode combater, voce ataca, senão pode voce defende, isso é clássico, não é? ofensiva, defensiva, movimentos reflexos, Isso é clássico na tática militar. A guerrilha era diferente.

Marcia: Por quê?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Porque ela é constituída de grupos que atacam que não eram localizados, eles eram de um modo geral...

Marcia: Difusos...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não, móveis... Eles eram móveis. E atacavam no momento que se sentiam fortes. E retrocediam no momento que sabiam que não podiam ganhar.

Marcia: Que é a estratégia da resistência aos nazistas.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Aos nazistas, portanto é típica.

Marcia: Mas por que contra-insurreição: Por ser uma insurreição?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Se combati a insurreição, estou na contra-insurreição, porque eu estou contra, essa é a palavra: **contra-insurreição**.

Marcia: Ou o Senhor está na *contra-revolução* ou o Senhor está na *contra-insurreição*.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Exatamente. Para nós, inclusive eu disse e fui vencido nessa ocasião, eu era Ministro do Médici...

Marcia: Ministro da Educação. O Senhor era meu Ministro nessa época. Eu era estudante.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Ótimo.De?

Marcia: Biologia. Mas eu não me formei.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu fui muito feliz, eu tive inúmeras cerimônias de paraninfo.Tive 17 títulos de *doutor honoris causa* em universidades que eu só recebia com condição dada ao reitor de ter sido votado com estudante representando o corpo discente no Conselho. Foi onde eu aceitei, ou eles não me deram. Minas, por exemplo, o reitor, que hoje é cardeal, disse: Você é doutor *in petto*. (risos). Nessa ocasião, eu dizia que nós perdemos a grande chance. Que em 73, justamente, nós podíamos ter...

Marcia: Um dia eu chego lá – É sua terra e o Senhor descreveu a árvore com tanta

poesia que dá vontade de estar lá. Eu tenho uma pergunta que o Senhor respondeu: *Xambioá e contra-insurreição*. O Senhor nessa entrevista, diz que na ocasião, em 78, o Senhor tinha uma relação das baixas da área legalista. A média de idade dessas baixas, qual era:

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu só vim a ter isso quando líder.

Marcia: Sim, em 78, quatro anos depois.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Na ocasião, a coisa além.. isso se dava ainda..Estava dizendo, a guerrilha, eu ia lhe falando e desviei... eu defendia a volta do poder aos civis, ao fim do governo Médici. Eu acho que teria sido o exato momento. A economia tinha seu resultado. As guerrilhas destruídas, menos esta. Mas esta eu chamava, eu chamava dos sonhadores. 60 pessoas na mata. Eu dizia: basta cercar! Tinha terra. Fui lá, como governador, uma vez, neste lugar nunca tinha ido antes, para ver castanheiros etc e tal. A viagem de Marabá para Belém era terrível, Marabá ficava ilhada sete meses. Sete meses no ano.

Marcia: Mas essa época inclusive, é chuva.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- É. Bom. E dizia porque a gente não faz o na.... O Médici é um homem popular. Foi a resposta que dei ao Ministro Costa Cavalcanti, quando me procurou para sondar a candidatura do Ernesto Geisel. Disse-lhe que o

Médici era um presidente mais popular que qualquer de seus ministros. Alvitrei a hipótese de uma eleição direta, no regime da França, o setenato. A família não suporta falar em Médici ficar mais um ano no governo, que seja mais um dia. Ficaria com responsabilidade só de Forças Armadas e Relações Exteriores. E ficaria como a França, a idéia. E nós íamos ter um Primeiro Ministro desenvolvendo o país. Não fui ouvido.

Marcia: Não foi ouvido, foi voto vencido.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Fui voto vencido. Esse era um ponto importante para salientar. Por que que eu...

Convenção de Genebra

Marcia: Nesse mesmo tema, estava perguntando ao Senhor, a média de idade da área legalista.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Exatamente. Era... era uma faixa etária de jovens. Como estávamos enfrentando, pela primeira vez, uma guerra irregular...

Marcia: É..tanto que o Senhor diz que *é a melhor escola de contra-insurreição*.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Foi, exatamente. Por que? Deixa eu lhe explicar isso rapidamente para poupar as palavras, senão vai embora a nossa fita. O Exército cercou lá em São Paulo e posteriormente cercou, no Vale do Ribeira, o Lamarca,

- não foi? Não sei quantos mil homens.
- Marcia: Soube que um dos que participaram dessa ação, com o Lamarca, se suicidou mês passado, no Rio Grande do Sul.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É? Isso eu não sabia.
- Marcia: Sobrosa.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu sei que eles fizeram, praticaram aquele crime hediondo com o tenente...
- Marcia: Eles assassinaram.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- E assassinaram quebrando a cabeça dele com a coronha. Então, o Exército trabalhava nisso. E colocava tantas mil pessoas. Mesma coisa de Xambioá. Este Xambioá, que eu digo, é o Araguaia. Colocou lá não sei quantas mil pessoas. Fizeram um tri-comando. Saiu daqui, do Comando do Planalto, saiu do Comando do Pará, que era o maior, e saiu de Fortaleza, 10ª Região Militar. E o pessoal estava no mato escondido. Só atacava quando precisava, mesmo porque este é o princípio da guerrilha.
- Marcia: Estavam acuados.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não sabendo. Não era. Aprenderam. Aprenderam como? Passaram a infiltrar pequenos grupos.
- Marcia: Desse contingente maior?
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Esse contingente maior foi embora. Levaram, doutora, levaram os paraquedistas para saltar.
- Marcia: Por favor, eu não sou doutora.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu faço questão. Não sou vidente, mas sou realista.
- Marcia: Eu sou previdente.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu vou lhe chamar de professora para não atacar sua modéstia. Mestre, pelo menos. Fazendo doutorado, já é mestre.
- Marcia: Obrigado, Senador.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Com isso, a sra sabe que o salto de paraquedas nunca pode ser em cima do objetivo. O sujeito é atirado no ar... sempre de uma posição periférica, que permita depois o assalto. Eles iam assaltar aonde lá?
- Marcia: É mata, com essas árvores imensas.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É. Ai, resultado, fizeram lá... eu sei de um jovem tenente ou capitão que foi atirado ainda descendo de paraquedas. Não resolveram. Só foram resolver....
- Marcia: O Senhor cita na entrevista um jovem, também, filho de um general.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Exatamente.
- Filho de um general. Um general paraense.
- Marcia: E é o momento que o Senhor fala que a Comissão de Genebra foi ao diabo.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Exatamente. Isso é o que eu digo. É uma guerra suja. A guerra suja veio antes. Quando se começou a combater a guerrilha do Marighella, por exemplo, a Convenção de Genebra já não existia. Até porque o Marighella...
- Marcia: Eu estou procurando aqui um trecho que fala, Senador, que este grupamento tinha um estatuto. E justamente um dos itens deste estatuto, contemplava a questão religiosa, Para mim, isso foi uma surpresa, como faz parte do meu trabalho...
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Isso eu não sei. Grupamento do que?
- Marcia: Pois é, existiu um estatuto...
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Por parte de quem? Dos guerrilheiros ou do lado de cá?
- Marcia: Dos guerrilheiros.
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Dos guerrilheiros. É, do lado comunista.
- Marcia: Eles contemplam a necessidade de aceitar, de respeitar...
- SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Claro! Porque eles já eram, eles já

tinham aliados na Igreja Católica, os padres!

Marcia: O Senhor considera por causa disso: Ah, já está respondido. Obrigado, é isso mesmo.

Teologia da Libertação

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Ah, sim! Os padres já eram ligados a eles. E daí veio a estupidez e a violência contra os padres. Isso provocou a perda quase total do apoio da Igreja Católica ao chamado regime militar.

Marcia: E como o Senhor vê isso? Desenvolve um pouco mais sua reflexão sobre esse aspecto da intersecção, da interferência da resistência junto aos religiosos.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Bom, isso provém exatamente da fase que nós caracterizamos como ameaça de revolução e daí contra-revolução. Por que? Porque houve uma infiltração na área católica, A área

Marcia: Protestante?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Protestante não tinha no momento. A área católica é que foi os padres – não vou dizer Dom Helder – mas começaram a haver infiltrações e eu vou lhe dizer uma coisa, não me tome por maluco...

Marcia: De modo algum!

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Ou por irresponsável. Eu chefiava o Estado Maior do Comando Militar da Amazônia, em 62,

quando eu recebi um documento secreto do Estado Maior do Exército Brasileiro, em que chamava atenção para a infiltração nos Seminários, que era o Partido Comunista (que) estava fazendo. Estava mandando comunistas, portanto ateus básicos, porque para mim a primeira alienação básica que Marx citava era a religiosa, quando ele dizia: *“Não foi Deus que criou o homem, foram os homens que inventaram Deus”*. A alienação religiosa para ele era a básica, da qual derivaram as outras. Entravam para combater, porque a Igreja era um obstáculo. A Igreja Católica era um obstáculo enorme às teses comunistas. Então, as infiltrações começaram.

Marcia: Combater os religiosos? Combater os militares?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não. Os católicos, a velha Igreja Católica era um obstáculo muito grande para

Marcia: O desenvolvimento

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- O desenvolvimento dos comunistas. A sra deve ter leitura também sobre a guerra da Espanha, de 36, que foi o que começou a se matar dos dois lados. Vem daí a infiltração. E essa infiltração começou a produzir seus resultados na área dos padres, ainda não dos bispos. E aí veio a *Mater et Magistra*.

Marcia: Padres brasileiros?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não, grande parte eram estrangeiros! Uma boa parte dos padres no Brasil era de estrangeiros. Tanto que a Igreja Católica se queixava da falta de vocação brasileira. Casaldáliga, de onde era? Aquele outro que checou, que era belga, Comblin, não é?

Marcia: Sim, Comblin.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- E todos eles. Os principais, jesuítas, inclusive, que entraram nessas lutas, eram estrangeiros. E a infiltração começou a partir do momento em que se tentou fazer a comparação entre Marx com Cristo. Não era só comparação, era aliança. Que era uma bela tese. Eu sempre dei inteira razão a Marx, como analista. Talento analista e péssimo profeta, porque todas as suas profecias básicas não se realizaram. Mas isso vai tomar muito tempo da nossa... Mas eu me proporia a defender essa tese.

Marcia: Ainda bem que eu tenho o Senhor para me direcionar. São muitos os temas que eu gostaria de falar com o Senhor, mas nós temos que nos restringir..

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Pois é, exatamente. Essa infiltração vai aparecer mais tarde, na aliança. E, quando padre estrangeiro, principalmente, vai para um lugar como esse, um lugar paupérrimo, verifica o povo explorado, o governo sem dar a menor atenção ao contrário, querendo tirar imposto lá em cima. Então, a sua vocação, a partir do Cristo, ela se sente solidária.

Marcia: Principalmente, depois do Concílio.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Do Concílio Vaticano - Vaticano II. Depois vem **Mater et Magistra**, que foi muito utilizado. João XXIII foi utilizado por ele para isso. Ora daí, justifico, eu vou chamar isso de vocação humanista. Esta vocação humanista acabou colocando no mesmo terreno, marxistas e antimarxistas, que eram os católicos de outrora que não viraram mais anti-marxistas. Daí essa união, que a sra vai ver. Quem inventou a Teologia da Libertação? Não foi o padre Camilo Torres, na Colômbia? Depois ele pegou um fuzil e foi brigado. E morreu lutando.

Marcia: Sim, e Gustavo Gutierrez...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Pelo menos teve mais coragem e mais autenticidade do que os nossos frades que levaram o Marighella à morte. Esse Frei Betto, por exemplo, tenta de toda maneira defender, eu acho (que) é peso na consciência, porque eles levaram o Marighella...

IPM

Marcia: Mas, voltando ao que o Senhor falou dos protestantes, o Senhor declarou tacitamente que não havia...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não havia! Nós não localizamos na Igreja protestantes e seus diferentes ramos e confissões, nós não localizamos a mesma coisa da

Igreja Católica. E foi daí, que começou a ação. Quando começaram a verificar isso, o erro fundamental nosso ver que IPM – Inquérito Policial Militar.... O militar é preparado para fazer o que o “*interna corporis*”...

Marcia: Traduz?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Quer dizer, no Corpo do Exército, quer dizer, um soldado realizou uma transgressão, vou analisar se era transgressão ou crime. Estou preparado para isso. Agora, quando trouxeram o IPM para vida civil, mandaram o coronel estudar os movimentos comunistas, o Movimento Comunista do Brasil, como reflexo da III Internacional, eles se perderam um pouco. E deram margem a gracejos. O camarada por exemplo, fazia uma espécie de um... oh, meu Deus, a palavra!... um questionário: agora, o questionário... A primeira coisa, para ver se ele era comunista, perguntava se ele era religioso. Ele dizia: - Sim. Qual era sua religião, ele queria saber. E aí havia coisas dessa natureza: - Sou religioso sim, creio em Deus (marxista total, não acredita em nada). Mas o sr. tem uma confissão? - Sim. Qual é? A Igreja do 7º Dia...

Marcia: Adventista...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Sim, chamava Igreja do 7º Céu...

Marcia: 7º Dia é Adventista...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- em vez de

Igreja do 7º dia o que o depoente malicioso dizia era Igreja do 7º Céu. A que existe é do 7o dia, que o depoente não conhecia, nem o encarregado do IPM, pois em seguida perguntava "E o senhor é praticante?" Sim, respondia o outro. E o senhor vai aos domingos à sua Igreja? A resposta era: Todo domingo eu vou (risos)

Marcia: O Senhor me ajuda. Isso para mim é um terreno totalmente novo, e o que o Senhor falou dos protestantes me deixou preocupada. Por que no caso do Paulo Wright, o V Distrito Naval pediu a exclusão de fé, exclusão de comunhão, que corresponde à excomunhão dos católicos da igreja a que ele pertencia, em Florianópolis. Recentemente, ele foi restaurado. Vinte e tantos anos...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Mas, pediram em que ano?

Marcia: Em 64... 63/64..

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Já?

Marcia: Já. Talvez seja uma exceção.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Talvez, ou a minha visão, que nesse momento era nortista. E eu não estava, ainda, no.... nacional. Em 64, eu ainda estava Tenente-coronel, no Comando Militar.

Marcia: Nós centralizamos em 73, são dez anos depois, a época em que ele morreu. O braço protestante (talvez)

fosse só do pon to de vista conservador, como o SIL.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Mas, nós não tínhamos. A informação toda que tínhamos, como eu lhe disse, era a infiltração junto aos Seminários Católicos.

Marcia: Católicos. Não dos protestantes.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Agora, nesse caso, como eu lhe disse, o agente não estava preparado. O agente não sabia que existia uma Igreja que chamava os *Adventistas do 7º dia*. Falavam 7º Céu e eles engoliam.

Marcia: O interrogador...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Segundo, perguntou se aos domingos.

Marcia: Se tinha culto...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Ele não sabia nada. O IPM. Não estava preparado! Para a vida civil, não estava. Daí surgiram muitos equívocos, também. Os franceses eram existencialistas, pelo Sartre. Como existencialistas, eram rotulados como comunistas. Se dizia socialista, ele confundia com comunista.

Marcia: Que lição que a gente tira disso?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- A lição é que: *é difícil fazer uma apuração ideológica se a pessoa não tiver fundamento ideológico para fazê-lo*. E o Exército talvez fosse nas

Américas o de melhor formação intelectual. A brazilianist Fay Hausmann, americana, fez um estudo comparativo das Forças Armadas brasileiras com as americanas, argentinas, chilenas e chegou à conclusão de que a melhor formação intelectual era a dos brasileiros.

Marcia: Vamos interromper e virar a fita.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Pode....

Fita 1 - lado B

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Exigem respostas um pouco mais estruturadas.

Marcia: É porque realmente eu estou diante de um desafio. O tema é novo, estou fazendo esse...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- É.

Marcia: Estou fazendo a intersecção de posições religiosas.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Exato.

Marcia: E um terreno bastante...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- é novo.

Marcia: Não é híbrido e talvez seja fértil.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- (risos) Sim.

Marcia: Fértil, espero que seja.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- A sra. chegou a ler? Isso é uma provocação – o meu livro, a sra. leu?

Marcia: Gostaria de ler. E até uma forma de provocar. Ele está esgotado.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- A minha editora fracassou muito na distribuição. Mas acho que eu posso lhe conseguir ainda.

Marcia: Que bom! Mas, falando da...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Lá a sra. tem muita resposta ao que perguntou.

E a outra que eu diria.. e a sra agora botou a dúvida na minha cabeça, também quanto à participação do protestante na época. Eu responderia que ela era mínima, se houvesse na ocasião, e a prova é que a senhora não vê um bispo como Wright engajado com os bispos católicos progressistas da Teologia da Libertação.

Marcia: Eu recuaria um pouco nessa reflexão, por exemplo, na questão do Mackenzie, na questão da TFP, na questão daquele confronto que teve na rua Maria Antonia.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Pois é.

Marcia: Ali, tem os presbiterianos...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Mas, o Mackenzie era tipicamente conservador naquela ocasião. Tanto que a Maria Antônia era esquerda e o Mackenzie era

direita, denominações primárias. Então, não havia direita e esquerda...

Marcia: Essa dicotomia, esse maniqueísmo...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Dicotomia, maniqueísmo tolo.

Marcia: Eu tenho aqui uma reflexão: *Autocrítica da Igreja a vinte anos da ditadura militar* escrito na Argentina...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Onde a Igreja Católica era muito mais conservadora que a brasileira.

Marcia: Obrigado pela observação. Lá temos parece que 30.000 desaparecidos. É uma coisa muito séria. Mas a reflexão que ele faz aqui, está em castelhano, eu passo para o Senhor, vou resumir. Diz que lamentam o silêncio em que eles ficaram. Isso é a reflexão de lá. Estou trazendo isso, porque vem de encontro ao que acabamos de trazer para nossa conversa aqui. Realmente, os protestantes estavam mais concentrados na ala conservadora.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Ah, é do Eliézer! Conheço, já debati com ele. Problema militar. Unicamp. Professor Eliézer de Oliveira, da Unicamp, que escreveu *Militares: o Pensamento e Ação Política*.

Marcia: Olha, como eu fui trazer ...i e o Senhor logo viu, foi bom o Senhor ter visto.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Mas, olha

aqui, doutora, me permita uma observação, mestra....

Marcia: Obrigada.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Me permita uma observação. Eu quando vejo as datas, para mim elas são muito importantes. Que data fez a autocrítica: Em 96?

Marcia: Sim.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu estou cheio de ver pessoas no Brasil, que dizem eu combati a ditadura e eu olhava para eles... eram os mais sabujos possíveis da época....

Marcia: Sabujos? O que significa?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Sabujos eram os mais bajuladores da época. Que se chamavam limpadores de bota de milicos. Agora, são patriotas que combateram a ditadura militar. Estes eu chamo de... são heróis retroativos. Eu não sei se esses padres são heróis retroativos. Mas, na ocasião exatamente a igreja deles foi muito mais ligada à repressão do que a do Brasil, a Igreja Católica.

Marcia: A lição que a gente está tirando disso, o Senhor disse que eu respondi a pergunta...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É.

Marcia: A lição que a gente tira disso, desse papel que os religiosos desempenharam no Brasil, e que foi analisando a sua resposta, veja se eu entendi certo - é que no Brasil houve

uma forte participação dos religiosos.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Mas eu diria mais dos católicos.

Marcia: Do ponto de vista (dos) católicos e os protestantes não. Volto a perguntar.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- A sra disse que é mineira. Lembre-se que esse irmão do Figueiredo, Euclides Figueiredo, que é hoje general, ele não era, era coronel, fez um inquérito lá, que pegou bispos de Minas Gerais.

Marcia: Sim, alí foi bem forte.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Convém dizer que quando coronel foi que ele fez o IPM, que indiciou religiosos de Minas, o que gerou fortes ressentimentos da Igreja Católica. Foi uma das coisas. Foi uma coisa terrível.

Marcia: Terrível.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Terrível com conseqüências para nós. O Nuncio apostólico falou comigo, quando eu era Ministro, sobre isso.

Quer dizer, essa visão que eu lhe disse que o IPM tirado do "interna corporis" tira do corpo interno e passa aqui fora. E aí, pronto!
Vou lhe dar um dado que eu lhe peço que receba, mas como eu nunca falei... Nunca eu não digo, nunca, eu sempre aprendi na Escola de Estado Maior, que a gente não deve usar. São dois advérbios que são sempre

desmentidos. Quer dizer, **nunca** – já houve; **sempre**... Então a gente até busca... Na escola dizia – o *nunca* e o *sempre* só servem para as mulheres no jogo de amor, porque querem sempre ou nunca). (risos)
Agora... eu... eu agora até me perdi. Fui brincar, me perdi. Eu falava sobre...

Marcia: Os protestantes e os católicos

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Católicos...

Marcia: O Senhor ia falar, estava falando de Minas Gerais, da repressão

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É. Mas, vou lhe dar uma coisa que não é instrumento para sua tese: **Ministro da Educação, eu elevei a Ordem do Mérito da Educação** ao nível da Ordem do Mérito Militar Aeronáutica e etc. Então, o Presidente passou a ser o Chanceler. Toda indicação minha era o presidente que tinha que aceitar. E o presidente Médici dividia, setorizava: Segurança é com o SNI, Educação é com o Jarbas Passarinho. Mas se mistura com Segurança, o SNI tem que ser ouvido. E eu indiquei *Dom Vicente Scherer* para receber. E foi vetado pelo SNI. Por quê? Porque o chefe do SNI da época achava que Dom Vicente Scherer, na hora em que atacava o capitalismo, era comunista....Teria simpatias comunistas. Eu atacava o capitalismo liberal!... Eu, que louvo a análise que Marx fez do capitalismo liberal que estudou em Manchester. Logo, quando indiquei o

cardeal Scherer foi porque entendi que suas crítica ao capitalismo se referia ao modelo liberal, tanto que a Igreja aceitava o neocapitalismo. Acrescento que mesmo os clérigos não marxistas inspiraram reservas da Comunidade de Informação, e que houvera reação ao papa Leão XIII e sua Encíclica *Rerum Novarum*, sobre as Condições dos Operários.

Protestantes na repressão

Marcia: Estou aqui meio constrangida. Sempre que vou fazer essa pergunta, Senador, fico constrangida.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não se constranja. Não há perguntas comprometedoras. Há respostas comprometedoras, isso sim.

Marcia: Sempre é difícil fazê-la.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Pois não.

Marcia: É o seguinte: um dos autores, que é citado em toda bibliografia ligada ao estudo da ditadura, é Lawrence Weshler, que escreveu *Um Milagre, Um Universo, o acerto de contas com os torturadores*. Vou separar só uma citação dele.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Confesso a minha ignorância do autor.

Marcia: É um jornalista americano. Escreveu sobre o *Projeto Brasil Nunca Mais* e sobre a prisão política **Libertad**, no Uruguai, nesse livro. Ele tem outros livros.

Existe uma citação, onde ele menciona que... Citação dele, é a respeito da existência de, no aparelho repressor, predominantemente de protestantes, de evangélicos. O Reverendo Jaime Wright, em entrevista que concedeu para esse trabalho, disse que realmente, no Cenimar, no Rio e também na OBAN e também líderes dos órgãos repressivos, eram *irmãos de fé*. Isso, na busca que ele fez para localizar o irmão, Paulo Wright, deputado Paulo Wright. O Senhor tem alguma observação nesse sentido?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Professora, isso aí eu não podia ajudar em nada porque tenho praticamente (!) não tive nenhuma convivência com a Área de Informações. A não ser no meu Ministério (!) quando ia nomear alguém na Divisão de Informações, ia ouvir o SNI, para saber a opinião do SNI a respeito. E ainda assim eu nem sempre respeitei.

Marcia: Mas, quando o Senhor cita o *Summer Institute of Linguistics*, existe alguma ligação do trabalho deles...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não, eles não, mas... Ao contrário, nesse período do SNI que estou lhe falando, neste mesmo período, desse general, eles foram

Marcia: Junto com os salesianos

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Foram impedidos. Os salesianos continuaram e eles foram impedidos.

Marcia: Foram impedidos?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Me procuraram depois, me agradeceram o apoio que eu tinha dado. Eu pensava que era um problema de lingüística...

Marcia: Na verdade, eles tinham um papel mais abrangente, não é?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não sei.

Marcia: Não se sabe?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não sei. O SNI dizia que tem.

Marcia: O SNI dizia que sim?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Dizia que sim. Esse é um dado muito interessante para mim. Talvez ... aquela fase original que lhe dei, eu nunca imaginei ... no Pará. Os protestantes não estavam envolvidos. Lembre que no início da nossa conversa eu lhe falei...

Marcia: Verdade.. Por isso eu voltei a isso.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Seria... Entre não estar envolvido e estar participando de uma contra-insurreição, por exemplo, aí já duvido.

Marcia: E do outro lado, do lado do poder, eles tiveram alguma influência direta? Na formação dos militares ou na sustentação do regime, no apoio?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Os protestantes?

Marcia: Os protestantes. Seja no Brasil ou na América Latina, como um todo?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Acho que em todo período militar, aí já como Ministro (quando eu fui, por várias vezes, ainda no regime militar, três vezes, e depois uma, com o meu malogrado príncipe das Alagoas) o que nós víamos era a tentativa dos militares de reconquistar a Igreja Católica. Isso é o que eu via. O Geisel, que era presbiteriano...

Marcia: Era luterano.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Luterano. O Geisel, na posse dele os cardeais todos compareceram. Todos compareceram. Eu me lembro, quando estava passando a função dos ministérios, dos ministros cumprimentando, na hora da posse do sucessor, e todas aquelas...

Marcia: O Cardinalato..

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- O Cardinalato ali, viu. Agora, outra coisa, o Presidente Costa e Silva, por exemplo, comungava todo domingo.

Marcia: Católico.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Católico praticante.

Marcia: Praticante.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu despachava com ele toda segunda-feira. Numa segunda-feira cheguei e encontrei ele muito triste. Despachei. E falei... Presidente, me permita lhe perguntar por que o senhor está tão macambúzio, tão triste. Ele disse: "*Porque eu fui comungar ontem e fui numa igreja que eu não tinha ido. Cheguei lá, ouvi um sermão que ~e uma violenta acusação contra nós. Quer dizer, não era um sermão católico. Era um comício contra o governo. E tive que tomar a hóstia da mão dele*".

Marcia: Ainda bem que a hóstia é neutra.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu acho que essa conquista dos protestantes, talvez que, por exemplo, citando, me dando um dado importante. Por exemplo, por que o Wright entrou nisso? Por causa do irmão. A busca do irmão... ele... do irmão.

Marcia: Tem um teólogo, Richard Schaul, que fez um trabalho junto aos operários. Defendia a integração.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Sei.

Marcia: O trabalho do intelectual com o operário. Ele era protestante. Eu ainda estou começando esse trabalho, por isso estou colocando a questão. Pelo que o Senhor está dizendo, nada consta.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não, aí eu não posso lhe responder. Não é uma fonte boa, porque eu

nunca participei desses grupos. De maneira que eu não sei como é que eles se constituem. Quando eu recebi esses dados que a sra. se referiu, dos mortos do lado de cá, eram duzentos e não sei quantos, eu recebi no meu discurso que... No discurso que eu fiz respondendo ao Marcos Freire.

Marcia: Duzentos e?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Tantos mortos do lado de cá.

Marcia: É mesmo?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Foi. Inclusive os que...

Marcia: Na Guerrilha do Araguaia?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não! Todo o período. Todo período. Desde que... veja que, enquanto o Che Guevara combatia o terrorismo, achava que o terrorismo era uma tática errada porque levava a solidariedade para o outro lado, o Marighella defendeu o terrorismo em um artigo na França. Então, ali, matou gente. O Lamarca, além de matar esse tenente, matou o pobre de um guarda de segurança de banco, com tiro na testa – ele era um excelente atirador. Esses nomes também estão relacionados, não eram só os combatentes.

Marcia: Duzentos e?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É duzentos e muitos doutora. Eu gostaria de ter isso, depois eu vou ficar

com sua indicação de correio para eu lhe mandar qualquer informação que eu puder mais.

Marcia: Ampliando a observação que o Senhor fez (nós saímos do Araguaia) teria uma pergunta de ordem da estratégia adotada pela, pelo regime. Por quê, coincidentemente, durante o período da guerrilha, de 72 até 74, especificamente no ano de 73, é o ano onde as prisões de São Paulo, do Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte....

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Porque foi o auge da insurreição.

Marcia: Porque não ficou ali, entre as árvores de Xambioá. De repente, coincide de ser nas grandes cidades...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não... Exato. Aí era o problema dos insurretos, que eu vou chamar de rebeldes, eram todos comunistas. Não tinha *uma*, não houve uma guerrilha comandada por liberal. Todas elas foram comandadas por pessoas... O Marighella era...

Marcia: Socialista...

O significado das palavras

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Socialista é uma palavra muito interessante para colocar, para não chamar comunista. Socialismo. Eu, quando dei minhas pregações na área civil, eu dizia – Estudava capitalismo, no plural, capitalismo, neocapitalismo, e sociedade de bem estar e estudava socialismos no plural, nem tirânico.

Marcia: É que o Senhor citou o Bobbio...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Mas o Bobbio é, justamente, é democrático como o Miterrand, foi socialista democráticos. Agora, chamar de socialista o Stalin, não dá! Para mim, não dá. Isso é outra coisa, doutora, que nós tínhamos que conversar muito - a forma como as esquerdas ganharam a batalha das comunicações. É extraordinária!

Marcia: Como que ganhou?:

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Ah! As palavras... Revolução, por exemplo. Ninguém fala mais em *revolução* – é *golpe*! Revolução, tem que ser comunista. Revolução, tem que ser a de outubro.

Marcia: O Senhor diz depois da liberação da censura, depois...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não, mesmo antes...

Marcia: Antes da censura?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Mesmo antes, em plena luta. Em plena luta do Marighella, por exemplo, a imprensa, talvez até porque infiltrada, ela falava, falava em *expropriação*, não falava em *assalto*...

Marcia: Ou apropriação...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Apropriação, ou expropriação. Qual era

outra... aquela
palavra... Quando havia um
assassinato...

centro de referência
geográfico...

conquistado por eles, na luta
armada. E não por nós. Não é?
Então, quem sabe, poderia
haver ao lado dos monumentos
que estão fazendo a todos os
comunistas que estão mortos
ou que foram mortos na luta,
não se poderia fazer também
algo como o que a sra sugere.
Só que aí é diferente, porque lá
a maioria dos atingidos foi
exatamente a dos guerrilheiros.
Seria praticamente...

Marcia: Eu agradeço. O Senhor
está contribuindo bastante para
a análise lexicológica.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É.

Marcia: Existir um local onde
esses mortos no Araguaia
fossem reverenciados, onde até
um culto ecumênico pudesse
ser realizado, o Senhor
consideraria isso importante?
Sendo que o Senhor comentou
na sua entrevista que o silêncio
era tático. Para que isso não
fosse copiado. Entretanto, o
seu estado, o nosso, porque
pertence ao nosso Brasil,
continua sem a Aciso e sem
nenhum progresso nestes 25
anos, naquela região
específica.

Marcia: (foram) queimados os
cadáveres.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É,
exatamente.

Marcia: É o que eu estou
fazendo.

Quem sabe hoje, pergunto,
essa reverência aos mortos dos
dois lados naquela região, não
vá ser o efeito multiplicador,
mas sim um jeito de
reconciliação?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Praticamente
seria uma lembrança, que
poderia ser ecumênica, como a
sra. diz. Mas daqueles que
lutaram para a implantação do
regime comunista no Brasil, na
medida em que o Pcdob...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Quando ele
ia matar (eles contam hoje nos
livros deles), ia matar os que
passaram, os que traíram a
própria causa, era
justiçamento.

Marcia: E hoje, quando se
pensa em *morto*, o termo é
desaparecido.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- A sra. está
me lembrando o *Vale de los
Caidos*, na Espanha.

Marcia: Interessante, que na
homenagem ao Marighella, em
São Paulo, agora em
novembro, eu não fui...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:-
Desaparecido.

Los Caídos ... II Guerra Mundial

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- ...

Marcia: Agora, eu queria voltar
na Segunda guerra mundial.

Marcia: Sim Senhor. Mas, lá
seria diferente, um pouco
diferente...

Marcia: Realmente, eu estou
noura áreal, eu estou
procurando ser neutra, o que é
difícil. Mas, fizeram uma
cerimônia interessante.
Colocaram flores na Alameda
Casa Branca, naquele local.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Isso é outra
coisa.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Nós já temos
o monumento ao Marighella, lá
em São Paulo. Já temos –
agora o governador de
Tocantins, que era um dos
mais exaltados.... do general
Frota, que era direita...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não! disse
que ele tem...

Marcia: Segunda Guerra
Mundial.

Marcia: Silvio Frota.

Marcia: Parece que eles iam
distribuir flores.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É? Não, o
que a sra. está colocando é
(risos) muito amplo, não é?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Vai agora
inaugurar um monumento a
Carlos Prestes. Dá-me a
impressão que o país foi

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não,
colocaram também algo... uma

Marcia: Geralmente, na 2ª
Guerra Mundial, existia um
local onde as pessoas
reverenciavam os mortos. Se
pudesse, em Xambioá, que é o

Marcia: Placa.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Tem uma placa numa árvore, uma coisa qualquer que eles...

Marcia: A guerrilha urbana e a guerrilha rural...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Daí vem a diferença.

Marcia: São diferentes. Parece que o próprio Exército respeita aquela luta dos 60, quase 70 combatentes.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É. Que seriam maoístas, maoístas do ponto de vista doutrinário, a partir do campo para a cidade.

Marcia: Eram jovens, como os que os combatiam

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Exatamente.

Ministro da Educação

Marcia: E, de uma certa maneira, também, o Senhor era Ministro deles, porque eram estudantes, como eu.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É. Mas eu não tinha na área. Engraçado, doutora eu não tive uma invasão. Foi questão de honra para mim, quando o Presidente Médici me chamou. Eu disse- Presidente Médici, eu não aceitaria nunca uma invasão de Universidade, de Faculdade, uma prisão dessa natureza, porque eu estaria confessando a minha incapacidade de ser ministro. Aí, a primeira coisa que ele fez, aí eu cite o exemplo. Pouco antes de eu assumir o

Ministério aqui em Brasília, foram prender no CEUB um estudante ligado aos comunistas. Esse rapaz era funcionário público, tinha residência conhecida e foi retirado dentro da sala de aula. Isso provoca imediatamente uma reação, uma solidariedade imediata. Eu não aceito isso, como não aceitaria qualquer violência. Ai.. Ele deu ordem imediata ao Comandante, ao Chefe da Polícia Federal: - Conversar com o Ministro Passarinho, antes de qualquer decisão tomada. Que era área federal. Estadual, eu não podia, porque os governadores comandavam as Polícias Militares. Eu não tive, em 4 anos, 3 meses e 15 dias de Ministro, um único caso dessa natureza. E não foi de graça.

Chacina na Lapa

Marcia: esse livro, que foi lançado em agosto, é o trabalho da Comissão de Direitos Humanos. Vou fazer só um destaque – ainda referindo à entrevista do Senhor. Esse destaque é ao seu conterrâneo Pedro Pomar, deputado Pedro Pomar.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu era estudante de 1º de ginásio e ele estava no 4º 5º ano de Ginásio no Pará. Já era um lutador danado.

Marcia: O final dele foi assassinado na Chacina da lapa.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Governo de quem, mestra?

Marcia: Foi Geisel.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Quem?

Marcia: Foi em Geisel, 76.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É uma provocação, para depois cobrar mais Geisel com Médici.

Marcia: Está certo...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- (risos)

Marcia: Desenvolvimento x Segurança. Segurança x Desenvolvimento. São diferentes...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- (risos) É. Mas Geisel cassou. Médici jamais cassou. Geisel cassou até por delito de consciência. Alencar Furtado, por exemplo, na televisão, falou nas viúvas dos desaparecidos. Foi cassado. Médici era atacado sistematicamente, eu era Ministro dele, inclusive tem um irmão seu de crença, que eu chamava inimigo da humanidade, que é o Lisâneas Maciel, porque ele falava espumando. Nunca foi cassado. O Lysâneas foi cassado pelo Geisel. O Médici exigiu a abertura do Congresso para poder assumir, a reabertura do Congresso, ainda que o Congresso proibisse ações.

Marcia: Por que o Senhor está fazendo esse paralelo?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Porque todo mundo coloca hoje o Médici como vilão completo da história. Pois nós íamos conversando há momentos aí, quando a sra. falou das ações.

E eu disse – foi o auge da insurreição, lembra quando eu lhe falei?

Marcia: É verdade.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- quer dizer, o auge da contra-insurreição.

Marcia: Foi a Chacina na Lapa.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Foi isso. Não! O auge da contra-insurreição começou com o Médici, por causa, chegou depois do primeiro seqüestro, não foi:

Marcia: Sim.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Ele já assumiu em novembro. O seqüestro daquele diplomata americano.... Ele assumiu em novembro de 69. Eu cheguei justamente a Ministro da Educação, em novembro de 69. E aí eu acho que esta história está deformada.

Marcia: Da morte do Pedro Pomar:

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- A história está deformada por causa do Golbery. O Golbery conquistou a imprensa, dando-lhe inclusive (o que seria uma deslealdade muito grande) fitas de segredo de estado com o AI-5. Passou para esse rapaz, Elio Gáspari.

Marcia: Élio Gáspari.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- °... entregou para outros. Até surgiu, recentemente, aquela história do AI-5.

Então, vamos. Desculpe, aí é uma provocação. A gente...

Marcia: Estou percebendo...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- O que a inteligência brasileira julga hoje o Médici e de como ela é generosa em relação ao Geisel.

Marcia: Mas, estou achando excelente, porque também tenho necessariamente que fazer essa reflexão, e o Senhor está me ensinando. Agora, existe um episódio anterior à Chacina, na véspera, que é o discurso do Dilemando Monteiro.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É a Chacina da Lapa, não é?

Marcia: Isso. Éu gostaria do seu comentário.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu li o livro.

Marcia: 'do Pedro Pomar. O discurso do Dilermando...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- General Dilermando?

Marcia: Isso! Na despedida – ele ia se licenciar ou sair – e ao se despedir da tropa, na véspera da Chacina, ele comenta que *iriam ser expulsos os vendilhões do templo*, numa citação do Evangelho.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É.

Marcia: E, na época, o JB e outros jornais fizeram a associação...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Disso com a ação.

Marcia: Do discurso com a ação. Ali foram mortos o Ágelo Arroyo que foi o sobrevivente do Araguaia.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Do Araguaia.

Marcia: E o Pedro Pomar, que o Senhor cita na sua entrevista, como um dos eventuais mentores da Guerrilha.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É.

Marcia: Qual a sua opinião sobre essa ligação que foi feita, do discurso do general Dilermando com a ação?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Foi surpresa para mim. Eu não sabia. O Dilermando, a sra sabe, que ele foi enviado para lá como a pessoa da maior confiança do Geisel, que quis fazer dele primeiro o Chefe da Casa Militar e ele quebrou a perna, fraturou a perna na bicicleta com o neto e pediu não assumir. E depois o que ele fez, o general Medici, Geisel sacrificou o Dilermando.. O Dilermando, não...

Marcia: O Ednardo...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- O Ednardo. Era um homem E incapaz de praticar qualquer violência.

Marcia: O Figueiredo comenta – o Senhor viu no Fantástico:

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Falou. Aquilo eu achei que ele foi

coreto ali. Hoje passa por mentiroso, todos dizem que é mentira. Todos agora, que foram dizem que é mentira. Bom, essa posição, por exemplo, do Dilermando, quando assumiu o II Exército, ele me disse: Você tem razão, o Ednardo, general de 4 estrelas, a comunidade de informações se infiltrava nos comandos e realizava coisas sem os comandantes tomarem conhecimento.

Marcia: É, inclusive, o Senhor fala isso na entrevista.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu falo nisso: Ainda bem que eu sou coerente (risos)

Marcia: As ações foram liberadas...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- ... que eu sou coerente. Graças a Deus (risos) Não tinha recebido...

Marcia: O Senhor diz que os comandos foram liberados e autonomia...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Foi. Foi com o Geisel, com o Orlando Geisel. Com o Médici. Com Orlando Geisel, para a resposta ser mais rápida, não podia ficar centralizada. Então houve a desconcentração. Eu usei a palavra correta militar, na ocasião, como a sra. diz, liberado para sua atuação.

Marcia: Autonomia.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Autonomia. Entretanto, havia uma segunda coisa, paralela a isso. Então, o superior, por exemplo uma

dessa organizações, serviços de informação das Forças Armadas, são CENIMAR, da Marinha, CIEX, do Exército e SISA, da Aeronáutica, e outras mais, que fizesse, mandasse fazer uma operação em São Paulo, o próprio Ednardo não tomava conhecimento dela, isso me disse o Dilermando. Para a sra. ver que a força que tinha já de um comando paralelo.

Marcia: Desenvolve mais um pouquinho essa idéia, por favor, Senador.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- É porque (!) eles achavam que na descentralização do comando, eles tinham que Ter respostas rápidas, e porque se aquilo seguisse uma regra acadêmica...

Marcia: A hierarquia:

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- A resposta seria muito tardia. Como os defensores da tortura, desde que não mate, que era diferente, que eu conheço pessoas que são militares...

Marcia: Esse senhor aqui (Bolsonaro)

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não, esse não! Esse eu desconheço. Desculpe

Marcia: Obrigado.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- (risos) Esse para mim é completamente, esse é um equivocado em tudo. Eu digo, o homem como aquele coronel que escreveu o livro dele, *Rompendo o*

silêncio, que foi da OBAN, esse me dizia:

- "Olha, Senador, eu estou sendo acusado disso. Agora, eu não matava. Eu tinha que obter informação o mais rápido possível, porque nós estudávamos a organização comunista. Nós sabíamos primeiro que eles, sempre trabalhavam..., que antigamente chamadas células, depois passaram a chamar organização de base. Cada suspeito conhecia poucos. Muito poucos na sua organização de base. Justamente porque, no caso de "cair" era o verbo que eles usavam: "cair", não é. Ele só debaixo de tortura, ele só podia indicar muito poucas pessoas. Mas, para nós chegarmos á"

Marcia: Só podia abrir. Indicar é abrir.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- É, abrir. É isso mesmo.

- "Eles não abriram ou abriam. E o que é que ele fazia. Ele tinha que obter informação do sujeito, que tinha sido preso naquele momento, para as ações imediatas. Ele era treinado para não abrir. Ele era treinado para resistir à tortura durante um determinado tempo, que era para dar o tempo de desmontar os aparelhos, o aparelho em que ele pertencia. E, nós não podíamos fazer interrogatórios clássicos.

Porque quando ele... primeiro ele não me daria a informação e quando ele me desse a informação não valeria mais nada. Agora, tinha a responsabilidade dele de obter a informação sem matá-lo..."

Marcia: E o que está escrito em *Rompendo o silêncio*:

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- *Rompendo o silêncio*.

Agora, a sra está falando com um homem de quase 80 anos.

Marcia: Não parece, Senador. Com essa vitalidade.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- De fato, fisicamente, não. Mas às vezes essa lembrança do nome. E, aliás é bom para mim..

Brasília...Vila Militar

Marcia: Senador, nós viajamos o Brasil inteiro e nós fomos como o Senhor disse, descentralizando.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Pois é...

Marcia: Vamos fazer o caminho inverso. Vamos centralizar aqui em Brasília. Estou aqui desde Terça-feira. Conheço Brasília desde 84, na verdade 67, mas que eu tinha um olhar mais crítico, em 84. E observo que aqui, desde a sua fundação, na verdade, opinião minha, a cidade existe desde o regime militar. Quer dizer, está associada a sua sobrevivência à presença dos militares. O ordenamento da cidade, a distribuição da cidade, o distanciamento de todos os centros de desenvolvimento, para um militar, não é o ideal: Por exemplo, uma vila militar tem mais ou menos esse desenho? Um civil teria tornado possível a existência de Brasília, tendo em vista que, quando ela foi fundada em 60, dois civis praticamente não permaneceram aqui? Um

comando não hierarquizado manteria aqui como centro decisório?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Excelente observação. Até hoje, falam tanto em Brasília, mas não falam que quem consolidou Brasília foram os generais Castelo Branco e Costa e Silva. E Médici, quando exigiu a vinda de todos os ministérios para cá, inclusive do Itamarati. Os embaixadores estrangeiros não queriam vir, largar o Rio de Janeiro. Eu participei nisso, quando Médici nos reuniu e exigiu isso. Passei até um bilhete para o o Chanceler de Ferro. Passei para ele, porque ele tinha trazido o Itamarati todo para cá. Bom, eu não tinha alcançado o nível da sua conclusão. Porque, de fato, os dois presidentes a que a sra se referiu, nem Goulart nem Jango, suportavam Brasília. Quando chegamos aqui, havia ainda uma idéia antiga de Jânio, que Brasília seria... uma grande universidade. A idéia dele era que Brasília deveria ser uma grande universidade, nada mais do que isso. Bom, (!) Brasília, ela própria é um artifício, porque a cidade não tem recursos, ela própria para se gerir. Ela depende do governo Federal o tempo todo. Bom, com isso, eu vi que sua observação preliminar está absolutamente correta. Os militares consolidaram Brasília, viveram em Brasília e utilizaram Brasília exatamente como Centro de Comando.

Marcia: E como uma Vila Militar:?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não seria tal.

E aí é que eu teria que ter mais tempo para refletir, mas não como uma vila militar. A vila militar, ela começou com Calógera, ministro civil, foi o primeiro que nos deu essa atenção. Por causa da dificuldade dos vencimentos dos militares, sempre foi um vencimento pequeno pagando sempre o aluguel mais caro, no momento em que ele chegava, o aluguel daquele momento era um sacrifício, ficando longe das suas atividades, dificuldades, sacrifício pessoal. Eu ainda numa situação que não vivi,... vi em Vila Militar, no Rio de Janeiro. Eu morava em Ipanema, saía às 4 horas da manhã, para chegar em São Cristóvão. Se fosse Vila Militar, eu saía às 2 da manhã, não é: Então isso, a Vila trouxe essa vantagem, trouxe essa aproximação de todos os quadros de direção, para execução da tropa, porque a tropa naquele tempo ficava toda ela, não ... como agora. A tropa ficava dentro do quartel, só saía no fim de semana, quando podia sair, os que saíam. O resto ficava de serviço. Então, a vila militar tinha para mim a função principal de facilitar a eficiência da execução do trabalho militar. Que era prejudicado pela distância, era prejudicado pelas dificuldades financeiras etc. De fato aí existia. O sujeito ter um regimento militar de infantaria, por exemplo, no Rio de Janeiro, sem uma vila militar, o comandante tinha a qualquer momento, os seus oficiais ao seu lado.

Marcia: Em Rezende é assim:

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Rezende. Eu

servi lá. Fui instrutor lá duas vezes. Uma, foi quando eu conheci o Meira Matos, conheci. Agora de fazer Brasília a super Vila Militar do Brasil, aí, eu já teria...

Marcia: Durante 21 anos.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É, mas teria dúvidas.

Marcia: Última pergunta: O que o Senhor acha da escolha da moradia do Golbery Couto e Silva para ser a Universidade Holística, a Universidade da Paz, que Pierre Weil...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Pierre Weil. Eu o conheci quando eu era Superintendente da Petrobrás, ele dando aulas na Petrobrás. Era lá minha região. Trabalho grande. Superintendente da Amazônia. E outro dia eu o encontrei aí, e eu disse – eu tenho uma frase do Senhor, e ele se lembrava de mim. Não, talvez do tempo de lá, depois da minha passagem pelas condições que eu passei. O Senhor usou uma frase que eu nunca esqueci:
“*Quem está satisfeito com o salário que recebe, não merece o salário que tem.*” Ele riu. Agora, eu não sabia da influência do Golbery.

Marcia: O governador José Aparecido, o terreno que foi cedido para construção da Unipaz – Universidade Holística, é justamente onde era a morada do Golbery do Couto e Silva.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Ah é? Aí, já em Goiás:

Marcia: Aqui, nos arredores...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- É. No tal entorno, que eles chamam, não é: A sra está me ensinando isso que eu não sabia. O aparecido é uma figura curiosa. Agora, sabe de uma coisa, doutora: Quando eu vi esse – fazer a última provocação para a doutora, porque não é uma provocação, é previsão.

Marcia: Eu não sou doutora. Eu volto a dizer ao Senhor que eu ainda não sou doutora.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Pois é. Vai ser. Vai ser e eu vou aplaudir aqui, à distância. Mas eu queria lhe falar sobre essa questão da Universidade Holística. Sabe que eu fui até...

Marcia: Eu vou pedir licença...

FITA 2 – lado A

Marcia: Nós estamos com o final da entrevista e a palavra é toda do Senhor para o que o Senhor quiser falar. Inclusive comentários ou críticas, se a gente exorbitou...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu só diria assim, sem nenhum tipo de exagero: Eu sou fascinado em lidar com inteligência. Quando me perguntam de ministérios que eu passei, foram desafios, todos eles. Ninguém me deu. Ministério das Relações Exteriores, Integração Nacional, Transportes. Mas, eu sempre o desafio inicial, com a reconquista dos trabalhadores que eu consegui sair de lá com as 8 confederações me dando jantar de despedidas, duas

dirigidas por notórios esquerdistas. Depois da área de Educação, também, os problemas já eram... No livro do Jacob Gorender (!)

Marcia: *Combate nas trevas.*

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- *Combate nas trevas*, que eu li e tenho todo ele fichado e respeito a pessoa dele. Respeito.

Marcia: Foi meu professor na USP.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Respeito. Ele diz que 70%, não se está me traindo a memória, do número, dos quadros da guerrilha do Marighella, saíram das Universidades paulistas. Quando eu cheguei, Miguel Reale, que foi reitor no meu tempo, não aplicou um 477, não aplicou nenhum. Os que tinham de sair já tinham saído e já estavam atuantes na luta. Inclusive um que hoje é ministro de estado. E me disseram – eu não sabia – era uma das lideranças dos estudantes comunistas de São Paulo, que romperam com o Prestes porque o Preste não era favorável à luta armada, ele previu o que ia acontecer – só prorrogava o tempo do autoritarismo – ele previu e o Skidmore confirmou isso, anos depois.

Marcia: Thomas Skidmore.

477

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Então, nessa ocasião (quando assumi o MEC) já não havia nas Universidades e Faculdades isoladas, muitos comunistas

atuantes. Mais tarde tomei uma decisão pela qual paguei alto preço. Paguei à toa, pois não fui o autor do 477, já que eu era Ministro do Trabalho.

Marcia: Costa e Silva.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Aí, eu cheguei e fiz uma reunião com os reitores e.... haviam aplicado 239 vezes se não me engano, quando eu cheguei em fins de 69.... Aplicado em professores, estudantes e funcionários. Aí, eu disse: Eu vim do Ministério do Trabalho e não precisei de 477 lá para tratar dos trabalhadores: A greve do trabalhadores abala a economia nacional. A greve dos estudantes é contra eles. É contra o seu conhecimento é contra a seqüência natural das aulas, que eles recebem. E eu não quero aplicar nenhuma vez isto que não seja exatamente nas pessoas indiscutivelmente relacionadas com a luta para conquista do poder pela luta armada. Os partidos que se destinam a obter o poder pela luta armada. Os partidos comunistas em geral, só. Que fiz eu:: Pedi ao Presidente Médici a revogação do 477. Foi um escândalo. Carlos Chagas, jornalista, confirma isso, inclusive em livro dele. Aí foi ouvido o Conselho de Segurança, cujo Secretário do Conselho era o Chefe da Casa Militar, que era o General de Brigada João Batista de Oliveira Figueiredo. Ouvido o Conselho, o Conselho foi contra. Achou que era prematura, que não podia fazer que o 477 precisaria ser mandado, mantido. Então, eu pedi ao Presidente que, neste caso, eu fosse a Segunda instância.

Porque o 477 exauria o direito de defesa a partir do momento em que o reitor ou professor de faculdade isolada aplicasse o 477. Só no caso dele absolver é que o Ministro era ouvido. Como eles não absolveram nenhum dos duzentos e trinta e tantos, o Ministro

Marcia: O Ministro não foi ouvido.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Nunca foi ouvido. Eu tive que, ao longo de 4 anos, 3 meses e 15 dias, eu confirmei 39 aplicações, inclusive, principalmente, curioso, da antiga AP-APML...

Marcia: Onde o Paulo Stuart Wright era dirigente e que não defendia a luta armada.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Olha aí... Isso é que é o diabo. Mas a AP Marxista Leninista foi para a luta armada. Vou daí depois que deu no Pcdob.

Marcia: Houve uma parte só. Ele liderou a parte que não aderiu.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Que não aderiu. Até o padre, aquele padre de Minas, que era o guru do primeiro manifesto da AP, padre Henrique Vaz, na hora que eles passaram para ser marxista leninista, eles expulsaram o padre também. Eu não sabia do Wright mas o padre sim.

Marcia: Paulo Wright morreu em 73, e o grupo que resistiu à adesão ao Pcdob foi exterminado poucos sobreviveram, uma médica inclusive fui....

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Ah. Como a ação contra os comunistas do Partido Comunista, sofreram violentamente aqueles que não tinham participado...

Marcia: O Gorender fala que é o rescaldo, "a reserva de caça"

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu fui ao Presidente, ele não revogou e eu disse que então eu quero ter o direito... Lá na vida militar, nós aplicamos uma punição e aceitamos o pedido de reconsideração. Pouca gente sabe, quanto o militar se defende em relação à ação de cima para baixo. Eu vi o tenente ganhar de general. Punido por general entrar com pedido de reconsideração e ganhar. Então, eu quero ter direito de receber pedido de reconsideração e reconsiderar. E reconsiderarei -106 casos. Conservei os 39 que estavam na luta armada para conquista do poder. Então, a minha visão, em relação a processo militar, que eu chamo de *contra-revolução*, porque Simone de Beauvoir num dos seus livros, onde ela fala no pensamento da direita, ela diz que a ideologia da direita é o medo. É o medo de perder privilégios, é o medo de perder posições. Então 64 foi o medo em relação aos arroubos mais retóricos do que verdadeiros de Brizolas, de Arraes e companhia e Jango, que era considerado como o ônibus elétrico, tanto para na direita para na ora na esquerda.....

Marcia: O Brizola é considerado:

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- O Jango.

Marcia, Ah, o Jango....

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- O Jango era considerado, ora na direita ora esquerda. E o Brizola sempre considerado para nós um nacionalista extremado que vivia exclusivamente daquilo que talvez Alberto Torres..... teria defendido bem....

Marcia: Camilo Torres?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não, Alberto Torres, um dos primeiros brazilianists que tivemos brasileiros. Para algumas pessoas, o patriotismo é ainda uma projeção do ódio tribal. É patriota porque tem ódio da tribo alheia (risos)

Marcia: Contraditório.

Toque de Silêncio

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Então, é essa posição para mim, quando eu falo para a professora nesta manhã. E eu pedi que fosse hoje porque teria tempo para conversar. Ela me leva a muitas reflexões, a primeira das quais a história está sendo reescrita pelos vencidos.

Marcia: Eu vou interromper o Senhor.
Na sua entrevista, em 78, o Senhor diz que
"Para se resgatar a história... Essas ações só podem ser historicamente reproduzidas a partir dos testemunhos dos comandos de área".
Acontece que está fechado. O silêncio continua.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- É, mas é contra eles mesmos. Eu cansei de dizer isso a companheiros meus.

Marcia: Porque já se passaram...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu cansei de dizer isso!

Marcia: Será que comigo fariam? Alguém falaria?

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- ...

Marcia: Capelão militar, algum religioso militar...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu duvido que a sra fosse bem sucedida.

Marcia: Eu gostaria de conversar...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Falaria...

Marcia: Realmente, meus esforços...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- O único que rompeu – veja o título – *"Rompendo o silêncio"*

Marcia: Rompendo o silêncio.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Porque manter esse silêncio...

Marcia: Nada a declarar...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Começou primeiro como Ministro, dizendo *"Nada a declarar"*. Depois, *"Tudo a declarar"*.

Marcia, Sabe, Senador, eu vejo esse tema como um desafio. A questão dos protestantes, voltando ao Paulo Wright, realmente, vai além do que a gente esperava no início. Eu comecei o trabalho por esse viés. E representa muitas vezes, que, pela formação americana, principalmente, onde a hegemonia é protestante...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- É protestante.

Marcia: Houve alguma, usando o termo, mal empregando o termo "infiltração", influência do pensamento religioso protestante nesse embate. O Senhor já afirmou que não teve ainda essa reflexão.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não tive porque talvez a origem... a sra me surpreendeu quando disse que o trabalho dele em Florianópolis já foi em 63...

Marcia: 64. Ele era deputado e foi excluído. Agora, ele foi restaurado. Restaurado é um processo canônico como tinha na Idade Média, entre os presbiterianos. Eles desarmaram o processo, disseram que não tinham dados suficientes para a "exclusão de comunhão", que é a "excomunhão" e restauraram. E a família toda sofreu as conseqüências – os filhos, a esposa, e ele ficou 8 anos na clandestinidade. E ele era um pregador cristão, ele era da União Cristã de lá. É algo assim que surpreende. Entretanto, veja ... no Forte – não sei como se pronuncia, nos Estados Unidos... Leave...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- *Leavenworth*

Marcia: Worth...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- *Leavenworth*.
É do Estado Maior.

Marcia: Me parece que...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Entre outros
lugares....

Marcia: Eles tinham uma preocupação pelo ecumenismo. O Senhor, que conheceu lá, teria algum acréscimo. Talvez talvez, alguma posição diferente, por ser uma formação protestante, que tivesse entrado em choque com a própria mentalidade que estaria florescendo entre os católicos aqui. Porque, historicamente, entre os protestantes e católicos, o que a gente tem é o embate político. Isso, desde que eles vieram...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- E é curioso, porque se nós formos nos referir ao Max Weber, no seu famoso livro sobre o

Marcia: Protestantismo

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- E o catolicismo

Marcia: E o Capitalismo

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- E o Capitalismo, seria o contrário, não é?

Marcia: Sim.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Seria uma defesa muito mais da praxis protestante, que é diferente da católica, que achava o lucro uma vergonha, não é? O lucro era quase um pecado. E para o protestante, lí no livro do Max Weber sobre isso, que é um clássico, não é?

Marcia: Sim, é um clássico.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- E eu não tinha. A minha impressão, inclusive, até agora, em conversa com a sra. fiquei ... uma surpresa dessa história com o Wright. Porque antes, a impressão que se tinha é que exatamente a Igreja protestante, era, tinha sido indene á infiltração comunista. Enquanto que a católica, ao contrário.

Marcia: essa oposição... essa oposição levaria a uma conclusão, talvez apressada, de que, de sua, protestantes deram sustentação a posições do regime; é isso que eu estou tentando formular.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Sim. Sim.

Marcia: Os metodistas...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Sim, tanto que a sra falou até na participação deles mesmo em áreas da repressão....

Marcia: Da repressão.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Para mim é novidade. Nessa área eu sou totalmente analfabeto, porque nunca participei dela. Aliás, eu dizia para alguns

companheiros, que eu sabia que eram de informação, eu dizia : Eu nunca poderia ser participante do trabalho de vocês. Por que: Porque eu tenho duas bocas e um ouvido e vocês tem vários ouvidos e nenhuma boca. Vocês guardam segredo de tudo.

Desaparecidos

Marcia: Como que a gente poderia hoje modificar essa situação de silêncio total: Como poderia ser feita uma reconciliação:

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu já fiz até apelo sobre isso, mas vou lhe dizer uma coisa que me chocou. Me chocou eu digo, às lágrimas – mas eu muito tempo fiquei pensando e penso até hoje. Eu era Ministro da Justiça e recebi um grupo de pessoas, inclusive mães de desaparecidos. Eu ainda não conhecia o fato – mostraram, posteriormente. Aí no Araguaia, justamente no Araguaia. E uma senhora magra, de cabelos entre grisalhos e branco, uma expressão serena: Eu estava tratando de abrir o fichário do DOPS para conhecimento geral. Aquilo era um pouco de audácia, mesmo em 90-91.

Marcia: Foram abertos em 92.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Foi quando eu era Ministro. 91-92. Conversei com o e em São Paulo o Tuma escondeu.

Marcia: E muito foi queimado...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não sei se ou foi copiado (risos).

Marcia: Copiado? Fizeram back-up...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- E esta senhora disse assim (isso está no meu ouvido, professora.) Ela disse: Ministro, eu só quero – eu sou cristã – eu só quero o direito de dar aos meus filhos mortos uma sepultura cristã. Eu não tinha... isso... depois eu li. Ela perdeu três filhos no Araguaia. E até hoje os corpos não foram encontrados.

Marcia: Mas, pela narrativa, pelo relato do Pedro Cabral, houve a incineração dos corpos, lá no Araguaia.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Olha, eu era Ministro Civil, doutora. Não se iluda, em relação ao Ministro Jarbas Passarinho..

Marcia: Foi por isso que eu estava dizendo que, se houvesse um espaço lá, de reverência, seria uma forma de...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eles não iam queimar os ossos...

Marcia: É a narrativa. É feita “operação limpeza”.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Quem é esse Cabral: Quem é esse Pedro Cabral?

Marcia: Aqui tem. Eu separei uma declaração dele, onde ele fala sobre a defesa do Ocidente Cristão...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Que linguagem hein?

Marcia: É... bastante pesada. (longo silêncio). Mas, ele se pergunta...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:-, é forte. Agora, o que que ele é? Ele era um dos guerrilheiros?

Marcia: Não. Ele era um dos que...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Reprimiu?

Marcia: Ele era um comandante de helicóptero, alguma coisa assim. Transportavam os corpos.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Ah, só transportador, não é?

Marcia: Isso. Transportavam os corpos. A narrativa, o relato dele é impressionante. Mas, se não se pode reaver os corpos...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu tenho encontrado alguma coisa disso, mas esse eu não lembro não. Eu fui um dos pioneiros, talvez, que tenha falado alguma coisa a respeito, não foi:

Marcia: Sim, o senhor foi o primeiro.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Aquele Maklouf, lá no Pará...

Marcia: E.... Marcos freire...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Marcos Freire.

Marcia: É, o Senhor falou aqui na... Esse discurso do Senhor eu vou agora...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Eu acho que o Exército, as Forças Armadas deviam abrir isso, porque eles tiveram uma luta, como eu digo – é uma guerra suja – ela foi uma guerra suja nos dois sentidos.

Marcia: Contra-insurreição.

Tortura

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Contra-insurreição. E essa guerra suja, que eu chamei como Ministro – primeiro Ministro, primeira pessoa – isso é que eu tinha muita força junto ao Médici. Senão, eu tinha sido demitido naquela ocasião. Eu fui a São Paulo numa entrevista de televisão, com esse rapaz Reale Junior, que hoje está na França, o tempo todo, não é: e ele me fez uma pergunta. – E o Senhor acha que há tortura ou não há tortura, Ministro: Eu digo: **Há tortura. agora nunca institucional, como política de governo** eu tinha um caso, com o Médici aqui, que me provaram claramente. Uma moça torturada. Como eu tinha me saído muito bem na minha relação com os trabalhadores, essa moça era bancária e era também estudante da Universidade de Brasília. E então, ela foi torturada aqui porque por muito tempo porque o próprio SNI eles mandaram aviso secreto: *“Iminente um seqüestro de*

ministros". E diziam que os dois mais visados eram o Andreazza e eu, porque o Presidente Médici teria por nós dois um carinho muito especial e cederia. E aí, essa moça estava naquela fase ainda de guerra revolucionária – pichação, de panfletagem, e foi presa. Coincidentemente, naquela ocasião que estava sendo preso um grupo que vinha para fazer sequestro em Brasília. Um grupo pesado. E lá, na ocasião, de ouvir, introduziram-na junto com um grupo que ela não conhecia! Inclusive, a organização dela não permitia isso.

Marcia: Teve muito disso....

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- E ela não conhecia. Então, cada pergunta, ela dizia que não sabia. E não sabia, e daí aplicaram um choque de magneto lá nos brincoes que ela tinha na orelha. Ela tinha uma disritimia cerebral.

Marcia: Meu Deus!

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- E entrou em coma. Bom, aí, eu fui procurado pelo Presidente da Federação dos Bancários... o seu relacionamento conosco, o Senhor, com certeza, não sabe disso. Não estou sabendo de nada. O que que há? Eu vou verificar. Fui ao hospital e encontrei a moça lá. Como eles souberam que quando ela chegou lá, eles viram a besteira que tinham feito e mandaram para o hospital, uma irmã dessa moça era enfermeira no hospital chamado HDB – Hospital de Base. Eu fui lá, reconheci e fui ao Médici. O meu Assessor de imprensa, que

era o Emílio Falcão, guardou essa frase sempre, quando eu cheguei, relatei. Eu disse: Presidente, eu vim lhe trazer um caso concreto de tortura. Não passará o senhor por **presidente torturador** e nem merece o seu Ministro da Educação também ser. Foi localizado o sargento que tinha dado o choque, foi preso por 30 dias, transferido, mas não ficou no sargento. Ele deu o choque num grupo. Teve quem o comandasse. Chegou num major, que era do DOPS, da Polícia federal. Foi mandado para o Cucuí. Ora, se o Médici fez isso em relação ao que eu levei a ele, era uma farsa? Ou, realmente, tudo aquilo que se fazia nessa descentralização de comandos, ele desconhecia:

Marcia: Eu vou mais além. Eu vou mais além. O Grupo Tortura Nunca Mais de São Paulo, na sua programação, no seu Programa de Trabalho dessa gestão, ele está colocando como fundamental atualizar esse estudo de prática de tortura. Porque, segundo o grupo, a cultura dessa, da legalidade da tortura, da legalidade de se exterminar o criminoso, o considerado criminoso, é uma cultura que foi desenvolvida e que se solidificou, se estratificou até desde o período do.. onde esses aparelhos repressores foram criados. E isso está sendo feito. Esse estudo para atualidade. Quer dizer, de repente, o Senhor hoje está aqui na ativa, totalmente ativo, numa Fundação, Presidente de uma Fundação importantíssima, atuante. E a perplexidade que eles colocam, no Grupo Tortura Nunca Mais, existe, ao menos em São Paulo, diante da continuidade desses atos. Não

existe mais esse major que o Senhor falou. Não existe essa estrutura que existiu, e que em tese teria sido já desmantelada; o SNI é a Secretaria de Assuntos Estratégicos, mas esse Grupo Tortura Nunca Mais, um dos autores é o co-autor com o Nilmário Miranda, que é o Carlos Tibúrcio, um dos líderes de lá. Eu acho que o silêncio, esse silêncio, essa forma de se manter na retranca, desculpe o termo, a consequência disso é mais séria do que o resgate histórico, que é importante. Por que: Porque vamos supor que tenha alguma outra necessidade de se enfrentar uma insurreição – será que os métodos seriam os mesmos:

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não sei, doutora. Quando a sra. levanta a idéia....

Marcia: Por gentileza, eu ainda não sou doutora.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Pois é, diga isso sempre, para garantir a sua modéstia. E eu fico insistindo, por antecipação.

Marcia: Modéstia não se garante. Modéstia se aprende, constantemente. E procuro aprender com mestres assim como o Senhor.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Mestre, eu posso chamá-la, não é? porque está fazendo doutorado.

Marcia: Apesar de eu não ser, também.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Mas faz

doutorado em mestrado? Pode fazer?

Marcia: Pode. É o doutorado direto, que eles falam.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu não sabia.

Marcia: Eu ultrapassei toda pontuação e a banca optou.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Mas eu não vou chocar a sra., porque a verdade não deve chocar, sempre. Às vezes, choca. Com quem nós aprendemos tortura. Ela foi... Dr. Getúlio Vargas, depois foi tão querido pela população, eleito várias vezes, depois de Senador por São Paulo, foi eleito também deputado federal por vários estados, ele (!) em 35, ele teve a vantagem de fazer com que a tortura daquele tempo ficasse toda no nome do capital Filinto Müller.

Marcia: É verdade.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Na época, eu era estudante. Eu conto no meu livro. Eu vou lhe mandar o meu livro. Eu conto no meu livro como eu ouvi os primeiros gritos de torturados presos quando eu estava chegando no Rio de Janeiro, dentro duma pensão familiar para candidatos à Escola Militar. Foi justamente em 38. Foi quando os integralistas foram presos. Eu vi a tortura como funcionava porque a minha pensão fazia fundos com a central de Polícia, onde, justamente isso se fazia. Bom, e a mesma técnica do rádio alto, não sei que... E haviam uns sujeitos corajosos diziam... Mas esse o filho.... não ouvia

a voz, só ouvia o rádio. E, uma sra no andar de cima, dizendo: Bandidos! Uma coisa assim. Aquilo ficou no meu ouvido, duas horas da manhã. Mas Getúlio não passou por torturador. Mas o Médici passou. Agora, quem torturou, neste século? Já não vou para antes. Não vou falar da minha Igreja Católica no seu período da Inquisição. Vamos ficar neste século.

Stalin está lá, dizendo numa hora.... "Deixa ele comigo, que vê se ele não fala", não é? Então a ação, os comunistas que, a partir do chamado Socialismo real, foram livres disso, não foram. As torturas que Stalin fez para fazer os famosos...

Marcia: Gulags...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não, antes dos gulags. aos expurgos de Stalin, com os processos dos anos 36 a 38, como é que eles chamavam. Pro.... Um nome assim... Matou não sei quantos que ele lá. O sujeito era obrigado, pela tortura psicológica, sobretudo, você era obrigado a contar o que não era verdade a se denunciar tendo cometido crimes que ele não praticou – Stalinista. Hitler com os nazistas. A França com seus paraquedistas, torturando os argelinos. Os americanos respondendo ao mesmo tratamento que o Vietnã lhe dava. O mesmo tipo de coisa. Então, essa gente que passa por ser primeiro mundo, essa gente que passa por ser a guardiã da inteligência mundial, essa gente torturou e ensinou a torturar.

No livro *The Trail* em Inglês, em Francês : *L'Aveu*. Arthur London escreve sobre a

ocupação da Tchecoslováquia, na Primavera de Praga (!) :- pelo menos o tchecos tiveram o pudor de mandar buscar torturadores soviéticos para torturar os tchecos. Então, essa tortura toda é desgraçadamente, faz parte de um processo daqueles que detém o poder e não tem a menor possibilidade de fazê-lo de maneira democrática.

FITA 2 – Lado B

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- A sra. vê que...

Marcia: Essa possibilidade de fazer de maneira democrática, Senador, ele teria de passar por uma formação, não é verdade? O que que poderia ser modificado aí, Senador: O que que poderia ser modificado hoje, com essa leitura toda que o Senhor já fez e com a qual a gente não pode ...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não pode discordar, porque é história. São fatos históricos todos que citei!

Marcia: É verdade.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Tanto que se diz que vieram americanos da CIA. Não sei, para fazer, e ensinar como fazer isso aqui.

Forças Armadas

Marcia: Aquele autor, o Kennet Galbraith, no ^Sociedade Justa^ faz uma observação que me preocupa sobre a necessidade ou não de existir o Exército, as Forças

Armadas. Eu, realmente, não achei isso correto.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Pode fazer a Costa Rica pode fazer.

Marcia: E o Brasil:

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Não pode. Nós não podemos abrir mão justamente de uma tropa de sustentação. Agora, desde que haja, como a sra. diz, um processo educativo que de a execução do papel que corresponde constitucionalmente às Forças Armadas, uma atribuição correta, democrática. Eu hoje estou escrevendo, peço até que a sra. leia no Estadão: “O medo da volta”. Eu estou citando aqui umas... Se a sra. quiser, ficar com esse eu mando tirar uma cópia.

Marcia: Por favor, sim.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Deixa. Na hora de sair eu peço para tirar mais uma. Mas (!) eu estou discutindo aí, não citei o nome, mas é uma pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas.

Marcia: O Senhor fala em questão religiosa aqui. “a própria proclamação da República que historiadores dizem Ter surpreendido e teve como causa a questão militar e também a questão religiosa.” Obrigada.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- É muito fácil colocar só o militar. E os civis.... bandeira que eu falo aí....

Doutora, eu era professor alunos da Escola do Estado

Maior, no período do Lacerda atcando o Getúlio... No ônibus, viam que eu era major:

- Quando que vocês vão derrubar o sujeito:
- Eles estavam recebendo a influência do pregador civil Carlos Lacerda! E a revolução civil de 64? Foram todos juntos: civis, religiosos e militares. Nós usamos até dizer que a mulheres é que nos tiraram dos....

Marcia: Marcha da família...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Marcha Família por Deus e pela Liberdade.

Marcia: Mas isso foi em 64, Senador! E isso durou 21 anos!

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Bem, aí...

Marcia: Aí, o Senhor já explicou...

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Discuta-se depois.

Eu tenho convicção da sinceridade dos presidenteentes com os quais eu servi quando em seu discurso diziam que iam entregar o poder a um país democratizado. Peço-lhe a sua inteligência e a sua capacidade de pesquisar, que vejo que é séria, que analise também o outro lado, que nunca se analisou. De passagme eu lhe falei da previsão do Prestes, quando ele disse que a luta armada só iria prorrogar no tempo o autoritarismo. Ele não era tolo. Ele sabia que não havia uma correlação de forças e uma aventura. Porisso que ele foi criticado. Pelo Gorenb

Marcia: Jacob Grender,

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- pelo Mário Alves, sujeitos que romperam com ele, por causa da ligação que ele queria fazer através da burguesia, quer dizer, era o Jango. Conquistar o poder a partir daí, de um processo pacífico e não violento.

Marcia: Mas, Senador, como que eu vou fazer isso se ninguém quer falar:

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- Bom, isso sim. Não, mas a sra. tem alguns exemplos. O Ato 5 é colocado como causador, detonador do processo da Guerrilha. É mentira! Absolutamente mentirosa a frase. Não sei se a sra. tem um livro chamado “A esquerda armada no brasil” premiado em Cuba, Casa das Américas. Quem fez? Acho que o copidesque deve ter sido o Gabeira. Todos os guerrilheiros estavam lá, inclusive contando como mataram Chandler. Aquilo uma proeza, maatar o Chandler na presença de um garoto, de 9 anos, filho dele e a esposa. Como mataram o... e como em 1967 começaram as ações As ações armadas: 1967. O AI-5 é de 69.

Marcia: 68. 13 de dezembro, Sexta-feira.

SEN.JARBAS

PASSARINHO:- 68. E acabar antes de um ano – eu vou lhe mandar o meu livro e a sra. lerá – o Costa e Silva me chama e diz: Você volta ao Senado, deixa o Ministério do Trabalho e aí me fez os

elogios, dizendo que quem devia mais me agradecer era o Delfim – porque a economia no que eu consegui evitar as ações de greves contínuas etc. Enfrentei três greves e resolvi as três sem nenhuma violência praticada. E aí, ele diz – você volta, vai substituir o Krieger, que foi contra o AI5 e vai presidir a Arena Nacional. Basta de cassações. Eu marcho sobre baionetas, mas no dia 1º de setembro (isso no começo de agosto, professora, ele me chamou), em 1º de setembro eu outorgo uma constituição que o Pedro Aleixo está fazendo junto com Miguel Reale, não sei quem não sei quem mais, eram muitos, que estavam preparando a Constituição. Acabava o AI5. Reconvoca o Congresso no dia 7 de setembro. Reabre o Congresso. Não teria um ano de AI5.

Marcia: Nós tínhamos nessa época 5 anos, não, dois anos de Embratel: Brasília era uma Vila Militar: Havia um Centro realmente de Poder aqui: Ou realmente tinha sido disperso o poder, como o Senhor falou, na era Geisel.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não. O Centro de poder existia. A dispersão se deu com o Médici e depois a concentração voltou com o Geisel.

Marcia: (silêncio). E hoje?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Vila Militar, acho que a sra. força a simbologia. Mas, que havia um Centro de poder indiscutível aqui, havia. Mas, teria havido no Rio de Janeiro!

Marcia: Será? Será, Senador?

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Se a capital permanecesse no Rio de Janeiro tinha havido. E a outra dúvida que eu tinha é a seguinte: Se no... Se o Presidente Costa e Silva sobrevivesse, não é, porque ele só não fez porque o acidente vascular cerebral, morreu... não teria continuado a guerrilha: Só pelo fato dele Ter acabado com o autoritarismo.. Não, a guerrilha veio em pleno período que era autoritário. Costa e Silva, Castelo branco...

Marcia: Gostaria que o senhor ampliasse aí a reflexão para fora do Brasil. Porque assim como o Senhor fez o link com os Estados Unidos, fez com a Albânia, não dá para pensar o Brasil sozinho como não dá para ver o Brasil sozinho, como não dá para ver Brasília só uma Vila Militar, como o Senhor bem lembrou. Agora, existe uma outra análise, que é feita, de que, por exemplo, em São Paulo, principalmente, o empresariado determinado segmento do empresariado, é que manteve essa, esse recrudescimento da tortura.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Hoje, eles tem horror de falar nisso.

Marcia: Mas fala-se. É uma análise.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Todos aqui são heróis retroativos.

Marcia: Tá um campo para se aprofundar a análise.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Todos aqui são heróis retroativos. Ah,

doutora, o que é a OBAN? O que foi a OBAN?

Marcia: O que foi a OBAN?!

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Eu não conheço. Só conheço de leitura.

Marcia: eu vou pedir ao senhor um grande favor.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Não morreu recentemente o nosso Sodré.

Marcia: Sim, Abreu Sodré.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Abreu Sodré. E não publicaram inclusive o Estado que gostava muito dele, a beleza do democrata que ele foi a vida inteira...

Marcia: Ele recebeu um tratamento especial...

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Altamente especial! E foi a OBAN. A OBAN não foi com ele:

Marcia: Foi.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Agora, eu sou gorila. Eu sou um gorila...

Marcia: Vou pedir um grande favor ao Senhor. Se, de repente, alguém que o Senhor conhece

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Queira falar.

Marcia: Aceitar conversar comigo, o título do trabalho é: *O fator religioso na estratégia de comunicação do estado autoritário pós-64* mas com o Senhor bem.... a 1ª parte tenho

desenvolvido, que é a história do Paulo Wright, que eu trato dos protestantes, e eu gostaria de aprofundar o pensamento militar com esse viés religioso.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- Está bem.

Marcia: Eu vou deixar com o Senhor um cartão e muito obrigada pela entrevista.

SEN.JARBAS
PASSARINHO:- (ao telefone)

Agora você pode tocar as ligações.
Claro, doutora, eu que lhe agradeço. Como eu lhe disse nos Ministérios que eu passei, eu aprendi muito no Ministério do Trabalho,

14.3.2. Entrevista com o Padre Fernando Bastos de Ávila

Parte I – Abertura (Fita 1)

MARCIA: Padre Ávila, eu estava dizendo ao senhor sobre o projeto “O Fator Religioso na Estratégia de Comunicações do Estado Autoritário Pós 64”. Como eu disse ao Senhor, confesso a minha pequenez intelectual e teórica e passo a palavra ao senhor para reflexões sobre esse tema, tendo em vista o seu pensamento sobre o Solidarismo Cristão. Eu queria notar...

PADRE ÁVILA: A minha experiência frente ao regime militar poderia ser explicitada em dois cenários, digamos assim. O primeiro foi o meu relacionamento com o próprio regime militar e depois o tratamento que eu próprio recebi do regime militar. Portanto, uma visão mais racional, uma interpretação minha do cenário nacional, e depois a vivência concreta do que eu passei dentro desse contexto do regime militar, dos anos Castelo Branco até Figueiredo, dos anos 64 até 85. Eu queria dizer que conheci pessoalmente o general Castelo Branco, porque quando ele era chefe do I Exército que foi sediado aqui no Rio de Janeiro, eu era professor na PUC, professor de Ética Social e

Sociologia e ele me convidou várias vezes para entrevistas, uma vez para conferências e outras vezes para conversas mais com o seu grupo de assessores, mais próximos. Criou-se uma desconfiança, inclusive ele logo que foi instalado o regime da Revolução ele montou o seu ministério e escolheu para o Ministério da Educação, um professor do Paraná, infelizmente não recordo o nome.

M – Nei Braga?

PADRE ÁVILA: Não, foi logo no início. Acontece que esse ministro criou certas tensões entre os diretórios acadêmicos que naquele tempo tinha muita vitalidade ideológica e uma vez Castelo Branco me chamou ali no Palácio das Laranjeiras, ele se hospedava quando vinha aqui ao Rio...

..... problemas com gravadores e fitas, mudança de salas

Parte 2 – Fita 2

PADRE ÁVILA: Vamos continuar?

MARCIA: Vamos, vamos continuar.

As prisões no DOI-CODI

PADRE ÁVILA: Então, eu estava dizendo que os alunos traziam suas tensões ideológicas e aquilo foi repercutindo e como disse, acho que na minha ingenuidade, entre os pedidos que aceitei, de participação no IBRADES, tenho a convicção que foi uma jovem que de algum modo colaborava com o ...

MARCIA: Do SNI.

PADRE ÁVILA: O SNI. Porque a casa foi cercada, nós todos ficamos presos, como eu já reporte, inclusive Dom Aloísio, Dom Aloísio Lorscheider, o reitor da PUC também. Ficamos presos ali até as 6 horas da tarde quando eles levaram presos tres tres estudantes, uma estudante e dois rapazes, uma jovem e dois rapazes para aquele quartel da rua Barão de Mesquita onde funcionava o DOI – o célebre DOI-CODI. Dias depois, eu não tenho certeza se foi no dia seguinte, fui convocado. Fui lá de manhã cedo, passei o dia inteiro entrevistado pelo DOI-CODI, inclusive com certas.. simulações imbecis para amedrontar a vítima. O capitão que me interrogava – nem vou dizer o nome dele – tira o

revólver, coloca em cima da mesa e depois instrumentos de tortura elétrica, choques elétricos, quer dizer, uma exibição imbecil ... para amedrontar as pessoas, mas em todo caso, eu fiquei lá horas, fui sair de lá..

MARCIA: Isso foi ainda em Castelo Branco, foi em 65?

PADRE ÁVILA: Foi em Castelo Branco? Castelo Branco já estava em Brasília, não estava sabendo o que estava acontecendo aqui.

MARCIA: Mas foi no governo dele?

PADRE ÁVILA: Foi um certo coronel Lacerda (?) - não tinha nada a ver com o Carlos Lacerda - que era o chefe do SNI do I Exército, inclusive naquela ocasião, o chefe do I Exército era um general, não me ocorre o nome, muito simpático, muito cordial, e que ficou irritado, quando soube que tínhamos estado presos com os alunos, depois de invadirem os quartos. No meu quarto, pegaram nas gavetas todos os meus documentos, e papéis, inclusive a conferência que eu ia fazer na Escola Superior de Guerra. Tudo foi parar lá no SNI, com esse coronel Lacerda. Acontece que este general chefe do I Exército, quando soube daquilo, me chamou lá ao I Exército e chamou o coronel. Por uma circunstância puramente casual, estava presente nesse encontro o prof. Tarcísio Padilha, uma figura da melhor qualidade. Fundador do Centro, Dom Vital, aqui, e que hoje é presidente da Academia Brasileira de Letras, é Diretor do Centro de Juristas

Católicos, uma figura da maior qualidade. Ele era amigo, conhecia o general, e quando o general se referiu ao tal coronel Lacerda - "O senhor não pode fazer uma arbitrariedade destas, uma coisa destas! E eu ouvi, o coronel, que era chefe do SNI, disse: "Não, senhor general, não é assim, as coisas não são assim". Em termos de hierarquia militar, a única reação do general seria - "Está preso!"... Como um coronel tem a coragem de dizer, de dar uma resposta desaforada ao seu general? Mas havia o receio do poder secreto do SNI, e o general ficou calado. E a razão que deu esse tal Lacerda - "Porque, nós encontramos lá, uma assinatura da Pravda". Pravda era o grande jornal do Partido Comunista Soviético. Eu disse...

MARCIA: O que que tem a ver!

PADRE ÁVILA: "Mas, general, eu tenho um colega que estudou russo, e por isso fizemos a assinatura. Nós recebemos pelo Correio, não tem nada de secreto. E esse nosso colega que sabe russo pode acompanhar através das fontes russas quais as interpretações, que os russos dão aos eventos que nós estamos vivendo hoje. Não tem nenhuma conotação ideológica. Aí, o prof. Padilha disse - Mas o senhor prendeu o Padre Ávila, e invadiu o Ibrades porque encontrou ali o Pravda, material subversivo? pois então o senhor me prenda, porque eu estou vindo da Central do Brasil, e estão lá distribuindo esses panfletos convocando para uma grande passeata e está aqui! Então me prenda eu estou com isso no

bolso. Se é questão de ter material subversivo. Aí o coronel ficou meio sem jeito. "O senhor sabe que não é isso, não se trata disso"... O fato é que com isso houve um momento de tensão. Eu não fui preso, passei aquele dia inteiro lá, mas eu exigi a reparação para aqueles alunos que foram presos e que eu soube tinham sido torturados, receberam choques elétricos ...

Ministro Jarbas Passarinho - Carta ao Médici

MARCIA: Eu queria que o senhor situasse o ano disso, porque o senhor disse que não tem a ver com a Carta do...

PADRE ÁVILA: Foi em 1970.

MARCIA: Então é a Carta que o Ministro Jarbas Passarinho escreveu ao Médici.

PADRE ÁVILA: Ah! É possível que seja, a propósito disso.

MARCIA: A propósito disso Defendendo, na defesa do senhor?

PADRE ÁVILA: É, porque ele veio a ser, primeiro ele era Ministro da Educação.

MARCIA: Sim, foi nessa época.

PADRE ÁVILA: Foi aí que eu tive oportunidade, como contar. Depois ele veio a ser, a assumir um outro Ministério.

MARCIA: É sim, o da Justiça,

PADRE ÁVILA: O da Justiça

MARCIA: Mais recente.

PADRE ÁVILA: Sim, mais recente, mas naquele tempo,

MARCIA: Naquele tempo era da Educação.

Moral e Civismo

PADRE ÁVILA: Da Educação, inclusive, nessas circunstâncias, nessas incoerências imbecis, enquanto estavam me perseguindo por um lado como subversivo, por outro lado a Fundação Nacional do Material Escolar, me convidava para fazer um texto de Moral e Civismo. Aí eu disse: acho que um texto é uma concorrência desleal, porque são edições de mais de 100 mil exemplares e muitos professores que teriam uma proposta também, não vão poder concorrer com pequenas edições. Então, em vez de fazer um texto de Moral e Civismo, eu me proponho a fazer um texto de consulta para aqueles que devem dar aula e de Moral Civismo e propus fazer aquela Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo.

MARCIA: Pequeno... só tem a palavra pequena, porque ela é bem grande...

PADRE ÁVILA: É grande e depois foi uma.. curioso que foi uma tiragem gigantesca. Era Ministro de Educação naquela ocasião, um deputado do Rio Grande do Sul. Tarso Dutra era ele que, como Ministro, encomendou essa Enciclopédia.

MARCIA: Foi em 67 a primeira edição?

PADRE ÁVILA: Sim, foi lançado lá em Niterói, num grande Centro, não sei a

propósito de quê, naquele dia mesmo eu embarcava para os Estados Unidos. A primeira universidade que eu visitei foi a Universidade da Flórida, onde Bennett, que foi o primeiro, chamava-se brazilianist, escreveu aquele livro "Brazil People and Institutions, traduzido pelo professor José Artur Rios - Brasil, o Povo e as suas Instituições. Ele tinha um centro de Estudos Brasileiros na Universidade da Flórida, e inclusive recebia jornais do Brasil. E estava diante dele um jornal "O Globo" e na primeira página a manchete, uma manchete enorme: "O Crime do Padre Ávila". Aí, ele olhou para mim meio espantado... (risos) Eu não sei se ele associou "O Crime do Padre Ávila" ao célebre livro de Eça de Queiroz - "O crime do Padre Amaro"...

MARCIA: Padre Amaro.

PADRE ÁVILA: Mas quem era o autor do artigo era o Miguel Padilha, irmão do Tarcísio Padilha, e me defendendo ferozmente dessas agressões de que eu tinha sido objeto. Então Bennett me perguntou: - "O crime do Padre Ávila" - é o senhor? Eu disse - "Sou eu mesmo, mas o senhor pode ler, está me defendendo"...

MARCIA: O senhor estava dizendo que as intenções que não eram hostis do regime em relação à Igreja, então, como se justifica isso?

PADRE ÁVILA: No regime havia figuras, que tinham realmente.

MARCIA: Hostilidades?

PADRE ÁVILA: Posições hostis à Igreja. Mas, obviamente, o Chefe da Nação não tinha possibilidade de atentar a todas essas... Mas eu estou falando, talvez, a partir de uma experiência minha, muito pessoal minha.

Eleições na PUC

PADRE ÁVILA: Inclusive foi nessa ocasião - eu me referi até agora ao cenário nacional, agora eu me deslocaria para o cenário, mais regional, onde eu trabalho. Naquele tempo eu trabalhava ali na PUC, onde, em 1955 criei o **Instituto de Estudos Políticos e Sociais** com uma Escola de Sociologia Política e de Economia, porque eu achava que era importante colocar juntas, formar juntos, sociólogos, politólogos de um lado e economistas de um outro porque os sociólogos particularmente têm idéias utópicas e não conhecem o preço econômico daquilo, e o economista tem uma visão muito pragmática mas também não tem visões utópicas de grandes iniciativas. A convivência dos dois me parecia ser uma coisa fecunda e eu criei essa Escola de Sociologia e Política. Mas as tensões, como eu dizia de início, as tensões nos diretórios eram muito violentas.

Acontece que na própria PUC criou-se, o Movimento Solidarista Universitário - MSU - do qual foi eleito presidente o atual Diretor Presidente da Fundação Casa Rui Barbosa, Mário Brockman Machado. Mas, o grande líder do movimento era um ex-aluno da escola, Eurico Borba, que

hoje é, era o diretor da chamada ANAMEC. a Associação Nacional das Mantenedoras das Escolas Católicas. Ele reside em Brasília e foi o grande líder desse Movimento Solidarista que ganhou em todos os diretórios das Universidades Católicas, menos na minha Escola. Eles ganharam na minha Escola por uma questão de cinco ou seis votos, porque um grupo que vinha votar vinha num carrozinho.

MARCIA : Por uma margem bem pequena?

PADRE ÁVILA: Mínima.

MARCIA: Ínfima.

PADRE ÁVILA: Mas dominaram o diretório e aí começou a haver tensões violentas. Inclusive, houve uma vez que correu a informação de que a UNE (naquele tempo a UNE era realmente uma potência no movimento estudantil, União Nacional dos Estudantes) que tinha sede no Rio de Janeiro, ia invadir a PUC naquela noite. Amigos da PUC, sabendo disso, armados de revólver cercaram a PUC toda para... Eu disse: Vocês estão malucos, vão fazer tiroteio aqui.. por favor, tire essa arma daí, guarde essa arma. Mas passaram toda a noite ali. O fato é que não veio UNE.

As censuras do SNI

PADRE ÁVILA: É aí quando veio o Jarbas Passarinho no Ministério. Inclusive ele...

MARCIA: 69? Final de 69?

PADRE ÁVILA: Aquela primeira edição, que foram mais de cem mil exemplares.

MARCIA: 67, esta eu consegui, eu estou com ela.

PADRE ÁVILA: Tinha até umas ilustrações.

MARCIA: É. E também da "Doutrina Social..."

PADRE ÁVILA: Ah! Isso foi bem depois.

MARCIA: Bem depois, é de 98 que o senhor reeditou.

PADRE ÁVILA: Baseei a parte conceitual, na Enciclopédia de Moral e Civismo.

MARCIA: Muito. Acrescentando muito.

PADRE ÁVILA: Os documentos pontifícios principalmente.

MARCIA: Sim!

PADRE ÁVILA: Mas na Segunda edição, da Enciclopédia de Moral e Civismo, o general chefe da Comissão de Moral e Civismo – (também eu não lembro seu nome, se me lembrasse não o mencionaria pela imbecilidade do gesto) – condenou aquela Enciclopédia como subversiva. Naquele tempo, no tempo da revolução, havia um representante do SNI em cada ministério, e um general reformado, que representava o SNI no Ministério da Educação, viu aquela Enciclopédia e disse que era subversiva. Eu estava em Miami, quando soube da coisa. Voltei aqui ao Rio e fui falar com o general: – Mas, general,

porque que é subversiva? – Agora eu vi realmente a debilidade mental, a fraqueza mental dele, o gabarito mental mesquinho: "O senhor vê, na primeira página a palavra aborto?" Eu disse "Mas o senhor leu o conteúdo?"

MARCIA: É verdade, começa.

PADRE ÁVILA: Trata com a maior seriedade a gravidade do problema social do aborto! Mas... Se fosse 'zaborto' esta na última página! Mas é 'aborto' - AB - está na primeira página! Eu não tenho culpa disso!"

"Ah, mas o senhor tem os verbetes 'marxismo' e 'comunismo' e 'politização'!" "Mas o senhor leu? A gente tem que saber o que é o marxismo, o materialismo dialético,

MARCIA: O senhor expõe lá.

PADRE ÁVILA: E, eu exponho!

MARCIA: É verdade.

PADRE ÁVILA: E a resposta é uma análise crítica dessas posições, não é uma insinuação didática do marxismo!

MARCIA: Não é uma propaganda do marxismo.

PADRE ÁVILA: Não é uma propaganda, mas é uma reflexão crítica sobre o marxismo, sobre o comunismo, sobre o processo de politização.

Naquele tempo havia esses movimentos, inclusive os alunos da PUC saíam pela Rocinha para politizar. Era

aquele movimento – lançado por...

MARCIA: Paulo Freire.

PADRE ÁVILA: O Método de Alfabetização?

MARCIA: Sim!

PADRE ÁVILA: Realmente era muito bem feito. Ele tinha aprendido o método, se não me engano na Argélia, onde estava exilado, e o adaptou ao português. Teve um enorme sucesso porque, ao mesmo tempo que alfabetizava também transmitia a população certa conceituação que era indispensável para assumir uma posição crítica de um regime como o que nós estávamos vivendo.

Mas foram esses, mais ou menos, os episódios principais.

MARCIA: Agora, essa reflexão que o senhor expôs aí, colocou em destaque uma possibilidade de diálogo com autoridades mais acessíveis, e uma impossibilidade com o SNI. É isso?

PADRE ÁVILA: Ah, foi!

MARCIA: Quer dizer, não havia uma, não havia uma...

PADRE ÁVILA: Não havia.

MARCIA: Não havia uma oposição do governo, mas havia do SNI?

PADRE ÁVILA: Do SNI, obviamente!

MARCIA: Isso prolongou-se ao longo dos 21 anos?

PADRE ÁVILA: Bom, eu depois não tive, eu...

MARCIA: Depois desse episódio de 71, não teve mais?

PADRE ÁVILA: Não, inclusive eu deixei a direção do Centro.

MARCIA: Até o Médici o senhor teve problemas, depois o senhor não teve mais?

PADRE ÁVILA: Inclusive eu acho que foi um dos governos militares onde houve maior violência, tortura e tudo o mais. Eu tenho a impressão que depois, o Geisel que teve muito mais consciência disso e tirou aquele general do II Exército de São Paulo.

MARCIA: Ednardo d'Ávila.

PADRE ÁVILA: E que começou abrir o tal processo lento e gradual de democratização. De fato ele começa com Geisel que teve muito maior dignidade pessoal como Presidente da República. Mas isso são comentários pessoais.

MARCIA: Já para o senhor foi uma fase melhor?

PADRE ÁVILA: Ah, foi melhor, muito diferente. E depois, como disse, eu trabalhei esses 30 anos, fiquei lá nesse Centro, mas não estava mais como Diretor. Eu fiquei durante algum tempo, depois passei a direção a outros, que continuaram a desenvolver.

CNBB e IBRADES

E nós formamos ali naquele Centro uma coisa que era bom registrar, porque é dentro do seu tema.

Eu, pelos compromissos e cargos, e relacionamentos que tive na Comissão de Justiça e Paz de Roma, tive contato com muitas, com muitas Conferências de vários países da Europa e daqui da América Latina.

Eu não creio, não conheço uma – eu estou falando Conferência Episcopal.

MARCIA: Sim.

PADRE ÁVILA: que tenha tido uma tal presença e sensibilidade para os problemas sociais, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

MARCIA: Sim!

PADRE ÁVILA: Eu estou certo que para essa sensibilidade social da Igreja no Brasil, houve vários fatores que tiveram muita importância, um deles foi o IBRADES, disso não tenha dúvidas, no qual passaram sacerdotes, leigos e religiosos...

MARCIA: Ele dava Assessoria total à CNBB.

PADRE ÁVILA: E dava Assessoria à CNBB.

MARCIA: Sim.

PADRE ÁVILA: A linha 6, que era a linha a nosso cargo, inclusive, as Assembléias Gerais, todas as Assembléias Gerais, sempre no seu programa tinham duas conferências - uma Conferência Teológica, sobre a Evolução do Pensamento Teológico, que era Dom Aloísio Lorscheider, e uma Conferência sobre o Cenário Político, Econômico e Social,

que era eu que fazia. Durante 21 anos lá - era lá em Itaici, aquele enorme Centro de Itaici, eu, durante 21 anos, todos os anos fazia exposição, grupos de trabalhos, depois vinham perguntas e deduziam-se depois conclusões e propostas que eram registradas em atas. Inclusive, às vezes bispos reacionários, protestavam, compreendeu? Havia, com muita liberdade, críticas.

ADCE

MARCIA: O Solidarismo hoje (como o senhor em 98 renovou a publicação, reeditou) o senhor acha que está melhor?

PADRE ÁVILA: Aquela reedição?

MARCIA: Sim!

PADRE ÁVILA: Foi uma tentativa do Movimento Solidarista que começou em Petrópolis com o Prof. Guédon e ele lançou essa edição, inclusive você reparou que tem o subtítulo "alternativas à globalização"

MARCIA: Alternativas à globalização.

PADRE ÁVILA: Foi uma visão um tanto ambiciosa ... Agora, eu acho que nas suas grandes linhas o Solidarismo tem toda a atualidade, como uma força para inspiração política. Inclusive, foi inspirado no Solidarismo, que eu criei aqui no Rio de Janeiro, a Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas, que ainda hoje existe. (ADCE) Aquele tempo, antes do período militar, que era um tempo de grandes tensões ideológicas, os empresários

cristãos assumiram com muita responsabilidade os problemas sociais. E a ADCE era realmente uma força. Mas os empresários tomaram posições muito nítidas com relação a graves problemas sociais na época. Depois veio a revolução, tomou conta do poder e tal, e eles se identificaram em grande parte com o poder instalado. E hoje, a ADCE continua a desenvolver uma atuação e é presente, atua ainda hoje.

Inclusive o atual presidente é o Gaspar Dutra, que é o presidente de uma seção importante da Petrobrás, não me lembro qual seja, mas que se reúne, e tem todo um programa de ação, inclusive em outros estados. No Rio Grande do Sul, a ADCE hoje é uma potência, reúne toda a semana mais de uma centena de empresários e a cada almoço tem uma conferência, se debatem problemas da realidade local, estadual e nacional.

MARCIA: O senhor vai ter inclusive, no dia 9 de novembro agora, vai ser um Congresso

PADRE ÁVILA: É, em São Paulo.

MARCIA: O XV Congresso.

PADRE ÁVILA: É. Só que, discretamente eles me convidaram para fazer a Oração. Aí, com muita cordialidade, eu disse que para fazer a Oração tem muitos padres piedosos, mais piedosos do que eu em São Paulo. E eles compreenderam a coisa. E já estava o programa feito, talvez alguém disse- E o Padre Ávila?

Então, vamos convidá-lo para fazer a Oração...

- Vamos deixar para um grande padre mais piedoso... chama o Padre Marcelo Rossi (risos)

Hélio Jaguaribe

MARCIA: O senhor, aqui neste artigo do senhor, se o senhor me permite?

PADRE ÁVILA: Qual?

MARCIA: sobre Ética e Economia

PADRE ÁVILA: Ah, sei...

MARCIA: É um Seminário que teve...

PADRE ÁVILA: Ah, é?

MARCIA: "Ética e Economia", o senhor diz assim:-

"A nova germinação de grandes movimentos católicos não deixa que se exclua a hipótese do início de um novo processo civilizatório, no qual os autênticos valores evangélicos como expressão de um Ecumenismo supra-nacional e supra-cultural, venha recuperar sua missão de dar sentido à grande aventura humana".

PADRE ÁVILA: É, isso é a propósito de uma idéia que tem marcado muito o pensamento de um grande amigo, Hélio Jaguaribe, que fez um estudo - "A critical study of History". Não vou entrar em detalhes, mas estudou dezesseis civilizações, para descobrir quais foram os fatores que permitem a emergência de uma civilização, que levam à culminância, e os que depois determinam a decadência da

civilização. Examinando depois dezesseis civilizações, ele pode fazer uma indução do que está acontecendo no nosso Processo Civilizatório, chamado Ocidental Cristão. E ele tem a convicção de que no processo civilizatório da Civilização Ocidental Cristã, há sinais, sintomas de um processo de decadência. Creio que ele está convencido de que nós nos aproximamos de um ocaso dessa Civilização Ocidental Cristã. O que eu quero dizer com isso é que essa civilização que foi montada à base de valores cristãos, que eram impensáveis dentro do paganismo romano ou grego, greco-romano, os grandes valores evangélicos das Bem-aventuranças, foram eles que plasmaram essa civilização. Mas nada impede (e é esse o sentido dessa minha expressão

final), nada impede que esta Igreja, este pensamento católico

MARCIA: Germine

PADRE ÁVILA: Germine, com outros valores que seja capaz de remontar um outro processo civilizatório também no ocaso deste processo que mostra evidentes sinais de cansaço, como um analista da seriedade do Hélio Jaguaribe deixa claro neste trabalho que vai ser publicado, está sendo traduzido em Português e publicado.

O Movimento Solidarista

MARCIA: No Solidarismo, o senhor diz quase o mesmo, que: “deflagrado o Movimento Solidarista, nada poderá

impedi-lo de criar estruturas” e de uma certa maneira, talvez ele seja esse gérmen, eu estou perguntando se o senhor quer dizer...

PADRE ÁVILA: É, essa é a idéia. Essa é a idéia. Mas não teve maior presença no meio político o Movimento Solidarista. O Partido Solidarista Nacional é apenas uma sigla partidária, nessa variedade enorme de partidos.

MARCIA: Em algum momento esses valores ao longo dos 21 anos deram ao senhor a sensação de estarem presentes?

PADRE ÁVILA: Ah, não. Foi talvez foi uma “wishful” - estava pensando que os meus desejos fossem realidade.

14.3.3. Entrevista com Dr. Rondon Pacheco

Fita 1 – Lado 1

Marcia: Dr. Rondon Pacheco, disse que é uma honra estar aqui com o senhor. A apresentação do SEN.JARBAS PASSARINHO enriquece esta tese, mais ainda a aceitação do senhor. Em 47, quando o senhor começou na vida política, eu me preparava para nascer. E eu estou nascendo outra vez hoje também, porque eu sei que com a sua sabedoria, nós vamos nessa tese Ter uma nova etapa.

Como eu lhe disse [para a entrevista] são dois temas propostos. Mas eu deixo ao seu critério aprofundar o que o senhor achar necessário.

Quais são os temas? A reunião do Conselho de Segurança Nacional e especificamente o senhor como Governador, no ano de 73 e 74. Eu passo a palavra ao senhor e peço desculpas pelas limitações de alguém que sonha muito e não sabe ainda botar os pés no chão.

Dr. Rondon Pacheco: Dra. Marcia, a sra. formulou muito bem o seu pensamento no sentido de defender uma tese em função de um fato histórico.

Nós homens públicos daquele tempo, tínhamos um

compromisso maior, que era de estimular as vocações, de estimular os que estavam surgindo para a vida, lutando pela vida: os estudantes, os universitários, os professores. Assim eu entendo o principal motivo do nosso encontro. Aquela contribuição que eu puder dar, no sentido de estimular o seu trabalho, que é um trabalho idealista, e é um trabalho intelectual, eu farei por corresponder à sua expectativa.

Marcia: Muito obrigada.

(Vamos testar nosso aparelho. É... eu vou fazer o seguinte:

quando eu falar eu o faço junto de mim, quando o senhor falar, por favor, o senhor também o faça.)

Eu percebi que na reunião do **Conselho de Segurança Nacional**, os comentários predominantes se referiam à questão de existir uma *guerra revolucionária* em curso. Entretanto, além desses considerandos da reunião, poucos dos membros do **Conselho** se referem ao texto, concretamente, do **Ato 5**. Desses poucos, entre esses poucos, está o senhor. E mostra haver orientado, refletido.

Eu lhe pergunto: para quem foi **Constituinte em 67**, como foi, naquele instante, como que se estivesse rasgando a **Constituição de 67**? Ou será que a minha interpretação está errada?

Dr. Rondon Pacheco: Nós estávamos diante de um fato real, de uma crise que teria por consequência a deposição do *Presidente da República* – tal a gravidade daquele momento. Sentimos que tinha havido uma ruptura das instituições.

Não estávamos rasgando a **Constituição de 67**, a qual, como acentua V.Sa., nós fomos um dos votantes. Porque a **Constituição de 67** é um desdobramento da **Constituição de 46**, um dos melhores diplomas constitucionais já elaborados neste país, e que durou cerca de 20 anos.

Tínhamos por objetivo defender a **ordem constitucional**, porque em face da crise, em face da ruptura das

instituições, em face da possível deposição do *Presidente da República*, que havia ensaiado a experiência de implantar a **Constituição de 1967**, elaborada quando do governo do *saudoso Presidente Humberto Castelo Branco*, outro não era o pensamento do *Presidente Costa e Silva*.

Todos sabem que ele se violentou ao assinar o **Ato Institucional n° 5**, porque o *Ato de Exceção* representava naquele momento e representa historicamente, um instrumento de erosão, de fragilidade para com a ordem institucional implantada, mas um instrumento necessário naquele momento para salvar as instituições que estavam periclitando.

O **Ato Institucional n° 5**, tal como o **Ato Institucional n° 1**, ambos surgiram no momento em que o país estava exposto ao caos. Estava exposto à anarquia. Estava enfrentando a guerra revolucionária. E era preciso da existência de um instrumento legal, institucional para orientar e possibilitar a existência do próprio governo, inclusive limitando o arbítrio do governante. Esta foi a finalidade de ambos os *atos institucionais*, o n° 1 e o n° 5, que surgiram na crista de duas das crises mais graves da ordem institucional e da ordem constitucional em nosso país.

Marcia: Eu estou falando com o **Ministro da Casa Civil**.

O senhor disse (*):

“... Eu não tive outro rumo a tomar, outro caminho a escolher de acordo com a minha consciência, senão

aquele de aceitar em princípio e em tese a sugestão de se aprovar perante esse Conselho a edição e o édito de um Ato Institucional...”

Mais adiante, encerrando a sua fala, o senhor diz:

“... de se estabelecer prazo para o recesso bem como um prazo também para o Ato Institucional, um prazo que poderia ser de um ano, medida política que poderia, segundo o meu ponto de vista, dar nos limites da contingência humana os elementos para que o governo pudesse debelar a subversão...”

O que são “os limites da contingência humana”? E como que, ao invés de um ano, isso se estendeu por *longos e longos anos*? As sequelas, o senhor, como jurista, bem as conhece.

Dr. Rondon Pacheco: Tivesse o **Conselho** aceito a minha **Emenda**, a **Emenda** que propus ao plenário do **Conselho de Segurança Nacional**, no sentido de se fixar em um ano, em se estabelecer a temporariedade do Ato em um ano, tal não teria acontecido: a extensão e a vigência desse **Ato** por tantos e tantos anos. O **Ato Institucional n° 1** vigorou por um ano e eu sugeri que o **Ato n° 2** também vigorasse por um ano. Entretanto, pela gravação dos debates ocorridos no **Conselho de Segurança Nacional**, já divulgados pela *Imprensa do nosso país*, V. Sa. Verá que a minha proposta foi fulminada. Eu apenas tive o voto do **Dr. Pedro Aleixo**, *Vice-presidente da República*, que acompanhou a minha **Emenda**, que apoiou a minha

Emenda. Esse é um fato que está registrado nos *Anais do Conselho de Segurança Nacional* e um fato que é do conhecimento público porque já divulgado pela *Imprensa Nacional*, por toda a Imprensa do país. Eu tive a inspiração de apresentar uma Emenda estabelecendo a temporariedade do **Ato Institucional n° 5** fixando o prazo em um ano. Entretanto, a minha **Emenda** não foi acolhida pelo Conselho, não foi aceita. O Conselho, seguindo as ponderações do **Ministro Chefe do Estado Maior das Forças Armadas**, naquele tempo, na pessoa do eminente **Ministro Orlando Geisel**, Sua Excelência ponderou que não havia clima para se fixar naquela oportunidade um prazo para o **Ato Institucional** em elaboração.

Marcia: Na fala do *General Orlando Geisel*, ele diz assim:

“... considero um suicídio aceitar a situação como ela se apresenta agora para demonstramos o nosso respeito à democracia. Se não houver qualquer medida protecionista do regime, em pouco tempo a Nação será envolvida pelos atos de subversão que cada vez mais vão se avolumando, até que finalmente se perderá o próprio regime pela impossibilidade de frear a aceleração da contra-revolução.”

Tanto o *General Geisel*, como o *General Médici*, como o senhor, falam em “remédio”, como se houvesse uma “doença”. Eu pergunto: Essa *doença terminal coletiva*, que levou à morte tantos jovens,

hoje tem sequelas nos familiares. Nós vemos a repercussão desse brado, desse grito, a cada momento. O senhor – como vê uma possibilidade de asserenar, acalmar, esse câncer que se espalhou, usando essa analogia feita pelo senhor, pelo *General Geisel*, pelo *General Médici*, que fala em “remédio”.

Todos os senhores falam em “remédio” (**).

Entretanto, a doença se alastrou, germinou, frutificou. E hoje, qual o “remédio” que pode ser usado? Eu estou falando com S.Exa. o **Governador de Minas**.

Dr. Rondon Pacheco: O “remédio” objeto da pergunta de V. Sa., está na ordem legal.

Não há outro remédio. O remédio que eu entendo para esses males está em conciliar os valores da liberdade com os valores da ordem. Porque sem ordem não pode existir liberdade.

Marcia: Continuando a falar com S.Exa., o **Governador de Minas**, existem dois fatos, dois episódios, que eu gostaria de trazer para nossa reflexão. Eu digo “nossa” porque me sinto participante desse episódio pelo fato de estar me dedicando ao seu estudo.

Era *Deputado Estadual de Minas*, o **Dr. Edgard Mata Machado**. Era seu filho *José Mata Machado*, que foi assassinado em Recife. Mineiro, como o senhor, aluno da **Universidade Federal de Minas Gerais**. Junto dele, um outro mineiro, seu conterrâneo, vizinho, nascido em Uberaba,

ou melhor, cresceu em Uberaba, pertinho de Uberlândia – o *Gildo Macedo Lacerda*. Junto com o *José Mata Machado* assassinado no Recife. Nós estamos em outubro de 1973. Por um engano, pela delação do cunhado do Mata Machado, que estava afastado da militância política e foi cooptado pelas forças do **Serviço de Informação**, ele os delatou. Entretanto, eles formavam com um grupo que era contra a luta armada...

Dr. Rondon Pacheco: Contra..?

Márcia: A luta armada.

Dr. Rondon Pacheco: Armada.

Marcia: É notória, é conhecida, é pública a luta do **Dr. Edgard Mata Machado** para recuperar os restos do filho. Os restos foram trasladados em caixão fechado. Em 1973.

Qual o seu, a sua atitude, o seu conhecimento, a sua vivência, como que S.Exa., contemporâneo de um Deputado, de um Jurista, viveu esse episódio?

Dr. Rondon Pacheco: Vivi esse episódio que repercutiu no plano nacional, como pai que sou. Me coloquei no lugar do meu amigo, dileto amigo, **Edgard Godoi da Mata Machado**, avaliando a dor que estava sentindo aquele pai, naquele momento.

Senti profundamente aquele episódio, que não ocorreu em Minas Gerais, ocorreu muito além das fronteiras de Minas Gerais, em outras jurisdições. Mas, nós em Minas, sempre fomos solidários à família do **Edgard Godói Mata Machado** neste episódio.

São os **imponderáveis** das lutas revolucionárias, das radicalizações, dos desvios de poder, que acontecem **episódios lamentáveis** como esse.

Marcia: Mas **Dr. Rondon**, como amigo dileto, como pai o senhor prestou solidariedade, é verdade.

Os dois, o *José Mata Machado* e o *Gildo* foram estudantes da **Universidade Federal de Minas Gerais** - um na área de *Direito*, o outro na área de *Economia* - ambos expulsos pelo 477. Os pais do *Gildo Macedo Lacerda*, seu vizinho em Uberaba, até hoje não tem como encontrar esse ele, esse fio da meada.

Se o Recife foi a *arena* escolhida pelo **sr. Fleury**, entretanto, foi na divisa de São Paulo com Minas, que eles foram aprisionados, todos os familiares.

Esses **imponderáveis**, que se estendem até hoje - qual o "remédio" pare eles?

O que o senhor diria hoje para **D. Célia**, que tem 82 anos e mora em Uberaba?

Dr. Rondon Pacheco: Olha, eu não tenho palavras que possam traduzir o que vai **n'alma**, nesse momento, quando se trata da dor de uma

mãe que perdeu um filho em circunstâncias tão dramáticas.

Eu sei a dor de perder um filho, porque *eu também já perdi um filho*, em outras circunstâncias, é verdade - num acidente automobilístico. Perdi um filho na flor da idade, aos 23 anos, um único filho homem que eu tinha. **Sei a dor desses pais**. Compreendo a dor sofrida por ambas as famílias. Lamento profundamente que isto tenha acontecido.

Não temos o remédio para o irremediável.

As causas que geraram as ocorrências, essas são conhecidas. Foi justamente o que se procurava evitar :- a luta da **guerra civil**, a luta da **guerra revolucionária**, a **radicalização** de parte a parte.

E este foi o objetivo que se tinha em vista.

Todos nós em Minas e alhures, lamentamos profundamente a natureza desses fatos.

Márcia: Nós vamos interromper um pouquinho, para retomarmos daqui a pouco.

... por problemas de gravação, ficou prejudicada, não foi degravado o texto seguinte....

Em resumo, foi debatida a questão do *Gildo Lacerda* e sua família, e a possibilidade de o **Dr. Rondon** apoiá-los.

Depoimento da mãe de Gildo, Célia Garcia Macedo Lacerda:

"Meu saudoso filho, Gildo Macedo Lacerda, foi um moço notável, simpático e justo, empreendedor e dinâmico.

Vivia sempre rodeado de bons amigos e por onde passava ia sempre conquistando novas amizades, isto graças à sua afabilidade, ao seu coração magnânimo, à sua grandeza de alma.

Era amigo da Paz e da Justiça. Seu maior desgosto era ver alguém ser pisoteado sofrendo calamidades injustamente.

Era possuidor de um coração generoso e nobre, vivia sempre dando o melhor de si em prol da comunidade.

Ficamos arrasados com tudo o que aconteceu com o nosso querido Gildo. Ficamos também decepcionados com o cinismo por parte dos seus algozes e pelo consentimento daquele governo déspota.

Gildo morreu como morrem todos os heróis, de cabeça erguida e consciência tranquila. Seu desaparecimento foi uma perda irreparável, não só para nós os seus familiares, como para toda a nação.

Sentimos até hoje uma incomensurável falta da sua presença amiga, bondosa, com toda aquela gentileza que lhe era muito peculiar. Como também sentimos a falta de seu apoio, ele era o nosso arrimo, o nosso braço direito.

Era ele quem nos orientava, nos aconselhava, resolvendo os problemas com acerto, com

a orientação dele, tudo dava certo.

Estou escrevendo com as lágrimas a escorrer-me pelas faces, pois, até hoje eu sinto uma dor intensa, arraigante, a corroer-me as mais profundas entranhas da alma.

E esta dor eu sei que me acompanhará até o túmulo, por ter perdido o meu querido e amado filho que foi vítima fatal da sanha daqueles bárbaros desumanos, como tantos outros, brutalmente assassinado.

Mas, não desejo mal a eles, entrego para Deus; somente a Deus compete dar a punição que esses pobres infelizes merecem."

A carta que D. Célia escreveu ao Ministro da Justiça, **Dr. Rondon** leu e comentou que era endereçada ao **Ministro da Justiça**, a pessoa certa. E que esses fatos hoje estão sendo tratados na instância certa, a judicial.

SER ADESGUIANO

O Adesguiano é um idealista que se especializa nos sinais do nosso tempo. Tem como tarefa distinguir onde está a esperança dos homens e para onde estes conduzem o nosso tempo. Um Adesguiano, portanto, é um sonhador, um amante e um poeta, porque não se pode ser Adesguiano

sem esta aspiração, sem ternura no coração, sem a compreensão do próximo e sem amor a Pátria. Os verdadeiros Adesguianos são conhecedores da moral, da ética e da harmonia dos povos: são os que desenham o amanhã, construindo-o com palavras e comportamentos que vão servir de base à Sociedade do Futuro, pois entendemos que somente com a conscientização de governantes e governados é que o mundo se transformará na verdadeira morada do homem.

É preciso, pois, desenhar uma nova educação, calcada em princípios éticos e morais elevados, que possa promover o humano, conduzir e despertar, Educar, no sentido mais elevado e sublime desta expressão, possibilitar o desenvolvimento do que cada um tem de melhor em si mesmo, em termos de espontaneidade e humanidade.

Segundo Oscar Wilde, "O segredo da vida está na arte".

Portanto, podemos prencuniar;

"A cultura e a Educação são a arte do homem.

A natureza, o céu, as estrelas e o universo são a arte de Deus e a Arte da Vida consiste em fazer da vida uma obra de arte."

(...)

José Antônio De Mello Hordones

A leitura do texto "Ser Adesguiano" introduziu a pergunta formulada: "Como há este descompasso entre o teor do documento e a realidade?"

Dr. Rondon, que é do Conselho da ADESG de Uberlândia, respondeu dizendo que existe em todo o mundo.

E no encerramento, infelizmente, não ficou gravada a Mensagem de incentivo ao trabalho por seu idealismo e seus objetivos pacifistas.

(*) Trechos de discursos proferidos na Reunião do Conselho de Segurança Nacional, em 12 de dezembro de 1968, que votou o Ato Institucional n° 5

(**) Corrigindo: O Dr. Rondon Pacheco, o Presidente Costa e Silva, o General Orlando Geisel e o Ministro Gama e Silva, mencionam o vocábulo "remédio"

(***) Texto copiado do site da ADESG – www.adesg.org.br

.....

14.3.4. Entrevista com o reverendo Jaime Wright

Fita 1-LadoA

I. Constituição do arquivo pessoal da família Wright

MARCIA => Separei alguns documentos que me chamaram a atenção.

Gostaria não só de folheá-los mas, principalmente, ter depois alguma cópia.

O Wener vai dar continuidade. Nesta semana, devo conversar com o sr. Jimmy da *Eletrosul*, muito amigo do William Schisler. E, logo depois, devo ir para Florianópolis.

Separei o seguinte:

- ◆ este texto que o Paulo escreveu para o cardeal Arns "*A paz é fruto da justiça*"
- ◆ dois textos do jornal **Mocidade**: "*O Senhor no mundo*" e "*Implicações do pecado na política*";
- ◆ trechos do livro em que o Paulo começa a argumentar:- uma releitura da concepção de Deus a partir de uma visão marxista-leninista.
- ◆ este texto está entre aspas - se tivesse este também; um maravilhoso trecho, que está no livro.

Gostaria de saber um pouquinho mais.

Primeiro, como você chegou até eles? qual o percurso? as dificuldades que encontrou para constituir todo este material tão gigantesco que tem no livro?

LALI => O meu livro é fruto não só de um trabalho meu

mas da família, que conseguiu reunir ou guardar este material.

Muito do material que eu usei foram coisas que o meu pai tinha com ele. Por exemplo, este "*A paz é fruto da justiça*" é uma coisa que estava com meu pai. Quando eu demonstrei a intenção de escrever o livro ele passou tudo que ele tinha, do tio Paulo, para mim. E, a partir disso, eu comecei a construir um projeto do livro. Vamos dizer que isto é a base do começo do livro. Muito do material que eu pesquisei foram dos arquivos, frutos da pesquisa do **Brasil: Nunca Mais** que xerocopiou todos os processos daquela época. Muitas coisas foram apreendidas com o pessoal que foi preso na época da ditadura, e nessa apreensão apreendeu-se muita coisa que o meu tio tinha escrito, porque ele era dirigente da AP e muitos dos debates eram feitos por escrito.

MARCIA => O trecho que voce separou, fala dessa argumentação a nível do comitê de direção. Está no **Brasil: Nunca Mais**?

LALI => Isso.

MARCIA => Na *Unicamp*?

LALI => Isso.

MARCIA => No arquivo **Edgard Leuenroth**?

REV.JAIME WRIGHT => Sim, mas também aqui!

LALI => Eu tenho cópia!

MARCIA => Por que? consta da lista?

REV.JAIME WRIGHT =>

Não, porque eu tirei!

Atendendo à sugestão de um dos técnicos do projeto, à medida que eu fosse encontrando material escrito pelo Paulo, meu irmão, que uma cópia a mais era tirada para mim. Foi um privilégio que eu tive nesse projeto, receber todo esse material. Quer dizer, além de estar lá em Campinas, na *Unicamp*, está também nas mãos da LALI, porque eu passei para ela.

LALI => E eu tenho comigo este material.

MARCIA => O senhor teve o privilégio de ter as cópias e por esses meios é que você tem...

LALI => É, eu tinha bastante material em mãos. E, além disso, tive acesso aos arquivos do DOPS mesmo, que foram abertos em 92, para os familiares poderem consultar. Foi uma luta da comissão dos familiares para poder ter acesso às informações. Quando abriu à consulta, eu pude passar vários dias pesquisando lá também. E eles davam possibilidade de a gente também tirar cópias. O material que foi considerado por mim importante para minha pesquisa, também pude xerocopiar. Praticamente tenho tudo o que usei aqui comigo.

MARCIA => A propósito do DOPS, tem um amigo seu, Maurício Luiz Bertola, que foi o organizador do arquivo do

DOPS. Por coincidência, um dia eu estava na História, e ele viu teu livro. Me perguntou a teu respeito. Ele foi um dos organizadores, em 92, e acompanhou essa sua busca.

LALI => É um grupo grande. Dava até dó de ver as mães com dificuldade de mexer naquele material todo, procurando informações sobre filhos, porque muitos dos que desapareceram eram muito jovens. Até o tio Paulo tinha um perfil diferente, porque ele já tinha 40 anos quando desapareceu.

MARCIA => As dificuldades que você sentiu tem muito a ver com a estrutura do arquivo DOPS? ou do **Brasil: Nunca Mais**? ou tem a ver com algum tipo de barreira? Em 92, quando disponibilizaram para os familiares, estavam ainda organizando.

LALI => Exato.

MARCIA => Agora está em Santana. Estive lá, peguei uns dados, nesta semana.

LALI => Ótimo.

MARCIA => Qual foi essa maior dificuldade?

LALI => Era um local muito mal instalado, parecia um galpão, um depósito grande de fábrica abandonada. Já tinha um aspecto ruim, e passar o dia inteiro ali não era nada agradável, só pelo aspecto, porque ali tinha guardado coisas muito cruéis. Agora, a organização do arquivo - dava para se perceber que eles estavam ainda em processo de organização, inclusive tinham

peessoas do arquivo trabalhando lá, um pessoal que trabalhava com luvas...

MARCIA => Pergunto da organização, porque, conversando com eles vi o seguinte: as pastas eram repetidas, por parte do DOPS; a mesma pessoa acontecia em diversas pastas, justamente para evitar que, se sumisse alguma, ou se alguém fosse lá buscar, tivesse posse de todas as informações. Pelo que vi, nos processos, tem muita referência. Num dos processos do Paulo, você lê um parágrafo e tem uma referência; noutro parágrafo, outra referência. As dificuldades foram dessa ordem? ou teve alguma dificuldade a nível político? de evitar-se passar informação? de sumir alguma coisa?

LALI => A nível político acredito que não. Quando eles abriram para consulta, já tinham feito, vamos dizer, a limpeza que achavam que deveria ter sido feita. Estava aberto e livre para pesquisa. O que a gente sentia muito é que tinha *lacunas de informações*. Por exemplo, tinha uma ficha onde dizia - pasta tal no setor tal -, e aí você ia lá e esta pasta não era encontrada, não existia. Tinha vários deste tipo. Mais de trinta pastas que tentei localizar, não consegui. São lacunas.

MARCIA => 26 das 160, não é? 20 e poucas não estavam.

LALI => Isso! Nossa! você está com tudo na ponta da língua, nem me lembro direito dos números ...

II. A resposta ainda não foi dada

MARCIA => Você diz, como título do livro: "*O coronel tem um segredo: Paulo Wright não está em Cuba*", e é justamente o parecer de uma das referências.

LALI => É exato.

MARCIA => Você quis dizer isso numa crítica ao que seria uma hipocrisia? ou tem mais algum dado?

LALI => Não, não existe um dado concreto. É como se fosse um código - a palavra "*Cuba*" e dizer que "*não está em Cuba*" - dizendo o que aconteceu com ele. Porque o que a gente percebeu (embora eu não tenha muitos contatos com o pessoal que trabalhou com esse assunto, que é a comissão de familiares de desaparecidos políticos; eu tenho um contato não muito profundo com eles, não cheguei a trabalhar com eles em investigações, participei de alguns eventos, e tive um contato relativamente superficial com eles) é que em muitas das situações onde se buscava informações a respeito de uma determinada pessoa, existia uma informação meio padrão, como se fosse mesmo um código que os militares usavam para dizer alguma coisa a respeito daquela pessoa. Então, teria um grupo de pessoas, cuja informação foi essa - "*não está em Cuba*", "*não está em Cuba*".

MARCIA => Tem uma referência no livro (se entendi errado você me corrige):

parece que levaram o Paulo para um encontro. Um ponto que foi marcado. É como se o tivessem escondido para poder ir a um ponto marcado. E, depois, metralharam, mataram.

LALI => Isso foi uma notícia que o meu tio desapareceu no começo de setembro.

MARCIA => Setembro de 73, semana da independência.

LALI => Uma notícia saiu no *Jornal do Brasil*, um mês depois, em outubro. Uma notícia sem pé nem cabeça, dizendo que ocorreu um tiroteio em Recife, e que neste tiroteio estariam presentes duas pessoas da AP e que teria havido um tiroteio, e que essa pessoa cuja descrição física coincide com a do meu tio, teria evadido-se do local. E como se ele tivesse sido um traidor. É uma notícia que a gente acha que foi fabricada.

MARCIA => Para cobrir o assassinato.

LALI => Para cobrir e para dizer que ele estava por aí, que ele tinha se evadido, que a polícia está sabendo que ele está, sei lá, fugido. A gente acha que foi uma notícia fabricada. Tanto é que a família, o meu pai se mobilizou para pedir para investigarem a possibilidade de uma ocorrência real desse fato, lá no Recife. E não foi constatado nada.

REV.JAIME WRIGHT => Meu advogado na época, *José Carlos Dias*, foi no dia seguinte. A notícia só saiu no *Jornal do Brasil*, e a gente supõe um *press-release* da

repressão lá do Rio, que fabricou essa notícia. No dia seguinte, o *José Carlos Dias* foi a Recife no endereço que consta no *press-release* onde teria ocorrido o tiroteio. Falou com todo o pessoal que residia na vizinhança, e todos se espantaram "Não aqui não ocorreu nada, não aconteceu nada, não houve tiroteio."

MARCIA => Mais uma prova de que foi fabricado.

Reverendo => Sim!

MARCIA => Porque daria a entender que ele foi o traidor.

LALI => É, exatamente, a notícia levava a essa conclusão.

MARCIA => Até essa armação existia. Como se o Paulo tivesse traído, tivesse aberto o ponto e fosse lá para entregar.

REV.JAIME WRIGHT => É, inclusive uma das vítimas, o pai de uma das alegadas vítimas.

LALI => José Mata Machado?

REV.JAIME WRIGHT => É. Ele era um juiz muito conhecido em Belo Horizonte, o pai do Mata Machado. Quando se encontrou comigo um dia, ele logo se desmanchou de emoção, e disse: - *Olha, tudo o que tem se falado sobre o seu irmão e o meu filho é mentira! Eu sei que é. Por isso, não deve haver nenhuma desconfiança entre nós por causa desta notícia fabricada - que o Paulo é que teria causado a morte do Mata Machado, lá em Recife.*

MARCIA => Vou fazer uma pergunta que talvez machuque, porque me machuca faze-la. O senhor disse que através dum mosaico - juntando dados daqui e dali -, chegou à conclusão de que 48 horas depois ele foi assassinado. Existe alguma possibilidade de isto ter sido favorecido pela própria APML?

REV.JAIME WRIGHT => Não. Eu nunca senti isso, nunca vi isso em nenhum lugar, nenhuma insinuação.

MARCIA => Ele havia sido expulso da organização. Um ano antes havia sido excluído da direção da organização. O último ano foi um ano muito dolorido para ele. Uma amiga o encontra com a foto do João, do aniversário... Neste ano, em que ele foi excluído da organização, mesmo assim ajudou muitos companheiros.

REV.JAIME WRIGHT => Saiu um livro recentemente, esqueço o nome, sobre o Mata Machado.

LALI => Chama "Zé".

REV.JAIME WRIGHT => "Zé", onde se historia como ele esteve encarcerado este tempo, nos últimos meses de vida dele. A gente nem cogitou de que a APML teve qualquer participação ...

MARCIA => O senhor desculpe perguntar, tenho que perguntar.

REV.JAIME WRIGHT => Ficou evidente que a notícia foi fabricada, que não houve este tiroteio, e que eles estavam precisando arranjar uma forma para justificar o desaparecimento de Mata

Machado e eventualmente o do Paulo, porque ele teria saído ferido do confronto, do tiroteio. Acredito que eles, um dia ou dois depois, iriam dar notícia que o Paulo tinha morrido em consequência dos ferimentos. Mas, com a presteza em enviar o advogado "in loco" e descobrir a farsa...

MARCIA => Desmontou a versão deles.

REV.JAIME WRIGHT => Desmontou essa possibilidade.

MARCIA => No livro você coloca de uma forma tão linda no final, aquela carta que você escreveu, como se ainda tivesse a pergunta. Existe a pergunta? ou existe a certeza da morte dele? você deixa em aberto de uma forma tão linda...

LALI => Essa pergunta é muito difícil de responder, porque racionalmente a gente diz assim:- Não, não há esperança nenhuma, ele está morto. Mas se a gente for perguntar para o coração mesmo, a gente sempre acha assim:- Bom, pode ser que ele esteja por aí, quem sabe, não é? A gente nunca sabe...

MARCIA => É uma forma de manter vivo?

LALI => É, é uma forma de manter vivo. Que ele responda essa carta que mandei, que ele possa dizer :- Olha eu li sua carta!

MARCIA => E é uma forma também de cutucar quem não quis dar as versões certas? uma cobrança dessas versões?

LALI => É, e dizer "como a gente pode dar uma resposta, se essa resposta ainda não foi dada?" Tem que continuar a perguntar, porque quem pode dar resposta não está dando resposta nenhuma. É uma inquietação que só vai realmente se aquietar quando tiver uma coisa...

REV.JAIME WRIGHT => Foi uma forma arriscada da LALI concluir o livro. Até porque ela sabia que eu tinha colegas norteamericanos, religiosos, que trabalhavam na mesma Igreja aqui no Brasil, que faziam basófia do caso do Paulo. Um deles, Carl Joseph Hahn Junior, insinuou :- "Qual nada, Paulo está na Europa, num país qualquer, gozando a vida. Esse negócio de tortura não existe no país". Ele era de direita, como alguns outros companheiros religiosos eram. E as comunicações deles daqui do Brasil para o exterior, para as Igrejas no exterior, eram de que se fazia calúnia contra o país, porquanto não existia tortura aqui; que um dos maiores caluniadores era o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Camara. A LALI sabia disso. Mas ela, realmente, teve uma solução muito feliz para o fecho do livro. Eu não conheço nenhuma pessoa que leu o livro e não acabou com lágrimas nos olhos com aquele fecho. Foi um risco calculado. Ela, convencida de que ele estava morto, porque a gente conhecia várias circunstâncias ...

LALI => É, as evidências todas levam a isso.

MARCIA => Que evidências? Por exemplo já estive, não na Unicamp.mas no Largo São

Francisco. Na Faculdade tem o Projeto A e pesquisar ali é complicado...

REV.JAIME WRIGHT => Ah sim, lá na Faculdade de Direito?

MARCIA => Sim.

REV.JAIME WRIGHT => Já manuseou aquele..?

MARCIA => Já...São tres anos...é muito pouco..

REV.JAIME WRIGHT => Esteve lá.?

MARCIA => Mas, quero primeiro, antes de continuar, dizer como me sinto honrada de estar aqui..

III. A Igreja Presbiteriana EUA e Igreja Presbiteriana do Brasil

MARCIA => Quero voltar ao começo de conversa que nós tivemos, Reverendo. Sobre as Igrejas Presbiterianas. No meu desconhecimento, não consegui ainda digerir o livro do Rubem Alves. Com todo respeito, é deficiência totalmente minha. Não tenho condição acadêmica intelectual para decifrar, e o senhor me recomendou alguns livros.Quero entender o Paulo como alguém que teve a coragem de assumir uma posição de "não ateu", num fogo cruzado que existia. Mas não consigo entender a divisão das Igrejas Presbiterianas, e a posição assumida pela Igreja de Florianópolis. O senhor começou a explicar, e usou a

seguinte expressão - que o senhor é "uma exceção". Eu peço socorro ao senhor para entender.

REV.JAIME WRIGHT => Lembrei o nome do pastor da Igreja de Florianópolis...

MARCIA => Ficou de o senhor de me dar...

REV.JAIME WRIGHT => Não me lembrava. É uma pessoa que conheço desde menino, chama-se *Oswaldo Hack*.

MARCIA => Rac?

REV.JAIME WRIGHT => H-a-c-k. Lembro que aos 14 anos de idade eu fiz a minha primeira viagem evangelística - usando a terminologia protestante da época. Meu pai não podia ir. Então peguei um cavalo, encelei, saí sozinho no meio da mata, até um lugar chamado Herval Velho...

MARCIA => Lá teve um posto de saúde que a mãe do senhor...

REV.JAIME WRIGHT => Não, ali chamava-se Herval. Hoje chama-se Herval do Oeste. Na época chamava-se Herval. Tinha um vilarejo a uns 40 km de distância, chamado Herval Velho, e tinha uma farmácia. O dono da farmácia cedia a casa para os cultos religiosos que meu pai - e nessa ocasião eu, fui dirigir, com 14 anos de idade. Me deu um medo danado andar a cavalo sozinho no meio do mato naquela viagem. Tinha esse menino lá, vesgo. O *Oswaldo Hack* era vesgo e continua vesgo até hoje. Talvez mais, além de fisicamente

vesgo, ideologicamente também. Eu dormia no sótão, no mesmo quarto onde ele dormia, quando eu ia lá..

MARCIA => Nós estamos em 1950?

REV.JAIME WRIGHT => Não, antes, antes disso, 50? Sim, antes disso, porque em 1950 eu já estava me formando no Seminário em Princeton, e isso aconteceu quando eu tinha 14 anos, eu era adolescente...

MARCIA => 6 anos antes?

REV.JAIME WRIGHT => Isso. Agora ele agiu, quando se recusou a permitir que o Paulo continuasse a atividade religiosa dele, como presbítero eleito pela congregação. Ele não podia mais ensinar classes de Escola Dominical, não podia mais fazer orações em público. Quando o reverendo *Oswaldo Hack* tomou essa atitude, ele estava se enquadrando dentro do sistema ideológico que prevalecia na Igreja Presbiteriana do Brasil na época. A Igreja Presbiteriana do Brasil aculturou-se. Em vez de ser o fermento para levedar a massa, como ensina o Evangelho, ao contrário, a Igreja permitiu que fosse levedada pelo regime militar. Ela se corrompeu, e passou a exercer repressão junto com seus pastores, congregações e igrejas. MARCIA => Junto com os Metodistas, Luteranos, e igrejas tradicionais?

REV.JAIME WRIGHT => Sim, as igrejas tradicionais. Porque havia na Igreja Metodista uma ou outra exceção. Havia um bispo Metodista no Rio Grande do

Sul - Sadi Machado, que fazia os seus pronunciamentos proféticos frente a repressão. Mas era uma exceção, os outros bispos não faziam isso. A Igreja Luterana é uma igreja de imigrantes alemães. O estilo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil foi o de se acomodar. Fazer como todo mundo faz. Não fazer confronto com as autoridades, obedecendo ao capítulo 13 de Romanos, que até hoje é invocado pelos protestantes e evangélicos conservadores para justificar a obediência aos governantes. Eu vi isso "ad nauseam" durante esse período da repressão por parte de colegas presbiterianos.

* * *

obs:- ficou sem gravar o trecho em que perguntei ao Reverendo se ele é ouvido pela comunidade dos presbiterianos hoje...

Fita 1- Lado B

IV. As idéias de Paulo Wright

MARCIA => O senhor, na carta, diz para o Reverendo Latham que...

REV.JAIME WRIGHT => Meu pai.

MARCIA => O pai do senhor. A explicação que o senhor poderia dar para as atitudes do Paulo é que ele estaria sendo como Calvino, aqui no Brasil?

REV.JAIME WRIGHT => Quando Calvino passou a ser perseguido por causa das suas idéias, diferentes da Igreja

Católica ou da tradição da Igreja Católica, ele teve que fugir da Inquisição na França. Na fuga que ele fez até chegar a Genebra, ele assumiu - você me ajuda aqui, LALI - não sei se foi 7 ou 9 codinomes diferentes.

MARCIA => Um paralelo bem escolhido...

REV.JAIME WRIGHT => Nós sabíamos dos codinomes do Paulo.

MARCIA => Francisco de Paula Martins.

REV.JAIME WRIGHT => Os amigos, os colegas do Paulo:- Ah, encontrei hoje com o Miller... - O Miller, quem é o Miller? - Seu irmão ué... Eu não sabia que ele estava usando - aliás, quase nem codinome era, porque era o nome da família da minha mãe, Miller. Ai era:- João, João Jim...

LALI => Antonio. Antonio é o nome que saiu no jornal naquele episódio do tiroteio. Era Antonio o nome da figura cuja descrição física coincidia com a do meu tio.

REV.JAIME WRIGHT => Há esse paralelo sim, de que, assim como João Calvino foi perseguido por suas idéias, Paulo também estava sendo perseguido pelas suas. E não era porque era um terrorista - porque a AP nunca assumiu a ideologia da violência. Eventualmente, quem sabe? Mas, até então, não havia, na prática, assumido nenhum ato. Não houve nenhum ato do tipo dos outros grupo.

MARCIA => Nenhuma das ações, assalto a banco, como a ALN fazia?

REV.JAIME WRIGHT => Não, não.houve.

MARCIA => Lembro, pela conversa que tivemos antes, que houve um intervalo, o exílio do Paulo. O senhor estava dizendo que no México era diferente, em Cuba era diferente? Nesses oito anos, teve algum contato com ele, mesmo que esporádico, mesmo que efêmero? Existiam possibilidades de trocar idéias a esse respeito, da Doutrina em si?

REV.JAIME WRIGHT => Sim. Mas o período não foi tão grande assim. O período que ele esteve ausente do Brasil, foi logo depois da cassação dele, quando ele foi para a embaixada do México, em junho daquele mesmo ano (1964).

MARCIA => E o senhor foi levar a Bíblia para o Padre Alípio, na Embaixada...

REV.JAIME WRIGHT => Sim. Depois Paulo foi levado para o México. Ele trabalhou lá no México. Foi muito maltratado, por gente da Igreja Protestante. Ele resolveu ir a Cuba. Alí encontrou os irmãos presbiterianos cubanos, aqueles que tinham optado em não fugir de Cuba quando Fidel Castro venceu (houve uma saideira geral, não só dos presbiterianos, mas dos metodistas, mais conservadores). Mas houve um grupo que fincou pé : - Não, nós vamos ficar aqui. Paulo tornou-se quase um herói para os presbiterianos lá de Cuba e

tornou-se uma espécie de palestrante. Eles levaram o Paulo em toda a ilha. Onde tinha grupos, presbiterianos ou não, que estavam querendo conhecer qual é a responsabilidade do cristão dentro da sociedade.

MARCIA => Tem isso registrado de alguma forma?

REV.JAIME WRIGHT => Como?

MARCIA => Tem isso escrito e registrado de alguma forma?

REV.JAIME WRIGHT => Sim, aquela carta...

LALI => Só tem uma carta de um cubano, onde ele fala do Paulo, não é?

MARCIA => Mas das palestras não tem nada publicado?

REV.JAIME WRIGHT => Não, eu acredito que não.

MARCIA => É uma pena. O trabalho gigantesco dele...

LALI => É...

REV.JAIME WRIGHT => Mas esta carta é interessante, porque a minha filha mais velha que a senhora encontrou, a Silvia, foi até Aarusha, na Tanzania, e Nairobi, no Quênia. Primeiro Tanzania para uma reunião de jovens cristãos patrocinado pelo Conselho Mundial de Igrejas e depois a Nairobi para a assembléia do conselho Mundial de Igrejas, que se reúne cada sete ou oito anos. Alí ela foi apresentada a um senhor cubano, que pegou a mão dela e começou a tremer.

Lágrimas começaram a correr dos olhos dele, e ele ficou muito embaraçado com aquilo. A Silvia ficou sem saber o que que estava acontecendo. Então, ele saiu, procurou papel e lápis ou caneta, e escreveu porque que ele havia se emocionado tanto ao se encontrar com a sobrinha de Paulo Wright. Diz - o que que o seu tio significou para mim? - tudo que eu sei de responsabilidade da Igreja na sociedade moderna eu aprendi com seu tio. Então ele contou dessas viagens que ele fez acompanhando o Paulo em toda a Cuba.

MARCIA => Que coisa bonita!

REV.JAIME WRIGHT => O Paulo deu uma espécie de aula peripatética. Essa carta foi entregue a Silvia, também com muita emoção, sem palavras. Ele voltou um dia e... tome, e deu. Era um papel amarelo.

MARCIA => Esta carta a gente coloca aqui também... Esse passeio por essa questão das igrejas para mim é muito esclarecedor. Mas ainda não esclarece a questão dos dedos que o comandante disse para o senhor ...

REV.JAIME WRIGHT => Isso não podia acontecer aqui no Brasil, nunca.

MARCIA => O que ele fez em Cuba, de jeito nenhum...

REV.JAIME WRIGHT => Porque a Igreja Presbiteriana não permite esse tipo de discussão política sobre a missão da Igreja no mundo. Para a Igreja Presbiteriana do Brasil, até hoje, a missão da

Igreja no Brasil é espiritual. Ponto. É converter pessoas a Jesus Cristo e levá-los à salvação. Aleluia!

V. Os quadros da repressão

MARCIA => Está contraditório o discurso, com a ação. Se o senhor encontrou um presbiteriano no comando do Dops (se eu estiver errada o senhor me corrige) e que dizia aquela história dos cinco ...

REV.JAIME WRIGHT => Ele não era presbiteriano. Presbiteriano era o comandante do SNI. Mas esse do Dops era o mackenzista.

MARCIA => Mas também é presbiteriana!

REV.JAIME WRIGHT => A instituição é de origem presbiteriana. Mas não muito presbiteriana, não...

MARCIA => Quer dizer, é uma atitude pessoal, e não uma atitude da Igreja...

REV.JAIME WRIGHT => Não, e...

MARCIA => Está muito confuso! Como que? .Por que? Eu tava conversando isso com uma pessoa que discordou de mim e falou: - "Marcia não adianta voce querer pensar o papel dos protestantes num papel hegemônico no Brasil. O que nós temos, na verdade seria o conservadorismo católico. Que deu suporte, que deu estrutura, que deu base para as atitudes no período militar, atitudes de repressão, inquisitoriais".

Mas, o Lawrence Weshler - e o senhor também tocou no assunto - e isso fica para mim uma grande interrogação: Quer dizer, o Lawrence Weshler diz que os quadros do Exército, sabidamente eram constituídos por protestantes, e não consigo ver a concretude disso..

REV.JAIME WRIGHT => Os quadros nos órgãos de repressão...

MARCIA => Nos órgãos de repressão. Ele afirma isso.

REV.JAIME WRIGHT => É, os quadros nos órgãos de repressão...Eu constatei isso, não só em São Paulo, mas no Rio de Janeiro.

MARCIA => No Rio, também?

REV.JAIME WRIGHT => Quando eu fui àquele enorme prédio que era chamado Ministério da Guerra na época, e lá não sei em que andar eu fui falar com o chefe do Centro de Inteligência do Exército, onde eu também e a Missão que eu presidia tinham sido denunciadas por irmãos - entre aspas - presbiterianos. Fui lá. Já não era surpresa, encontrei lá como chefe um presbiteriano. O presbiteriano de um modo geral é mais bem instruído e educado do que a média da população brasileira. Há razões históricas para isso também. Não que os presbiterianos sejam superiores por definição.

MARCIA => A formação é?

REV.JAIME WRIGHT => É um dado muito curioso que, desde o início do nosso trabalho no Brasil, os antigos

missionários que vieram para cá, dos Estados Unidos, incluíram na liturgia de batismo de crianças, uma pergunta que não existe em nenhuma outra liturgia presbiteriana no mundo. Talvez exista na África, mas eu não sei. É uma perguntinha simples, feita aos pais, porque a criança não pode responder. Na hora que a criança vai ser batizada. Quando LALI foi batizada me perguntaram isso, se eu prometia - e a Alma também teve que responder positivamente - ensinar essa criança a ler, ensinar ou mandar ensinar essa criança a ler e escrever. Só isso. É uma condição essencial para se ler a Bíblia. Tinha que ler. Para que a pessoa pudesse ler a Bíblia, e outros tantos livros, tinha que aprender a ler. Então, papai e mamãe tinham que prometer. Imagine uma comunidade inteira cumprindo isso em várias partes do país.

MARCIA => Gostaria que todos os brasileiros fossem presbiterianos, teríamos uma evolução...

LALI => (risos)

REV.JAIME WRIGHT => Há uma rede enorme de colégios que surgiram para sustentar essa promessa. Para que a criança, terminando o primário, pudesse encontrar logo adiante uma outra instituição presbiteriana - dentro da perseguição que havia na época de católicos contra os evangélicos - para que pudesse estudar tranquilamente. Muitos dos colégios presbiterianos que existem até hoje surgiram assim, para dar guarida aos filhos dos crentes, que precisavam um lugar onde

pudessem estudar sem ser obrigados a ser católicos.

LALI => Uma outra coisa que talvez possa explicar tantos presbiterianos nos órgãos de repressão é que existe um cultivo de uma disciplina. A criança que é criada nesta perspectiva presbiteriana, que é uma coisa mais rígida, é uma criança com disciplina em relação à linguagem, a não beber, não dançar, não fumar, que tem - não só nos presbiterianos - mas que é uma coisa que se adequa mais a uma disciplina militar, que é mais estruturada, rígida e limpa...

MARCIA => Disciplina militar.

Alfred Stepan faz uma colocação: que há mudança do padrão do Exército na relação com os civis.

Acho que foi na semana passada, saiu no caderno *Mais*, alguma coisa no sentido de que cem mil soldados foram treinados nos Estados Unidos. Será que é isso que aumentou este contingente, além destes quadros terem uma formação mais disciplinar, também essa formação vinda do exterior? Pelo estudo do Stepan, esses quadros vindos da classe média brasileira ou da classe mais baixa, não tinham onde se formar ou até se alimentar. Fazer parte do exército era o horizonte. E a maioria católicos.

REV.JAIME WRIGHT => Este presbiteriano chefe do SNI de São Paulo, nossa família visitou a família dele, quando ele estava num Centro de Treinamento das Forças Armadas Norte-americanas em Fort Leavenworth, no Kansas -

a família Faustini, coronel Walter Faustini.

Há, sim, algum paralelo. A LALI está certa. O crente era conhecido por ser diferente dos outros. Rubem Alves começou a tentar quebrar esse tabu. Usava argumentos teológicos muito fortes para mostrar que a gente pode apreciar todas as coisas que Deus criou para nós, como o vinho, por exemplo. Mas na atitude prévia, o crente não podia tomar bebidas alcoólicas.

MARCIA => Tem todo um catecismo, entre aspas, tem um caderno de...

REV.JAIME WRIGHT =>

Não podia tomar uma caipirinha! não podia fumar um charutinho...! Nós temos um incidente aqui entre nós (risos)

LALI => Entre nós dois, por causa de um charutinho, que o Rubem Alves...(risos)

REV.JAIME WRIGHT => O Rubem Alves estava presente. A LALI sempre foi assim meio arrojada, quebrando tabus...

MARCIA => Você fumava um charutinho?

LALI => Na frente dele!

MARCIA => Olha só que legal!

REV.JAIME WRIGHT => (risos)

LALI => Fumei, só uma vez na vida. Só uma vez...Tira isso da frente...

REV.JAIME WRIGHT => O interessante é que não houve nenhuma recriminação

LALI => Ele me repreendeu..

REV.JAIME WRIGHT => Nenhuma recriminação, nada, na hora. Mais tarde a gente conversou sobre o assunto. Os crentes eram conhecidos pelo seu comportamento. Não isso, não aquilo, não aquilo ali. Tudo que os pecadores faziam, não é? os crentes não podiam fazer. Era este o comportamento que Rubem Alves achava e acha que não está de acordo com o Evangelho, pela liberdade que Deus dá à criatura de gozar das coisas que Ele criou e colocou no mundo. O livro que a senhora tem dificuldade de entender, todos nós temos. Para quem não conhece o sistema presbiteriano, não vivenciou, é quase impossível compreender.

MARCIA => Aquelas regras que existem...

REV.JAIME WRIGHT => É, as regras de conduta.

VI. O setor de religião no Estado

MARCIA => Todas as regras, é o que voce falou, é uma disciplina militar mesmo. Estou ainda com a questão dos dedos. Gostaria que o senhor retomasse isso. Como foi mesmo que ele falou? Quem foi?

REV.JAIME WRIGHT => É. Eu declarei ao chefe do Dops, que estava encarregado do Setor de Religião, que existia na época...

MARCIA => Existia um *Setor de Religião* no Dops?

REV.JAIME WRIGHT => Sim. E ele era o encarregado de repressão aos religiosos. Eu declarei a ele que eu estava ali como presidente da Missão Presbiteriana do Brasil Central, que eu tinha responsabilidade por um contingente grande de missionários religiosos americanos que estavam no Brasil, que eu gostaria de me colocar à disposição para responder sobre qualquer um deles, inclusive sobre a minha pessoa. Inclusive, aí eu acrescentei - sou irmão do Paulo Stuart Wright. Acredito que os senhores estão procurando o meu irmão já há algum tempo. Então ele respondeu assim: "É, de fato nós sabemos onde ele está". Aí mais tarde consegui que ele me dissesse onde ele estava...provocando - "Estava em Cuba". Mas eu tinha me encontrado com o Paulo no dia anterior, na Praça da República. Eu não disse nada sobre isso. Eles estavam achando que ele estava em Cuba, e eu o tinha visto no dia anterior na Praça da República. Então ele disse:- "*Olha com relação à sua organização, os presbiterianos, os evangélicos, não se preocupe. Nós sabemos que os presbiterianos vem aqui denunciar. Eles estão tentando resolver os probleminhas que eles tem nas suas igrejas locais, não é?*" Então, ele fez assim, colocou a mão aqui: "*Nós estamos até aqui de protestante que vem aqui denunciar protestante. Nós não levamos os protestantes a sério, aprendemos isso. Nos preocupa exclusivamente os grupos radicais católicos.*".

Foi essa a resposta à primeira questão.

A segunda, sobre o meu irmão, ele disse :- "*Olha, sobre o seu irmão, a gente sabe onde ele está. De fato a gente tem procurado. Vamos eventualmente dete-lo, mas o senhor não se preocupe não. Se o senhor está sendo acusado porque é irmão do Paulo Wright, isto está errado, porque a família é como uma mão*". Aí ele botou a mão na frente e disse - "*Vem da mesma raiz. Sai um irmão para cá, outro irmão para lá, um mais alto do que outro, um mais baixo, um mais gordo, um mais magro. São todos da mesma raiz mas são todos diferentes e pensam, poderão pensar de uma maneira diferente. Seria uma burrice da nossa parte - disse ele, tentar considerá-los como se fosse uma coisa só. Não se preocupe.*"

Então, eu disse para ele:- "*Não estou preocupado não. Estou cumprindo um dever de cidadão. Vim conversar com a autoridade maior sobre essa questão*".

Acho que eu tive que fazer muito disso. Todas as vezes que eu ia diante das autoridades, era um risco - porque eu estava sendo denunciado. De repente, eu apareço na frente do repressor e ele deve, certamente, pensar duas vezes antes de botar o dedo em mim, não é? Porque se eu fui lá voluntariamente, ele deve pensar que eu fui lá respaldado por alguém ou alguma entidade. E eles bem sabiam que isso era verdade.

VII. Os impactos do desaparecimento de Paulo Wright

MARCIA => Vou mudar o assunto, falar um pouquinho da Edi, da sua Edi...

Quando o Paulo foi preso, de uma certa maneira ela "soube". Como ela soube? Você está dizendo isso, supondo? ou ela te falou, ela teve alguma idéia?

LALI => A minha tia tinha uma sensibilidade extrasensorial. Ela captava as coisas. Não sei o que você acha a respeito disso, mas o meu livro tem algumas coisas que levam em conta isso...

MARCIA => Quando você fala dela principalmente...

LALI => Ela me disse que ela soube, através de reações no corpo dela, que o tio Paulo tinha sido preso...

MARCIA => Como? Como que ela te disse? Você diz isso mas eu quero saber mais.

LALI => Ela me contou:- "Olha eu sabia que o Paulo foi preso, inclusive senti pancadas no meu estomago, quando senti aquilo eu sabia que ele estava sendo espancado". Foi o que ela me disse, e eu não tenho porque duvidar disso e eu acho que ela deve ter...

MARCIA => Além dessas "pancadas" ela teve outras premonições, outras sensações?

LALI => Ela tinha, e conversava a respeito disso com tio Paulo, a respeito da existência de outra mulher na

vida dele. Isso também eu relato no livro. A tia Edi afirmava que existia e o tio Paulo negava o tempo inteiro. Assim como várias pessoas da organização negavam. Mas, parece que a tia Edi não acreditava na negação dele, e insistia, e ele não aceitava, que ela insistisse. Ele era apaixonado por ela e não ia abrir mão dela nunca. Nem dela, nem dos filhos.

MARCIA => Há também um sentimento muito bonito em relação ao Reverendo por ele ter oficiado o casamento...

LALI => É. Oficiou o casamento e o descasamento também. Foi difícil para ele.

MARCIA => É, o "irmão amigo"...

LALI => Ele participou.

MARCIA => É só ela tinha essas sensações, essa percepção, ou os filhos também tinham?

LALI => Não. Os filhos não participaram muito dessa história toda, pelo que eu consegui captar da Edi (a gente chama Êdi). E do João Paulo e da Leila também. A tia Edi sempre procurou protegê-los, embora não escondesse deles o que estava acontecendo. Procurou sempre protegê-los de tudo que esta história envolvia. Eles tiveram uma infância de muita luta, até com muita dificuldade econômica, além da falta afetiva do pai.

MARCIA => Esta foto que o Paulo tinha, nos 10 anos do filho, o "irmão amigo" chegar até ele? Essa foto, o senhor que fez com que ele recebesse?

LALI => Eu não sei quem que deu essa foto para ele. A Elzira é que conta isso.

MARCIA => Elzira?

LALI => O tio Paulo está com uma foto 3 x 4 do João Paulo, mas isso ele pode ter adquirido lá em Curitiba.

MARCIA => Elzira, quem é Elzira?

LALI => Elzira era membro da organização, era militante também da AP.

REV. JAIME WRIGHT => Não era Elvira? Enfermeira?

LALI => Não. Elzira é médica. Enfermeira é Diva.

REV. JAIME WRIGHT => Ah, está certo.

LALI => Tem também uma enfermeira, a Geni, mulher do Carlão

MARCIA => Das dificuldades que você teve: falamos da pesquisa no DOPS, no BNM. Você teve de ordem familiar, pessoal?

LALI => Muitas dificuldades. Mexer com a história de uma pessoa... Ele nutria muito carisma. Parecia que as pessoas se envolviam muito com ele. As minhas dificuldades foram não só nas fontes secundárias, como nas fontes primárias, quando você vai entrevistar uma pessoa. Eu entrevistei muitas pessoas. E eu tive muita dificuldade em estar participando da memória, do reviver uma história e de quanto que isso mexia com as pessoas. E eu acabei me

sentindo responsável até por certas situações, que no fim (boto na minha cabeça não sou responsável por isso, mas) é você que patrocina a entrada em contato de novo dessa pessoa com aquela história, que é dolorosa. É uma coisa de certa responsabilidade, quando você vai entrevistar. Nas minhas entrevistas eram coisa muito emocionantes. Sempre as pessoas lembravam com muita emoção e eu percebia o quanto isso era difícil para elas. E isso trazia dificuldades para mim, porque eu me questionava, porque não tinha o profissionalismo de um jornalista para fazer o trabalho. Eu era envolvida também, porque eu estava descrevendo a respeito de um tio meu...

MARCIA => Uma socióloga...

LALI => Como socióloga, eu tenho técnica de pesquisa. Mas eu era envolvida na história, e para mim era muito difícil ver a outra pessoa se emocionava, porque eu me emocionava junto também. Eu tive que, em certos momentos, dar uma distanciada e para poder lidar com isto. Eu tive apoio muito grande de todo mundo, da parte da minha família, do meu pai, da minha mãe, dos meus irmãos, e um apoio inicial muito grande da tia Edi, e do João Paulo e da Leila também. Tanto é que a gente ficava imaginando, eu a Leila, da gente sair procurando: - Vamos fazer duas hipóteses, uma que ele foi morto, e outra que ele está vivo. Vamos trabalhar com as duas hipóteses. Morto, nós vamos contar a história de como que ele foi morto. Vivo, nós temos que pegar uma mala, sair e ir

nesse lugar lá na fronteira do Uruguai com a Argentina, e Brasil, parece que tem um lugar onde...

Obs :- não foi gravado...os 6 anos que a pesquisa foi interrompida por causa da sensibilidade de tia Edio encontro de LALI com o tio Paulo na Caio Prado, a diferença de idade, ela 16 e Leila com 10, o assassinato de Leila ano passado, e a impossibilidade de ligar seu assassinato com a história de Paulo Wright...

Na sequência, apresentei o programa das *Jornadas Religiosas* na Maria Antonia.

Fita 2 - Lado A

VIII. Paulo , o profeta do século XXI

MARCIA => Eu quero trazer, voltando ao presente, "**O Futuro da religiosidade latino-americana**", não sei se você viu aqui, Centro Maria Antônia, e os temas que eles estão abordando aqui. É, na verdade acho que ninguém ficou de fora: tem os pentecostais, neopentecostais, católicos, tem esotéricos. Sinceramente, se você pudesse trazer o Paulo agora e ele fosse assistir (de volta o presente) e ele fosse assistir e o Reverendo também, essas discussões. Ele seria ainda alguém que estaria na vanguarda não seria não? Do pensamento religioso, do pensamento presbiteriano, não sei o rótulo que daria a isso. Quer dizer o Paulo estaria presente na Maria Antonia, Se

pudesse estar, falaria alguma coisa da Religiosidade latino-americana. De uma certa maneira vejo ele com uma admiração muito grande neste aspecto, a coragem dele argumentar, contra-argumentar, nas discussões dos comites, das comissões....

LALI => Essa discussão da religião na organização política naquela época foi organizada como uma forma de atacá-lo. Ele poderia ter guardado para si as suas crenças, as suas posições e dizer - Está bom, então... Mas não fez. Ele se defendeu e falou assim - Tenho direito e vou continuar. Isso não atrapalha a luta.

MARCIA => Acho isso de um brilho de primeira grandeza. Não posso chamar o Roger Bastide aqui, nem trazer todos os teus sociólogos para pensarem na questão religiosa. Não tenho essa capacidade. Mas, se pudesse, gostaria de poder trazer o Paulo e escuta-lo dialogando.

E mais ou menos o que o distingue: o fato dele transcender a visão imediatista dá um papel diferente, singular, para a luta dele. Talvez não fosse um Calvino no sentido amplo mas no sentido...

REV.JAIME WRIGHT => Paulo foi muito influenciado por um teólogo presbiteriano norte-americano chamado Richard Shaul que foi, inclusive, professor no Seminário Presbiteriano em Campinas e certamente um dos precursores na área protestante da Teologia da Libertação. Ele influenciou muito o Paulo. - Se as palestras na Ilha tivessem sido gravadas, colecionadas,

seria certamente um compêndio de Teologia da Libertação, muito influenciado pelo Shaul e pela leitura que ele fazia do Evangelho. Rubem Alves também foi influenciado pelo Richard Shaul. O Rubem Alves é conhecido como um precursor da Teologia da Libertação, antes que *Gustavo Gutierrez* tivesse impresso o volume dele lá no Peru. Gustavo Gutierrez é um sacerdote católico que é considerado universalmente como o pai da Teologia da Libertação. Mas, na realidade, o Rubem Alves tinha publicado em inglês, no original, nos Estados Unidos, um compêndio sobre *Teologia da Libertação*, mas que nunca recebeu a atenção do livro do Gustavo Gutierrez. O Paulo, se estivesse falando hoje, seria novamente massacrado pelos seus pares presbiterianos, porque de uma forma geral os presbiterianos no Brasil continuam avessos à Teologia da Libertação, e continuam avessos a dar à missão da Igreja qualquer colorido político. São avessos ao envolvimento da Igreja em Direitos Humanos, na defesa dos Direitos Humanos. O Paulo, se estivesse falando aqui no Brasil hoje, estaria falando como **um profeta do século XXI**.

MARCIA => Entre os seus pares?

REV.JAIME WRIGHT => Entre os seus pares, sim. Ele seria muito bem recebido pela ala progressista da Igreja Católica.

IX. Teologia da Reconciliação & Teologia da Libertação

MARCIA => Existe um - não sei se vou citar corretamente, sei que tenho mil limitações - sociólogo, Roberto Bosc,

REV.JAIME WRIGHT => Leonardo?

MARCIA => Roberto Bosc, não é o Leonardo...

REV.JAIME WRIGHT => Ah Bosi, eu entendi Boff.

MARCIA => Não é Boff, é Bosc.

REV.JAIME WRIGHT => Bosi, eu sei.

MARCIA => Não é Bosi, Bosc.

REV.JAIME WRIGHT => Sim.

MARCIA => Ele é sociólogo, professor de Sociologia e Relações Exteriores na França. Esteve presente na elaboração da *Gaudium et Spes*. No livro *Evangelho, Violência e Paz*, ele cita uma outra Teologia e um teólogo protestante, Theodor Weber, que fala da Teologia da Reconciliação. Ah, acho que consegui trazer o assunto, pelo menos. Agora vamos ver se eu sei fazer a pergunta...

O senhor, nestes 25 anos de luta - não estou ignorando o período anterior, estou dando destaque a estes 25 anos -, o senhor deve ter visto estas discussões pela conciliação, pela reconciliação, não é?

REV.JAIME WRIGHT => Sim.

MARCIA => No meu modo de ver, isso é um crescimento - político e teológico. Meu modo de ver muito de longe...Será que o Paulo e o senhor, não veem nisso um crescimento? Não veria o Paulo e veria o senhor - será que isso já não é uma mudança de rumo, um ultrapassar de todas essas - esses choques de pontos de vista políticos? Ou das teologias de libertação de que esse sociólogo fala. Pipocaram mil teologias de guerra e revolucionárias e tal - a teologia da reconciliação foi então o passo seguinte, a superação dessa visão? Não?

REV.JAIME WRIGHT => Não concordo. E digo porque. Em termos históricos, a igreja presbiteriana norteamericana, em 1967, aprovou o que hoje é conhecido como **Confissão de 67**. O tema central dessa confissão, que é uma "contemporização" da Confissão de Fé da Igreja - não naqueles termos tradicionais do século XVII e XVIII - mas, qual é que deve ser a posição da Igreja hoje no mundo. A Igreja toda discutiu e acabou aprovando a Confissão de 67, e o tema central é a Reconciliação - isto antes de surgir a Teologia da Libertação. Por que que se aprovou isso? Porque estava havendo muito conflito na sociedade norte-americana, as comunidades negras contra os brancos, que haveria de estourar no ano famoso de 68. Já se previa a necessidade. A Igreja sentiu que tinha que ter uma mensagem para a sua própria sociedade que é a Reconciliação, que temos de

viver juntos. Mas setores da Igreja em outras partes do mundo, inclusive aqui na América Latina, acharam que isto era uma castração do Evangelho. Porque aqui na América Latina, no terceiro mundo, as necessidades eram outras. Eram de Justiça. Então, quando se tem como necessidade maior a Justiça, não se pode estar pensando em Reconciliação, tem que pensar mesmo em luta. Não digo armada, mas enfrentar, denunciar as injustiças. (Daí a diferença, abrindo um parêntese, entre o feminismo terceiro-mundista e o feminismo primeiro-mundista. Porque o feminismo no terceiro mundo diz - Não, não é só conosco, as mulheres. É com os homens que também estão sendo injustiçados. São os nossos filhos que não estão podendo comer. Não tem escola, não tem saúde. As nossas lutas são diferentes: não podemos estar pensando em reconciliar com as elites que estão nos massacrando.) Daí ser diferente - e deve ser diferente em contextos diferentes, a ênfase teológica. Se nos Estados Unidos era a Reconciliação, na América Latina não poderia ser.

MARCIA => Por que o senhor falou na África?

REV.JAIME WRIGHT => Porque a África está em situação pior do que a América Latina.

MARCIA => Isso que o senhor falou agora, parece um pouquinho com aquele item 5, daqueles 11 pontos que o senhor escreveu...

REV.JAIME WRIGHT => Ah sei...

MARCIA => Você quer falar alguma coisa LALI? Acrescentar alguma coisa? Você quer acrescentar?

LALI => Acho que não, não quero.

MARCIA => Fiz uma lista de textos...

LALI => Você gostaria de ver os textos agora, é isso? Então, vamos lá.

REV.JAIME WRIGHT => Deixa eu só acrescentar, para concluir, para não deixar no ar a questão. Eu continuo acreditando que no Brasil de hoje, na América de hoje, a ênfase teológica não é a Reconciliação. Nós não podemos conciliar com os nossos opressores, que é uma minoria, que tem o poder na mão, não é? E que massacra a população de um modo geral. Temos que ter a visão plena de que o Evangelho nos impele - com riscos - a enfrentar isso, a denunciar o que está errado. Temos que ser profetas do século 21, que vem aí.

X. Puebla

MARCIA => O senhor esteve em Puebla?

REV.JAIME WRIGHT => Não. Mas eu já escrevi sobre Puebla e, por incrível que pareça eu fui convidado pela maior Universidade Católica do mundo a fazer uma palestra lá em Notre Dame, Universidade de Notre Dame.

Fui convidado a fazer uma palestra sobre Puebla e Medellín, no meio das ferias - eu o único protestante. Era um seminário de celebração dos dois eventos, e eu era para responder ao arcebispo do Panamá, Marcos McGrath. Fiquei - usando a palavra espanhola - enojado com a palestra dele, pois ele se restringiu simplesmente aos aspectos históricos de como foram organizadas estas duas reuniões. Eu não tinha como comentar sobre isto. Quando eu cheguei ao meu quarto, à noite, tomei a decisão: Não, eu tenho que dizer alguma coisa - vou dizer o que Puebla e Medellín significaram para mim, um protestante. Isso nem estava no programa. Quando, no dia seguinte, todo mundo esperava que eu respondesse ao arcebispo, eu nem toquei na palestra. Foi um risco. Eu nem avisei ao organizador o que eu ia falar, que eu não ia responder ao arcebispo. Eu fiquei quase a noite acordado, escrevendo. Já saiu publicado num livro pelos organizadores, em inglês.

(*Born of the Poor*-Edward L. Cleary, ed. University of Notre Dame Press; 1990) Quando o arcebispo McGrath terminou, houve aquele silêncio. O antigo presidente da Universidade de Notre Dame, Mons. Theodore Hessburgh, estava presidindo. Ele detém o record Guinness de ter recebido o maior número de diplomas honoris causa no mundo. Diante do silêncio do plenário, o presidente exclamou: "Vamos bater palmas pela apresentação do arcebispo McGrath!" Quando eu terminei, não somente bateram palmas calorosas, espontaneamente,

mas veio correndo em minha direção, lá do plenário, o Gustavo Gutiérrez. Ele é baixinho. A cabeça dele fica mais ou menos aqui. E eu estava tentando abraçar ele lá embaixo - Então ele disse - Ah! mas que bom que você falou isso. Era necessário dizer estas coisas. Só por ter essa apreciação do Gustavo Gutierrez, eu me senti realizado.

XI. Inquisição sem fogueiras

MARCIA => Ficou aqui um "bit" ligado, sobre África. O senhor falou em *apartheid*?

Reverendo Jaime Wright => Sim.

MARCIA => Uma questão: estava estudando, recentemente, sobre o papel da Igreja Holandesa na África do Sul.

Reverendo Jaime Wright => Sim.

MARCIA => E dos israelenses, israelitas. Eles sustentaram o *apartheid*, estiveram na frente do *apartheid*. E, chegou um dado momento em que a Igreja Holandesa, foi excluída do Conselho Mundial de Igrejas, devido à posição que assumiu lá.

REV.JAIME WRIGHT => É verdade.

MARCIA => Existe alguma semelhança, assim, de longe ou de perto com a igreja, com a comunidade, não a igreja, vamos usar o termo, mais...

"Comunidade Conservadora Brasileira"? Estou colocando no mesmo "envelope", para não usar outro termo, os conservadores católicos, protestantes, esotéricos, maçons?

REV.JAIME WRIGHT => Não, na atitude racista não. Isso a gente tem que reconhecer que as Igrejas Históricas - inclusive a Presbiteriana - são as que ensinaram a grupos negros, vamos dizer, a oportunidade de estudar. Porque uma das coisas que nós tínhamos, desde o início, era uma porcentagem razoável do nosso orçamento destinada aos que não tinham dinheiro para estudar. Basta ver fotos dos antigos grupos de estudantes, para ver ... Grupos tradicionais do sul dos Estados Unidos vieram porque aqui ainda existia a escravidão. Vieram para cá, depois da guerra civil norte-americana, porque acabou a escravidão lá. Vieram famílias, muitas famílias, e se estabeleceram (inclusive Americana surgiu por causa deste grupo de americanos) com os seus capelães, com seus pastores. A gente tem que reconhecer que houve, em determinada época da história eclesial brasileira, esta questão de racismo. Que alguns vieram para cá para continuar a ter escravos. Mas a grande maioria daqueles que vieram, não. Não vieram com esta ideologia. Tanto assim, que a educação dada pelos educandários protestantes, promoveu a democratização do ensino, inclusive o ensino co-educacional, porque até então era separado homem de mulher. E eu não vejo paralelo com a Igreja Holandesa, na

África do Sul, porque eles foram expulsos primeiramente pela ação de seus próprios pares, da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas, que é o grupo mundial, que inclui as Igrejas Reformadas e Presbiterianas. Depois, sim, é que foram expulsos do Conselho Mundial de Igrejas. Já estão sendo reintegrados. A Igreja, infelizmente, lá como aqui, é a última a decretar a anistia, para reconhecer, para se arrepender de seus pecados...

MARCIA => O único paralelo seria talvez a capacidade de reprimir, a capacidade de prender, de torturar, de desaparecer...

REV.JAIME WRIGHT => Ah, isso sim. Está certo. Ai sim. A Igreja, aqui no Brasil, tem uma história vergonhosa. Há um livrinho sobre isso, chamado **Inquisição sem fogueiras**, de João Dias de Araújo, onde ele mostra como a Igreja Presbiteriana do Brasil promoveu a Inquisição aqui, à semelhança do Regime Militar.

XII. Questões em aberto

P=> Ficaram muitas perguntas. Pelo CNPq, tenho um ano de prazo, mas, vou estender este prazo. Fiz 50, disse ao Reverendo, e tenho mais 50 pela frente. LALI, você é muito especial - usando o tempo que usou para o tio Paulo. O livro, li numa noite. E, depois, reli.

14.3.5. Entrevista com o reverendo Paulo Roberto P.da Rocha

M- Reverendo geralmente estas entrevistas são transcritas e apresentadas depois para verificação.

O importante para mim nesse momento é o seguinte:

Primeiro a sua aceitação em conversarmos

Segundo, na verdade o primeiro grau de importância é isso estar ligado à partida do Reverendo Jaime Wright, principalmente pelo fato dele ter na última penúltima correspondência que ele me enviou, feito referência à D. Eneida lá da Igreja. E como eu disse ao senhor, ao telefone, para mim é um incentivo do trabalho esse fato do senhor poder falar com a gente e principalmente também pelo fato do senhor já ter desenvolvido uma pesquisa a respeito da resistência no período militar, resistência essa exercida pela comunidade, por membros da comunidade evangélica. Então eu passo a palavra. Gostaria que o senhor se apresentasse numa forma mais completa e falasse do seu trabalho.

PRPR- Está bem. Bom. Meu nome é Paulo Roberto Pedrozo Rocha. Eu sou pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil há dez anos. Sou Pastor da Igreja Jardim das Oliveiras da Alameda Jaú como está citado aí, desde o início do meu pastorado. Minha única Paróquia por enquanto. Foi minha única paróquia. Durante minha vida estudantil eu fiz política estudantil, desde o

colegial eu participei da UMES a União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas.

M- De onde?

PRPR- De São Paulo. E na ocasião eu militava no Partido Comunista Brasileiro. Quando atingi a maioria, depois de ter o título de eleitor, eu me filiei ao PT. Então, desde então, eu sou filiado ao Partido dos Trabalhadores e fiz política estudantil quando fui ao Seminário. Embora o Seminário seja uma escola diferente, eu estudei no Seminário Presbiteriano Independente de São Paulo. Diferente assim no sentido da organização, até dos interesses, mas ...

M- Fica ali no Brooklin?

PRPR- Não. Este é da Igreja Presbiteriana do Brasil. Eu estudei no Seminário da Igreja Presbiteriana Independente, que fica na rua Nestor Pestana, 152.

M- Ah sei, ali na Igreja.

PRPR- Ao lado da Catedral. O prédio ao lado da Catedral. Isso. O prédio ao lado da Catedral Evangélica. No Seminário eu tinha um interesse muito particular em História da Igreja, só que na História Contemporânea da Igreja. Provavelmente por minhas ligações políticas com a esquerda, essas coisas todas. Nessa ocasião eu fui Presidente

do Diretório Acadêmico dos Estudantes.

De modo que, sempre fiz política estudantil. No término do 5º ano do Curso de Teologia, os alunos são chamados a escrever um trabalho de final de Curso, de Término de Curso. E eu tinha um interesse pelo período da ditadura militar, a História da Igreja Presbiteriana na época da ditadura militar. Em 1987 eu estava no 3º ano do Seminário, eu conheci um professor, no Seminário de São Paulo, eu entrei em 85, estava em 87 então, no 3º ano, eu conheci um professor chamado Leonildo Silveira Campos. O Leonildo é um teólogo de grande expressão, é um sociólogo, atualmente professor da Universidade Metodista de São Paulo, que fica em São Bernardo do Campo. E o Leonildo foi também um militante político na época estudantil e foi preso e torturado. E o Leonildo conversou comigo bastante sobre o meu interesse e um dia nós decidimos fazer juntos um trabalho sobre a resistência ao regime militar no interior da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Então era um universo bem circunscrito, bem objetivo, e esse trabalho foi na forma de uma entrevista que eu trouxe aqui para posteriormente você verificar, onde eu levantaria alguns problemas e o Leonildo daria alguns depoimentos porque ele foi uma testemunha deste período que é o mesmo

período em que Paulo Stuart Unghit foi preso político, perseguido político, enfim, o período em questão. E isso acabou acontecendo. Em 1987 nós publicamos, conseguimos publicar essa entrevista no Estandarte que é o órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente. Isso provocou.

M- O senhor trouxe isso?

PRPR- Eu trouxe tudo para você ver. Isso provocou uma série de reações por parte da Igreja, do interior da Igreja. Na verdade à época a Igreja estava sendo gerida por um Cons.... uma direção de transição. Gente que era de centro. Então a liderança da Igreja não apresentou muitos problemas, a liderança formal, a Presidência, a Reitoria do Seminário, nada disso. Mas focos de resistência ainda mostram que as pessoas que colaboraram com o regime na década de 60 - 70 estavam vivas, não só estavam atuantes como tinham herdeiros também.

M- Fizeram escola.

PRPR- É. Fizeram escola. Na época eu era membro da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Esse é um dado importante. Só que aconteceu um fato na minha carreira política estudantil, que foi um dia nós fomos presos na organização do movimento estudantil da zona leste.

M- Um dia quando?

PRPR- Isto foi em 82. É. Eu antes de entrar para o Seminário,

estava no 2 grau ainda, nós fomos presos e isso ficou muito mal para mim na Igreja. Porque a Igreja tinha um universo conservador e tal. Você ser preso significava uma coisa muito ruim. Não importa o motivo, mas era muito ruim ser preso pela Política do Estado certo?

M- Certo.

PRPR - E desde então a minha vida na Igreja foi muito difícil devido a posicionamentos políticos. No Seminário quando nós fizemos - isso muito tempo depois - quando nós fizemos essa entrevista, aí minha continuidade na Igreja Presbiteriana Independente foi muito dificultada.

M- Certo. Dá pra entender.

PRPR- Na ocasião eu me transferi para a Igreja Presbiteriana Unida, porque na Igreja Presbiteriana Unida estavam pessoas como por exemplo Jaime Wright. E gente que tem um histórico de resistência, de luta, de envolvimento muito maior do que o meu porque viveram na época. Porque enfim,

M- Em 87 o reverendo estava em São Paulo?

PRPR- Exato. Eu estava em São Paulo.

M- Ainda não tinha ido para Vitória?

PRPR- Eu ingressei no Concílio, a Igreja Presbiteriana é

organizada em concílios. Eu ingressei no mesmo concílio em que estava Jaime Wright.

M- Isso aqui no Jardim das Oliveiras.

PRPR- A nossa região eclesiástica chama-se Presbitério de Jundiá. E Jaime foi membro do Presbitério de Jundiá durante, até mesmo depois que mudou para Vitória permaneceu por algum tempo. Depois só que ele se desligou por razões práticas e se filiou à região eclesiástica de Vitória. Enfim. Então esse é um pouco da mutua experiência vivencial.

M- E como foi essa passagem? Em que medida o reverendo Jaime Wright teve uma influência direta? de que maneira isso se desenvolveu? Gostaria que o senhor detalhasse.

PRPR- Influência direta em que?

M- Nessa sua passagem IPI - IPU?

PRPR- Não teve. Infelizmente ele não teve porque eu não o conhecia. Pessoalmente.

M- Ah. Tá certo.

PRPR- Eu fui para a IPU pelas razões que eu coloquei. Razões políticas.

M- Sim. Mas como isso se formalizou?

PRPR- Havia a Igreja do Jardim das Oliveiras que era pastoreado por um teólogo também bastante

importante chamado Samuel Martins Barbosa que sofreu também na época da repressão. Mas na política interna da Igreja o Samuel foi colocado de lado pela direção da Igreja Nacional, na época da década de 60, década de 70. Eram pessoas que em seu histórico, mais ou menos, tinham bastante da resistência. Ou seja da resistência política como foi o caso de Jaime, ou seja na resistência interna, como foi o caso de Samuel e outros.

M- Interna à IPU?

PRPR- Não. Interna na IPB - a Igreja Presbiteriana do Brasil.

M- Ah tá, na IPB.

PRPR- Isso. Na IPB teve um cisma que em 78, gerou a IPU. Você conhece essa história?

M- Sim.

PRPR- Então, na verdade as portas se abriram pelo seguinte: Porque as pessoas que tinham um envolvimento de esquerda, ideológico de esquerda, se organizavam nas fileiras da IPU. Era quase uma...

M- A partir de 78 quando começou a existir a IPU?

PRPR- É porque antes de existir ela se organizava.

M- Até 78 como que fazia?

PRPR- Até 78 ela se organizava meio oficiosamente. A IPB disciplinava um pastor, uma comunidade e desligava essa Igreja. Então ela passava a

existir de maneira semi autonoma, fora do universo chamado Igreja Presbiteriana do Brasil.

M- Tá.

PRPR- E em 78 como eram muitos, muitas as bolhas in

dependentes entre si se reuniram numa federação de Igrejas que mais tarde formalmente constituem a IPU.

M- E o Senhor foi participar desse resultados desse resultado praticamente nove anos depois (É). Antes o senhor não teve nenhum envolvimento, nenhuma participação a nível ecumênico.

PRPR- É. Não porque. Não a minha militância sempre foi na igreja Independente. Isso.

M- Antes do Senhor detalhar o seu trabalho, eu gostaria que o senhor enfatizasse, como nós já falamos ao telefone sobre a participação do coronel Valter Faustini nesse seu trabalho. Tendo em vista ele atualmente ser o tesoureiro da IPI e ter sido também o chefe, o diretor do SNI de São Paulo.

PRPR- Ele é o tesoureiro da IPI atualmente? Eu não sei! É.

M- Sim, ele é.

PRPR- É uma informação que você está me passando eu não sabia.

M- Sim.

PRPR- Isso me deixa muito triste. Bom, ele foi o chefe do SNI em São Paulo. Ele foi membro da 1 Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, onde o pastor era chamado Davi, me foge o sobrenome dele mas no meu trabalho tá relatado aqui.

M- E o senhor foi entrevistá-lo pelo que o senhor me disse...

PRPR- Não, eu não o entrevistei. Eu citei no meu trabalho e ele foi citado na entrevista do Leonildo novamente.

M- O senhor poderia reproduzir essa citação, por favor?

PRPR- Eu tenho que verificar, está aqui. Porque são muitas páginas...elas, eu vou lhe dar aqui de presente.

M- Tá certo.

PRPR- É. E esse envolvimento do coronel Faustini era um envolvimento no mínimo curioso pelo seguinte: Como chefe do SNI de São Paulo e na condição de membro da Igreja Presbiteriana Independente, ele

M- Desde 1949 exatamente 50 anos.

PRPR- Isso. Exato. Ele fornecia para os aparelhos de repressão, porque ele era a repressão, nomes de pessoas que poderiam ser interrogadas.

Por exemplo o Jaime tem uma passagem interessante na vida, não sei se ele chegou a contar isso pra você, que um dia ele mesmo foi a uma delegacia, a

um distrito do DEOPS se apresentar e disse: “Olha eu sei que pessoas andam dizendo que eu sou comunista sou... enfim então eu vim para saber. Se o senhor quiser me entrevistar, me interrogar, faça-o agora. E a pessoa não quis. O delegado em questão lá, não quis.

M- Qual delegado?

PRPR- Eu não sei. Isso pode ser conseguido com... Mas Jaime contava isso pra nós nas rodas, porque era um fato tão recorrente, acontecia tantas vezes e o Coronel Faustini era a pessoa que dava essas informações. Por exemplo: existe um pastor na Igreja Presbiteriana Independente chamado Roberto Vicente Cruz Demudo Lessa. E ele foi uma pessoa também da resistência. E foi alguém que se deu muito mal no interior da Igreja, na política interna da Igreja, pela sua posição de resistência ao regime. Era uma pessoa rotulada como comunista, na verdade ele nunca foi comunista. Mas porque ele não cerrava fileiras com um processo de delação e que se reproduzia em certa medida também no interior da Igreja.

M- Isso o senhor conseguiu detalhar no seu trabalho?

PRPR- Consegui. Porque o meu trabalho, ele visa basicamente o universo interior da Igreja. Não como Brasil Nunca Mais ou...

M- Exatamente por isso a minha pergunta.

PRPR- Então o Roberto teve problemas [porque] o Roberto

era jornalista e seguidas vezes ele foi processado - ele seria uma pessoa interessante para você buscar.

M- Sim.

PRPR- Porque a Igreja, no interior da Igreja, havia elementos que forneciam, davam informações ao regime.

M- Existe, então um estudo já, pelo que o senhor está me dizendo, rastreando, vamos dizer assim, essa atuação. Isso era só em São Paulo, ou pode-se dizer que também em outros estados? Rio? Santa Catarina? Isso de alguma maneira envolveu o Paulo Stuart Wright?

PRPR- E parece que a história do Paulo tem umas variantes. Por exemplo. O Paulo era da Igreja Presbiteriana do Brasil no início da História.

M- Sim.

PRPR- Paulo teve um envolvimento com uma cooperativa de pescadores.

M- Sim, a Fecopesca.

PRPR- Então. Parece que o Paulo, a perseguição ao Paulo era mais profissional, não é?

M- Mais profissional em que sentido?

PRPR- É mais profissional porque a perseguição no universo da Igreja, por delações que vinham do universo da Igreja, elas eram muito amadoras. À exceção do caso do Coronel Faustini que é alguém

de posição no regime, as pessoas da repressão tinham uma certa dificuldade para aceitar todas as delações que vinham. Por que, por exemplo, vinham delações de pessoas que estavam atuando na esquerda, mas também acontecia coisas mais ou menos semelhantes ao fato: alguém se indispondo com alguém na comunidade, vai ele vai delatar, como alguém de esquerda, como comunista. Então, [...] mesmo o serviço de repressão não podia ficar atendendo a todas as delações, porque muitas eram frias para o propósito da OBAN, propósito enfim das... da repressão.

M- No caso do Paulo, eu vou recuar um pouco mais, ele foi, segundo o relato do reverendo Jaime Wright, ele foi excluído da Igreja, da IPB em Florianópolis, e eu tentei algum contato lá com alguns pastores e não consegui. Aqui em São Paulo cheguei a falar com o reverendo Oswaldo Hack e ele indicou o reverendo Valdir Bernet de Florianópolis. Acontece, pelo que deu para sentir dos relatos dele, de alguma forma o 5 Distrito Naval interferiu nas decisões internas da Igreja. Como que isso poderia acontecer, na sua opinião? Existe alguma forma de se resgatar esse episódio que tanto magoou o reverendo Jaime Wright? Ele chegou a dizer: a Anistia ainda não chegou na Igreja Presbiteriana do Brasil.

PRPR- É. Bom. Isso não está documentado, você não vai encontrar, por isso a dificuldade de falar com pessoas. Não é?

A Igreja Presbiteriana do Brasil e a Igreja Presbiteriana Independente também - elas se parecem nesse ponto - elas deram um apoio velado ao regime. Por exemplo, se você perguntar ao Coronel Faustini se ele atuava no aparelho de repressão, ele vai dizer que não, como todos os outros. Até o chefe da Polícia Federal nomeado pelo Presidente da República agora, onde há pessoas que sofreram tortura sob sua direção estão se apresentando para depor ele disse que não. Então, isso é um problema grave, na medida que você não documentar. Mas é um fato.

M- Uma hipocrisia recorrente.

PRPR- Isso. Mas é um fato! E esse fato é gritante. No universo da Igreja, por exemplo, nós sofremos algumas ameaças de processo - eu sofri algumas - na medida que você afirma uma coisa, que é evidente, mas não é documental. E não sendo documental....

M- A expulsão do Paulo como presbítero.

PRPR- Mas a expulsão do Paulo é um ato eclesiástico. Por exemplo, para expulsar

M- Não consta de atas da Igreja?

PRPR- Consta, mas pode - eu não sei o que eles lavraram lá - mas muito provavelmente eles devem ter escrito que Paulo decepcionou a fé. Não vão dizer lá que o Paulo era, estava sendo expulso porque ele, por causa da militância .

M- Mas é registrada a expulsão?

PRPR- É. Claro. Tem que ser. O nome disso é "exclusão da comunhão". Ele foi excluído.

M- Isto consta apenas da Igreja ou isso vai para o Conselho Supremo.

PRPR- Não. Isto consta apenas do livro de atas da Igreja. A não ser

M- Exclusão?

PRPR- Exclusão da comunhão. A não ser que o excluído recorra. Mas me parece que no caso de Paulo - eu não tenho certeza - mas eu acho que ele não recorreu porque ele já estava militando .

M- Outra pessoa pode recorrer em nome do excluído?

PRPR- Pode. Pode recorrer sim. Mas é muito incomum.

M- Isto aconteceria em que instância? Existe um tribunal Eclesiástico?

PRPR- Existe.

M- Como funciona isto?

PRPR- Na Igreja Presbiteriana do Brasil funciona da seguinte medida: O Conselho da Igreja é soberano num ato desses, por exemplo. Mas é. Então o pastor reúne os presbíteros , que são os líderes leigos anciãos da comunidade, e tomam uma decisão como essa. Alguém, por exemplo, que traia a fé cristã, se torne espiritista, por exemplo. Para

a Igreja Presbiteriana do Brasil isso é um crime contra

M- Eclesiástico?

PRPR- É um crime contra a fé. Aí o sujeito é suspenso da comunhão, excluído da comunhão que seria o equivalente da Igreja Católica, à excomunhão. Só que não tem para os presbiterianos. Não por alcance depois da morte. Isso é uma coisa administrativa . Era membro da igreja, era líder, e não é mais porque, não é mais membro da igreja porque não comunga dos princípios ortodoxos da igreja.

M- Diferente do senhor, que se excluiu voluntariamente da Igreja Presbiteriana Independente e migrou para IPU. O Paulo não teve essa opção, ele foi

PRPR- Eu fui. A minha candidatura ao ministério foi cassada. Mas a minha filiação à Igreja foi, porque são duas instâncias diferentes. Mas deixa eu explicar primeiro que esse ponto sobre o Paulo que talvez ajude a entender o outro. Existe, depois do conselho da Igreja, uma instância superior que é o presbitério, que é a diocese, que reúne um número de igrejas por um princípio físico, de profundidade geográfica. Acima deste presbitério existe um outro sinodo, uma outra instância denominada de Sinodo. É uma última instância denominada Supremo Concílio. Então, todas essas instâncias tem os seus tribunais de apelação, vamos chamar assim.

M- Nunca que isso chegou até lá. Que dizer, deve ter ficado restrito à IPB porque ninguém mexeu nisso.

PRPR- Eu não sei.

M- No momento que o reverendo Jaime Wright formula essa frase: "A Anistia não chegou a Igreja Presbiteriana" em relação ao irmão dele. Para ele o Paulo continuava membro da IPB. Para eu que sou de fora desse universo é meio difícil de interpretar. Eu gostaria que o senhor fizesse essa leitura.

PRPR- É. Eu acho que Jaime queria dizer que as pessoas que foram excluídas da igreja por motivos políticos, não foram novamente reintegradas.

M- Não existe nenhum registro de outra pessoa, na sua igreja ou igrejas da mesma denominação, mesmo que não seja da mesma corrente, da presbiteriana, ou metodistas, ou das luteranas enfim.

PRPR- Existem pessoas que foram excluídas sim, por motivos políticos.

M- E não retornaram.

PRPR- Não retornaram. E a minha suspeita é essa: que no ato da exclusão, o motivo alegado tenha sido outro. No caso do Paulo é evidente porque ele se tornou um militante famoso. Mas quando você manusear manusear o meu trabalho aqui você vai ver que havia, houve uma série de exclusões - pessoas que são nomeadas aqui, foram excluídas

por motivos políticos e o motivo da exclusão foi desacato à autoridade eclesiástica, por exemplo.

M- Entendi.

PRPR- Então isso vai desde você xingar alguém até você militar na época no partidão. Então essa abrangência.

M- Sim.

PRPR- Então a Igreja Presbiteriana do Brasil camufla isso, por exemplo, diz não - o Paulo - não se teria a capacidade de dizer isso, mas podem alegar - não, ele foi excluído porque deixou de vir a igreja. Eu não sei o

M- Ele fazia orações dominicais segundo o reverendo Jaime Wright.

PRPR- Eu não sei o que eles escreveram no livro.

M- Ele atendia as pessoas ele tinha uma militância bem grande.

PRPR- Eu não sei o que eles escreveram no livro

M- Ele tem uma militância bem grande similar à sua militância na IPI.

PRPR- É. Eu não sei o que eles escreveram no livro. Muito provavelmente está lá um motivo eufêmico para sair da situação. Porque à época a igreja era bastante monitorada neste aspecto também. A igreja teve uma direção muito reacionária. Tanto a Igreja Presbiteriana do

Brasil como a Igreja Presbiteriana Independente, elas se fecharam. Foi um movimento sincrônico ao movimento político. Inclusive há atos de louvor à direção política do país na época. E notas emitidas pela Igreja.

M- Isso o senhor tem aí?

PRPR- Pela Igreja Independente. Eu tenho aqui.

M- Certo.

PRPR- Graças a Deus.

M- Eu quero voltar no episódio da sua... O senhor foi cassado?

PRPR- Então, aí só o parentese é o seguinte:

À época, depois da entrevista com o Leonildo, eu era seminarista, portanto candidato ao ministério e não fosse somente esses fatos políticos, eu era ecumênico também, o que na época era proibido na Igreja Independente. Então eu participei de um movimento ecumênico, de uma celebração ecumênica. E o meu Concílio exigiu que eu me retratasse. Eu até me retratei. 88

M- Isso em 80. Nós estamos em 88!

PRPR- 88. Ai o Concílio

M- Já estamos num governo não militar. Ainda tem toda estrutura é verdade...

PRPR- É. Toda estrutura. E daí eles me cassaram. O Presbitério isso... O Presbitério Paulistano da Igreja Independente do

Brasil, disse que eu não era mais considerado candidato ao ministério. E no presbitério...

M- E o senhor pode continuar no Seminário?

PRPR- Tá.

M- Disse de que forma?

PRPR- Eu continuei porque a IPU me recebeu. Imediatamente. Imediatamente eu recorri a este pastor - Samuel Martins Barbosa, que era o pastor do jardim das Oliveiras, e ele me reintegrou diante do seminário

Lado B

M- Podemos continuar.

PRPR- Disse, falando assim, numa assembléia. Porque numa assembléia do Presbitério da Igreja Presbiteriana Independente quem não é pastor ou não é representante da Igreja - presbítero - não tem voz. Então o sujeito pegou um papel lá e leu Paulo Roberto Pedrozo Rocha não é considerado mais candidato ao ministério.

M- Como isso é feito?

PRPR- Ah. O presbitério de outra denominação assume a jurisdição.

PRPR- Bom . Eu estou falando do grupo que assumiu a igreja na década de 80 pra tentar reconstruir. Havia duas possibilidades: retroceder e denunciar o fundamentalismo teológico, debater porque havia pessoas que passavam informações para o SNI, se havia ou não; Enfim fazer uma operação "mãos limpas" ou fingir que nada aconteceu e reconstruir a partir do momento presente . E essa segunda opção foi que adireção da Igreja assumiu. Parece que foi. A mim me parece que houve um pacto entre os fundamentalistas os militaristas que havia na Igreja e os neocivis .

M- Ele pegou um papel. Eles tem ese papel?

M- E o curso passa a ser... Quer dizer, o senhor terminou em 89.

PRPR- É. Porque a IPU utiliza o Seminário da Igreja Independente.

PRPR- Eles tem lá no presbitério.

M- Tá bom.

M- Ah tá bom. Agora que está... O senhor desculpe mas

PRPR- Aí, eu não posso levantar a mão para perguntar por que? Eu sei porque. Mas enfim, eu não tenho direito à defesa. E passa-se a outro assunto. Não dá para discutir.

PRPR- Aí eu virei um estudante... Não. Tá certo. O grupo que assumiu a Igreja na década de 80, a Igreja independente, tinha a função que o povo brasileiro quiz colocar para o Tancredo, po exemplo: - Fazer a transição do militar para o civil.

M- Em que medida, a itinerância que é uma característica. Vou contar o senhor. do pastorado que favoreceu esse mecanismo de delação existente nas comunidades evangélicas.

M- Ninguém pode defende-lo.

M- Entendi.

PRPR- Não, não, não.

PRPR- Pode. Mas ninguém quiz. Porque na verdade existia um ambiente interno da Igreja que favorecia a exclusão de pessoas que... Porque é o seguinte: na década de 80, o grupo que vai reconstruir a igreja.

PRPR- Então o grupo que assume a Igreja Independente em 80, tem duas possibilidades: ou nós vamos denunciar tudo de errado que aconteceu - o fundamentalismo teológico que prevaleceu nos 20 anos de

M- É uma viagem isso aí? Pode ter.

M- É cassação do ministério?

M- O senhor permite, eu vou trocar o lado da fita.

PRPR- Olha, no caso da Igreja Presbiteriana , no caso da Igreja Presbiteriana foi muito violento. Eles excluíram as pessoas. Eles afastavam. Por exemplo, na Igreja Católica, os analistas católicos diziam o seguinte: que quando o bispo é conservador e há um foco progressista numa região, ele muda os padres,

PRPR- Da condição de candidato ao ministério. Eu era seminarista. Não era pastor.

coloca um sujeito longe um do outro, e tal, e quebra um pouco o

Na Igreja Presbiteriana isso não aconteceu porque como eles eram muito ferozes e o grupo de resistência muito pequeno, eles excluíam. Se fosse haver uma transferência, eles rachavam a Igreja do indivíduo por exemplo. Um exemplo: eu sou pastor lá na alameda Jaú, se nós estivessemos na década de 60 e a minha igreja, eu fosse uma pessoa de influência na minha igreja, fosse uma pessoa de esquerda e fosse necessário me parar, o que eles fariam? Eles. a direção da Igreja dividiria a minha Igreja com o seguinte argumento:

falando - Olha, tem muita gente na sua igreja que mora na Consolação, por exemplo. Então vamos abrir outra igreja. O que favorecia inclusive porque eles ofereciam a liderança para outro, evidentemente do esquema deles, não é? da direita e favorecia, os favorecia nas eleições internas da igreja.

M- Certo.

PRPR- Então isso era um mecanismo imediato do que propriamente

M- Utilizar a liderança

PRPR- Utilizar a liderança.

M- E de alguma forma isso afetou o Paulo? Porque por exemplo, há um comentário numa das entrevistas que o Paulo, ele dividiu a igreja de Joaçaba.

Isso foi quando ele voltou dos Estados Unidos né? e depois em

62. Isso - o fato dele já ter tido essa história em Joaçaba - afetou na decisão do Conselho de Presbíteros para a exclusão dele da IPB Central lá de Florianópolis. Quer dizer, de alguma forma, essa força de exclusão que o senhor tá dizendo que eles tinham era o fato deles se uniram também os pastores, os presbíteros. Quem dizer, havia um intercâmbio entre São Paulo, Santa Catarina, Paraná, existia essa, o Rio de Janeiro ...

PRPR- É existia. Tanto é que isso era um dos instrumentos para manter o império unido, né? A direção da igreja não podia preinscindir disso. É que o tipo de divisão que eu me referi é divisão política mesmo. Porque o Paulo fez uma divisão ideológica. Agora, a direção da igreja promovia divisões políticas. Quando havia um concílio próximo, um concílio de igreja salvacional, era muito comum a igreja crescer. Eles dividiam. Organizavam novas igrejas a partir do que lá estava já, porque era possível atribuir campos e paróquias para pessoas que enfim se transformariam em votos no futuro. Era um esquema bem populista mesmo. Então na década de 80 a igreja assumiu esta postura então por exemplo a minha cassação ela não pode ser entendida só num universo , pôxa, não gostavam de mim, me perseguiram, não, o fato é o seguinte: a Igreja tinha que eliminar os indivíduos que pudessem ficar criando caso com o passado.

14.3.6. Entrevista com reverendo Justino

Lado B

Marcia: Peço ao senhor que retomemos o assunto de Passo Fundo, tendo em vista a formação e o posicionamento do Paulo Wright em 70-71 quando o senhor o reencontrou. Mas, fazendo uma ligação deste posicionamento com a formação da qual o senhor fez parte.

Reverendo Justino: Em Passo Fundo, a nossa ligação com Paulo Wright foi sermos colegas de classe, na quarta série e no primeiro científico. Seremos companheiros nas atividades curriculares e extra-curriculares do IE. O Paulo era um moço padrão, moralmente, eticamente.

Marcia: Ele era parecido com Calvino já nesse período?

Reverendo Justino: Eu acho que sim (risos). Mas não era de discutir teorias. Era profundamente ético, dava exemplo de moço evangélico. Mesmo fora do lar e fora do âmbito dele, que era a Igreja Presbiteriana, porque o pai era presbiteriano, os irmãos eram pastores presbiterianos. E os metodistas tem uma teologia diferente da presbiteriana.

Marcia: O Reverendo Jaime Wright diz que a comparação que ele faz com Calvino é pelo fato de que quando o Calvino estava sendo perseguido pela Inquisição ele usou vários codinomes. E o Paulo, no período mais duro do regime, tinha vários codinomes.

Reverendo Justino: Ah é? Isso eu não sei. Mas no nosso

período no IE ele era profundamente prático na religiosidade dele. No Domingo, por exemplo a gente saía do IE, no bairro onde está o colégio, e ia a pé até uma congregação na Vila Rodrigues, onde iam todos os aspirantes ao ministério. Só tinham dois que não eram aspirantes ao ministério. Um já morreu, que é um moço alemão que se tornou pastor; ele não era nem aspirante ao ministério. E o Paulo não era, mas ele assistia. Os aspirantes ao ministério tinham uma reunião chamada Clube Santo. Parecida com aquela reunião de Wesley com o irmão dele, Carlos, e com um presbiteriano que agora me foge o nome. Mas ele reunia naquela reunião que a gente fazia de manhã cedo, de madrugada, para estudar a santidade, a santificação, as tradições de Wesley, e todos princípios (Wesley foi um reformador também há 250 anos na Inglaterra). Então, os aspirantes ao ministério, que é um grupo bom, inclusive tem o Bispo Richard.... que teve aqui na inauguração, era nosso colega, desse grupo de aspirantes.

Marcia: E o que o Paulo colocava de idéias nestas reuniões?

Reverendo Justino: Não, ele participava como pessoa religiosa. Então, a gente de manhã, tomava café e ia lá para a Vila Rodrigues, almoçava, saía para a Vila Vera Cruz.

Marcia: Do que o senhor e ele falavam?

Reverendo Justino: A gente ia evangelizar. Ganhar almas para Cristo. Depois saía da Vila Vera Rodrigues e ia para os prisioneiros, nas cadeias. Todos os dias tinha um culto que fazíamos, nós aspirantes ao ministério, para os presos. Em Passo Fundo, todos os domingos. À noite a gente ia à igreja. E de manhã, na semana, além daquela reunião, tinha uma reunião sobre problemas sociais com Richard Shaull, que foi aquele professor inspirador da Teologia da Libertação.

Marcia: No viés protestante, ele seria o inspirador. O senhor e o grupo, com o Paulo Wright já conversavam?

Reverendo Justino: Nós falávamos sobre problemas sociais e políticos. Nós tínhamos uma hora - posicionamento dos evangélicos - de maturação, posicionamento. Uma conscientização.

Marcia: E como o senhor e o Paulo se posicionavam?

Reverendo Justino: Porque o estudante tinha muita atividade no colégio, mas se prendia em coisas da religião, a questão religiosa e ética no país, o posicionamento. E um dos inspiradores era Richard Shaull, que depois foi mandado embora. Eu até tive um livro do Richard Shaull na minha biblioteca (doei metade da minha biblioteca).

Marcia: Já existia o germe desse posicionamento na opção de vida do Paulo?

Reverendo Justino: Não, a gente toma consciência. Era uma consciência.

Eu fui me conscientizando no decorrer da situação política no Brasil. Eleição de Juscelino. Eleição de Jânio Quadros. Eu até comprei um radinho - na faculdade todo mundo tinha um rádio, e eu tinha um rádio para escutar os políticos. A Hora do Brasil, e a discussão dos políticos em São Paulo. Aí é que fui me conscientizando politicamente. Sempre me considero um ser político.

Marcia: E o Paulo, nessas andanças de evangelização, nesse convívio tão de perto, o que o senhor lembra dos pensamentos?

Reverendo Justino: Não não Só a personalidade dele é que me....Era um moço manso. Era bom, ele era um moço amigo, ético. Eu cuidava de um barzinho que o diretor me deu para explorar para pagar meu estudo lá no IE. Ele era cliente. Todo dia ele comprava um sonho no bar, aquele sonho grande que faziam lá em Passo Fundo, e ele tomava, naquele tempo ele tomava guaraná, mas ele gostava mais é de leite. Ele tomava um litro de leite, um no almoço e outro na janta. É o que procurei fazer quando ele estava clandestino. Quando ele me deu o projeto da Ação Popular.

Marcia: Ele chegou a mostrar o projeto da Ação Popular?

Reverendo Justino: Não, ele deu para mim! Eu li na frente dele.: - Olha, Paulo, vou botar

aqui no meu arquivo. E, rasguei na frente dele, no lixo, e disse: - Meu assunto agora é outro.

Marcia: Não é política.

Reverendo Justino: É. E outra vez ele me tentou, pedindo as dependências do meu escritório na igreja para levar um grupo e eu disse não. Aí eu tinha que conversar com a direção da igreja que chamava Gabinete Pastoral, todos os leigos, para ceder. Eu disse: Eu não posso fazer isso sozinho. Tem aprovação da congregação. E eu tratei de fazer isso, sempre solene, eu nunca contei esse problema dele, nunca disse no púlpito, nunca pedi oração, para evitar..

Marcia: Problemas maiores?

Reverendo Justino: é, porque o pastor que eu substituí ele era ultra direita. Era desse grupo que dizia: tomara que esse movimento dure 20 anos.

Marcia: e acabou durando mais até do que isso.

Reverendo Justino: Parece que a palavra deles foi abençoada lá pela Igreja Metodista Central onde apareceu tanto moço que foi preso, sequestrado e exilado, como Nivaldo Padilha.

Marcia: Se o senhor me permite, depois voltamos ao Nivaldo Padilha. Quando o senhor aqui em Florianópolis participou da inauguração da rua, o que o senhor sentiu, lembrando desses momentos? A formação do Paulo, depois esse momento em que o senhor conviveu na clandestinidade, e ajudou ele como irmão em

todos os sentidos, com o seu afeto. Qual o seu sentimento aqui?

Reverendo Justino: Eu senti que aqui, uma cidade ultra reacionária, ultra direita, que nem a imprensa da cidade tomou nota do acontecimento. Que aquele acontecimento ali

Marcia: O acontecimento onde o Reverendo William Shisler inaugurou a rua?

Reverendo Justino: É, porque foi por causa do Shisler que era um pluralista, um pluralista de idéias. Tanto é que o Shisler tem o nome dele na - agora desativou, o antigo Dops - Delegacia de Ordem Política e Social.

Marcia: Conversando sobre o Reverendo com o sr. Jimmy, ele disse que ele tomou para si a causa do Paulo Wright. Eu perguntei o seguinte a ele: como o sr entende o que aconteceu com a congregação de Florianópolis, de proibir o Paulo como presbítero, de fazer as reuniões dominicais, fazer orações em público?

Reverendo Justino: O Paulo andou se congregando aqui? Eu não sabia!

Marcia: O sr estava dizendo, aqui uma cidade mais reacionária

Reverendo Justino: Porque o Dico, o marido da dona Edith, era muito reservado. Eles não falavam nada dele e não contavam nada.

Marcia: E o Paulo nunca chegou a se lamentar nesse sentido?

Reverendo Justino: Não, também não. Ele era reservado. E eu também sou.

Marcia: Eu imagino que ele deve Ter se machucado bastante, não só no sentido político. Na Assembléia, eu assistindo a cerimônia de anteontem, no dia dois, em que abriram o cofre, depois de 25 anos, onde tem o dossie da cassação, enfim, vários documentos.

Reverendo Justino: Porque o pecado do Paulo aqui nesta cidade ultradireitista, nesta cidade ultraconservadora, os maiores líderes foram da UDN. Quem era da UDN naquele tempo era reacionário, era direitista, era do grupo do tenente que ficou brigadeiro Eduardo Gomes. E ser naquele tempo... Como meu irmão também andou metido lá no Rio Grande do Sul, e a gente perdeu toda a propriedade, o Exército invadiu - embora tinha um irmão coronel, outro saiu a prender comunista.

Marcia: Um irmão coronel e o outro?

Reverendo Justino: O outro foi preso pelo João Figueiredo lá em Uruguiana.

Marcia: Qual o nome do seu irmão?

Reverendo Justino: Meu irmão Antonio.

Marcia: Ele foi preso?

Reverendo Justino: Não, ele foi preso porque o João Figueiredo era presidente do quartel general de Uruguiana, em 64. O João Figueiredo era o comandante da Segunda

divisão no Rio Grande do Sul. E deu ordem dos sargentos saírem para vir a Brasília dar cobertura ao João Goulart que era o vice-presidente e o presidente em exercício. Quando chegou a um lugar chamado Passo da Glória (que não é da Glória é um inferno), ele mandou que todas as forças que vinham do sul, de Uruguiana, de Livramento, de Rosário, de Alegrete (são muitos quartéis), parassem porque ele ia dar a última forma (última forma em linguagem militar era "nada feito").

- Vocês não vão para defender, vocês vão derrubar o João Goulart.

Aí, meu irmão, todos os sargentos que eram desse quartel general, disse:

- Mas a gente aprendeu que a gente foi convocado para defender a Constituição e as autoridades constituídas.

E eles se rebelaram. Deixou 20 dias presos lá. Até um dos militares que prendeu, é muito meu amigo e amigo do meu irmão.

Marcia: E não adiantou?

Reverendo Justino: Não, porque no quartel tem que Ter obediência cega à hierarquia.

Marcia: A riqueza de temas para nós conversarmos é imensa. Tenho certeza que vamos gravar outras entrevistas.

Mas, vamos voltar mais outra vez para o Paulo, aqui, naquele período que o sr estava falando do Padilha. Estávamos falando do período da clandestinidade:

Reverendo Justino: Os pais do Padilha eram membros da

Igreja Metodista da Lapa. Apesar deles morarem na Luz eles pertenciam à Igreja Metodista da Lapa. Eles eram arrolados lá. Então eu tinha que dar assistência espiritual por causa do filho que era membro na Igreja da Luz e participava das atividades na Igreja Metodista Central como presidente da Federação de Jovens. E ele foi preso lá. Naquele tempo a Igreja Central da Liberdade tinha uma quadra de volei - a nossa lá na Lapa tem também, porque o que sustentou a moçada na igreja foi a quadra de volei, não é? E ele foi preso lá.

O filho do tenente Abieser, um deles morreu, morreu torturado. O tenente Abieser é um tenente da Força Pública que era membro ativo na Igreja Central e irmão do Reverendo Abiel da Silva da Igreja Metodista, e os rapazes foram presos todos lá na Igreja Metodista Central de São Paulo..

Marcia:Eu imagino o sofrimento do senhor, a responsabilidade.

Reverendo Justino: Quem deu assistência a essas famílias todas foi o Bispo Nelson Campos Leite e eu nem fui no enterro do filho do Abieser porque o meu Bispo, o meu Bispo era Alípio da Silva Lavora, que já morreu (está gravando isso? Está) Ele era advogado e aprovavam. Quando houve a Marcha Deus Propriedade, muita gente achou que estava certa a revolução.

Marcia: Para o senhor, nestes dois anos, sempre ficou uma situação limite? O senhor tinha

vários membros da sua igreja, sob sua responsabilidade?

Reverendo Justino: A família, por exemplo Cantoni. A família Cantoni é família de ouro. A sra pode se quiser saber alguma coisa sobre o Cantoni, Wilson Cantoni que foi exilado para o Chile, foi para Costa Rica, a mãe dele foi para lá.

Marcia: Eram paroquianos do sr?

Reverendo Justino: Eram paroquianos. E o Cantoni até hoje ele é professor na Universidade Metodista de Piracicaba. Ele é professor de música. A sra conhece?

Marcia: Não conheço, mas vou procurá-lo.

Reverendo Justino: Mas o mano dele foi exilado e morto. Ele era um metodista da gema mesmo. Escrevia muito bem. Escrevia para as crianças numa revista que a gente tinha, chamada Bem-te-vi. Ele era um sociólogo.

Marcia: Esta revista que tinha lá -Cruz de Malta, o sr deu continuidade?

Reverendo Justino: Morreu. Porque essas instituições que a igreja tinha por causa de 64 que fechou a faculdade de Teologia em Rudge Ramos, e fecharam outras instituições - por exemplo, na Igreja Presbiteriana fechou o Seminário IV Centenário, da Igreja Presbiteriana. Fechou o Instituto Rural em Campinas.

Marcia: Fechou pelo regime? Reverendo Justino: É, pelo regime.

Marcia: E todas essas instituições tinham publicações? Como a Cruz de Malta?

Reverendo Justino: A nossa tinha publicação nacional, de toda igreja. Era Cruz de Malta, para jovens, para adolescentes, Voz Missionária para mulher.

A.

B. Marcia: Chegaram a ser censuradas de alguma maneira ou foi a própria instituição?

Reverendo Justino: Não, a nossa instituição acabou com as Board que tinham lá na América do Norte, e tem até hoje. Board era a Junta. A Junta de Educação Cristã. A Junta de Ação Social. E a Junta de ... Por causa de toda a

Marcia: A repressão?

Reverendo Justino: Também a divisão polemica que aconteceu na igreja metodista, enfraqueceu muito a igreja.

Marcia: Qual foi essa divisão?

Reverendo Justino: Bom, depois veio o movimento carismático, isso tudo ajudou muito a dividir a igreja e a diminuir a força da igreja como instituição. Aí fechou os Concílios - porque a nossa igreja é a instituição mais democrática que existe, é conciliar - os bispos e os leigos; não é dogmática como a católica, os leigos não dizem nada, é só o Papa e a hierarquia.

Marcia: A hierarquia. O sr me passa uma sensação desse período de muita perplexidade.

O sr foi muito firme na sua posição ao lado dos paroquianos, mas ao mesmo tempo o sr. Se sentiu quase que manietado.

Reverendo Justino: É. O Bispo Osvaldo Dias da Silva, que é um bispo gaúcho, mora lá em Campinas, era o presidente do Colégio dos Bispos, e foi ele que disse que ele ia dar a - chama pastoral, ele ia dar, chama na nossa... agora está medando algum branco - ele ia dar toda assistência pastoral quanto pudesse. Porque era um protocolo muito grande para poder visitar uma presa. Então ele disse: Então ele disse, Justino voce deixa, que eu trato desse assunto como presidente, e eles vão me respeitar mais e não compromete voce e seu trabalho pastoral aqui na igreja.

Marcia: Ainda bem que ele lhe deu apoio.

Reverendo Justino: Então ele que deu assistência. Por exemplo, a Igreja da Lapa, esses Cantoni, eram amicíssimos. Eu não conhecia essa menina Edinaura que foi presa quando fechou a Faculdade de Teologia. Parece que o que alegam é que ela tinha, clandestinamente, também um subversivo lá no apartamento dela. Naquele tempo os estudantes...

Marcia: Sim. Agora, por exemplo, o Paulo sabia de toda essa...

Reverendo Justino: Não, não sabia.

Marcia: A assistência que o sr dava a ele era só pessoal?

Reverendo Justino: Era só hospedagem, em casa e a liberdade que eu dava dele ficar na minha casa escrevendo as cartas.

Marcia: Um abrigo maravilhoso, mais do que samaritano esse abrigo.

Reverendo Justino: Era só essa que eu dava, para não estraçalhar a igreja, a Congregação da Lapa, que já era sofrida. Era só isso. E não dizia nada, não pedia uma oração pela igreja, nunca disse. Agora que eu tenho vontade de dizer para a comunidade, como que foi aqueles anos.

Marcia: Que que o sr. Diria?

Reverendo Justino: Bom, eu iria relatar tudo que aconteceu. Que eu dei o abrigo com livre consciência de que eu não estava fazendo um ato iníquo contra a minha nação, contra o meu povo. E que não concordava, por exemplo com: "Brasil, ame-o ou deixe-o!". Eu não concordava com aquilo. E eu acho que nenhum homem tem direito de tirar a liberdade de uma pessoa por pensamentos. Eu gosto muito do pensamento de Voltaire. Ele dizia: eu posso não concordar com o que dizes, mas eu defendo até a morte o direito de dizeres o que pensas. Então, sempre tive esse pensamento comigo, e também do nosso patrono metodista, que é John Wesley. Disse ele, quando esse assunto lá na Irlanda entre católico e irlandeses é desde o tempo do Wesley. Ele uma vez levou um ovo choco, um ovo na cabeça de um irlandês, e ele escreveu Carta a um católico, e disse: Se estás em paz com

Deus, dá-me tua mão, somos irmãos.

Essa é a atitude do John Wesley, que ele infundiu para todos os metodistas. Que a gente não deve julgar uma pessoa pelos seus pensamentos, e tem que aceitar e respeitar.

Marcia: Aceitar e respeitar. E o sr teve isso na prática. E isso o sr diria hoje, já que não pode dizer naquele tempo. Que a sua posição diante da comunidade de pastor, a sua responsabilidade de pastor.

Reverendo Justino: E o pastor não pode dizer tudo. E como o padre que chamam em espanhol de cura- antigamente tinha o confessionário auricular, em que o padre "Ego te absolvo". O padre não tem direito de dizer uma coisa que o seu paroquiano vive para outra. Tem o direito de respeitar.

Marcia: Tem o sigilo.

Reverendo Justino: Tem o sigilo profissional. Afinal de contas o pastor é um profissional da fé.

Marcia: E o sr. tinha o direito ao sigilo no caso do Paulo, e também dos outros paroquianos aos quais o senhor precisou de dar proteção.

Reverendo Justino: Claro, claro.

Marcia: Em que momento toda essas circunstâncias abalou a sua própria vida pessoal, os seus filhos, a família?

Reverendo Justino: é, a gente fica deprimido, porque tem as transferências, tem as saídas.

Por exemplo, eu saí da Lapa, pensei que não tava na hora de sair. O povo pediu uma carta pediu uma carta o meu retorno.

Marcia: Pediram o seu retorno.

Reverendo Justino: É. Mas eu fui transferido sem saber que ia ser transferido.

Marcia: Quem fez essa transferência?

Reverendo Justino: Bom, aí, chamava antigamente Gabinete Episcopal.

Marcia: De repente, assim, da noite para o dia, o sr foi chamado para Sorocaba? Não tinha completado cinco anos....

Reverendo Justino: É, o concílio. No concílio. Porque o Bispo é que nomeia. Afinal de contas é a cabeça.

Marcia: É a cada cinco anos?

Reverendo Justino: Não, não tem data. Por exemplo, nós temos um pastor, lá foi nosso colega, até foi secretário do Lauro Gomes, o Venildo Madalena, que foi dessa revista Cruz de Malta. O Venildo ficou 18 anos lá em São Bernardo do Campo. Ele foi secretário do deputado Lauro Gomes. Que naquele tempo era do PTB. E PTB naquele tempo era um só, até Ivete Vargas foi um só. Depois de Ivete Vargas, passou a ser dividido. E ser do PTB era ser comunista.

Marcia: Ele ficou 18 anos. O sr ficou dois anos. Eu imagino o sr saindo aqui de São Paulo em direção a Sorocaba, o seu coração de pastor, como estava em relação a esta partida, como o sr se sentiu nessa viagem, deixando São Paulo.

Reverendo Justino: É, eu fui obediente, porque a gente tinha a itinerância como obediência a Deus. A gente cantava o hino: “Nem sempre será para onde eu quiser que o sr me há de mandar. Onde quer que seja, com Jesus irei”.

Marcia: O sr cantava o hino para poder ganhar forças.

Reverendo Justino: Na solenidade dos concílios. E depois eu percebi que muitas vezes fazem aquilo que de Deus.... E os Concílios, como disse um bispo da nossa igreja, muitas vezes eles erram. Eles não são infalíveis. Faz parte da missão.

Marcia: O hino deve ter fortalecido o sr. Nunca mais o sr pode ver esses paroquianos, o sr perdeu o contato com todos?

Reverendo Justino: Ah sim, porque a gente inclusive tinha, por questão de ética, não voltar, não escrever cartas. Eles diziam ética.

Marcia: Mas que provação!

Reverendo Justino: Não podia voltar. Escrever cartas. Hoje eu acho que não é uma teoria errada. Porque a gente faz amigos. E olha, o último grau da vida cristã é ser amigo. Jesus falou para aqueles 11 - 12 que ele chamou, porque um traiu, que foi Judas, os apóstolos. No finzinho ele disse. Eu não chamo mais servos, mas amigos. E Ele quis que os homens fossem amigos uns dos outros. Infelizmente nós estamos nessa época.

Marcia: Quer dizer, o senhor deixou amigos. Esses amigos eles chegaram na última escala de evolução de um relacionamento. O sr. Partiu com outra missão.

Reverendo Justino: Sim!

Marcia: Mas, voltamos, não é verdade? Através desta entrevista, no tempo. Eu espero que em outras nós possamos também retomar o mesmo assunto, porque ficam sempre aspectos que nós não trouxemos. Se o sr permitir, está certo?

Reverendo Justino: É. Pois não. É. Está.

XIII. Lado A

Marcia: o sr podia se identificar, por gentileza?

Reverendo Justino: Sim. Eu sou Justino Quintana Nunes, ministro da Igreja Metodista do Brasil, e sou aposentado. Tive a alegria e o grande prazer de ser colega de classe do falecido deputado Paulo Wright, quando estudei no Colégio Metodista Educacional de Passo Fundo, onde nós fomos colegas de classe, nos anos 49 e 50 quando estudamos juntos fazendo a 4ª série do Ginásio - Curso Ginásial daquele tempo - e o primeiro Científico, quando em 51 nos separamos, porque eu fui acabar meus estudos em São Paulo para estudar e terminar o Clássico e posteriormente a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, localizada naquele tempo em Rudge Ramos. E hoje é uma Universidade Metodista, a UMESP.

Marcia: E quando o sr voltou a encontrar o deputado Paulo Wright, após essa separação? Quando voltou a encontrá-lo?

Reverendo Justino: Sim, quando nos encontramos eu já era pastor da Igreja Metodista, no sistema metodista a gente é itinerante, eu já tinha pastoreado três anos a região de Vila Prudente, em São Paulo, zona sul, compreendendo Vila Prudente, Vila Alpina, Vila Diva, onde substituí o pastor que naquele tempo era jornalista, William Richard Shisler, e redator da revista Cruz de Malta da Igreja Metodista, para os jovens. Eu o substituí naquela igreja e de lá fui para Cunha, no alto da Serra do Mar, na região com o Vale do Paraíba, e lá eu fiquei 4 anos até a revolução de 64, que estorou naquele 1º de abril de 1964, e de lá eu fui mandado para Lorena, Piquete, Cruzeiro, onde pastoreei durante cinco anos. Após os 5 anos, um quinquênio, era mais ou menos o tempo que os pastores ficavam e tinham que mudar, eu fui mandado para a Igreja da Lapa, no bairro da Lapa.

Marcia: Onde que ficava essa igreja?

Reverendo Justino: Ela fica na Vila Romana, na rua Camilo, e fui morar na rua Tito, bem próximo à rua Pio XII. No meu ministério - naquele tempo a igreja muito avariada pelo sistema, porque muitas famílias tinham sido atingidas e a própria igreja local -, eu fui mandado por Deus, creio para cuidar do rebanho que estava muito abatido pelo movimento. Esse movimento de arbítrio estourado no país e que atingiu

muito a igreja, por ser uma igreja de classe média, e havia muitos universitários na nossa igreja.

E também na igreja onde pastoreei, fui surpreendido, certa manhã, com a batida na porta que era um menino, um rapaziado, que tinha sido meu paroquiano no interior e veio pedir meu socorro. Ele estava com problema de definição de sexualidade, ele não tinha, com 18 anos, definição sexual por causa da procedência dele, de onde ele nasceu, do modo como ele foi educado, e ele veio pedir meu socorro. Ele disse: Estou com 18 anos, não tenho atração nem por homem nem por mulher, não sei o que tem comigo, mas eu não tenho e queria que o sr me ajudasse.

(...) da personalidade dele e do nosso contato e da pessoa dele durante esses dois anos de comunhão que a gente foi colega lá em Passo Fundo.

Marcia: Perfeito, gostaria mesmo que o sr retomasse, nós já havíamos conversado a respeito, desse período em Passo Fundo, que o sr estudou com o Paulo Wright, por favor.

Reverendo Justino: Eu tive o grande prazer de ter o Paulo como colega, muito íntimo, talvez o meu colega mais íntimo e pessoal no IEE, no Instituto Metodista Educacional, que era um instituto dirigido pelo Mr. Shisler, era um leigo professor, e era um homem interessante, o Mr. Shisler, porque ele deu um ambiente pessoal e muito amistoso no Instituto Educacional. E naquele tempo, aqui em Santa Catarina não havia quase ginásios, não havia quase cursocientífico e a

rapaziada daqui, de Concórdia, dessa região aqui de Itajaí, dessa cidade aqui do alto da serra, eles não tinham, eles faziam ginásio e científico, porque o pai do Paulo Wright, ele era educador.

Marcia: Reverendo Latham?

Reverendo Justino: O Latham Wright é irmão, é formado, ele estudou lá no IE, como o Jaime Wright, eles fizeram o ginásio e científico lá. E o Latham também era amigo e foi missionário em Portugal, e o Jaime era filho de americanos mas trabalhou sempre aqui no Brasil, como missionário. E o pai do Paulo ele foi fundador de escolas e igrejas em Lages, aqui no Paraná, na cidade de Castro, e os filhos estudavam lá no IE. Então, o Paulo, era filho de missionários presbiterianos, irmão de dois pastores. Então, ele tinha uma grande influência religiosa na sua formação. De maneira que ele foi considerado no IE nos anos que nós fomos colegas, o aluno padrão, porque ele era muito amigo de todos, ele foi o maior amigo do colégio, ele se destacou. Era um excelente estudante, era um excelente desportista, porque o IE praticava muito o voleibol e o basquetebol e ele era também.

Marcia: Que ano o sr e ele estiveram mesmo em Passo Fundo?

Reverendo Justino: Em Passo Fundo? 49?

Marcia: E depois o sr só foi reencontrá-lo em 64?

Reverendo Justino: Não, fui reencontrá-lo em maio de 70 quando ele já estava

Marcia: São 20..24 anos?

Reverendo Justino: É eu não encontrei mais, eu me separei dele ele foi para ele constituiu família, se formou em sociologia, sindicalismo

Marcia: Lá na Lapa, na Igreja Metodista, já o sr estava desde 64

Reverendo Justino: Não eu fui em 69-70-71, só nestes dois anos, pastoreei lá.

Marcia: E foi nesse período que o sr reencontrou. Conta como aconteceu isso.

Reverendo Justino: Na Vila Romana as ruas são paralelas: Camilo, Tito, e a

Marcia: Trajana?

Reverendo Justino: Não, onde está a igreja do reverendo onde eu fui buscar o psicólogo, o reverendo Osvaldo Alves. Era na Vila Romana, rua Roma. Tem um grande templo presbiteriano, onde está este pastor meu conhecido, o reverendo Osvaldo Alves que foi metodista, depois ele passou a ser presbiteriano. O reverendo Osvaldo Alves se destacou. Eram dois irmãos gêmeos, Osvaldo e Evaldo, um se destacou para a sociedade Bíblica do Brasil,

Marcia: O outro na Psicologia.

Reverendo Justino: Na Psicologia. E ele fazia Psicologia gratuita. Tanto para os paroquianos como para o povo do bairro. Então e por causa desse menino que eu não vou dizer o nome dele para não identificá-lo, porque ele estava com essa crise, me lembrei

logo, que ele me falou de manhã na casa dele do Osvaldo e lembrei também numa outra metodista que também na história de 64, e depois foi paroquiana do Dico lá em Campo Belo, a dra. Daise Backer, que é psiquiatra. E eu fui no Osvaldo para buscar ajuda, atendimento psicológico e nela psiquiatra. Eu falei com os dois profissionais - vocês podem me fazer esse trabalho para um moço assimassim...

Marcia: E lá estava o Paulo

Reverendo Justino: Aí eu cheguei na fila e porque o menino foi muito cedo lá, cheguei eram uns sete horas, tinha uma fila grande, e eu deparei com o Paulo em trajes mais ou menos sujos, meio disfarçado, barbudo, nesta fila.

Marcia: Deve Ter sido um choque para o sr, ve-lo assim.

Reverendo Justino: Aí, eu sorri, ele estava olhando me viu, e deu um sorriso, e eu sorri para ele, porque a gente costumava sorrir, aí corri lá, não eu fiz assim...

Marcia: Acenou para ele?

Reverendo Justino: Acenei para ele e ele veio:

- Você está aqui? onde você mora?

- Ali, na rua Tito, 1668.

E só. Ele não tinha anotação nenhuma, guardou o nome, e no dia seguinte bem cedo ele estava lá na minha casa batendo na minha porta, 6 horas.

Marcia: Isso em 1970?

Reverendo Justino: É. Ele já estava com o projeto da Ação Popular, que era fazer um

partido, juntando todos os exilados, da direita e da esquerda que tinham sido exilados, para formar um novo partido para derrubar o regime militar

Marcia: Isso ele conversou com o sr?

Reverendo Justino: Não ele não conversou. Eu não sabia que era exilado, tinha sido deputado aqui em Florianópolis, que ele foi cassado e exilado, e que ele entrou clandestinamente no país, e que ele estava clandestino. Mas aí ele disse: - Olha eu estou organizando um partido aqui...

Porque o nosso início lá em Passo Fundo, foi o seguinte: que em 50 "Ele Voltará", a Campanha do Getúlio, "Ele voltará".

Marcia: A Campanha para a reeleição?

Reverendo Justino: A Campanha para o retorno dele ao poder, a primeira eleição dele, porque a primeira ele entrou pela revolução. Campanha do "Ele voltará". E foi uma campanha, porque o Getúlio quando ele foi pressionado e deposto, em 45, ele se elegeu senador.

Marcia: Mas o Paulo e o sr estavam em campanha?

Reverendo Justino: Não, a gente não entrou em campanha política. A gente só participava como moços de igrejas e idealistas como escotismo, porque o Paulo era pioneiro, que usava calça comprida azul, tenho as fotografias e tudo aí, e que dirigia a tropa de escoteiros. Então, a vida do

Paulo nesses dois anos: ele era o melhor aluno, o mais amigo, um bom estudante.

Marcia: Mas, voltando a AP?

Reverendo Justino: Sim. Mas como coincidiu o nosso encontro político? Porque quando eu era mocinho na minha cidade na farmácia do Simões, o Simões, era um homem que observava tudo na cidade. Eu tinha terminado o primário, e não tinha mais o que ler. Porque eu era leitor contumaz lá no Datanhato Pino onde eu fiz o primário junto com o sobrinho dele, o Antonio Proença. E ele disse: e agora vocês não leem mais não vão à biblioteca. Eu disse não tenho o que ler, só leio jornais do dia que o pai compra. Ele comprava dois jornais, O Diário e o Diário de Notícias, do Chateaubriand e outro diário e um jornalzinho Noite Ilustrada que trazia histórias sobre

Marcia: O sr. Me desculpe, quer dizer que o sr e o Paulo estavam falando a esse respeito em 1970? Na AP?

Reverendo Justino: Não, foi em 1950, quando teve o comício!

Marcia: Então vamos voltar em 1970, que é o período que ele esteve clandestino.

Reverendo Justino: Sim, mas antes de 50, como é que surgiu o nosso..

Marcia: É que eu estou centralizando o nosso estudo no período que ele esteve clandestino.

Reverendo Justino: Ah! Sim. Mas o encontro político,

porque ele pendeu para o lado da política? Por causa da sociologia e do sindicalismo. Mas porque teve este grande comício em 50, onde Getúlio ia fazer um grande comício na av. Brasil que passava na frente do nosso colégio. Teve uma grande carreato onde apareceu o Getúlio sentado no carro aberto. De um lado dele vinha o Plínio Salgado, que era da direita, do partido integralista, e o outro do lado...o Luis Carlos Prestes, estava do lado esquerdo.

Marcia: No lugar certo...

Reverendo Justino: É, no lado esquerdo. E o outro na direita. E ele no centro, porque Getúlio não era esquerdista nem direitista, era um homem democrata de centro mesmo. Hoje apresentam ele como ditador mal, e coisas mais, mas não era isso, a mídia que fez isso na imagem do povo.

Marcia: Por que o sr está se lembrando?

Reverendo Justino: Porque o Paulo disse:
Vamos lá no comício?
Eu disse:
Vamos, vamos lá.
Mas eu quero estar lá no palanque onde eles estão eu quero falar com os homens. Com quem tu queres falar?
ele disse
Eu quero falar com Getúlio.
E eu disse:
Eu quero falar com Luis Carlos Prestes.
Porque quando eu era menino, esse farmacêutico me emprestou o livro O Cavaleiro da Esperança (que eu não consegui ler porque o meu pai descobriu em cima do guarda-

roupa), e ele me deu o livro forrado no papel da farmácia.

Marcia: E o sr conseguiu falar com o Cavaleiro da Esperança?

Reverendo Justino: Falei com ele. Falei duas vezes com Luis Carlos Prestes. E orei por ele duas vezes.

Marcia: E em 1970, o sr e o Paulo lembraram disso já na prática?

Reverendo Justino: Ah sim, na prática eu dei hospitalidade. Pela minha convicção de ministro que o presbítero deve ser hospitaleiro, dar hospitalidade aos necessitados, a todas as pessoas.

Marcia:Essa posição que o sr assumiu trouxe problemas para o sr lá em São Paulo?

Reverendo Justino: Não trouxe, graças a Deus. Deus me protegeu. Protegeu enormemente.

Marcia: Nem na comunidade? Na própria comunidade presbiteriana ou metodista?

Reverendo Justino: Eu fazia secretamente. Eu não dizia nada para ninguém. Porque a minha convicção não fazia com que eu tivesse temor que a polícia que era forte lá na Lapa eles tinham os aparelhos e entregaram muita gente importante presa, que foram para Perus.

Marcia: Quanto tempo esse abrigo, não só umabrigo afetivo, espiritual, o sr

Reverendo Justino: 2 anos. Nosso encontro lá na Lapa era

assim: ele chegava de madrugada, a minha esposa preparava um café bem substancioso, eu dizia ele gosta muito de leite, vou comprar mais leite, porque ele tomava um litro de leite lá no IE, um no almoço outro na janta.

Marcia: Ele chegava demadrugada para poder, por problema de segurança?

Reverendo Justino: Ele chegava no clarear do dia. Eles tinham as reuniões clandestinas à noite, eles chegava de madrugada, tomava o banho dele, fazia a barba,

Marcia: E de alguma forma o sr podia transmitir a ele notícias da família, da esposa, dos filhos, ou do Reverendo Jaime Wright?

Reverendo Justino: Não. Eu transmitia notícia: olha, o Paulo chegou, tal dia assim, assim, eu ia, cada vez que ele ia, eu dizia, eu deixei o Paulo na minha casa,

Marcia: E também o sr transmitia para o Paulo notícia da família, dos filhos?

Reverendo Justino: Não, dos filhos e da esposa eu não sabia nada. Porque o Jaime não transmitia nada para mim. Eu apenas dizia:naquele tempo o escritório da igreja, dos missionários presbiterianos, que tinha a missão sob a liderança do Jaime Wright era na 24 de maio, naquele prédio, um prédio velho perto do teatro santana que derrubaram,

Marcia: Na cidade perto do Itaú. O sr. Ia para conversar como o Reverendo

Reverendo Justino: Era assim: ele chegava 6 horas, ele tomava café, 7:30 eu saía para a igreja, porque eu tinha o meu horário estipulado de tinha escritório até ao meio dia na igreja, telefone, boletim, essas coisas, e eu deixava o Paulo em casa, ele ficava assim como a sra está, num sofá escrevendo cartas, escrevia, escrevia, escrevia cartas.

Marcia: O sr tem algum escrito do Paulo?

Reverendo Justino: Não tenho. A única coisa que ele me deu foi o jornal da formação do partido. Ação Popular.

Marcia: O sr tem?

Reverendo Justino: Eu rasguei na hora. Eu disse: Olha Paulo, agora meu assunto não é Política, eu só cuido de assunto da fé. E eu rasguei o jornal e joguei na lata do lixo. Na frente dele.

Marcia: E o sr e ele conversavam assuntos da fé?

Reverendo Justino: Não. Ah na fé sim, porque nós tínhamos

Marcia: Quais eram esses temas?

Reverendo Justino: Mas muito pouco. Ele ficou uma pessoa quase calada. Só escrevia e não falava. As minhas crianças eram pequenas e diziam: Esse moço parece Jesus Cristo, não fala nada quase. Mas Jesus falou muito.

Marcia: Jesus Cristo! Sim

Reverendo Justino: Eu só saía as sete e meia e ia para o meu escritório, deixava ele, a

Corina tinha uma menina em casa que ajudava a cuidar das crianças e tinhamais os meus filhos que eram pequenos.

Marcia: Devia de machucar muito o seu coração ver a situação dele, não só dele, como de outros pertencentes ao rebanho

Reverendo Justino: Sim, porque os dois anos que a gente viveu lá no IE a gente era inseparável. No Escotismo, como nos domingos tínhamos o nosso grupo de aspirantes ao ministério, e ele não era aspirante definido, ele nem sabia o que ele ia estudar, ele estava no primeiro científico e não sabia

Marcia: E o sr e ele conviveram lado a lado nesse periodo e essa volta lá nessas circunstancias deve Ter sido algo para o sr muito dolorosa, porque o sr ficava de maos atadas

Reverendo Justino: É eu sempre tive paixão pelo assunto social E eu fiz um curso de Ética Cristã na Faculdade de Teologia com um missionário americano que veio lá da China, e a Ética Cristã que ele deu, o que valeu nesse curso dele, foi que ele nos deu uma grande bibliografia: o que que era o comunismo, os lideres, a revolução bolchevique, ainda tenho alguns livros na minha biblioteca lá no fundo, mas, por exemplo, esse americano que nos deu o curso, era um curso de anticomunismo.

Marcia: E o sr estava vendo na prática, o Paulo, e além do Paulo, outros membros da comunidade, sendo vítimas,

como uma situação de arbitrio como o sr falou.

Reverendo Justino: Pois é. O Paulo era bom aluno, filho de pastores, ele era pioneiro, a gente acampava junto saía para fazer excursões para Carazinho, por exemplo uma noite a pé, de Passo Fundo a Carazinho, e levavamos inclusive esses Siroski que são da multinacional da Globo aqui e lá no Rio Grande do Sul, o Jaime Siroski que é um dos proprietários, eles eram nossos colegas no IE, o Jaime terminou o ginásio comigo e entrou no grupo de pioneiros, ele era muito novinho, era o caçulinha do grupo, né.

Marcia: No momento que o sr saiu de São Paulo em 71, alguém mais pode dar esse apoio que o sr dava para o Paulo? Ele ficou órfão?

Reverendo Justino: Ficou órfão. E eu fiquei órfão também da amizade dele.

Marcia: O sr saiu de São Paulo e foi para onde?

Reverendo Justino: Eu fui mudado assim bruscamente sem saber.

Marcia: E para onde o sr foi.

Reverendo Justino: Eu fui para Sorocaba. Depois que eu fiquei sabendo que ele tinha sido morto assim. Que não sabiam nem onde estava o corpo.

Marcia: E o sr ficou quanto tempo?

Reverendo Justino: Eu fiquei em 72-3-4-5, em setembro eu saí de Sorocaba e fui para o Nordeste.

Marcia: E esse período que o sr saiu não se comunicou mais, não teve mais notícias?

Reverendo Justino: Não, eu saí, não me comuniquei, não soube mais do Paulo nem do Jaime. Eu só vi o nome do Jaime no livro Brasil Nunca Mais, aí eu fiquei lendo. E depois com o Jaime

aqui, quando ele veio para inaugurar essa rua do irmão dele, o Jaime esteve aqui com os filhos, com a filha do Paulo Wright que morreu agora, a Leila. Está ali numa das revistas que comprei, no ano passado. Foi a morte da Leila, mas a imprensa aqui não disse nada, nem aqui nem lá, para salvaguardar a história que Curitiba é a cidade de melhor

qualidade de vida. Nem uma notícia deu, a não ser essa que é tida por marrôm.

Marcia: Eu vou pedir licença ao sr porque está quase terminando [a fita]. Eu vou pegar outra.

Reverendo Justino: Sim.

14.3.7. Entrevista com o reverendo Oswaldo Henrique Hack

A. Lado A

1. Apresentação

MARCIA: Eu gostaria que o senhor se apresentasse.

PROF.OSVALDO: Pois não. Eu sou o Professor Oswaldo Henrique Hack. Fui professor da Universidade Federal de Santa Catarina, durante 30 anos, na área de Ciências Humanas. E atualmente estou na Universidade Presbiteriana Mackenzie como Chanceler da Universidade, representando a Mantenedora, que é o Instituto Presbiteriano Mackenzie, na área acadêmica, junto à Universidade.

MARCIA: Como esse fato aconteceu? Como que o senhor veio em 96 da UFSC, da Universidade Federal de Santa Catarina para a Chancelaria do Instituto Presbiteriano Mackenzie?

PROF.OSVALDO: A Mantenedora convida. O cargo de Chanceler é um cargo de confiança e de indicação da própria Mantenedora, diretamente.

Entre as pessoas envolvidas, ou as pessoas convidadas e procuradas, o meu nome foi incluído. Eles fazem alguma análise prévia nos nomes solicitados. Olham a experiência acadêmica da pessoa, a titulação. No mínimo, tem que ter pós-graduação. Olham também a experiência na área, não só de titulação, mas na área realmente acadêmica, de universidade, de trabalho, administrativa.

Entre os candidatos, consegui preencher esses requisitos na entrevista, na proposta de trabalho. Eles gostaram do meu trabalho.

Então, estou aqui:- convidado.

MARCIA: "Eles" que o senhor está dizendo, é o Conselho Deliberativo?

PROF.OSVALDO: Isso. O Conselho Deliberativo, que representa a Mantenedora. São as pessoas que indicam. A Escola Americana, o Colégio Mackenzie e a Universidade, pertencem a esta Mantenedora que é o Instituto Presbiteriano, que tem um Conselho que delibera. E nós cumprimos.

MARCIA: Como foi sair da Universidade Federal de Santa Catarina, com tanta raiz na sua vida, no seu projeto de vida, no seu percurso no meio acadêmico? Deixar Santa Catarina, Floripa, e vir para cá?

PROF.OSVALDO: Foi fácil, na ocasião, porque eu já tinha me aposentado na Federal. Estava com tempo realmente disponível.

O convite veio como um desafio de uma nova etapa da vida acadêmica. Deixar de ser professor, ou coordenador de área. E entrar numa área mais administrativa. De supervisão acadêmica.

Meu trabalho aqui é diretamente com o reitor e com a reitoria da Universidade. Trabalho com eles diretamente, na decisão de planos e de políticas educacionais que a gente precisa implantar na escola.

MARCIA: Esta é uma tarefa também diplomática, doutor Oswaldo? Existe um *interface* entre a sua atividade e outras universidades, outros institutos de ensino?

PROF.OSVALDO: É, existe realmente. O chanceler é esse elemento de ligação. Não apenas da igreja com a universidade, mas também da universidade com o mundo acadêmico.

Nós temos participado de muitos congressos nacionais e internacionais, de algumas associações com as quais o Mackenzie mantém contato, justamente para estabelecer convênios e intercâmbios.

MARCIA: Está incluído nesse programa de trabalho a Universidade del Norte, no Paraguai?

PROF.OSVALDO: Sim, nós já estivemos lá; temos tido contatos e há um estudo de possibilidades de convênio. Ainda não temos convênio com eles, mas temos tido bastante aproximação. Há interesse de se manter algum convênio.

MARCIA: É o Mackenzie num momento de globalização? É isso? Esse é o desafio do senhor?

PROF.OSVALDO: Isto. Um desafio buscando ao Mercosul. Buscando todas as oportunidades de integração latino-americana.

MARCIA: O Doutor Marcelo Mendez fala a respeito, do mercado na educação..

PROF.OSVALDO: Marcelo é o vice-reitor. Isto, isto, é..

B. PRESBITERIA NISMO

MARCIA: Estou admirada do rumo que está tomando esta pesquisa. Estive em Florianópolis com um programa de trabalho. Esse programa incluía conversar

com Reverendos, como o Reverendo Eliseo da Igreja Presbiteriana do Estreito. Também fui até o Centro de Vivência, no Itacorubi, dos Metodistas. Não conversei com os Adventistas porque não houve possibilidade.

Fiquei muito triste quando vi que o senhor não estava, queria falar com o senhor. E a dona Elizabeth disse: Ele está em Boston, a senhora conversa com ele em São Paulo.

Confesso ao senhor que não fazia parte da minha programação, estar no Mackenzie. Isto até me entusiasmoq.

Mas, gostaria de voltar a Florianópolis.

Nesta fase do meu projeto "O fator religioso na estratégia de comunicações do estado autoritário". É uma análise sóciossemiótica.

Sou jornalista e estou fazendo mestrado nesta área.

PROF.OSVALDO: Aqui na USP?

MARCIA: Na Usp. Até este último semestre, estava terminando os meus créditos. Agora é o trabalho de campo, onde estou realizando entrevistas. Até este último semestre estava privilegiando o estudo dos católicos.

O estudo dos protestantes foi iniciado a partir de uma monografia que fiz neste semestre.

Houve o destaque de um personagem neste estudo: o deputado Paulo Stuart Wright. Ele foi morto aqui em São Paulo.

Justamente no dia 2 de setembro foi inaugurado o

Memorial da Democracia, em Florianópolis, onde foi aberto um dossiê, com alguns documentos da cassação dele como deputado.

E nas pesquisas todas, percebi que o senhor é, em Florianópolis, o Reverendo responsável pela Igreja Presbiteriana do Centro (se eu estiver errada o senhor me corrige) É a primeira Igreja Presbiteriana?

PROF.OSVALDO: Presbiteriana de Florianópolis.

MARCIA: Sei que há algumas divisões.

PROF.OSVALDO: Tem outras. Há outras igrejas. A do Pastor Eliseo também é presbiteriana, mas é lá do Estreito*

MARCIA: É do Estreito. O Reverendo Fni me corrigiu.

PROF.OSVALDO: Uni Luz de Doura.

MARCIA: Eu entrevistei ele: "Existe a igreja do centro de Florianópolis. Existe a Independente". Conversei com a Lucília, advogada.

PROF.OSVALDO: A Lucília, eu conheço. Ela é advogada

MARCIA: Ela foi da metodista, depois foi da presbiteriana.

Mas o senhor é a pessoa que eu mais queria falar e o senhor não estava lá.

Faz de conta que nós estamos em Florianópolis.

O senhor esteve, parece que 30 anos, organizando e levantando, erguendo a sua comunidade, a sua paróquia, no centro de Florianópolis, na rua Visconde de Ouro Preto.

É esta história que ...u gostaria de ter do senhor.

PROF.OSVALDO: Bom, eu chiquei em Florianópolis em 0967, por tanto, pós revolução.

Estava em Itajaí. Fiquei 3 anos, de 66 a 68.

Em 67 eu já ficava em Itajaí, 2 semanas, e 2 em Florianópolis.

Até que, em 69, fui morar definitivamente em Florianópolis.

MARCIA: Em Itajaí o senhor pastoreava?

PROF.OSVALDO: Também era pastor. Eu comecei lá.

Bom, o nosso pastorado envolve regiões. Porisso que muitas vezes a gente se desloca.

Como o pastor de Florianópolis tinha ido para os Estados Unidos...

MARCIA: Quem é?

PROF.OSVALDO: Mora em Florianópolis, é um ex-pastor. Valdir Bernt. É professor aposentado da UDESC, e mora lá ainda. Está lá. Fez mestrado. Não sei que área está atendendo, mas ele chegou até a ser candidato a reitor da UDESC. Ele tem bastante história para contar nesta área.

Eu o substituí em 67, e de lá para cá, fiquei, nesse período todo de 67, praticamente até 93, como presidente da igreja.

O pastor titular é o presidente do conselho. Portanto, dirige o Conselho juntamente com a igreja.

Bom, a nossa comunidade é uma das mais antigas de Florianópolis.

Se a senhora quiser conhecer um pouquinho da história dela do início do século, fiz minha

tese de mestrado de História na Federal sobre a História da Igreja Presbiteriana de Florianópolis. Está na Biblioteca, no setor de teses. Eu conto a chegada dos americanos na ilha. Aquele desenvolvimento todo até 1930, quando surge essa Igreja Presbiteriana Independente, que foi um grupo que saiu da nossa.

MARCIA: Me parece que tem a ver com a aceitação ou não da Maçonaria?

PROF.OSVALDO: Um pouquinho, tem. Porque é um grupo - a Independente - um pouco diferente.

Bom, a senhora quer saber mais da minha presença em Florianópolis?

MARCIA: Sim. O senhor esteve, em 66-68 em Itajaí. Em 67 já estava em Florianópolis?

PROF.OSVALDO: Em Florianópolis, até 94.

C. PAULO WRIGHT

MARCIA: O senhor chegou a participar, de alguma forma, do que se passava com o deputado Paulo Wright? Teve algum contato com ele, particularmente?

PROF.OSVALDO: Como deputado, não. Eu tive, mas como líder de igreja.

MARCIA: Ele era presbítero?

PROF.OSVALDO: Ele chegou a ser presbítero de Florianópolis. Mas foi presbítero em 62, quando foi eleito deputado. E, quando foi cassado em 64, deixou também de ser presbítero. E tem toda essa história misteriosa sobre a vida dele, que nem a gente

conseguiu entender. Mas como eu estava de longe...

MARCIA: Ele deixou de ser presbítero, parece que foi uma decisão do Conselho. Como funciona isso?

PROF.OSVALDO: Do conselho. Foi.

Veja bem: o presbítero está subordinado às leis da igreja.

O presbítero é eleito pela igreja, pela comunidade. E quando é eleito, assume o compromisso de respeitar os estatutos e o código de disciplina da Igreja, que está atrelado ao Estatuto.

Todo o envolvimento dele - pessoal, familiar, social, comunitário - tem que refletir as convicções e aquilo que a Igreja considera e acha que é razoável e o mais correto.

Eu não sei os detalhes. Talvez, quem pudesse dar informações para a senhora seriam as pessoas que ainda moram lá e conviveram com ele nesse período.

MARCIA: O senhor teria alguém além do Reverendo Valdir Bernt?

PROF.OSVALDO: Bernt. Tem um advogado, que é da época dele. É o doutor Deodoro Gomes Mendonça. Ele tem escritório de advocacia lá.

MARCIA: Sua tese foi publicada?

PROF.OSVALDO: Não, está no arquivo da universidade. Não foi publicada.

MARCIA: Tem um livro do senhor também?

PROF.OSVALDO: O livro de doutoramento foi fruto daquela tese.

MARCIA: Qual é o título e a editora? deve estar esgotado?

PROF.OSVALDO: Está esgotado. O livro é "Protestantismo e educação brasileira", Casa Editora Presbiteriana. Mas está esgotada.

MARCIA: Mas deve ter na Biblioteca aqui no Mackenzie.

PROF.OSVALDO: Sim, eu dei dois exemplares aqui na Biblioteca. Casa Editora Presbiteriana

MARCIA: O ano?

PROF.OSVALDO: 1985. Deodoro Gomes Mendonça é de uma família tradicional de Florianópolis. E, viveu essa fase da mocidade do Paulo Wright eleito deputado e vivendo em Florianópolis. Porque o Paulo Wright era do oeste catarinense, de Joaçaba, da cidade de onde eu era. Ele era da região. Mas na época ele era jovem, entusiasta, estudou nos Estados Unidos, esteve fora muito tempo. Então, o contato por amizade que nós tínhamos com ele não era político.

MARCIA: Era pessoal?

PROF.OSVALDO: É. Ele se tornou político depois que eu saí de Joaçaba. Saí em 55 de lá.

Ele foi para os Estados Unidos, fez o curso superior. Quando regressou em Joaçaba, foi candidato a prefeito em 60 e foi derrotado. Depois, em 62, se candidatou para deputado.

Nesse período eu não estava mais em Joaçaba.

MARCIA: Já estava em Itajaí?

PROF.OSVALDO: Estava em Itajaí. Não! Estava em Campinas fazendo o Seminário.

MARCIA: O senhor conheceu lá o Reverendo Richard Shaul?

PROF.OSVALDO: Foi meu professor em Campinas.

Então, esse pessoal pode dar informações maiores para a senhora.

Há um irmão do Deodoro, outra pessoa que também conviveu com o Paulo - o dr. Yuri Gomes Mendonça que é um médico. Huri com H. Huri Gomes Mendonça.

Um dos dois pode informar, porque eles viveram o período em que o Paulo morava em Florianópolis, era deputado e era presbítero.

Como a igreja agiu no período em que ele deixou de ser, eu realmente não tenho algum detalhe da parte política.

MARCIA: Existiria a possibilidade de uma retomada da suspensão, até *post mortem*?

□

Hoje é outra a mentalidade, até tem o Antonio Cabrera - é presbiteriano.

Não só entre presbiterianos, entre católicos, acredito que outras religiões, a visão da participação comunitária parece que evoluiu para novas ações.

Mesmo o senhor, na tarefa atual, o senhor está fazendo este enlace com outros países, muitas vezes pode ser colocado numa situação onde decisões políticas são prioritárias.

Há 30 anos atrás, sabemos que era outra a mentalidade. Hoje □

talvez fosse diferente a atitude desse conselho? .O senhor vivenciou, 2-3 anos depois, com a mesma comunidade?

PROF.OSVALDO: Não, é claro, eu acho que seria. Na época eu também era recém-formado, acadêmico. Participei, aqui em São Paulo, de muitas reuniões estudantis da UEE, da UNE. Realmente a gente tinha uma cabeça diferente.

Acredito que, se eu estivesse como pastor na época, ia ver o assunto diferente.

Primeiramente, porque conheci o Paulo desde criança. O Paulo é de Joaçaba também, nasceu lá. O pai dele foi missionário muitos anos.

MARCIA: O Reverendo Latham?

PROF.OSVALDO: Ele foi quem me batizou. O pai dele que me batizou. Nós tínhamos uma amizade muito grande com a família.

MARCIA: E, se o senhor estivesse em 64-65 lá?

PROF.OSVALDO: Provavelmente analisaria o assunto de maneira diferente.

Porque os presbíteros da época viram a situação -foi uma situação de imposição no governo brasileiro. Uma situação difícil, praticamente. A pessoa que passa por uma mudança dessas radical, geralmente se posiciona, talvez não com uma análise mais crítica. Porque, naquela época, houve uma pressão bastante grande do 5º Distrito Naval.

MARCIA: Sobre Florianópolis?

PROF.OSVALDO: O 5^o Distrito estava lá, a sede era lá. Eu soube, não tenho, - talvez dr. Deodoro possa informar - parece-me que houve até uma certa solicitação do 5^o Distrito, que investigasse a vida do deputado Paulo. A vida pregressa, a vida anterior. Talvez isso levou a Igreja a ver o assunto por outro lado. Porque o Paulo era muito polêmico nas idéias. Era muito livre para pensar. Ele tinha estado nos Estados Unidos, a cultura dele era outra...

MARCIA: A organização dos pescadores, foi algo mágico.

PROF.OSVALDO: Foi. Ali no litoral ele criou aquela cooperativa.

MARCIA: Talvez isso tenha levantado a necessidade de perseguição, qualquer coisa dessa ordem?

PROF.OSVALDO: É, talvez.

Uma pergunta de quem seria ele e o que estaria fazendo ali, como americano, cidadão brasileiro e americano (ele tinha duas cidadanias). Tudo isso era uma pergunta, e levou...

Porisso, eu digo que está envolvido em muitos mistérios. Talvez eles não conseguiram ... o Paulo ou quem ele era.

MARCIA: O que me fascinou na história, é o fato dele, no meio da luta armada, estar defendendo posições religiosas. Estar evangelizando no meio da Ação Popular.

Existem textos dele que são cristalinos, no sentido evangélico.

Quem viveu aquele período dá para imaginar o que ele tinha

de enfrentar querendo evangelizar em plena luta armada.

PROF.OSVALDO: Ele defendia os princípios da liberdade.

MARCIA: Como foi que ele teve de se manter para não aceitar que fosse definido como ateu e ainda argumentar, em termos teológicos, com todas as direções. Isso me fascinou.

Mas, estou mais curiosa de saber: o senhor disse que esteve na UEE e na UNE.

Deve ter sido no intervalo de 66-68? O senhor estava em Campinas?

PROF.OSVALDO: 62. Em Campinas.

O nosso Centro Academico era membro da UEE - União Estadual e a gente participava dos encontros.

MARCIA: Qual a leitura que o senhor faz, recuando no tempo, da sua participação?

PROF.OSVALDO: Bom, nosso Brasil estava ainda num processo revolucionário. Desde a renúncia de Janio Quadros, praticamente, nós começamos a viver um período de transição.

Na vida estudantil, a gente questionava tudo.

Eu acho que foi bom, a gente aprendeu muita coisa.

Muita coisa até de sonho, de ilusão, que a gente defendia, que a gente achava que devia ser mudado.

E o Jango Goulart não conseguiu talvez transmitir esses ideais e nem conseguiu entender. Acho que, se ele tivesse uma liderança política

forte, ele seria o presidente do Brasil, tranquilamente.

MARCIA: Do ponto de vista da sua participação na UNE ou na União Estadual dos Estudantes, o que o senhor tem para descrever?

PROF.OSVALDO: O que agente descreve é que havia realmente muito debate. Porque a UEE e a UNE, achava que a solução era o marxismo.

E a gente, como cristão lá dentro, justamente brigava do outro lado.

Achando que trabalhar por uma sociedade justa, por liberdade, por direitos, não precisava ir ao outro extremo do marxismo.

Se o capitalismo não é bom, o marxismo se questionava, porque são dois extremos. Se falava muito no imperialismo ianque naquela época, o americano. Sempre debati muito e questionei os extremos. Acho que os extremos não levam a muita coisa.

E a nossa juventude, a nossa geração da década de 60, foi iludida por alguém que achou que o grande sonho seria a esquerda no Brasil, mas do lado marxista. Uma esquerda um pouco radical. E isto frustrou a nossa geração.

Tanto é que ninguém se conformou com o movimento militar. Tentou reagir. Aí veio 68 o AI-5.

MARCIA: Nesse momento o senhor já estava lá em Florianópolis?

PROF.OSVALDO: Estava em Florianópolis. Já era Pastor. Então, eu não me envolvi demais.

Ali a gente acompanhava, porque acho (que) não era mais meu lugar estar debatendo.

Não estava nem na universidade. Voltei para a Universidade em 70 só. Daí, fiz Filosofia, Concurso, entrei como Professor.

MARCIA: Pegou o período de desenvolvimento da Universidade?

PROF.OSVALDO: É eu peguei o período Médici. O Crescimento da Universidade, expansão. Tudo isso envolveu a gente lá.

MARCIA: Uma coisa que encantou navegando pela internet: existe na UFSC, a página cristãos da UFSC. No ensino leigo, laico. Fiquei surpresa...Página dos cristãos da UFSC! Se o senhor tiver oportunidade de ver... me deixou encantada, puxa é uma coisa meio que inédita...

PROF.OSVALDO: Em Florianópolis, a senhora está querendo tentar pesquisar um pouco da situação do Paulo, dos posicionamentos dele?

MARCIA: O Paulo, no meio protestante tem um papel singular. O que me chamou atenção, é ele como presbiteriano (estou fazendo uma leitura pessoal) pela cassação que teve.

Por ter sido compulsado a se exilar, de repente ele mergulhou na clandestinidade.

O que me encantou foi , na clandestinidade, ele defender posições religiosas.

Em Florianópolis, me chamou muito a atenção a situação anterior.

Era o que o senhor estava começando a falar. A União Cristã. Os discursos de candidatura são discursos cristãos. Ele tem um papel singular no meio protestante, porque me parece que é um dos únicos que tem essa trajetória. Por que fui até Florianópolis? Porque lá está o nascedouro da atividade dele.

PROF.OSVALDO: Ah, sim!

MARCIA: Trabalhei lá em 85, conheço algumas pessoas. Aproveitei e fui à UFSC.

PROF.OSVALDO: Lá, tem uma pessoa muito interessante, a Eliane. Elaine.

Teve uma convivência muito grande com o Paulo, na Assembléia.

Sofreu muito, por ser amiga do deputado.

MARCIA: Elaine. Não consegui falar com ela dr.Hack. Ela é presbiteriana?

PROF.OSVALDO: Não, ela não tem ligação conosco. Mas, esse Deodoro deve dar algumas informações. Era jovem, na época. Era acadêmico na Federal e se envolveu muito com o Paulo em questão de amizade, de ideais.

Talvez possa até dar algumas informações dessa Marinho, se ela está por lá, ainda. Sei que ela era muito amiga da família dele, porque foram dados que, quando eu cheguei em 67, fui começar a colher.

Eu me interessei, pelo Paulo ter sido meu colega de infância, praticamente. Comecei a colher os dados para conhecer um pouco mais.

MARCIA: O senhor pode me ajudar muito.

PROF.OSVALDO: Estava longe de lá. A gente se distanciou.

Lado B

PROF.OSVALDO: Esse pessoal que realmente fazia parte da liderança da igreja. Realmente, não conseguiram, como disse para a senhora, eles não conseguiram definir porque fizeram.

Entenderam que era o momento, que ele tinha se envolvido demais, politicamente, ideologicamente, e que a Igreja não devia entrar por este lado. Pela definição - porque a Igreja Presbiteriana tem uma posição apolítica, como igreja.

Ela permite que os seus membros participem de política, se candidatem, discutam política. Eu, pessoalmente posso me posicionar, mas a Igreja em si, não.

Essa foi a dificuldade: porque o Paulo, como presbítero da igreja, envolveu a igreja. Foi o mesmo problema que ele teve em Joaçaba. Ele envolveu a igreja de Joaçaba.

MARCIA: Envolveu, em que sentido?

PROF.OSVALDO: De participação. Chegou a dividir a igreja em dois lados, porque tinha os dentro da igreja que o apoiavam e os que não apoiavam.

A nossa igreja tem um posicionamento de aceitar os candidatos que surgirem na igreja: - vereador, deputado, (mas) não fazer propaganda para nenhum.

Na minha época nós tivemos candidato para vereador. Nós tínhamos dois candidatos de partidos diferentes. A igreja sabia que eles eram candidatos, um deles até foi eleito.

MARCIA: Quem?

PROF.OSVALDO: O Renato Cavalasi.

Mas nós não fazíamos propaganda na igreja. Apenas anunciava que eram candidatos e que cada um tivesse a liberdade do voto.

Então, talvez, porque o Paulo se envolveu demais; como deputado - como líder, ele ocupava uma posição muito estratégica na Assembléia.

O voto dele decidia as bancadas, porque ele era o único do partido dele. Isso foi muito importante...Na Assembléia ele era diretor da Imprensa.

MARCIA: Diretor da Imprensa oficial do Estado.

PROF.OSVALDO: Diretor da Imprensa Oficial do Estado. Então, isso fez com que ele se envolvesse, e à Igreja.

MARCIA: Nessa coleta de dados, o senhor chegou à conclusão que a suspensão teve essa?

PROF.OSVALDO: É. Por essas características e por uma orientação nacional da Igreja.

Creio que o Conselho levou para esse lado.

MARCIA: E nunca houve uma retomada, dr. Hack, dessa forma de ver? Os filhos, a família também era presbiteriana?

PROF.OSVALDO: A família saiu de lá, logo em seguida.

MARCIA: Eles foram morar em Curitiba?

PROF.OSVALDO: Eles foram morar em Curitiba, porque a Edimar era de Curitiba.

MARCIA: O senhor a conheceu?

PROF.OSVALDO: Conheci, conheci. A Edimar eu conheci bastante. E, foi morar em Curitiba com os filhos. Então, praticamente, a Igreja esqueceu o problema.

No momento que o Paulo foi cassado e saiu de Florianópolis, o assunto morreu. Não se encontra mais nenhum registro nos livros da Igreja.

MARCIA: Tenho às vezes um olhar para esse período (um pouco como o senhor descreveu), como um período de muitas expectativas e muitas ilusões para essa mocidade que existiu.

Tem o relato dele aqui em São Paulo, discutindo evangelização. Ele fez isso por escrito, formalmente. Ele foi um pregador, no sentido amplo, e no sentido estrito.

PROF.OSVALDO: Ele tem a história dele aqui.

A senhora buscou alguma coisa da história dele aqui de São Paulo? Quando ele trabalhou aqui, veio como torneiro mecânico. Trabalhou.

O objetivo dele era evangelizar realmente o pessoal. É.

Tanto é que o pai dele não gostou quando ele veio pra cá. Eu me lembro disso. Ele saiu de casa, deixou o conforto todo, para vir.

MARCIA: Ele saiu de Florianópolis e foi para o

México, Havana, e chegou aqui, e no Maranhão. Em todos os momentos - isso é que é singular - ele era um pregador.

O senhor vai filtrando os escritos, eu estou fazendo uma garimpagem disso, e quero fazer também inclusive no exterior. Tem cartas de reverendos da igreja presbiteriana de Havana, que identificam ele como pregador.

Essa projeção dele neste trabalho:- não sou presbiteriana, não sou protestante, não sou católica, mas como cristã eu admiro.

Mas, o senhor, parece que já esclareceu a sua opinião. Me parece que o senhor deve ter feito, e empenhado tudo que o senhor pode - ao longo dos 67 até a sua aposentadoria, o seu jubileamento - para saber o que houve.

PROF.OSVALDO: É realmente. As pessoas que conviveram na época, que eu conhecia, a posição delas foi essa que falei. Do não envolvimento político.

Como o assunto, praticamente, depois da saída do Paulo, não foi mais rediscutido, e nem ele teve chance de voltar, então, morreu. Morreu na história.

MARCIA: Morreu torturado aqui.

Eu acho que ele na verdade não morreu. Pelo menos para mim, não. Ele tem uma vida.

Se o senhor for buscar nos católicos, tem o Frei Betto, tem a resistência. Na igreja como instituição, o senhor tem a participação da igreja católica em todos os escalões do governo. Tem os progressistas, tem os conservadores.

É uma história bastante escrita. Comecei a abraçar a história no sentido do pensamento protestante.

USP e MACKENZIE

PROF.OSVALDO: A sua área lá na USP é qual?

MARCIA: Semiótica.

PROF.OSVALDO: Semiótica.

MARCIA: Sociossemiótica.

PROF.OSVALDO: Fica do lado do Departamento de História?

MARCIA: Na Lingüística.

PROF.OSVALDO: Lingüística.

MARCIA: Meu orientador é Cidmar Teodoro Pais.

PROF.OSVALDO: Eu estou fazendo doutorado lá, na História Social

MARCIA: Com quem o senhor está fazendo?

PROF.OSVALDO: Eu vou fazer com o Dr. Carlos Guilherme, que agora é professor nosso. E, com o Guariba.

Fiz um doutorado aqui, e agora estou fazendo esse outro lá.

Vou escrever um pouquinho mais da História do Mackenzie. Porisso foi o meu interesse em entrar. Estou começando a escrever. Tem uma porção de livros aí já. A nossa história.

A senhora vai ficar interessada em conhecer a história do nosso Mackenzie.

MARCIA: O senhor já entrou no programa de doutorado?

PROF.OSVALDO: Já. Eu vou ter uma entrevista...é Ulisses Guariba e o Prof. Carlos Motta. Vou ter um encontro com eles agora em novembro para definir

MARCIA: A história do Mackenzie?

PROF.OSVALDO: História do Mackenzie College, do colégio em si, que vai ser a futura universidade. Que o Mackenzie College manteve o sistema americano, apesar dos pesares, nesse longo tempo. A minha pergunta é: por que que eles preferiram o sistema americano e não o brasileiro, nem o francês, porque na época a moda era francesa aqui..

MARCIA: E por que escolheram?

PROF.OSVALDO: Pois é (risos) eu estou pesquisando...

MARCIA: O senhor está pesquisando...

PROF.OSVALDO: *Esse é o assunto da tese..*

MARCIA: Quando o senhor defender, o senhor vai saber...

PROGRESSISTAS: RUBEM ALVES, JOAQUIM BEATO

PROF.OSVALDO: É...

Sua busca é interessante...

Há um livro, pensei que estava aqui comigo, mas está em Florianópolis (tenho ido lá sempre, ainda tenho apartamento lá, tenho as netinhas, e filho casado lá).

Comprei um livro, não li todo, pode ser que ajude a senhora. Um livro do Rubem Alves.

MARCIA: Protestantismo e repressão?

PROF.OSVALDO: Conhece esse? já tem?

MARCIA: Estou sofrendo para ler esse livro.

PROF.OSVALDO: É lê, ele é bom. Comecei a ler. Porque o Rubens (é o estilo dele) é um filósofo, um historiador, meio....e as palavras são... eu tinha pensado nesse porque a...

Mas tem um outro, eu ganhei ..Ontem, participei de uma banca de doutorado na Metodista e o colega me deu esse: Antonio Gouveia Mendonça, é pastor, mas ele é lider...acho que não é pastor, não me lembro.

Ele me deu esse aqui Protestantes Pentecostais Ecumênicos.

A linha de pesquisa dele, ele tem uma linha interessante.

Sei que quem entra em pesquisa tem que ler muita coisa.

Veja bem:- esse capítulo aqui que ele trata, achei interessante (quando eu soube que a senhora vinha aqui): *Hipóteses sobre a mentalidade popular protestante no Brasil.*

Ele analisa aqui, e há um item que eu estava lendo agora:- **Protestantismo e cultura repressiva**, é muito interessante a análise que ele faz nesse livro.

Ele tenta mostrar aonde o protestante buscou essas idéias: *Protestantismo e Cultura...*

MARCIA: Isso traz à tona uma pergunta (por favor, só a editora...Unesp, **O campo religioso e seus personagens**).

Vou aproveitar esse gancho que o senhor me passou, sobre a questão da repressão.

Existe um livro do Lawrence Weshler, ele descreve, num dado momento (é um reporter americano do Times, e foi - logo que saiu o Projeto, o livro do Projeto **Brasil: Nunca Mais** - ao lançamento, lá nos Estados Unidos) ele se interessou em vir ao Brasil.

PROF.OSVALDO: Professora, aceita um cafezinho?

Desculpe, a gente conversou tanto, eu esqueci.

Accepta um cafezinho, um suco, alguma coisa...

MARCIA: Não. Muito obrigada. A ANA CRISTINA já...

E ele destacou, neste livro, que o corpo do aparelho repressor (os quadros) eram predominantemente de protestantes.

Fui buscar no livro do Rubem Alves uma explicação, porque ele vai nessa linha.

O senhor tem algum dado a esse respeito, confirmando ou não?

Existe no seu pastorado, na sua vivencia como reverendo?

PROF.OSVALDO: De colegas, tem.

Muitos colegas foram prejudicados por essa linha.

Só para a gente concluir, professora é o seguinte:-

Até o Rubem Alves é uma consequencia desse estilo mais duro, de uma linha.

Porque as igrejas tem tendencias e tem épocas.

Justamente na época da revolução, nós tivemos uma liderança na Igreja, muito dura.

Não sei se apoiando a revolução em si, mas pelo menos achando que era aquilo mesmo.

Todos os líderes que se envolveram mais politicamente ou teologicamente, sofreram alguma restrição.

Não só o Paulo que foi só político.

Mas, esse Rubem Alves. Tanto é que, o livro dele retrata um pouco da amargura dele. Ele foi afastado do presbiteriano.

E tem muitos outros, como Joaquim Beato que trabalhou com o Rubens, que foi titular da Unicamp.

Nós perdemos muitos líderes na época, colegas meus de Seminário. Por não concordarem, e por vamos dizer, por terem umas idéias um pouco mais avançadas.

MARCIA: Hoje não teriam essa, já teriam...?

PROF.OSVALDO: Não tanto.

Teriam uma convivência mais amena.

É como aqui, a nossa universidade: ela é presbiteriana, dirigida pela igreja, mas há uma plena autonomia acadêmica, de discussão de idéias.

Há princípios que são preservados, mas a gente respeita também.

MARCIA: O doutor Claudio Lembo, no discurso lá no Paraguai, deixou isso bem definido.

Essa abertura, essa forma liberal de ver.

ENCERRAMENTO

Doutor Oswaldo Hack , quero agradecer, mas deixar o senhor à vontade para encerrar essa entrevista, dizendo aquilo que o senhor acha tanto desse início de trabalho de campo que a gente está fazendo.

Pretendo voltar ao Mackenzie - a ANA CRISTINA me passou algumas alguns dados sobre o Arquivo Histórico.

Vou voltar até Florianópolis.

Esta entrevista, depois vou lhe passar a transcrição. Vai ser necessária uma autorização do senhor.

Eu me sinto muito grata pela solicitude, pela forma como o senhor me recebeu.

Gostaria que o senhor ficasse à vontade, agradeço o que o senhor tiver para dizer tanto de alguma coisa que nós falamos quanto também daquilo que o senhor sentir como necessário.

PROF.OSVALDO: Bom, eu creio que, jornalista Márcia, acho interessante.

Quero parabenizá-la pelo interesse no assunto.

Eu acho que é um assunto, um aspecto que ficou esquecido pela Igreja.

Levantar, historicamente, esse posicionamento político-teológico da época, da década de 60.

Nós tivemos alguns pastores que tentaram discutir isso mas não foram entendidos. Tanto é que estão fora da Igreja.

Eu acho que a senhora, do lado de fora da Igreja, olhando, tem liberdade para ir a fundo neste assunto.

Acho que isso é uma característica interessante. Pode pesquisar os documentos.

E vale a pena. Porque eu acredito que, os que se envolveram tinham motivos, ideológicos, teológicos.

Eu acho interessante que alguém acompanhe isso, faça uma análise. E, realmente verifique que havia um motivo para isso.

Porque esse desejo de mudança, esse desejo de uma nova perspectiva para a sociedade brasileira, novos valores, todo mundo discutiu isso na época.

E o Brasil viveu realmente um período muito duro.

A gente não podia discutir as idéias. A gente viveu...

MARCIA: É, a gente viveu. O verbo está no passado.

Está certo. Muito obrigado.

Eu fico lhe devendo essa transcrição. Entro em contato com a ANA CRISTINA.

PROF. OSVALDO: Isso. Em outra oportunidade pode se encontrar, está bom professora?

MARCIA: Está certo. Muito obrigada.

14.3.8. Entrevista com Prof. Erasmo Freitas Nuzzi

Lado A

Marcia: Eu agradeço, primeiro, o senhor estar fazendo essa gentileza de me receber.

Prof. Erasmo: Vamos às suas perguntas.

Marcia: O senhor quando foi diretor aqui na Casper Líbero em outro período, principalmente durante o regime militar, o que o senhor observou mais, o que o senhor daria destaque

Prof. Erasmo: Quando eu fui diretor a primeira vez - em 1971 a 1976 - estávamos em plena fase do regime militar, mais ou menos endurecido, que coincidiu com a época em que o próprio Congresso Nacional teve suas atividades paralisadas e a Assembléia Legislativa de São Paulo e a de outros estados deixaram de funcionar.

Marcia: O sr está falando do Pacote de Abril?

Prof. Erasmo: Exatamente desta época. E nós neste

período tivemos até casos de professores nossos que foram detidos. É o caso do professor que atualmente é presidente da Intercom, José Salvador Faro, e mais dois professores cujos nomes nem adianta falar porque já faleceram, que sofreram problemas e eu tive que comparecer duas vezes ao Quartel General do Comando do Sudeste, para primeiro liberar ou tentar liberar esses professores.

Marcia: Quem são esses professores, mesmo que já tenham , principalmente por já terem falecido?

Prof. Erasmo: Um deles foi Prof. José Salvador Faro, que eu já falei. Outro foi o Prof. Antonio Angel Bandeira que já faleceu e cujas idéias socialistas eram conhecidas, ele nunca escondeu a sua convicção socialista e havia um outro professor, que não era nem socialista,de idéias desta tendência, mas era um individuo que se vestia de uma forma um pouco extravagante, vinha de sandália para dar aula e usava colares e

coisas assim e chamava um pouco a atenção, e talvez pela indumentária os militares cismaram que ele fosse subversivo ou coisa que valha - José Nazaré Benevides. Que eu não sei que fim levou ecolega. Desapareceu do mapa, não sei parece-me que ele tinha ido para o norte do país, e nunca mais tive notícias dele. Bom, de toda maneira eu compareci ao Comando do II Exército e fui levado à presença de um Coronel que era o Chefe das Inquirições, daquele interrogatório...

Marcia: Quem é esse coronel?
Prof. Erasmo: Eu confesso que não guardei o nome dele. Me fez uma porção de perguntas.
Marcia: Isso foi no Exército? Ou o senhor foi chamado no SNI?

Prof. Erasmo: Não, no Exército mesmo, aqui no Parque Ibirapuera. Posteriormente - na época quem chefiava a Ordem Pública e Social era o atual senador Romeu Tuma, e eu também fui conversar com ele sobre o mesmo assunto. E felizmente, esses professores

foram logo depois liberados. Mas aí veio uma solicitação que eu não atendi. Eles queriam uma relação de alunos que se caracterizassem pela sua rebeldia ou pela oposição ao Regime Militar. Eu não dei essa relação. Eu disse ao coronel: - Olha, Coronel, para fazer o que o senhor está me pedindo eu teria que fazer um levantamento do pensamento político de cada aluno - são mil e tantos alunos, isso é muito difícil! - Ah, mas o senhor não percebe lá pela maneira de ser, pelo modo do aluno atuar na Faculdade, que ele é contra o regime. - Eu não percebo, porque lá eu me preocupo com o Ensino e não com a Política. Posteriormente nós descobrimos que havia aqui na Faculdade dois alunos que eram oficiais do Exército infiltrados exatamente para verificar o movimento dos estudantes e fazer as denúncias

Marcia: Como descobriram isso?

Prof. Erasmo: Curiosamente um desses alunos era um dos maiores agitadores aqui dentro. Era um dos que mais falavam, e tal não sei o que, eu nem guardei o nome dele, eu sei que o sobrenome era Barbante. Numa das vezes - eu fui tres ou quatro vezes chamado no II Exército. Numa das vezes que eu lá estava, de repente eu vi um desses alunos atravessar o corredor, e fardado. Aí eu fiquei sabendo que na verdade ele era um oficial. Era um II Tenente ou I Tenente do Exército. Mas aqui ele não se apresentava como um oficial não. Era um estudante como outro qualquer. Aí fiquei sabendo como é que certas coisas aqui da Faculdade foram

parar no Comando do Sudeste do II Exército. Mas tudo acabou bem, felizmente. Não houve nada mais grave além disso que eu acabei de relatar.

Marcia: Não existiu nada mais - algum aluno sendo torturado, sendo vítima de violência, internamente na Faculdade não houve invasão, nem nada.

Prof. Erasmo: Não não houve nada. Nunca veio ninguém aqui. E nessa ocasião, eu falei ao dr. Romeu Tuma - até eu pedi a ele que mostrasse às autoridades militares, porque, por coincidência, o Tuma era meu vizinho, eu morava no 560 ele morava no 511 da rua Caravelas, éramos vizinhos, e os filhos dele que agora um é delegado, o outro é deputado, eram todos criança estavam ali por perto. Então deu para acalmar o ambiente.

Marcia: Está certo. Diretamente com o SNI, o senhor teve que Ter algum?

Prof. Erasmo: Não, eu nunca tive nenhum problema com o Serviço Nacional de Informações, nem tampouco o Serviço Nacional de Informações nos procurou para qualquer coisa. Tudo o que eu sei do Serviço Nacional de Informações é aquilo que os jornais noticiavam, quando podiam noticiar, porque nós estávamos com a imprensa sob censura. A censura começou a ser reduzida no governo do general Ernesto Geisel, mas não tive nenhum problema.

Marcia: Se o senhor fosse comparar essa censura existente no Regime Militar com outro período que houve censura, o senhor poderia fazer essa comparação?

Prof. Erasmo: Ah isso eu posso! Posso fazer perfeitamente.

Marcia: Só dois minutos, deixa eu [teste da gravação]. Pode prosseguir, professor. Por favor.

Prof. Erasmo: O seu pedido de uma comparação entre a censura do Governo Militar e a censura anterior, é oportuno. Porque, na anterior, eu vivi muito mais intensamente o problema da censura - por duas razões: A primeira, porque eu militava como repórter político e da área de Educação, dos jornais de São Paulo. Eu trabalhei no jornal *O Estado de São Paulo* - meu nome foi riscado lá, porque quando a família Mesquita voltou a ser a dona do jornal, todos aqueles que haviam sido admitidos no período de intervenção, foram mandados embora. Era um direito que eles tinham de fazer isso, eu não estou criticando, absolutamente. E trabalhava para os *Diários Associados* e trabalhava para o jornal *A Noite*, edição de São Paulo. E a partir de uma certa fase para a *Gazeta*. E também trabalhei no *Correio Paulistano*. Então, nessa fase da censura do Estado Novo imposta pelo DIPE e aqui em São Paulo aplicada pelo DEIP - *Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda*, era muito mais radical a meu ver, do que a censura do governo militar. E a razão é simples. Os censores das redações, nos jornais em que eu trabalhei naquela época de 1939 até 1945, quando o Getúlio foi deposto, eles ficavam na redação lá pela meia noite, uma hora, é que eles pegavam

as páginas já compostas dos jornais da época e tudo aquilo que eles achavam que era contrário ao regime - asneira sobre asneira, porque riscavam coisas que não tinham nenhuma razão de ser de sofrer uma censura - metiam o lápis vermelho em cima e não dava tempo de repor a matéria. Quem quer que compulse os jornais da época, vai verificar em muitas primeiras páginas e páginas interiores, espaços em branco, que era a censura daquele tempo. E como ela era feita muito em cima da hora, o jornal já estava pronto para rodar de madrugada não tinha outro jeito. E os censores eram muito mais numerosos. Porque, se no período Militar, havia um censor na redação, no período de Getúlio havia todo um departamento estadual de imprensa e propaganda. Essa é a razão que eu acho que a censura no tempo de Getúlio e se é que se possa dizer alguma coisa, muito mais eficiente - eficiência burra na minha opinião, mas eficiência. Porque eles não deixavam escapar nada. No tempo do governo militar a censura, como nós cansamos de ver no Estado de São Paulo e no Jornal da Tarde que foram os que mais sofreram com a censura aqui em São Paulo, aquela troca de matérias cortadas, por sonetos de Camões, receitas de bolo, de comida, etc. e que o dr. Júlio de Mesquita Neto, creio, até um dia falando, esclareceu que aquilo tudo era feito para ocupar espaço. Infeliz da dona de casa que se metesse a fazer uma receita daquele prato ou aquele doce ou aquele bolo, ia dar uma confusão danada na cozinha. Então, a censura no tempo do governo militar ela tinha alguns aspectos até

pitorescos, aspectos bobos. Aliás, toda censura na minha opinião, é boba. Toda censura é uma atitude positivamente de ignorância. Porque não adianta voce censurar uma notícia, porque ela acaba transpirando de alguma forma e acaba produzindo efeito. E às vezes até um efeito multiplicador. Porque a conversa de um para outro do outro para um e assim por diante tem uma velocidade de expansão muito grande. Está provado isso.

Marcia: O senhor está comparando aí o modo de operação dos dois períodos. Eu gostaria também que o senhor comparasse o conteúdo que era censurado nos dois períodos se é possível. Os temas que eram censurados pelo Estado Novo e os temas censurados no regime militar.

Prof. Erasmo: No Estado Novo era proibido por exemplo, falar que no Brasil não havia liberdade, tudo que estava dizendo que não tinha liberdade, tinha que cortar. Houve uma fase que não podia haver nenhuma referência à família do presidente Getúlio Vargas. Nada. Mesmo que fosse o nascimento de um neto. Tudo isso era proibido. Visitas de certas figuras que vinham do exterior, era proibido noticiar que aquela visita estava sendo feita. Coisas assim, incríveis. A vinda, digamos, de uma missão qualquer de uma indústria, se fosse dos Estados Unidos numa determinada fase, não podia ser noticiada. Agora, se viesse da Alemanha nazista, ou da Itália, deveria merecer destaque. Por que? Porque o Getúlio tinha e teve durante um certo tempo uma certa simpatia

pelos países do Eixo, pela Itália e pela Alemanha nazista. Até que, em 1942, quando os Estados Unidos entraram na II Guerra Mundial essa simpatia pelo Eixo começou a ser mudada pouco a pouco. E a partir do dia, ou melhor da época em que o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, veio fazer uma visita ao Brasil, para acertar o acordo de cooperação do Brasil com as nações democráticas do Ocidente, o noticiário sobre norteamericano era um noticiário proibido. Daí para a frente passou a ser um noticiário bem recebido. Então, havia essa discriminação de natureza política. Ao passo que no regime militar não havia nenhuma restrição de natureza de relações exteriores, mas havia restrição com referência a problemas de natureza social - movimento de greve de trabalhadores, reivindicações não satisfeitas, críticas ao regime militar, notícias sobre tortura, tudo isso era vetado drasticamente pelos censores. Então, na época de Getúlio, a censura era muito mais ampla. Na época militar a censura tinha um caráter político doutrinário muito mais pesado dado a natureza do regime que nos foi imposto naquela época.

Marcia: Se o senhor fosse um repórter, como o senhor foi no período do Estado Novo, se o senhor fosse um repórter no período militar, como que o senhor acha que seria possível cobrir as guerrilhas, por exemplo? Como a guerrilha do Araguaia, e que foi noticiada somente pelo Estadão.

Prof. Erasmo: Cobrir as guerrilhas seria possível perfeitamente. O que seria

difícil era noticiar a cobertura. Porque a matéria que o repórter preparasse, e eu como repórter prepararia, ela teria que cair no crivo da censura e aí não poderia passar. É verdade que de vez em quando algum jornal se tomava de coragem e ludibriava o censor. Nós tivemos um caso, por exemplo da revista *Veja*. Ela teve uma capa que ficou famosa. Aparecia o Costa e Silva sentado no plenário do Congresso Nacional na Câmara dos Deputados sozinho e o plenário inteiro vazio. E o censor não percebeu que aquilo era uma crítica, porque o Congresso estava fechado. Deixou passar. Mas em Brasília perceberam, a inteligência dos censores de Brasília percebeu que aquela capa era uma provocação. Era um retrato em que o Congresso fechado e o presidente Costa e Silva todo poderoso falando pelo Congresso e pelo Executivo. Então, há sempre maneiras, modos de ludibriar a censura, mas para isso era preciso contar também com a boa vontade do dono do jornal. E às vezes os donos dos jornais não queriam se expor a um choque direto com as autoridades federais embora a notícia merecesse. Eu tentaria, em qualquer hipótese.

Marcia: O senhor acha possível fazer isso ainda, retrospectivamente? Fazer um outro. Se o senhor fosse um Euclides da Cunha.

Prof. Erasmo: Bom, o caso de Euclides da Cunha é bem diferente. Me comparar com Euclides da Cunha é um absurdo... Porque quem é que se compara com o gênio da linha que foi o Euclides da Cunha, com a sua cobertura da

guerra dos Canudos. Naquela época eu creio, porque nem tinha nascido ainda, não havia censura nos jornais. Se ela havia era uma censura sem muita eficiência. Porque nós estávamos no começo da República. É bom não esquecer isso. E a cobertura que ele deu à guerra dos Canudos, se tornou nessa obra clássica da nossa literatura, os *Sertões*, é algo que não tem comparação. Nós tivemos repórteres cobrindo a II Guerra Mundial, por exemplo, repórteres famosos, mas a sua obra suas grandes reportagens, Joel Silveira, Rubem Braga, nunca chegaram ao ponto de poder merecer uma comparação com o que o Euclides da Cunha fez quando representou o Estado naqueles sertões da Bahia. O curioso é que Euclides da Cunha não era jornalista. Ao passo que estes colegas que eu citei o caso do Rubem Braga, Joel Silveira, eram profissionais. Mas não produziram algo que pudesse ser comparado ao trabalho de Euclides da Cunha.

Marcia: Eu vou insistir ainda, a respeito da Guerrilha do Araguaia, pela sequência que teve posterior, e vou explicar, tentar explicar para o senhor. Eu tenho refletido muito sobre o que se passou lá, principalmente com o desaparecimento de cadáveres, a queima dos corpos. Enfim... Quer dizer, houve várias fases. Alguns dos, principalmente o José Genuíno, teve também um também um militar que escreveu *Xambioá*. Além do pessoal que militou, teve esse militar que também fez um relato. Então, a gente percebe que não foi escrito ainda algo completo, e que são respingados noticiários

esparços. Então, eu volto a pergunto para o senhor. Se o senhor fosse um repórter, ou tivesse a condição, e hoje há essa condição, como que o senhor indicaria esse trabalho, o roteiro desse trabalho. Como o senhor pautaria? Como o senhor indicaria as prioridades? Hoje?

Prof. Erasmo: Como que eu faria? Hoje? Bom, em primeiro eu procuraria levantar a lista dos participantes sobreviventes da Guerrilha do Araguaia. Da parte dos que estavam inseridos na Guerrilha, é o caso do atual deputado José Genuíno, como da parte dos militares que combateram a guerrilha no rio Araguaia. As famílias das pessoas, para poder me inteirar dos fatos. É evidente que do lado dos que participaram da guerrilha, eu teria alguma facilidade de ter o máximo de informação. Da parte das autoridades militares eu não sei se teria ou não. Por um problema da própria natureza da função. Mas eu faria um levantamento geral através dos depoimentos que já existem por aí. Através de entendimentos com pessoas que lá estiveram para levantar o máximo possível de dados, para poder preparar um relato que retratasse com fidelidade o que foi aquela guerrilha, a sua parte heróica, a sua parte, digamos assim, meio descontrolada, e o desejo que eles tinham de transformar ou de mudar o regime do Brasil. Algumas pessoas chegam a comparar a guerrilha do Araguaia, o que eu acho absurdo, até com a famosa marcha do Luis Carlos Prestes pelo interior do Brasil afora. Mas aquilo foi uma epopéia diferente. Os ideais da marcha

do Luis Carlos Prestes, da coluna Prestes, tinham tido inicialmente uma inspiração, e depois a coisa mudou, virou uma propaganda do regime comunista. Mas eu procuraria, de todas as maneiras obter o máximo de elementos para poder fazer um relato imparcial e verídico do que aconteceu. Quanto ao fato de Ter havido queima de cadáveres ou ocultação de cadáveres, era uma espécie de guerra, e guerra as coisas acontecem mesmo. Mas a meu ver, no meu modo de entender, apesar de Ter havido filmes, documentários e algumas reportagens mais ou menos longas, a história da guerrilha do Araguaia ainda está por estar escrita.

Marcia: Eu insisti nesta pergunta para trazer o assunto aqui para São Paulo.

Prof. Erasmo: Sim.

Marcia: O toque final, trágico, do final dessa guerrilha, eu especificamente, eu estou datando em 1976, foi quando na Lapa, houve o massacre do Comitê central do Partido Comunista do Brasil. Numa casa, lá na rua Pio XI foram metralhados os dirigentes, numa reunião onde estava exatamente sendo feita uma autocrítica, uma retrospectiva, uma avaliação, por parte daquele Comitê sobre a Guerrilha. Eu vou discordar do senhor sobre a facilidade de levantar esses dados por parte dos militantes porque também é tocar o dedo na ferida, uma ferida muita aberta ainda na esquerda. Então pouco se colocam ou se expõe a respeito do tema não só pela derrota mas porque também naquela ocasião houve uma censura entre aspas, dentro da própria militância. Então, hoje quando a gente ve isso aparecer no

noticiário, a gente observa que é uma colcha de retalhos.

Prof. Erasmo: Eu concordo que seja uma colcha de retalhos. Mas eu vou divergir da sua opinião que acha que não seria fácil obter relatos das famílias dos participantes. Por que eu acho que seria fácil? As razões são inúmeras. Primeiro, foi decretado uma anistia ampla geral irrestrita, que ninguém iria sofrer nada por dizer aquilo que aconteceu. Segundo, os tribunais tem dado numerosas sentenças determinando o pagamento de indenizações a famílias de pessoas que foram torturadas, mortas, etc durante aquela fase do poder militar. Terceiro, a situação em que nós vivemos hoje, de total liberdade de palavra e de comunicação e sem censura de nenhuma espécie, anima as pessoas a falarem daquilo que souberam ou daquilo que viveram. Segundo esses depoimentos ajudam até os tribunais nessa seqüência de ações - não sei quantas ainda caminhando, para indenização daqueles que morreram, desapareceram, por aí afora. Então, eles tem interesse em dizer alguma coisa. O fato de Ter havido dentro da própria esquerda, de divergência entre eles, a meu ver, não é impedimento de que eles falem. Até mesmo os militares, recentemente duas ou tres revistas publicaram, aquele oficial de Belo Horizonte, contou, relatou tudo o que estava acontecendo, talvez por problema de consciência, por problema de remorso, eles estão chegando e abrindo o jogo, falando tudo o que aconteceu. Ora, se até militar está fazendo isso, sobretudo militar que já está

reformado, porque se ele estivesse na ativa ele não falaria, evidentemente, então, se até os militares estão falando, porque que os familiares dos perseguidos não falarão? Acho que eles falarão, sim. Falam.

Marcia: Para encerrar, eu vou voltar a essa enfase. Existe um aspecto que é a guerrilha lá, existe um outro aspecto que é o comando da guerrilha aqui em São Paulo. Então, nesse aspecto, eu gostaria de fazer uma pergunta meio envezada. Quer dizer, até aonde, a preparação, e as ações dessa guerrilha, sendo do conhecimento, como a gente percebe - o massacre da Lapa foi em 1976 - sendo do conhecimento dessa movimentação toda aqui em São Paulo, até onde essas ações lá e aqui, tiveram um papel direto na ação da censura, da tortura, do próprio Serviço Nacional. Porque a ferida dos dois lados, mas ela não aconteceu só lá ela aconteceu principalmente aqui.

Prof. Erasmo: Evidentemente, nós temos que estabelecer uma distinção muito grande entre a guerrilha na floresta, no campo, no sertão, e a guerrilha urbana. A guerrilha urbana se caracterizava a meu ver por uma violência maior que era a morte de pessoas como aconteceu com aquele cidadão americano que foi morto ali perto do....

Marcia: Professor, eu vou precisar de virar a fita....

Lado B

Marcia: Obrigado, podemos continuar...

Prof. Erasmo: como aconteceu com aquele americano que foi assassinado aqui perto da alameda Santos, como aconteceu com o seqüestro do embaixador que se morreram numerosas pessoas, algumas hoje até são deputados, como é o caso do deputado do partido verde, que teve que depois ser trocado, etc. etc. a guerrilha urbana, a meu ver, ela é muito mais cruel do que a guerrilha militar propriamente dita, no meio do campo, no mato, porque ela se reveste de um aspecto que a mim me repugna. Eu não posso aceitar que se mate alguém pelo simples fato de que essa pessoa pertença a uma facção distinta ou que pensa diferente da minha. Admito até que no auge de uma disputa ideológica, isso possa acontecer, mas nunca deixa de ser crime. E crime também a tortura e a morte de uma pessoa por Ter cometido delito de opinião. Condenar alguém por delito de opinião para mim, é uma suprema maldade. E eu advogo desde que sou criança o direito de Ter meu pensamento e de respeitar o pensamento do outro. Quando isso passa a ser crime, alguma coisa está errada. O papel da guerrilha urbana ela não teve outro mérito, a não ser o de provocar uma reação mais violenta ainda por parte do organismo que controlava a censura quer no âmbito militar quer no âmbito civil. Porque chocava mais. O assassinato de uma pessoa, ou o assalto a um banco, ou um seqüestro, ocupa a primeira parte de um jornal no dia seguinte. Uma coisa que acontece no sertão da Bahia, no sertão de Minas Gerais, no sertão de Goiás, aparecerá muito depois, até porque à

distância, estas coisas eram emcobertas, e só começaram, a ser veiculadas bem mais tarde. A censura... A guerrilha eu acho que ela é cruel e até desnecessária. A luta no campo, no mato, ela tem um certo sentido heróico, porque aí a pessoa expõe a sua vida. Ao passo que qualquer guerrilha urbana atua por meio de uma emboscada, de um plano de ataque, etc. A guerrilha urbana sempre me causou uma péssima impressão. A guerrilha no meio do mato, no meio lá da selva essa tem umde heroísmo, uma auréola que talvez pelo fato de ser um combate franco, fosse mais admissível. Embora eu concorde que certas horas não há como agir, a não ser apelando pela violência. Eu, pessoalmente...

Marcia: Ainda seguindo no tema da violência, vou pedir para o senhor falar um pouquinho a respeito dos paramilitares que se formaram na cidade, tanto no lado do CCC, TFP, sua opinião sobre a Opus Dei, o que a chamada direita paramilitar...

Prof. Erasmo: A sua pergunta exigiria todo um estudo, porque misturou Comando de Caça aos Comunistas, que era uma organização estimulada pelos que pensam no lado ditatorial direitista, e que entusiasmou muito estudante por causa daquela coisa do Mackenzie e dos alunos da Faculdade de Filosofia, naquele conflito que marcou época lá na rua Maria Antônia, dum lado o prédio, do outro lado as edificações do Mackenzie. Do outro lado, organizações paramilitares que eram a marca de partidos fascistas, como era o caso da

Ação Integralista brasileira, ou na Alemanha, os nazistas e por último a Opus Dei. Aí é uma mistura muito grande de assuntos e de coisas. A Opus Dei, como é sabido é uma organização clerical, criada na Espanha, tem uma força extraordinária, ela tem seguidores no mundo inteiro, até aqui na Faculdade nós tivemos um professor que era e é o representante da Opus Dei - o Professor Carlos Alberto Di Franco, porque a Universidade de Navarra, ela é da Opus Dei. Ela tem um objetivo que é o de preparar comunicadores que pensem segundo o esquema filosófico da Opus Dei, que é uma organização poderosa na Espanha e que influencia terrivelmente o governo daquele país. Aqui entre nós a sua ação é bem mais limitada, até porque a religiosa brasileira não é assim tão firme. O Brasil, eu costumo dizer, é um país católico de estatística, aparece mais na estatística do que na Igreja. Então, eu não posso misturar a ação da Opus Dei, ação dos Comandos de Caça aos Comunistas, com outros movimentos paramilitares. Agora, tudo isso ocorre, se excluindo logo de saída a Opus Dei. Tudo isso ocorre.... a agitação falta liberdade, falta o direito do povo, não há o direito do povo se expressar. Acaba acontecendo essas coisas. Eu não pertencio a nenhum partido político. Mas não pertenceria a nenhum partido político que nos seus estatutos aprovasse a violência ou a organização de qualquer tipo paramilitar para a finalidade de impor seu ideário qualquer que seja. É uma tristeza que tenhamos tido isto entre nós e

no fundo no fundo não passava de uma cópia daquilo que acontecia com os camisas negras na Itália e o facceta nera da Itália ou os camisas pardas da Alemanha nazista ou como tivemos em plena II Guerra uma eclosão aqui de um grupo pela famos xingo hendoi dos japoneses que acreditavam que o Japão iria ganhar aquela guerra. Então, todos esses movimentos são frutos de uma época e que desaparecem, porque a sua razão de ser deixa de existir, eles também se dissolvem automaticamente. Eu espero que a história brasileira nunca mais registre coisas dessa natureza. Embora, pessoalmente, professora **Marcia**, eu esteja convencido de que o Brasil caminha para uma guerra civil.

Marcia: Por que isso?

Prof. Erasmo: Porque a miséria e a violência estão aí. Nós temos em São Paulo um milhão e meio de favelados. Eu lhe pergunto, se amanhã, dez por cento destes favelados, ou seja cento e cinquenta mil pessoas, pegassem uma tranca, um porrete, um pedaço de madeira, e viesse aqui para o centro da cidade, invadindo supermercados, shopping center saqueando, haveria alguma força capaz de segurar 150 mil pessoas indignadas? Desesperadas com a sua miséria, com a situação em que estão vivendo. Eu duvido. Assistimos no noticiário do jornal: a Paraíba tal... O Movimento de Sem Terra assaltou um supermercado, avançou num posto da cesta básica e levou tudo que tinha lá. Assaltou uma escola e levou a merenda escolar. Os Sem Terra ocuparam o edifício da

Secretaria da Fazenda em Porto Alegre, dentro da cidade, não vão sair de lá. Será que estas coisas que estão acontecendo no sul, no interior de São Paulo, no norte, no nordeste, não são as amostras de que nós estamos caminhando para uma coisa mais séria de uma hora para outra?

Marcia: Olha a importância de saber qual o encaminhamento de uma reportagem nessas situações...

Prof. Erasmo: E isso não vai acontecer no nordeste. Vai acontecer no Rio ou em São Paulo, ou em Belo Horizonte, ou em Porto Alegre. Por que? Maior concentração de miséria. E onde o povo pode estabelecer uma comparação entre o que ele está passando e o que ele está vendo. Ele entra aqui na avenida Paulista, é um desfile de carros improprios um atrás do outro. Em cada esquina de um sinal, mulheres e crianças pedindo esmola ou então assaltando. Será que toda essa gente assalta porque é bandido ou está assaltando porque não encontrou mais saída na vida. Estamos vivendo um pré... de alguma coisa muito séria.

Marcia: uma situação de anomia social.

Prof. Erasmo: O senhor presidente Fernando Henrique Cardoso não terá coragem hoje na minha opinião, de sair à rua porque será vaiado. Ele não terá coragem de sair à rua. Por que? Porque as medidas que o governo tem tomado, ou as medidas que o governo deixou de tomar tem conduzido o povo a esta situação. O número

de desempregados é cada vez maior. Tem coisa mais violenta do que um pai de família escutar uma criança querer comer e chorar porque está com fome?

Marcia: E qual seria a solução, que o senhor acha que poderia?

Prof. Erasmo: Eu não sei qual é a solução. Eu sei que nós estamos caminhando para uma coisa muito delicada neste país. **Marcia:** Existe, na opinião do senhor, alguma medida, alguma ação policial que possa impedir isso?

Prof. Erasmo: Nós não temos mais liderança. O próprio Partido dos Trabalhadores nesta altura está dividido em facções. Um advoga uma solução radical, outras advogam o entendimento, a terceira advoga não sei o que, então eles estão perdidos, eles não se entendem mais.

Marcia: O senhor me perdoe, eu gostaria de voltar, ainda estou refletindo sobre a questão da violência urbana, da guerrilha urbana, e ficou aqui - o senhor viu que o roteiro praticamente foi cumprido, com exceção dessa pergunta aqui, que na verdade é uma só. É o seguinte, professor, a OBAN, quando ela foi estruturada, era um momento de muita violência aqui em São Paulo.

Prof. Erasmo: Organização Bandeirantes?

Marcia: Exatamente. Houve um financiamento parece que de empresários. O senhor poderia me ajudar a entender um pouquinho isso aí? O senhor conhece?

Prof. Erasmo: O empresário parece que mais se interessou por isso era da Ultragaz.

Marcia: Parece que Lindemberg, também, Adolfo Lindemberg.

Prof. Erasmo: Bom, Adolfo Lindemberg é conhecidamente um homem da direita. Agora, o que eles fizeram ou deixaram de fazer, eu não posso dizer nada porque eu não tenho certeza do que eles fizeram. Sei aquilo que a imprensa publicou, divulgou, com mais verdade ou com menos verdade, mas não conheço mesmo qual foi a ação. Aliás, o da Ultragaz foi assassinado até depois ele foi vítima de um atentado também quando foi identificado como um dos elementos que estava financiado aquela Organização Bandeirantes.

Marcia: Pelo conhecimento que o senhor tem através da mídia, qual a opinião que o senhor formou a respeito desta Organização e no período de praticamente de 69 até início da abertura, e até o momento em que parece que ela se constitui um poder paralelo, os DOI-CODI?

Prof. Erasmo: Eu não sei nem se constituiria um poder paralelo, professora **Marcia**. Porque eles tinham uma ação paralela, não poder. Agora, toda ação desperta uma reação. Ela não foi constituída, essa Organização pelo que eu vi, pelo que estou informado, porque as pessoas resolveram perseguir os elementos da esquerda. Ela parece que foi formada para combater uma ação violenta pela violência. É aquela história de combater o

mal pelo mal. Eu sou totalmente contrário a qualquer ação violenta. Eu sou pacifista por natureza. Eu acho que quando não há possibilidade de haver um diálogo, o melhor é cada um pegar um rumo diferente. Porque apelar pela violência é próprio de animais. Então eu condeno tanto a Organização Bandeirantes como qualquer guerrilha urbana que usasse a violência para conseguir os seus fins. E por mais que eu tente não consegui Ter uma simpatia por qualquer um desses casos. Ambos usavam o extermínio da pessoa humana. O extermínio da pessoa humana não é um direito de outra criatura humana. É um direito de Deus.

Marcia: Nós chegamos então à última pergunta, das que o senhor falou que é muito ampla. Eu nas pesquisas que tenho feito, nas entrevistas, eu estou privilegiando as instituições religiosas como vivenciaram todo esse período. Então, católicos, protestantes, maçons tem a sua participação nisso - eu não vou me estender na participação de cada um. Mas eu gostaria de saber, em termos éticos, e é na verdade o teor da sua última resposta, como que o senhor se definiria e se o senhor se definiria como uma pessoa religiosa - como religioso como o senhor tudo isso?

Prof. Erasmo: Bom, é sabido que a Igreja católica praticamente desde o começo da revolução de março de 64, praticamente desde o começo. Porque a princípio a Igreja estava a favor da revolução. Tanto que tivemos aquelas Marchas com Deus pela família, em Belo Horizonte,

São Paulo, no Rio de Janeiro, etc. Mas quando o governo militar revelou a sua verdadeira face, a Igreja ficou contra e passou a Ter uma atitude ofensiva. As consequências disso são conhecidas. Os cardeais, o cardeal que agora não é mais de São Paulo, ele tomou uma posição aberta de proteção aos elementos perseguidos. Os conventos e as igrejas serviram de refúgio para muitos desses revolucionários da época. A crítica ao governo militar por parte, sobretudo aqui de São Paulo, foram sempre permanentes, bravas, enérgicas, oque acarretou, por exemplo para a PUC aqui de São Paulo, a antipatia e a perda de tudo aquilo que ela recebia por parte do Ministério da Educação. Então a Igreja tomou uma posição aberta contra a tortura, contra a violência, contra o arbítrio, e pagou um preço alto, em termos de antipatia dos governantes militares. O caso da PUC que eu mencionei é que ela recebia um subsídio extremamente alto do Ministério da Educação e esse subsídio foi sendo reduzido reduzido reduzido, até se transformar em nada. E levou a PUC a uma situação de insolvência, porque esta ajuda para cumprir o seu programa de uma grande instituição de ensino, de pesquisa e de ciência, E de repente faltando isso, acabou levando a PUC a se indviduar. Até hoje ela não saiu do burado. Então, a igreja católica no Brasil, especialmente a de São Paulo, e os seus expoentes, pagaram um preço muito elevado, pela sua posição contra os desmandos do governo militar. Eu acho que a Igreja pagou

caro mas cumpriu o seu papel. Quanto aos outros credos, os ramos do cristianismo, protestantismo, ou outros setores, ou acivil com a maçonaria, honestamente eu não tenho condição de dizer o que fizeram porque eu nunca recebi eu nunca li nada que destacasse esse papel no noticiário que se publicou a respeito.

Marcia: O senhor teve na sua opinião teve um olhar maior para a atuação dos católicos. O senhor acha que aqui no Brasil eles assumiram o seu papel.

Prof. Erasmo: Sobretudo em São Paulo.

Marcia: Com a ação do cardeal Arns?

Prof. Erasmo: O cardeal Dom Paulo Evaristo Arns ganhou a antipatia dos governos militares para o resto da vida. Um outro exemplo da violência. A rádio 9 de julho teve a sua concessão vencida, e como uma represália do governo militar, ela não foi renovada. Levou desde o tempo do Geisel. Agora que estão renovando.

Marcia: 30 anos depois.

Prof. Erasmo: Tantos anos depois, foi em sessenta e poucos, quase trinta anos depois. É uma amostra daquilo que falei. A igreja tomou posição. Pagou caro mas não mudou a posição. Teve uma atitude digna consetânea com os princípios do catolicismo ou do cristianismos e preferir.

Marcia: Eu gostaria que o senhor se sentisse à vontade para encerrar essa entrevista. Eu não lhe disse mas na metodologia de trabalho que a gente está seguindo, que é história oral. Essa entrevista vai ser transcrita e só pode ser integralizada ao projeto com autorização do senhor e depois do senhor Ter essa transcrição em mãos. Eu espero que não tenha cometido nenhuma impropriedade pois o senhor é uma pessoa que eu respeito muito.

Prof. Erasmo: Pois não. Não, absolutamente. Aquilo que eu falei eu assino, com todo prazer. Em outras épocas já fui preso também, mas no tempo da polícia do Getúlio Vargas, de maneira...

Marcia: O senhor foi preso? Barbaridade, como foi isso?

Prof. Erasmo: Por agitação. Na agitação estudantil da época. E jornalística também. Mas a esta altura nem mais eu posso ser preso. Já passei da idade de ir parar na cadeia. Esteja ..use a vontade o que eu falei.

Marcia: Está certo. Mas, O senhor vai receber esse material.

Prof. Erasmo: Muito obrigado.

Marcia: O senhor gostaria de dizer mais alguma coisa?

Prof. Erasmo: Não, eu acho que já falamos bastante. E eu estou a olhar para o relógio porque daqui a pouco tenho uma reunião lá em cima.

Marcia: Já percebi. Está certo. Professor Erasmo, muito obrigado.

Prof. Erasmo: Espero que faça um bom proveito. Está bom.

14.3.9. Entrevista com deputado Nilmário Miranda

Marcia: Deputado Nilmário Miranda, agradeço a acolhida que o senhor está dando a esse projeto. O senhor participou da POLOP, foi militante da POLOP e houve um momento em que a POLOP esteve mais perto da AP Socialista, dissidência que não aderiu ao PC do B. Dessa dissidência fez parte o Paulo Wright, que é o foco principal da nossa pesquisa. Gostaria que o senhor falasse um pouco a esse respeito, dentro de sua experiência pessoal e também numa análise desse enlace que foi possível entre o Jair - Dorival - e o Paulo Stuart Wright. E se o senhor tiver conhecido o Paulo, que o senhor detalhasse.

Dep. Nilmário: Não, não conheci o Paulo Wright e nunca tive contato com ele. Só o conhecia de nome e não tive nenhuma vivência pessoal com ele. Agora, o que aconteceu, foi o seguinte: a AP foi uma organização que surgiu ligada aos cristãos de esquerda. Eu militei na AP no começo da minha vida política. Aproximei, participei da AP aos 16-17 anos, em Teófilo Otoni. Com 18 anos, quando fui morar em Belo Horizonte, cheguei a militar na AP, em 1965. Mas em 65 mesmo passei para a POLOP. Em fins de 65 deixei a AP e fui para a POLOP.

A AP, de uma organização cristã de esquerda que buscava uma 3ª via entre o comunismo e o capitalismo, ... padre Debret, Jacques Maritain, ... em 67 aderiu ao marxismo, mas pela via chinesa. Mao Tse

Tung. Depois de passados alguns anos de experiência do maoísmo, que mandou os militantes todos para a produção, no campo ou nas fábricas, deslocou ...

Marcia: a "integração"...

Dep. Nilmário: É a integração, a proletarização, que chamavam. Depois daquilo, a AP viveu uma crise, mais ou menos em 1971. Tinha tido uma primeira divisão, foi o PRT - Partido Revolucionário dos Trabalhadores, que aderiu à linha de ... guerrilha no estilo cubano.

Marcia: o Alípio Freire...

Dep. Nilmário: É, Alípio Freire, Altino Dantas e Vinicius Caldeira Brandt, últimos que tinham saído da AP. E aí surgiu uma divisão em dois grupos: um grupo que manteve a linha maoísta, acabou indo para o PC do B, e um grupo que fez uma revisão da experiência maoísta, digamos assim, de guerra proletarização, de guerra popular, de reproduzir a experiência chinesa no Brasil. Nesse grupo estava o Herbert José de Souza, o Betinho, estava o Jair Ferreira de Sá, que era uma liderança; o Paulo Stuart Wright e mais outros. Então, quando nós soubemos que havia esse grupo, a POLOP procurou uma aproximação.

Marcia: 71.

Dep. Nilmário: 71-72. A partir de 71, tanto no Brasil como no Chile. Nós tínhamos um grupo forte de militantes da POLOP no Chile: o Eder Sader, o Marcos Aurélio Garcia, o Luís Carlos de Almeida e outros. Nós procuramos aproximação via Chile, via Brasil. Eu militava no ABC e lá me encontrei com Herbert José de Souza, com o Betinho. E a partir daí nós tivemos conversas. Betinho morava no ABC, em 1971. E um grupo que tinha sido militante da AP estava lá também.

Marcia: Quem?

Dep. Nilmário: Um grupo de operários. Então, nós tivemos ... passamos a manter contato com a AP chamada AP Socialista ... Santos. Mas quando estava no curso desses contatos, eu fui preso, em 1º de maio de 72. Isso continuou a ser feito pela POLOP, mas sem a minha participação direta ... não pude ter. Na prisão eu nem pude ter informação sobre essas coisas. Não tinha porque falar alguma coisa sobre isso, estando preso. Eu sei que esse contato prosseguiu. Mas infelizmente, em 73, como a chamada AP Socialista foi inteiramente desmantelada, com a infiltração do Gilberto Prata Soares, Gilberto Prata, a infiltração levou à prisão de praticamente quase todo mundo. Parece que poucos sobreviveram. Pouca gente ... foi um golpe quase mortal na AP Socialista. Ela foi estruturada no exterior no Brasil, mas já

Marcia: A queda do Paulo é nessa época, em setembro.

Dep. Nilmário: É nessa época.

Marcia: Em setembro de 73.

Dep. Nilmário: É, o Paulo Wright, José Carlos da Matta Machado, Gildo Macedo Lacerda, Humberto Câmara Neto, Eduardo Collier Filho e muitos outros, e Fernando Augusto Santa Cruz de Oliveira.

Marcia: O senhor estava preso em Minas, em Belo Horizonte?

Dep. Nilmário: Não, nesse período eu fiquei preso em São Paulo. Inclusive, quando houve as prisões da AP, um dos meus irmãos foi preso também: Oldack Miranda.

Marcia: Estava no Tiradentes?

Dep. Nilmário: Eu estava no Tiradentes até acabar o Tiradentes, no Carandiru. Na época das prisões da AP, eu estava no Carandiru. Cheguei a ir duas vezes no DOI-CODI, prestar depoimentos, porque foram presos alguns advogados que eram meus advogados: Joaquim Martins e Anatole Aranha, e tinha essa ..., os dois eram meus advogados. E depois, quando meu irmão foi preso nesse esquema da AP Socialista, na Bahia. Junto com José Carlos e Gildo. Aí, também, o infil ... o Gilberto Prata, ele morou na Bahia algum tempo e tinha o respaldo da minha família na Bahia. Eles supunham que era militante, não sabiam que era militante infiltrado. Ele mantinha um contato estrito com minha família, meus

irmãos, minha mãe etc. E eu acabei tendo dois irmãos presos nesse episódio da queda da AP. E cheguei a ir duas vezes no DOI-CODI prestar depoimento sobre se eu tinha, que ligações que eu tinha com a AP ... Eu não tinha nenhuma. Estava preso há um ano e meio praticamente, quando houve a prisão da AP Socialista.

Marcia: E a queda dos dois - o sr teve conhecimento?

Dep. Nilmário: Tive, pois eu tive que ir lá no DOI-CODI duas vezes prestar depoimento. A Madalena, eu fui acareado com ela. Meus dois advogados, Anatole e Joaquim foram presos lá.

Marcia: Eles caíram depois da queda do Paulo.

Dep. Nilmário: É, no mês seguinte.

Marcia: uns dias depois.

Dep. Nilmário: Um mês depois.

Marcia: E a queda do Paulo - o senhor também teve notícia?

Dep. Nilmário: Eu tive notícia dentro da prisão, no presídio do Hipódromo, depois do Carandiru, fui para o Hipódromo. Tive uma passagem pelo DOPS também. A gente voltava sempre para o DPS, DOI-CODI. E aí eu tive muito contato com pessoas que foram presas no decorrer da queda da AP, tipo Oswaldo Rocha. E o Oswaldo me contando que foi a última pessoa que esteve com Paulo Stuart Wright. Me contou a história que pegaram o trem juntos e, quando sentiram que

estavam sendo seguidos, desceram em estações separadas. E não se sabe onde desceu o Paulo Stuart Wright, como foi a prisão dele. A Beatriz Bargieri, o Antonio Carlos Soares, Francisco Teles...

Marcia: Do Paulo Wright diz-se que foi visto pelo Oswaldo e pela enfermeira Diva, uma blusa que estava...

Nilmário: Esta história me contou o Oswaldo Rocha. O Oswaldo viu, na prisão, uma blusa que o Paulo estava usando no momento que pegaram o trem, e se separaram ... essa blusa ... e daí, para o Oswaldo Rocha foi a convicção de que o Paulo estava, chegou a ser preso. Eles não tinham certeza da prisão do Paulo Wright, a partir daí passou a ter certeza que ele estava preso e tinha sido morto.

Marcia: Soube que seria praticamente impossível ser outra blusa, porque ele tinha poucas roupas. Aquela blusa era hábito dele estar usando. Isso é o motivo de se ter certeza de que ele realmente foi preso.

Dep. Nilmário: Depois, agora, essas prisões todas estão relacionadas ... com a infiltração do Gilberto Prata. O Gilberto foi preso em fevereiro de 73, em Goiânia. Como ele tinha sido eleito presidente de um diretório acadêmico, tinha voltado a estudar, ele tinha sido militante da AP e tinha se afastado. Voltou a estudar. Ele foi preso. Aí prenderam a mulher dele, a Elza, e uma irmã dele, que estava visitando ele em Goiânia, a Marta. E eles

simularam que estavam torturando a mulher e a irmã, perceberam que ele tinha um ..., porque ele estava fragilizado e naturalmente, foram fundo. Assim, mais na chantagem psicológica, na tortura psicológica com ele. E ele, então, num certo momento, segundo ele, que a sua irmã e sua mulher estavam sendo torturadas, se propôs a ir a televisão renegar a esquerda. "Não, nós temos uma coisa melhor para você. Trouxeram para Brasília, no CIEX, e aqui eles propuseram para ela a infiltração na AP. E ele acertou. Com ele estabeleceram, disseram que queriam o irmão, o cunhado dele - o José Carlos da Matta Machado. Com a infiltração, leva até o José Carlos e ele fez um pacto que a irmã dele seria preservada. A Madalena, mulher do Zé Carlos, companheira do Zé Carlos, militante da AP também. E ele aceitou. Com ele estabeleceram, disseram que queriam o irmão, o cunhado dele, o José Carlos da Matta Machado. Com a infiltração, leva até o José Carlos e ele fez um pacto que a irmã dele seria preservada. A Madalena, mulher do zé Carlos, companheira do Zé Carlos, militante da AP também. E ele aceitou. Aí ele foi atrás do pai do José Carlos da Matta Machado, um filósofo cristão, foi deputado federal cassado, posteriormente virou senador - Edgard Godoi da Matta Machado.

Marcia: Respeitadíssimo em Minas Gerais.

Dep. Nilmário: Jurista. Ele era advogado, foi Secretário do Trabalho de Magalhães Pinto.

Depois de 64, ligou-se ao MDB autêntico, foi cassado com o Ato 5. Era da ala combativa do MDB. Então, esse Gilberto foi a casa do velho Edgard, em Belo Horizonte, e falou que era irmão da Madalena, cunhado do Zé Carlos, e estava querendo ter contato com Madalena. Obviamente, sem suspeitar de nada, ninguém nunca suspeitou dele, o Prof. Edgard ajudou o Gilberto a encontrar a irmã. A irmã ficou felicíssima com a disposição dele de voltar à militância. Uma imensa felicidade. E falou: "*Olha, o José Carlos está no Nordeste, está praticamente atuando no Nordeste*". Então, você vai para a Bahia, viu dinheiro para ele, e tudo mais ... falou da repressão, e nem a Madalena sabia. Ele foi morar em Salvador. Lá, a repressão deu a ele uma carteira de trabalho, como se fosse funcionário da Secretaria do trabalho, ... o Antonio Carlos Magalhães, governador biônico. E ele procurou meu irmão e outras pessoas que moravam na Bahia, e já o conhecia antes. Então, um grupo de pessoas passou a ajudá-lo como se estivesse ajudando um clandestino, sem imaginar que estava ajudando um traidor. E o Gilberto ganhou a confiança da irmã e do José Carlos da Matta Machado.

Marcia: No Recife?

Dep. Nilmário: Na Bahia. E a partir daí, passou a viajar com os dois para tomar conta do filho, o Dori. Ele, na verdade, era o guia da repressão. E através do Gilberto, chegavam ao José Carlos. E, através do

José Carlos se chegava à militância, identificando todo mundo.

Marcia: Foi caindo todo mundo.

Dep. Nilmário: Toda a AP. Não, não caía logo, não. Senão todo mundo ia ver que o Gilberto era infiltração. Tanto que não há nenhuma prisão vinculada diretamente ao Gilberto. Quer dizer, através do Gilberto, chegava ao Zé Carlos, através do Zé Carlos chegava a outro e através do outro... Quer dizer, eles iam seguindo vários. Montaram a rede para...

Marcia: O Gildo Lacerda estava na Bahia, estava machucado.

Dep. Nilmário: Na Bahia. Então, o Gildo passou a ... esse Gilberto era o guia da repressão. Levava a repressão até alguém, a partir daí, a repressão seguia. Foi isso. A partir de maio ele passou a viajar com o Zé Carlos, o que precipitou a prisão do José Carlos e do Gildo foi que o José Carlos tinha, quando viu que estava sendo seguido, resolveu ou sair do país, ou se afastar da AP, porque ele sentiu que estava colocando em risco a organização. Mas falou isso como Gilberto, falou isso para discutir com a companheira dele e com o cunhado dele. Aí o Gilberto avisou a repressão: "*Olha, ele vai fugir*". Aí precipitou a ação da repressão. Iniciou as prisões todas.

Marcia: Ele foi preso nessa tentativa do Dr. Edgard tirar ele do país. Na viagem de São Paulo a Belo Horizonte.

Dep. Nilmário: É. Ou sair do país, ou sair da militância. Quer dizer, não ia servir mais. A repressão seguia, ele era o guia sem saber da repressão, através do cunhado traidor e ele ... Ai começam as prisões. Então, vem as prisões do ... teve dois surtos de prisão; teve a prisão do Paulo Wright e do Oswaldo Rocha e vários outros.

Marcia: Em setembro, na semana da Independência, foi uma ...

Dep. Nilmário: E no mês de outubro tem um surto de prisões ligadas ao José Carlos, Gildo e por aí vai. Antes de outubro (José Carlos e Gildo), teve do Humberto Câmara Neto, Honestino Guimarães, dia 8 de outubro ... na época.

Marcia: Quero voltar a Recife, deputado, pelo fato de Ter sido noticiado que os três - o Paulo Wright, o gildo e o José Matta Machado, haviam aquele confronto.

Dep. Nilmário: Na avenida Caxangá com General Polidoro.

Marcia: Em que o atual Ministro da Justiça, José Carlos Dias, como advogado da família, esteve logo em seguida lá e desmascarou a versão da polícia.

Dep. Nilmário: É verdade.

Marcia: Duas questões sobre o Recife - uma, relativa a essa notícia falsa e a outra relativa ao traslado dos restos do José Matta Machado para Minas Gerais, que foi feito na época. Neste sentido, será que

também o Paulo Wright poderia estar lá? Mesmo que tenha sido uma armação, mas será que ele também foi morto e enterrado lá? Tem algum dado a respeito?

Dep. Nilmário: Não acredito. Eu acho que o Paulo Wright foi preso, morto, teve seu cadáver ocultado em São Paulo mesmo. Porque não há nada, nenhuma evidência nenhuma informação de que ele tenha sido levado para nenhum canto, para nenhum lugar e também não teve nenhuma repercussão, digamos, a prisão dele na AP. Quer dizer, ninguém que teria ponto com ele foi preso. Então, não há motivo para ele ... O mais provável é que tenha sido morto em São Paulo mesmo, nos esquemas da ... e foi em setembro. E a prisão do José Carlos foi pelo dia 22-23 de outubro.

Marcia: Outubro. Um mês.

Dep. Nilmário: Mais de um mês depois. Eu acho que eles prendem o José Carlos na divisa de Minas com São Paulo, prendem o Gildo Macedo Lacerda na Bahia. Os dois são levados para o Recife. Os dois são assassinados no DOI-CODI do Recife. E para montar a chamada versão oficial, o "teatrinho", eles dizem que ele foi entregar, que eles dois foram entregar uma pessoa, o Antonio, na General Polidoro com Caxangá. E que o Antonio teria gritado "traidor", tirado a arma e atirado neles, e fugido e deixado a arma, o cano com o número raspado. O que é um absurdo, uma história ridícula, grosseira, uma farsa grosseira. Mas sempre intrigou as

pessoas porque eles puseram pessoas que tem a descrição do Paulo Wright, que tinha o nome de guerra do Paulo Wright - Antonio - porque colocaram no "teatrinho" de Recife.

Marica: Por quê?

Dep. Nilmário: A única hipótese é para já porque no desaparecimento ... A diferença do Paulo Wright - é um desaparecido, Matta Machado e Gildo Macedo Lacerda, que são desaparecidos - são mortos oficiais. Foi admitida a morte oficial. A morte deles, houve uma nota. E o Antonio (Paulo Wright), nunca foi admitida nem a prisão, nem a morte dele. Ele era um foragido, por isso é **desaparecido**.

Marcia: Mas é dito que 48 horas depois foi constatado que ele... Quer dizer, dia 6 de setembro, ele teria morrido em São Paulo mesmo. Isso é mencionado

Dep. Nilmário: Pois é, mas isso é investigação da família. A diferença entre *desaparecido* e *morto* é exatamente essa. O **desaparecido**, a repressão não admite que a pessoa foi presa. Dá como foragido. Então, eles colocam o Antonio lá em Recife, para robustecer a idéia de que o Paulo Wright não tinha sido preso nem morto. Ele estava vivo lá em Recife, dia 27 de outubro e fugiu mais uma vez. Atirou, matou o José Carlos e o Gildo, e fugiu. Então, ele põem ... Além de denegrir a imagem do José Carlos e do Gildo para dizer que tinham traído. Entregaram um companheiro e foi morto pelo próprio

companheiro. Eles põem o Antonio em fuga, o Paulo Wright em fuga. É uma maneira de dizer que ele não foi preso. Que é o que eles faziam com o desaparecido. Até 10, 15, 20 anos depois do desaparecimento das pessoas, eles continuaram afirmando que aquela pessoa não foi presa.

Marcia: E essa presença do dr. José Carlos Dias lá, desmontou totalmente ...

Dep. Nilmário: Desmontou para a família. Mas do ponto de vista da história oficial do país ...

Marcia: Fica valendo...

Dep. Nilmário: Fica valendo que o Paulo Stuart Wright nunca foi preso. Por isso que ele é um desaparecido político.

Marcia: Paulo Wright teve influência do teólogo Richard Schaul, que também defendia a integração, era revolucionário. O senhor chegou a conhecer Richard Schaul?

Dep. Nilmário: Também não fiquei sabendo disso. O Paulo Wright e o fascínio pelo maoísmo, pela revolução cultural, essa política de integração. Além do ... pesava o aspecto religioso também ... ele foi uma pessoa que foi pescador ... pescador, quis ter experiência como operário, viver como operário. Quer dizer, para ele não bastava lutar pelas classes populares. Ele queria viver como as classes populares, ter identificação, ter experiência. Está muito ligado com a formação religiosa dele.

Marcia: Seria a Teologia da Libertação - na vertente protestante?

Dep. Nilmário: Mais ou menos isso.

Ação Popular

Marcia: Existe, no período em que foi escrito **História da Ação Popular**, existiam reflexões, discussões, a respeito da repressão, do próprio movimento. O senhor, de alguma forma, teve contato com pessoas da AP-APML, que estiveram presas na época? Houve alguma análise dessas quedas, principalmente do grupo que não aderiu ao PC do B?

Dep. Nilmário: Claro. Oswaldo Roha, o casal Bergieri, o Antonio Carlos Soares, sobretudo esses que ficaram presos no Hipódromo, no DOPS, mas eu mantive algum contato e eles aprofundavam a reflexão. Porque havia uma reflexão da esquerda comoum todo. Havia uma esquerda que tentava manter a todo custo essa posição, não admitia nenhuma autocritica, nenhuma . . . , que era o caso da ALN e do PCdoB que ... uma proposta ... autocritica. Mas a maioria das pessoas faziam uma avaliação crítica do período e a avaliação ... de um modo geral era a mesma: *que o Brasil importava modelos revolucionários de outros países.* Isso era impossível. Isso era uma coisa errada. Isso era um consenso - de que devia se fazer um estudo, devia se conhecer profundamente a realidade do país. Cada país tem uma história própria. Quem quiser

... contar essa história. Tem que ... conhecer essa história. Essa era uma reflexão. A terceira reflexão: que a gente não tem nenhuma chance de mudar a sociedade, sem que o povo queira. A crítica do jacobinismo, da teoria de que há grupo de revolucionários que ...autodenominados dirigentes do povo brasileiro, que o conduziam a um processo transformador. Havia, inclusive, reflexões sobre a experiência socialista real. A tese do partido único, da ditadura do proletariado. Havia uma avaliação crítica em relação a essas coisas. Muito ainda imatura. Mas havia uma avaliação bem crítica dos ... e na maioria das prisões. E as pessoas que estava lá, da AP, também faziam essa avaliação.

Marcia: Essa avaliação... Esse livro que foi escrito no presídio, pelo Haroldo Lima e Aldo Arantes, tem essa observação: *"A maioria ficou completamente isolada. Seus componentes do Comitê Central, Paulo Wright e Jair Ferreira de Sá, conseguiram angariar um único apoio, de Manuel da Conceição. Este, camponês de origem, surpreendeu o plenário com o insólito depoimento onde praticamente abria mão da luta camponesa sob a justificativa de que os camponeses queriam era o socialismo e não a orientação taxada de dogmática e direitista da luta pela terra. A reunião conclui pela primeira vez pelo reconhecimento ... "* E exatamente - a divisão ... e é esse o comentário.

Dep. Nilmário: e sendo que o Haroldo Lima e o Aldo

Arantes, quando saíram da AP para o PC do B, uma continuidade na mesma linha de adesão à linha do maoísmo, na época. É uma versão, digamos, pelo viés também da sua posição política, não é? É muito forte aí a posição de que o Haroldo e o Aldo sempre mantiveram. Pessoas absolutamente respeitadas e respeitadíssimas por todos, com extrema coerência intelectual ideológica. A partir da adesão àquela proposta, eles seguiram. Até acontecimentos mais internacionais levaram ao apoio ao partido Albanês, depois ... daí tem a trajetória conhecida por todos. Eu acho que aí é também um enfoque. É uma avaliação baseada na posição política.

Lado B

Dep. Nilmário: Vamos concluindo.

Marcia: Tenho só mais uma questão, sei que o senhor tem uma reunião marcada. *É uma posição respeitada ... do Aldo Arantes, o senhor estava dizendo...*

Dep. Nilmário: Seguramente não é, digamos, uma história crítica da ... Não é uma história crítica, porque, evidentemente eles mantiveram uma posição. Acho que para fazer uma história da AP, também, qualquer comportamento dos demais. As razões que levaram aos rachas. Tem que ver com os outros também, porque aí é *uma versão*.

Marcia: A última questão é relativa a essa vertente dos evangélicos protestantes. Tanto do ponto de vista da

resistência, como do ponto de vista da repressão. Do ponto de vista da resistência, tem vários presbíteros, como o Paulo Wright, que foram perseguidos, internamente nas igrejas. E da parte da repressão, declarações da participação direta de membros dessas igrejas. O senhor tem alguma observação a esse respeito?

Dep. Nilmário: Essas igrejas evangélicas históricas, na sua maior parte, ao longo do período da ditadura militar, se comportaram como igrejas mais conservadoras. Mas em todas elas surgiram correntes também vinculadas àquele espírito da **Teologia da Libertação e da Opção Preferencial pelos Pobres**. Na verdade, a revolução que houve nas Igrejas Católicas, a partir de 60-61-62, João XXIII e o ecumenismo decorrente do Concílio Vaticano II, acabou por reaproximar e abrir discussões ou fortalecer setores que já vinham trabalhando essas posições em igrejas históricas evangélicas. Então, todas igrejas históricas evangélicas tiveram facções, grupos, correntes que se vincularam à esquerda no Brasil e em vários países. Mas, acho que predominou ainda, predominou a facção conservadora, que apoiou as ditaduras no Brasil. E na própria repressão tinha muitos oficiais que eram dessas igrejas. Então, houve gente dos dois lados, na *repressão* como também houve na *resistência*.

Marcia: Certo. Com uma predominância...

Dep. Nilmário: Da repressão. Dos conservadores.

Marcia: De apoio, e sustentação ao regime.

Dep. Nilmário: Agora, com o passar do tempo, com as denúncias de torturas, de violações dos direitos humanos ... porque quando a ... porque muita gente apoiou a ditadura, achando que era para salvar do comunismo, o país, do comunismo. E a maneira, o golpe era uma maneira de fortalecer a democracia. Quando viu que a ditadura se eternizava e virou da *ditabranda para ditadura* mesmo, a partir do **Ato 5** ... aumentou o número de pessoas, inclusive da hierarquia das igrejas evangélicas e históricas, que passou a defender Direitos Humanos e passou a defender a democratização do país. Aí, nem que fosse na esquerda, mas eram seguramente em dos setores que caminharam em direção à democracia e direitos humanos.

Marcia: Complementando essa mesma pergunta, vou citar um dado importante : o mecanismo de delação no esquema da comunidade metodista foi utilizado aproveitando a itinerância de pastores, tanto no sentido de exclusão de um membro que estava incomodando e era sumariamente transferido, como no sentido de dar suporte à perseguição que o regime fazia. O senhor tem algum dado a esse respeito?

Dep. Nilmário: Não, mas eu não estranho, também. Acho perfeitamente plausível, sabe, isso aí. Porque, de fato não havia muitos, muita gente

ligada assim a essa igreja evangélica na repressão, na cúpula da repressão, nas Forças Armadas, sobretudo entre o Exército, Marinha e Aeronáutica. É perfeitamente plausível que eles tivessem usado pastores, exatamente porque são itinerantes, como

informantes, no Brasil. Isso é plausível.

Marcia: um caminho de pesquisa?

Dep. Nilmário: Um caminho de pesquisa.

Marcia: Agradeço essa entrevista. O senhor vai receber uma cópia, mando para sua assessoria. E as ressalvas que o senhor achar necessárias, por favor, o senhor faça. Muito obrigada, deputado. Se o senhor tiver alguma observação, está a disposição para sua palavra.

14.3.10. Entrevista com Carlos e Geni Pereira

Vou pedir aos dois que se apresentem.

Carlos: Meu nome é Carlos Gilberto Pereira, de Goiás e estou em São Paulo há 30 anos. Sou de uma família de trabalhadores, já trabalhei no comércio e comometalúrgico. Sou empre... construtor, em São Paulo. Então.

Marcia: Está apresentado. Geni?

Geni: Sou Geni Maria Prado Pereira. Nasci em São Paulo e desde 7 anos que estou no mundo do trabalho. Primeiro fabril.

1964 - eu fiquei escondida durante 3 meses, voltei para a área fabril, estudei à noite. Os últimos 25 anos de trabalho profissional foi em Serviço Social, em clínicas médicas. Hoje sou aposentada, tenho 63 anos de idade, faço só trabalho voluntário e no ramo de saúde. Militei na época antes e depois da resistência. Comecei a militar com 14 anos de idade. No Sindicato dos Metalúrgicos. Eu era operária metalúrgica. E durante, antes da resistência, na fundação de Ação Popular, eu entrei em

1963, eu não lembro direito a época mas foi antes de 64. Até o final. Depois auxiliei na formação do Partido dos Trabalhadores, fui Presidente do Diretório, fundador e aqui em Taboão da Serra e durante até... Não me considero mais uma militante ativa mas ainda dou minhas fisgadas aqui e ali.

Marcia: Como eu tinha dito ao Carlos e a você Geni, a pesquisa está centrada na vida do Paulo Wright, nas idéias de Paulo Wright, na militância de Paulo Wright. Como eu disse também, estive em Florianópolis, conversei na Assembléia, por ocasião da abertura do dossiê de coisas que se passaram em Florianópolis no tempo dele como deputado e que foram escondidas durante 25 anos. Vou deixar a palavra livre totalmente, com este tema, mas antes quero agradecer aos dois por estarem comigo aqui e terem essa paciência de me receber.

Relevando essas minhas limitações, tanto no campo religioso como no campo político, o trabalho que a gente está desenvolvendo não pode

ser feito sozinho. Eu preciso muito que vocês, naquilo que vocês, como amigos do Paulo Wright puderem trazer para esse trabalho. A palavra é de vocês sem nenhuma limitação ou restrição.

Geni: Eu gostaria de começar porque depois eu vou fazer um café.

Eu conheci o Paulo pelo nome de André, que era um dos nomes que ele utilizava. Nomes de guerra, como a gente chamava. Meu marido estava preso no Tiradentes, no presídio Tiradentes, cumprindo pena. E eu estava grávida, logo no início da gravidez, estava com cinco meses de gravidez quando ele foi preso, e nessa época eu era militante e continuei militante de Ação Popular e tinha vários companheiros presos, muitos. Nós tínhamos que manter o intercâmbio de comunicação com o pessoal dentro da prisão porque o que se passava dentro da prisão era de interesse nosso e o que se passava aqui fora era de interesse dos prisioneiros também. Eles não ficaram isolados. Era muito importante que a gente mantivesse um vínculo não só afetivo,

familiar, mas um vínculo político ideológico dentro da prisão. E vice versa. Foi quando me apresentaram o Paulo Wright. Ele me acompanhou. Nossa ligação era política. Nós nos encontrávamos em lugares determinados uma vez por semana, onde a gente tratava questões político partidárias, o que deveria ser encaminhado para dentro do presídio, e o que eu trazia do presídio para o Partido também.

Era um intercâmbio, era uma troca de informações ultra secreta. Porque eu tinha que passar por exames de entrada e exames de saída, de física. Eles tiravam a roupa da pessoa, olhavam tudo, até dentro do sutiã eles olhavam.

Então, nós tínhamos os mecanismos de como trazer coisas deles e de como levar coisas, tinha um mecanismo. O nosso trabalho - o meu e o do Paulo - foi político e de encaminhamento de questões e ficou até ...

Maria José nasceu e ficou até... - Você conheceu Maria José com um ano de idade Carlos? Foi mais ou menos um ano e meio, quase dois anos que nós mantivemos esse contato, semanal, e sempre acompanhado por uma outra pessoa que era segurança dele, para auxiliar nos encontros. Ficavam às vezes em quatro pessoas, não mais que isso.

Marcia: Esse conhecimento do Paulo, que reação que trouxe para você?

Geni: Olha no começo, como eu te falei, no começo, nossos encontros eram para tratar de questões políticas, de encaminhamento de questões.

Eu era um tipo de instrumento, eu era um instrumento do Partido para manter esse vínculo com os prisioneiros. Depois, é lógico, a gente vai num boteco, come um sanduíche, vai tomar uma água, vai caminhar um pouco no jardim. Então, começa - "Como vai sua saúde, como vai sua família, como é que você está se sentindo?" - começa a criar um vínculo afetivo. Primeiro, só o companheirismo, as idéias. Depois, começa a criar um vínculo afetivo assim, que transforma as pessoas em irmãos mesmo, em companheiros, irmãos queridos.

E durante toda essa temporada, nos momentos mais difíceis da minha vida, porque não tinha, não tinha mais aquele diálogo só de passar informação e receber informações e "Você tem que mandar isso e isso" "Você tem que falar..." - no dia de visitas - "Você tem que falar isso, isso", mas começou também a preocupação um com o outro. Tanto eu com ele como ele comigo. E não ficávamos mais que quatro no núcleo de encontro, somente quatro pessoas, uma tinha o marido prisioneiro também. Era eu e a Ana, e a outra era a segurança do Paulo que era a Beatriz. E virou um núcleo assim de papos, de piadas, de troca de idéias, de troca de amizade, virou um - nós ficamos amigos, amigos íntimos, até hoje somos amigos. Agora, o que ele me trouxe, assim para a minha vida? O Paulo era uma pessoa muito grande. Muito grande para o lugar onde ele ficava. Ele não cabia dentro dessa sala aqui. Ele era muito maior do que essa sala entendeu?

Carlos: Uma pessoa iluminada, não?

Geni: Ele era uma pessoa iluminada. Uma pessoa que tinha muitas palavras assim, muito bom senso, muito criterioso. Abria a boca ... Antes ele pensava, ficava refletindo. Quando ele abria a boca, ou ele te derrubava, te acabava... Ele me fez ...chorar muitas vezes de ódio dele.

Marcia: Por que?

Geni: Porque ele puxava a orelha mesmo. Ele era, eu falava para o Paulo _ Padre, sempre padre... uma vez padre morre padre. Você, uma vez pastor, vai morrer pastor. Porque ele ficava pensando e não tinha medo de ofender as pessoas, não, o que ele sentia que a gente estava fazendo a coisa errada ele criticava, sabe?

Marcia: Essa tua situação de estar grávida, com o Carlos preso: todos os cuidados, teve alguma participação da organização para te acompanhar?

Geni: Organização - eu tive esse acolhimento desses companheiros durante toda a gestação, que foi a Ana, o Paulo, a Beatriz. Eu tive a minha célula, o acompanhamento da minha célula, e tive um companheiro, principalmente, que é difícil falar dele - que ele era encarreado de me levar até o Sindicato e me trazer de volta e levar até a porta da minha casa. Eu estava grávida já e tinha muita dificuldade de caminhar sozinha porque eles tinham medo - se eu fosse presa, se acontecesse alguma coisa, se

eu caísse na rua. No começo era o Marcos Arruda, o Zé Pedro. No final, foi o Luiz Hirata, que faleceu, foi morto pela ditadura.

Carlos: Você.. esta aí o nome dele. Está aí. [no livro]

Geni: Ele era da minha célula, o Luiz Hirtata e ficou encarregado de me trazer. O Sindicato era lá na rua do Carmo e é ainda, e ele me trazia até minha casa aqui em Taboão da Serra, para depois voltar para o trabalho e trabalhar de madrugada porque ele era integrado na produção. Eu falava que ele era meu guarda costa, ele me trazia na porta da minha casa. Quando eu entrava e fazia assim [...] para ele, aí que ele ia embora.

Marcia: E o Paulo que coordenava?

Geni: Ele era um dos coordenadores de Ação Popular, ele era dirigente nacional. Ele não era um homem de contatos diários, de contato semanal, mensal com os militantes de base. O meu caso era exceção e a Ana também, porque nós tínhamos, nós éramos ponte de ligação. Mas vários militantes não conheceram o Paulo.

Márcia: Como foi essa prisão, Carlos?

Carlos: Olha, no trabalho operário, as pessoas estavam sujeitas à prisão. Você tinha um compromisso. Na luta contra a ditadura, as pessoas que estavam contra a ditadura e tinham como objetivo a mudança desse país, elas saíam a campo para trabalhar contra a

ditadura e isso às vezes levava à prisão.

Você não está saindo para uma reza consentida, em que voce vai pedir ao Espírito Santo para derrubar a ditadura.

Você vai agir para que a ditadura caia. Isso não é um ato que a pessoa faz

inocentemente. Isso é uma ação consciente. E você encontra outras pessoas que agem nesse mesmo rumo. E a ditadura combatia isso. E nós combatíamos a ditadura. E assim, fui preso. Fui preso e torturado. Fui várias vezes. Não foi uma vez só que fui preso.

Mas sempre tinha aquilo de ser um compromisso. Eu tinha um compromisso com os trabalhadores e com a minha classe. Eu não estava na luta contra a ditadura só por uma questão de que eu sou um revoltado. Estava na luta contra a ditadura porque eu conhecia a exploração a que os trabalhadores eram submetidos. A miséria a que eles estavam sendo submetidos. E isto foi assim o nosso compromisso.

Marcia: Quando foi preso você já conhecia o Paulo?

Carlos: Olha, eu conhecia muito pouco o Paulo.

Geni: André. Ele conhecia através de mim.

Carlos: Quem tinha mais acesso a ele era a Geni. Mas era o seguinte: eram pessoas que estavam na mesma caminhada. Você estava caminhando numa estrada e aquelas pessoas caminham com você, com os braços

dados, está certo? Então, esse era o Paulo.

Marcia: E ele entrava? Falava com v.?

Geni: Ele não entrava. Eu era a mensageira.

Carlos: De Ação Popular.

Geni: A minha missão não era visitar só o meu marido. Era visitar o outro militante. Porque então era passar para um militante as orientações do Partido. Eu ia, claro, para visitar meu marido que era meu companheiro.

Várias vezes eu recorria à Auditoria Militar porque acontecia alguma coisa... eu era... aquela certidão me dava o direito.

.....
....

Marcia: Quando a Maria José nasceu?

Geni: 1970.

Marcia: Em que mês?

Geni: Agosto. 20 de agosto de 1970.

Marcia: Deu para alguém levar o recado para o Carlos?

Geni: Aí entrou minha mãe na jogada.

Carlos: No dia seguinte ela levou a fotografia.

Geni: Ela levou a foto que eu tirei na prisão.

Marcia: Na maternidade.

Geni: Ela levou a foto da Maria José de 24 horas de

- nascida. Ele estava no DOPS ainda, não é Carlos? melhor que eu possa dar. Você consulta tudo, tem microfilme. Geni: Já.
- Carlos: Eu tinha acabado de sair. Geni: Não houve renegação de Igreja. Carlos: Ele sempre foi dirigente de AP.
- Geni: Estava no Tiradentes já. Marcia: Antes estava ligada à Igreja... Geni: E já era marxista-leninista. Embora o marxismo como teoria de uma nova forma de sociedade nunca ele fez nenhuma menção desonrosa a nenhuma ... nem a nenhuma religião.
- Marcia: Ficou 5 meses no DOPS. O contato dele com AP foi em 62, logo depois que ele perdeu as eleições em Joaçaba. O Duarte Pereira entrou em contato com ele. O fato de ser marxista-leninista, não significa que é contra isso e aquilo, de espiritualista, de religioso.
- Geni: Seis, né Carlos? O marxismo-leninismo é uma forma de governo em que a gente propõe o que há de mais maravilhoso - é repartir o que tem, é viver. Inclusive o próprio Cristianismo deveria ficar orgulhoso, sabe? De pessoas como o Paulo, que é marxista-leninista e que deu a vida. O próprio Cristo não deu a vida pelo povo? Então não há assim...
- Carlos: Seis. 5 meses no DOPS. 1 mês na Operação Bandeirantes. Nós saímos um pouco da prisão - eu queria voltar um pouco para lá justamente por essa militância que você descreveu. Quando a gente fala assim, [que] a Ação Popular nunca teve vínculo com a Igreja Católica nem com as outras Igrejas evangélicas - era uma organização política partidária - não significa que a gente tinha alguma coisa contra a Igreja, entendeu? Não significa isso. É que.. O
- Marcia: Oban. Carlos: Se você entrevistou o Duarte, certamente o Duarte deve Ter falado para voce... próprio Paulo, eu brincava sempre com ele: - Pastor, sempre Pastor. Porque a atitude dele, o estilo de vida dele.
- Geni: Você foi preso pela OBAN ou pelo DOPS, agora fiquei Carlos: Não entrevistei o Duarte. O comunista a gente conhece pelo estilo de vida, não é pelo palavreado, né?
- Carlos: Pela Oban. Marcia: Não falou com o Duarte? Não entrevistou? O estilo de vida dele: por exemplo, de ter um sapato só e às vezes tres pares de meia furada, que eu vivia costurando as meias dele, e um despojamento completo de quem tinha dez contos no bolso - que antigamente era conto...
- Geni: De lá que você foi para o Dops? Carlos: Não falou com o Duarte? Não entrevistou?
- Marcia: Essas orientações do Partido... O Paulo era representante do Partido? Em 70 era AP, não era ainda APML? Marcia: Não, isso é coisa escrita. Já li coisas que ele escreveu e também da própria militância do Paulo.
- Geni: Não, APML era em 72, não é, Carlos? Carlos: Ah, tá certo.
- Carlos: APML era 69. Marcia: Agora, acho que eu não soube me expressar da própria ligação da AP com a Igreja, não no sentido dela sair como expulsa. ... A idéia que passa...
- Geni: 69 já era APML.: é importante ficar bem claro, que a AP era uma organização e que não estava vinculada à Igreja.
- Marcia: Quando começou a discussão entre a saída da Igreja - foi APML. Saída da hierarquia. Marcia: Em 70, quando ele estava preso e você trabalhando nessa missão, o Paulo já estava nessa posição de coordenação de AP?
- Carlos: Não foi saída Igreja..... de 65 a 67 a APML não tinha uma linha política ideológica muito definida. Tinha uma posição foquista. E houve uma ruptura nesta linha. Minha sugestão para você é que procure na Unicamp nos arquivos de Ação Popular,

Carlos: Dez cruzeiros, não existe conto..... em Portugal.

Geni: Dez cruzeiros. Não existe dez contos. Deve ser no meu tempo de jovem.

Carlos: Deve ser no seu tempo de jovem. Tinha dez cruzeiros no bolso e repartia o lanche com a gente.

Marcia: Ele andava com bastante simplicidade.

Geni: Muito despojado. Brigamos com ele.

Marcia: Mesmo quando ele estava nos Estados Unidos.

Geni: E ele falava - a gente tem a roupa do corpo para proteger, só. Não precisa ser bonita, para proteger do frio e do calor. Em tudo que fazia, ele tinha essa capacidade de fazer com consciência, em tudo. Era o tipo da pessoa austera com ele mesmo e com os companheiros de volta.

Marcia: Nesse ano e meio vocês trabalharam, enquanto o Carlos estava preso. Depois você também continuou nessa tarefa ou houve uma mudança de atividade?

Geni: Bom, quando o meu marido..., eu continuei militando. Eu não tinha só essa tarefa do presídio. Eu tinha essa tarefa de lutar contra a ditadura e me engajei nas tarefas que me determinavam. Isso sempre. Sempre foi... Quando Carlos saiu da prisão, certamente o Partido encontrou outras pessoas (que eu não precisava saber quem era) para fazer essa corrente, no momento que ele saiu. Mas

alguém deve ter continuado, porque o Partido encontra outra pessoa ou outras pessoas.

....
Ele morou

Geni: uma temporada né bem, não sei quanto tempo, mais de ano. Datas é com o Carlos, eu não tenho boa memória.

Marcia: O período que o Paulo esteve morando, foi em 73. Minha pergunta é depois desse intervalo, depois que você saiu da prisão, até 73, nestes dois anos vocês tiveram contato de perto com o Paulo? Você saiu da prisão e trabalhavam juntos?

Geni: Nessa época eu apresentei meu marido que ele já conhecia. Eu trazia coisas do Carlos da prisão e o Carlos também já conhecia o Paulo e tinham um grande amor um pelo outro e foi aí que eles se encontraram pessoalmente.

Marcia: O que voce conta pra mim a respeito dele, a sua impressão, as suas tarefas, o que voce quiser falar. O Paulo, de dizer, cada vez que eu escuto falar a respeito dele, mais eu gosto dele.

Carlos: O Paulo é uma pessoa iluminada. Sempre foi uma pessoa amiga, solidária, uma pessoa que desde o tempo que conhecemos se tornou presente em nossas vidas. Uma pessoa que ajudava a gente a refletir as experiências de vida, experiencia de trabalho e em todo esse período a gente aprofundou o carinho, o amor, o respeito que a gente tinha um pelo outro. Encontramos....

Marcia:....

Carlos: sempre uma postura solidária, de carinho, de respeito com a gente, e com os outros companheiros e sempre trocando idéias, experiências sobre os caminhos que agente teve...

Marcia:....

Carlos: delicado, um período negro, aonde todo dia voce tinha notícias de desaparecimento de pessoas, de assassinatos, torturas, prisões. Em síntese, um período negro na história do Brasil. Se existe esse período, esse período foi de 71 a 73. Um período que a gente viu muitas coisas

Marcia: Como que o Paulo estava.... Além dessa amabilidade, dessa solidariedade, como ele estava em relação a tudo?

Carlão: A questão central: ele sempre foi uma pessoa muito produtiva.

Geni: Dormia pouco e trabalhava o dia inteiro.

Carlos: Uma pessoa que trabalhava muito, pensava muito e que escrevia. Um teórico. Era um guerreiro que 24 horas por dia estava com as lanças prontas para a guerra. Isso era o Paulo. Um companheiro que usava da experiência dele no movimento sindical, não só no brasil, como de outros lugares.

Marcia: Ele escreveu, fez cursos para a Organização Sindical?

Carlos: Fez - Cursos de Orientação Sindical.

Marcia: E ele já colocava isso como questão?

Marcia: Já falamos do Curso e outras coisas que vocês lembrem.

Marcia: Vocês participaram desse curso, ajudaram?

Carlos: Isso era uma questão importantíssima na colocação dele, está entendendo? A gente tirava um sarro dele - ele é feminista.. está certo?

Carlos: Uma coisa que é bom registrar para você, é uma coisa dentro da sua tese.

Carlos: A gente ajudou. Trocou algumas idéias na elaboração. Inclusive a sugestão que ele fizesse esse Curso foi nossa. Nós que sugerimos.

Marcia: Mas é bastante avançado.

O Paulo, uma das últimas coisas que ele escreveu, por conta de acusações que havia, de que ele era um cristão, que ele não era um marxista nem nada, ele escreveu um texto brilhante, fez um texto sobre a questão de Deus.

Geni: O Hailton, O Mané, o português, o Abel eram

Carlos: Exato. Depois a questão do movimento operário, ele achava que existia uma ligação umbelical do movimento operário no Brasil com o Estado, que era a marca do Estado fascista. Várias CLT, Ministério do Trabalho com todas as leis trabalhistas. Mas quem é o árbitro das coisas é o Estado. Aquele que deveria ser esse árbitro deveria ser imparcial mas na verdade é um Estado burguês que existe para estar ao lado da burguesia, Então o Paulo escreveu...

Marcia: Você leu esse texto? Sua opinião?

Carlos: Entrou todo mundo. Em função do movimento operário ele tinha umas dificuldades, de como formar, dar um conhecimento histórico sobre o movimento operário. Ele escreveu, com toda simplicidade, esse Curso de Orientação Sindical, não sei se você tem conhecimento.

Carlos: Cheguei a ler. Olha não me lembro muito bem. São 27 anos passados. Tá certo. É diferente o Curso de Orientação Sindical, essas questões. Grande parte desses textos foi escrito na minha casa.

Marcia: Não, não conheço.

Marcia: Estava motivado em propor alguma coisa?

Carlos: Não conhece?

Marcia: Esse curso você tem?

Marcia: Era um curso voltado para a integração, o trabalho de integração nas fábricas?

Carlos: Deve ter em algum lugar

Carlos: Exato, era uma pessoa que, assim você sugeriu uma idéia, uma questão, ele rapidamente estudava, pesquisava, e saía com um texto sobre a questão.

Carlos: Ele é um Curso voltado para Orientação Política dos Trabalhadores.

Marcia: Quando a Geni diz que ele era um teórico..

. O Estado, o que era o estado brasileiro.

Carlos: Tudo isso você vai encontrar lá na Unicamp. Todos arquivos foram doados para Unicamp. Você vai lá e vai encontrar o arquivo inteiro do Duarte lá.

. O Fascismo - o que era o fascismo e como ele estava no Estado brasileiro.

Geni: O Duarte também acabou de doar...

. Depois tinha a questão da mulher, o papel ou seja qualquer conversa qualquer discussão sobre a revolução no Brasil, ela passa necessariamente para discutir o papel da mulher nisso, ou seja, ela é 50% desse país. Ela é um dos setores mais explorados e oprimidos da sociedade.

Carlos: Você vê. E do Jair de Sá já está lá. Isso facilita para pesquisa, você tem um ponto central que é a Unicamp.

Marcia: Eu gostaria de ter isso. Isso é importante.

Carlos: Algumas coisas estão no Arquivo da Biblioteca Nacional de Niterói. Que é o Arquivo do Jair Sá que era outro dirigente da Ação Popular. Lá está os arquivos dele você.....

Marcia: Lá é o Daniel Aarão Reis, na Fluminense...

Carlos: Exatamente.

Marcia: Nestes dois anos também teve uma questão na AP-APML que foi ^a...uma parte da APML se fundiu ao Pcdob e a outra não. E o Paulo era contrário a essa fusão e parece que também o Jair.

Carlos: Não é verdade, o Paulo e o Jair nunca foram contra a fusão. Isso é a versão dada pelo PCdoB porque o Paulo não queria o PCdoB porque na medida ele é um partido com um passado stalinista, antidemocrático, um passado de caça às bruxas um partido da intolerância. De repente, a Ação Popular.....

Um partido que vivia lambendo as botas do Stalin, depois o Stalin virou o demônio.

Depois eles eram mais maoistas do que o Mao, daí um tempo virou antimaoista. Só que esse partido nunca teve a simplicidade de dizer: Olha nós fomos errados em apoiar o Stalin...

Geni: Não nas coisas que ele fez certo.

Carlos: Nós fomos errados em incondicionalmente apoiar a Revolução Chinesa, ou a isso aquilo. Em que que o Stalin estava errado, nisso nisso, nós erramos também em apoiá-lo em tal coisa.

Marcia: O Paulo era contra?

Carlos: Isso pressupõe o que? em voce reconhecer as deficiências que voce tem e voce está tirando ensinamentos. Isso para os marxistas se chama autocrítica. E isso o seguinte, o PCdoB estava chegando aqui com uma suposição do passado deles, uma posição de defender a

burguesia nacional como força dirigente da revolução brasileira e eles não faziam autocrítica.

E o Paulo exigia mais. Ele dizia:

- o caráter da revolução no Brasil é um caráter socialista.

- nós não temos senhor feudal, no Brasil não existe sociedade semifeudal.

- não existe na verdade no Brasil relações pré-capitalistas.

- nós estamos aqui com um Estado moderno capitalista.

Portanto os trabalhadores tem que lutar pelo socialismo.

E sobre essa questão que era a divergência que existia.

Marcia: Ele e o Jair foram retirados da direção?

Carlos: Não, não foram retirados. Isso é coisa que o PCdoB e as pessoas desinformadas às vezes falam essa bobagem. Na verdade houve uma atitude golpista de algumas pessoas dentro de Ação Popular, de pessoas que hoje, voce quando procurar o Duarte voce vai encontrar, tem um texto que ele escreveu recentemente. São pessoas que traíram Ação Popular, pessoas que deveriam ter sido expulsas de Ação Popular e que de repente se arvoraram a expulsar o Paulo e o Jair, está entendendo, num momento em que havia um debate interno muito grande, está entendendo?

Marcia: Eles queriam um Congresso.

Carlos: Exatamente. O Paulo queria um congresso, todo mundo queria o Congresso, todo mundo queria o Congresso. E eles não foram para o Congresso porque eles

sabiam que as bases, com certeza, ao tomarem conhecimento das posições do Dorival e de João, com certeza iriam apoiá-lo..... levar adiante essa proposta.

Marcia: Como que entra o Manuel da Conceição aí?

Carlos: O Manuel da Conceição estava preso, ele foi preso em 71-72. Ele antes disso, ele já era contra essa posição de entrada incondicional para o Pcdob e como ele estava preso os caras simplesmente esqueciam que tinham que consultá-lo também. Fez parte...

Marcia: Como que isso chegou no Paulo, voces que estavam perto dele, como que voces descrevem isso?

Carlos: Foi um sofrimento muito grande.

Geni: Ele sofria, mas ele era muito tranquilo. Se eu estou sofrendo eu extravaso, eu choro, brigo, xingo. O Paulo não perdeu a serenidade, né, Carlos?

Carlos: Exato.

Geni: Uma serenidade. Refletia profundamente. Ele se trancava dentro dele. E não ... essa é a posição....

Marcia: E como que foi para voces. Transparece que voces apoiaram. Como que foi para voces?

Geni: Nós apoiamos o Paulo, nós apoiamos.... foi o que o Carlos falou.

Carlos: Nós acreditávamos...

Geni: Dentro de um partido.

Marcia: Como que foi para vocês essa cisão?

Geni: Essa cisão, para mim, foi uma coisa muito triste.

Marcia: E como que isso afetou politicamente a luta?

Geni: Afetou sim. Afetou bastante.

Carlos: A questão toda era a seguinte: No momento em que deveria dar um salto de qualidade diferente, a gente teve um retrocesso, de certa forma.

Geni: Foi muito triste.

Carlos: Agora...

Marcia: Eu vou falar, vou interromper, desculpa...

Carlos: Fala.

Marcia: mas é que está a pergunta aqui. O Paulo e o Jair, faziam um trabalho de articulação em todo o Brasil..

Geni: ...

Marcia: Isso transparece muito no livro do Samarone, quando ele fala no livro do Mata Machado.

Fico tentando imaginar como que era para o Jair e para o Paulo, essa mudança de configuração total, como que isso já numa situação precária nível desta articulação, como isso afetou quem ficou junto.... como isso também não chegava aos que eram de outras regiões.

Geni: Ele conversava mais com o Carlos sobre isso.

Essas questões grandes, de articulação, desse sofrimento, ele conversava mais com o Carlos sobre isso.

Marcia: Como que isso afetou o trabalho... de repente pára tudo...

Carlos: Isso que voce tinha... um conjunto de pessoas que você somava.

Mas era o seguinte, o processo de reorganização, e o Paulo era uma pessoa muito organizada. Em pouco tempo o Mata Machado e outras pessoas saíram por esse Brasil recontatando esses militantes e trazendo o pessoal de volta as organizações em todo o território nacional.

E foi muito positivo - uma visão que é assim: ao mesmo tempo que era triste, Marcia, voce ver essa situação, era uma alegria indescritível a disposição das pessoas para levar adiante essas tarefas.

Marcia: Eu imagino.

Carlos: Então, é assim, quase que uma missão religiosa, está entendendo? Quando voce tem certeza que voce está com as posições corretas.

Marcia: Lembro que o Mata Machado estava no interior de Pernambuco e numa situação muito precária, economicamente falando. Quando ele resolveu ir para Recife, ele tem um encontro com uma direção, acho que não foi o Jair, ele descreve a dificuldade que estava havendo. Eu imagino que foi uma ruptura assim que...

Carlos: E que voce perde ... o seguinte...

Voce tem uma coisa muito organizada, de repente voce perde os contatos com essas direções e voce passa a Ter contato com as bordas dessa direção. A organização era muito fechada. Não é uma coisa simples e fácil. Mas se fazia. Com muita alegria, está entendendo? Se fazia aquilo com...

Marcia: Como que ficou esse contato com aqueles que optaram pela posição do Haroldo Lima, do Aldo Arantes, aqueles que acompanharam majoritariamente essa posição, comoque passaram, não aqui em São Paulo, como que isso se esparramou, deu tempo? Porque a impressão que me passa, Carlos, é que além de Ter essa divisão, de repente houve a queda em tudo quanto é lugar...

Carlos: Mas isso aconteceu não foi aí. Não foi mais não senão voce enquanto...

Geni: Foi a época que encheu os cárceres todos. Fomos presos antes ou depois do Paulo, Carlos?

Carlos: Depois.

Geni: Depois? Eu estava esquecida disso.

Carlos: Voce entendeu, Marcia? A questão das organizações é uma questão, é uma história a ser reescrita. Saiu esse livro novo, do Tibúrcio?

Marcia: Qual é?

Geni: Eu vou pegar.

Marcia: Eutenho do Aldo Arantes e do Haroldo Lima.
Geni: Esse é antigo.

Marcia: Tenho do Gorender.

Geni: Pois é, saiu um livro novo sobre todas as prisões, saiu livro sobre o Tiradentes uns artigos...

Marcia:Esse do Tiradentes foi ano passado.

Carlos: Esse foi lançado agora no 20 anos da Anistia. Esse é um a historinha de todas as organizações, das pessoas...

Marcia: Ah!... Os filhos desse solo?

Carlos: Isto.

Marcia: Eu ia lá, mas acabei não podendo.

Carlão,eu sei que parece assim, como que eu posso dizer... Essa menina aí, ela fica... Mas eu quero ver o Paulo nessa situação. Vamos ver se é assim também que voce ve. Eu vejo assim, longe da família, longe do João Paulo, longe da Leila, longe da Edi; de repente está fora daquele plano socialista, do plano político que ele tem. De repente, ele também está afastado da organização, afastado da família, afastado da comunidade que ele pertencia, no sentido religioso. A mim me parece que o agasalho, o aconchego, foi com voces. Voces podem trazer isso?

Carlos: da família dele, essa é uma deficiência do livro.

Marcia:É o que eu sinto.

Geni: Nesse ponto ele conversavamais comigo.

Carlos: O livro da Delora (vamos falar....) O livro da Delora, Marcia, ele é um livro parcial, ele é um livro que mostra a versão da tia. Que era uma pessoa rancorosa e amarga. Nós tivemos o privilégio e nesse aspecto a Geni teve uma convivência maior neste aspecto com o Paulo. Mas, eu posso te assegurar o seguinte: nunca vi um pai tão amoroso, um pai tão ligado à família, quanto o Paulo. O problema todo é que a clandestinidade não te dá a chance de ficar todo dia abraçando as pessoas que voce mais gosta. E o seguinte.... E isso a Delora esqueceu.

Geni: É.

Marcia: Ela é de outra geração.

Geni: O meu depoimento

Carlos desesperadamente. Não só de outra geração. Ela ouviu a tia, que é uma pessoa amarga.

Geni: Ela veio entrevistar a gente.

Carlos: E não usou nada.

Geni:Ela ouviu meu depoimento que eu vu te dar agora e eu fiquei muito tristeque mencionou...

Carlos: Deixa eu concluir? Pois é, deixa eu concluir que a Geni fala.

A questão toda é o seguinte. A questão Delora. Ela abordou a questão do ponto de vista da tia. O lado amargo. O lado atrasado. Era uma mulher possessiva. E uma pessoa que não entendeu o sacrifício que

aquele que ele estava levando avante exigia. E ela tinha uma série de exigências que ele não tinha condições de cumprir. A clandestinidade não permitia. Ecom todo empenho de ele tentar chegar junto. Ele é uma pessoa inteiramente - voce viu no livro aí, de tirar a camisa e dar para os outros, é isso aí. É uma pessoa...

Marcia: Despojada.

Carlos: Despojada. Essa simplicidade. Isso que a Geni falou "eu ia lá costurar as meias dele porque era furada" é verdade. Voce está entendendo? Porque ele era essa pessoa simples. Agora, era uma pessoa simples e uma pessoa que tinha um compromisso com a família. Eu, Geni vai falar para voce com muito mais tranquilidade, mas eu presenciei o Paulo, no momento em que ele foi até o Paraná e veio com um pedacinho de cabelo das crianças, um feixezinho amarrado num cordãozinho que ele andava com ele no bolso e que muitas vezes nós surpreendemos ele sentado na cama com aquele cabelinho na mão, você está entendendo? Então era esse tipo de gente que foi retratado aí como essa pessoa insensível! Uma pessoa que não teve compromisso com a família! E não é verdade! Ela não pesquisou. Ela não quis ouvir as pessoas que conviveram com o Paulo. Ela teve o mérito de levantar a questão... é uma pessoa de valor, porém, ela esqueceu esse aspecto. Nós...ele deu o testemunho, foi um ano de convivência.

Marcia: Todo o perfil que vocês passam é diferente disso.

Carlos: Quem pode falar com muito mais tranquilidade, porque às vezes, como eu trabalhava na fábrica, eu não tinha muito tempo. Ela ficava mais tempocom ele, conversavam, discutiam. Eles tiveram antes uma convivência maior. Tinha muito intimidade muito mais essa relação para tratar essas questões de família, tá?
Mas era isso aí, esse é o meu depoimento.

Marcia: Quer dizer, a ligação mais forte com a Leila...

Carlos: Com a Leila, e que aquela mulher lá, a mãe deles, era muito venenosa, que ficava o tempo todo jogando os meninos contra ele, está entendendo? O João Paulo é um menino revoltado até hoje. Se voce for lá e conversar com ele...

Marcia: Ele não quis. Só falei com a esposa dele.

Carlos Está entendendo? Porque ele é ummaluco.

Marcia:...

Carlos: Pois é, quando estive em Santa catariona para encontrar com ela ela não estava, depois, logo em seguida, ela foi assassinada.

Marcia: Foi uma morte terrível.

Carlos: A Geni vai falar, ela tem muito mais coisas a falar sobre essa questão.

Geni: Não, o Carlos.. é como ele falou. Ele chegava tarde. Ele tinha reunião no Sindicato. Era

hora extra. E eu quando não tinha nenhuma.... nada para fazer, eu tenho na memória, eu tenho umas cenas assim incríveis.... Ele nunca entrava pela porta da frente porque não era todo dia que ele dormia em casa, quando ele tinha alguma tarefa do outro lado da cidade, ele ficava lá. Quando ele tinha uma tarefa do lado de cá, então ele ficava na minha casa. Quando ele tinha uma tarefa no centro, então ele ficava na casa da enfermeira, da Diva. Então ele tinha um relacionamento, em todas as casas que ele ficava, ele tinha um relacionamento muito grande. Se voce é que nós não soubemos porque era segredo dele. Da Diva nós soubemos depois da prisão do Paulo. Nós nem conhecíamos a Diva.

Marcia: Por segurança?

Geni: Por segurança. Nós morávamos no Campo Limpo. Ele chegava não entrava pela porta principal, ele dava a volta e batia. Quando eu ouvia a batidinha dele na janela, ele batia na janela assim eu olhava, pela porta da cozinha e ele entrava.

Fita 2 - Lado ^a

Marcia: Pode falar Geni, pode continuar, por favor.

Geni: Se nós fossemos contar o número de pessoas que conheceram o Paulo, não no lazer somente, porque os militantes de Ação Popular, como outros de outros partidos não faziam reuniões só para comer e beber. Comer e beber faz parte da vida. Então, porque não comer junto? E ou antes ou depois do lanche, sempre tinha a palavra de uma

pessoa que falava. Quando o Paulo estava presente, era ele. Então muitas pessoas, através desses debates, destas reuniões ficaram conhecendo, admirando e amando o Paulo. E a maioria eram militantes ou simpatizantes de Ação Popular.

Marcia: Em 1973 por uma coincidência, não em 73, em 74 e 75, eu vez pior otura vinha aqui em Taboão da Serra, porque tinha um amigo e a esposa. O amigo era colega lá na Telesp, depois eu saí da telespe e permaneceu a a mizade. A Amélia era diretora pedagógica do grupo.

Geni: Eu conheço a Amélia jkaponesa. Ela e o esposo.

Marcia: É isso, japonesa, e o Fritz.

Geni: Eles moram aí no Parque Pinheiros.

Marcia: Exatamente, que coincidência...

Geni: Ela deu aula comigo pelo método Paulo Freire, antes de 64.

Marcia: Olha que coincidência.

Geni: Olha que coisa....

Marcia: Pois o Fritz e eu trabalhamos com o Wilson, esse companheiro que a gente...

Geni: Esse que desapareceu. Marcia: Então, naquela época que o Wilson desapareceu, a amizade que eu tive mesmo foi com o Fritz, quer dizer, o Osmar também. Então, sabe o que eles faziam? Eles me pegavam em casa- Marcinha hoje voce não vai ficar

chorando nem nada, vai ficar com a gente. Eu vinha aqui para a casa deles, trazia meu filho, Serginho, era um catatauzinho pequenininho. Então eu lembro do Taboão da Serra, que era na época, diferente de hoje.

Geni: Ah sim, mudou muito.

Marcia: Então, eu fico imaginando o Paulo aqui e vocês organizando essa confraternização.

Como que ele nesse cenário de destruição, acho que era o único local que germinava alguma coisa.

Geni: Isso ele falou comigo várias vezes, que nós éramos o núcleo familiar dele. Que ele sentia muita falta e ele falava, e ele chorava muito. Porque, ele falava: Eu gostaria que a minha esposa tivesse um pouco de compreensão pela minha causa, pela nossa causa. É pena que ela não tenha. Porque são raros os momentos em que eu posso ir até lá. Quando eu vou até lá, quando ele ia até lá ele voltava chorando, voltava assim amargurado, porque era só cobrança, cobrança, cobrança. E a última vez que o Paulo visitou a esposa e os filhos é que o Paulo trouxe uma mecha de cabelos.

Marcia: da Leila?

Geni: Da Leila. Dourada, amarrada com uma fitinha junto com não sei se foto na idade dele, no bolso. E ele mostrava, não mostrava só para nós, onde estivesse. Numa reunião. A necessidade que ele tinha de também dizer: "Eu também tenho uma família". Então, apesar dele falar para nós lá em casa, para mim mais vezes mas o Carlos também teve ocasião de ouvir isso que

vocês são minha família, não orgânica, no sentido de Partidosó, mas orgânica no sentido de afetividade, de núcleo familiar. Porque tinham filhas, que ele - a minha filha, a Maria José, a outra não tinha nascido ainda e tinha (a Zezé nasceu...) quem ele carregou muito no colo foi o filho do Abel, não é?

Carlos: a Zezé.

Geni: A Zezé. Ele pegava muito a Zezé no colo, minha filha mais velha. E ele matava a saudade dos filhos com os filhos dos companheiros. Não só a minha filha, mas filhos de outros. E ele falava muito isso: A luta é muito dura, é muito difícil, mas a solidão é pior. Então, para ele não ficar, não se sentir tão solitário, ele adotou a gente. E a casa onde ele ia ele adotava como família. Isso era comum.

Marcia: Mas parece que a permanência, a afinidade maior foi com vocês.

Geni: Porque lá ele ficou mais tempo, não é, bem? Ele tinha um lugarzinho de dormir.

Marcia: Me permite discordar, não é só isso. Você passa, vocês passam essa ideia de aconchego e realmente em tudo que a gente vê nesse período final até a queda dele, é um esvaziamento total, da família, da comunidade evangélica, da cisão e as quedas nas outras organizações...

Geni: Porque a família...

Marcia: Vou fazer uma pergunta esquisita, que deve ser feita. Geralmente, neste momento, as crenças, a religião, a fé, elas tem um... são

uma ferramenta muito importante na sustentação do indivíduo. Algumas vezes, em algum momento, você percebeu, ou ele expressou essa condição dele?

Geni: Não, ele era... ele tinha inclusive, para entender o Paulo, seria bom ler este artigo que o Carlos falou: "A questão de Deus" porque ele tem uma posição assim, muito dele, sobre essa questão. Ele optou pelo marxismo leninista, um homem muito estudioso, muito..., eu diria que ele tem uma espiritualidade muito diferente, não digo que ausência de espiritualidade - diferente. Você por exemplo, muitas pessoas olham para mim e dizem que se eu estou na Igreja Católica eles dizem - você é uma grande católica, se eu estou na igreja espírita eles dizem - você é uma grande espiritualista. E eu não sou nada disso, não é? Eu digo para as pessoas para não ofender, porque eu amo muito as pessoas. Eu não tenho o Dom da fé neste deus que vocês amam. Gostaria de ler.

Marcia: Mas o Paulo, como se expressava?

Geni: Nada sobre isso. Nada.

Marcia: Não exteriorizava nada, talvez em respeito às suas posições.

Geni: Não.

Marcia: Ele sabia dessas...

Geni: Não, porque tínhamos um grupo só de católicos, tínhamos um grupo só de católicos e que ele deveria falar para aquelas pessoas, ele ia com

amairo tranquilidade. Se tinha um grupod e protestantes, ele ia com a mairo tranquilidade.

Marcia:Existiam esses grupos diferenciados?

Geni: existiam. Se tinha um grupo mixto, se tinha um grupo de marxista-leninista, ele se sentia em casa. Ele era uma epessoa acima dessas coisas, essas coisas que separam os homens. Sabe, religião, às vezes separam os homens, idéias políticas às vezes separam os homens. Ele estava muito acima, um patamar muito acima dessas coisinhas. Para ele, ele tratava com respeito todos, todos com respeito.

Marcia: Voce estava falando do texto dele ao cardeal Arns, onde ele fala de um cartaz que estava nos ônibus.

Carlos exatamente. Se o homem estava indo à lua, ele escreveu isso na nossa casa.

Geni: Eu não estou lembrada.

Marcia:A paz é fruto da justiça.

Carlos: É. O texto do Paulo é o seguinte: o cara está indo para a lua e dizendo - se isto é possível, a paz também é possível. Aí mandou para Dom Paulo uma carta, escreveu lá na nossa casa.

Marcia: Ah, já foi lá? É lindo esse texto, já está na internet, eu puz na internet...

Genmi: mas ele, menina, ele olhava um passarinho voando, ele ia lá e escrevia, ele era incrível.

Marcia: Tudo isso está na Unicamp?

Geni:O Carlos disse que está. Eu estou por fora desse ponto aí.

Marcia: Mas, se tiver alguma coisinha guardada aí, depois voce me dá um toque, tá, carlos?

Carlos:Dou.

Marcia:Eu quero voltar a falar desse momento a queda dele. Voce me falou ao telefone sobre a \Diva, que às vezes ele estava no centro ele ia lá para a Diva. Estava lá, então acontece o seguinte que ficou uma curiosidade.

Geni: Põe um pouquinho mais para cá

Marcia:Ele gostava muito de andar de trem?

Carlos: Não, põe mais para lá [o gravador]

Marcia: Essas viagens que ele fazia eram mais de trem? Ele caiu numa viagem de crem...

Carlos: Não, não precisa não, pode parar senão vai apagar o fogo [lenha na lareira]

Marcia: Ele chegava a comentar alguma coisa? Porque é impressionante como até no filme, que fizeram sobre a vida dele, que o Anmtonio Fagundesque faz...

Geni:Eu ouvi falar, mas não vi.

Carlos:Voce viu o filme.

Marcia: Eo Abujanra é que faz o Reverendo.

Carlos: Lá na casa do Otto, como não?!

Geni:Eu não vi bem. Ou se vi tem um bloqueio.

Carlos: Viu, então. Pode ser, começa a desbloquear porque voce viu. Foi eu, voce e a Bia.

Marcia: E eu fiquei impressionada geni, porque lá no filme eles colocam, voce falou em negócio de data, eu estou obcecada com data, mas lá no filme tem um cartaz que está o Wilson. Eu falei, mas está errado esse filme, porque, põe aí o cartaz do Wilson. O Wilson desapareceu em 74 e o Pauo foi pegar o trem em 73. Me chamou a atenção. Essa queda na viagem e trem - era um hábito para ele andar de trem? Para ele para o baixinho para todos?

Geni: Olha bem, nós não podíamos pegar carro, porque tinha blitz assim em cada esquina. Nós não podíamos nestes últimos tempos tomar táxi. Só coletivo. Ônibus. A pé. Com muita dificuldade, a pé também E o tem é um coletivo assim de... né? Por questão de segurança..

Marcia: Então era um hábito?

Geni:Eu, por exmplo, estava lá na Penha. E de repente eu estava em Santo Amaro, entendeu? Por que? A militância exigia que voce fizesse um encontro na Penha para passar algumas coisas para um companheiro lá. Depois toma um ônibus um pedaço do caminho, encontra lá no centro da cidade, Depois voce tem uma outra coisa na região sul. Então o que? Primeiro o dinheiro,

- Carlos: Eu quero só que voce entenda o seguinte:
- Geni: segundo não pode andar a pé, porque era longe e terceiro a segurança...
- Carlos: Mas, viu, Marcia...
- Marcia: O Duarte Pereira diz que quando ele falou para o Paulo do afastamento dele da organização, ele fala numaviagem de trem para Campinas.
- Carlos: onde se encontra isso?
- Marcia: Isso é escrito.
- Carlos: Aonde?
- Marcia: Eu preciso de te mostrar. Num dos livros que eu jáli, talvez até no próprio livro da história da AP, mas eu te posiciono porque eu tenho tudo anotado.
- Carlos: Por favor.
- Marcia: Mas, de toda maneira, a Derlei também tava me contando que ela também andava muito de trem. Por uma coincidência eu conheço essas viagens de trem porque eu dava aula em Caieiras. Eu cheguei a dar aulas em Caieiras em 70. E era uma loucura, porque eu fazia USP, dava aula em Caieiras e dava aula em Santo Amaro. Então, eu pergunto o seguinte: será que isso não foi omotivo de queda?
- Geni: Não. Foi não. Ele estava sendo seguido. Ou os companheiros que estavam com ele.
- Marcia: Se era comum para todos a utilização do trem... eu usei...
- Geni: Olha meu bem..
- Carlos: Olha, vou contar pra voce. Na minha vida, se eu usei dez vezes trem, na minha vida eu usei muito. Geni usou mais por conta de outras coisas. Agora, não era uma coisa.
- Marcia: Os tres caíram no trem.
- Geni: Um deles deve Ter...
- Carlos: Não! Isso aí é o seguinte: uma suposição.
- Geni: Pode estar sendo seguido..
- Carlos: Não escreva o que está escrito, visto naquele filme. Aquilo lá é uma versão de uma pessoa que deu essas informações para a Delora, essas informações absurdas e cretinas que a delora utiliza. Esse foi o Osvaldo Rocha, está entendendo? É isso aí. Então o seguinte: não escreva...
- Marcia: Ele não caiu no trem?
- Carlos: Não se sabe. Se soubesse era muito fácil, está entendendo? Aquilo lá é uma versão fantasiosa desse cidadão.
- Geni: Eu só sei que ele saiu da minha casa, eram 8 ou 9 horas da manhã. Nós estávamos de mal, por causa da segurança, porque eu chamava a atenção dele, para ele tomar cuidado, para ver onde ele andava, se ele não estava sendo seguido. E na véspera nós tivemos uma briguinha por causa disso, porque eu tinha dificuldade de pensar na hipótese, e os tempos estavam difíceis. E ele saiu da minha casa. Acho que eram mais ou menos oito e meia 9 horas da manhã. Ele falou, até a tarde, á tarde eu estou aqui. E foi o último dia que eu vi.
- Carlos: Não, ele disse para nós que ia viajar...
- Geni: Ah, ele falou que ia viajar?
- Carlos: Tinha falado.
- Geni: Talvez na véspera, então.
- Carlos: Ele discutiu dizendo que ia passar uma semana fora, uma coisa assim. Então é isso aí.
- Marcia: O Reverendo soube da queda por telefone.
- Geni: O Carlos que ligou.
- Carlos: Fui eu que liguei.
- Marcia: Ah! Voce que ligou?
- Geni: E depois nós tivemos um encontro com ele.
- Marcia: Com o Reverendo?
- Carlos: É.
- Marcia: A morte do Reverendome machucou demais, sabe? Eu falei com ele na véspera.
- Geni: É, foi triste.

14.5.11. Entrevista com Eloi Gallotti

ELOI: Tem uma visão exatamente ao contrário disso. O que me suscitou na visão dela foi - o fator religioso como elemento estimulador de uma decisão política de um indivíduo. A Derley era uma menina.

MARCIA: Qual é o nome do livro? já está publicado?

ELOI: Não tem nome ainda. Não. Ela me deu para dar um copy com o objetivo de a gente trabalhar. Simplesmente ela escreveu e guardou por 20 anos o livro fechado, sem nem ela ler. O livro é assim uma catarse fantástica. E ela era o que? Uma menina que veio do interior, de formação católica, que estudava na Universidade de Assistência Social. E que aos poucos vai entrando no processo da luta armada sem ter nenhuma formação marxista ainda. Depois galga inclusive postos de direção. Mas, a forma dela se defender, por exemplo, da tortura enquanto indivíduo, era muito ancorada nessa formação religiosa dela. Acho que *mais* ancorada na formação religiosa.

MARCIA: De que maneira ancorada? Como que você ve isso? Pela fé?

ELOI: Ela levava o pensamento, em cima da fé, da lembrança de Nossa Senhora, é um troço muito interessante.

MARCIA: Por que me interessei pela ala protestante?

É um motivo bem diferente desse.

ELOI: Ela era católica. Sim?

MARCIA: O Lawrence Weshler escreveu um livro reportagem onde diz que a maioria dos quadros do aparelho repressor era constituído por protestantes. Não sei nada de protestantes. Aliás pouco sei de católicos. Não tenho idéia como isso germinou, da forma como descreveu. O Paulo Wright entrou nessa pesquisa a partir do irmão dele, e desse livro. Os protestantes entraram por esse viés, mas o Paulo Wright, através do trabalho do irmão dele no **Brasil: Nunca Mais**. Fiz entrevista com o Jaime Wright. Enfim, cheguei até a Derley já querendo com ela e com a Marlene, ter mais dados sobre a AP.

Mas, depois da inauguração do Memorial, fiquei muito interessada em saber como que o Comitê trabalhou nesses anos. O que houve aqui? Qual foi o passo a passo dessa luta? Pedi por telefone, e ela pediu que falasse contigo. Qual foi esse passo a passo? 10 anos? 15 anos que vocês estão lutando nesse Comitê? Quais foram os obstáculos? E como se chegou a essa documentação toda que constitui o memorial Paulo Wright?

Talvez o livro da Derley seja muito importante, tenho certeza, mas vamos falar um pouquinho do Comitê e dessa luta.

ELOI: Mas é outra história. O livro é outra história que não tem nada a ver com esse trabalho. O livro é uma coisa - ainda nesse parenteses do livro - até a minha posição:- nós não conseguimos avançar mais porque a minha posição é enfatizar esse lado pessoal dela, que ela joga no livro - a perda de identidade, o que isto representa para ela num determinado momento.

MARCIA: Em parte é também o que o Paulo Wright passou.

ELOI: Sim! O encontro dela com Paulo Wright que ela conhecia de menina.

Marcia: Imagino. E o diálogo dos dois?

ELOI: São momentos. O livro é assim, tem momentos. Mas o livro, ao mesmo tempo é recheado de tentativas de análise ou justificativas políticas que a meu ver tiram o impacto, a força do livro como um depoimento.

MARCIA: De luta.

ELOI: De luta.

MARCIA:- É como se já tivesse uma censura?

ELOI: É. Ela própria. Isso! O impacto que ela sente quando vai a Cuba e vê as igrejas, quando ela sai da convalescença ela passa meses convalescente no hospital. Depois que foi do Chile para lá, inclusive se

recuperando das torturas que tinha sofrido. E a igreja o que que é? A cabeça dela para onde que é remetida? Lá para a do interior.

MARCIA: Tem um pouco disso no diálogo que o Paulo Wright trava no comitê da AP. De repente ele está se questionando também. Sou um pouco teimosa, ELOI. Quero saber a história do Comitê. Acho que tenho que registrar isso, tá? Faz parte e nós vamos voltar a esse papo. Agora, para o momento eu gostaria de saber como o Comitê, que dificuldades encontrou aqui em Floripa, aqui na região. Existem claros aí que eu ainda não...

ELOI: Sim! Não! é que isso é uma outra história. Tá. Vou tentar te fazer então um relato.

MARCIA: Retrospectivo?

ELOI: Meio cronológico. Quer dizer, até para me qualificar, eu não sou daqui.

MARCIA: Queria que você se apresentasse.

ELOI: Eu não sou daqui. Estive fora do país muito tempo. Sou do Rio. A família do meu pai era daqui.

Vim morar aqui em 1977 e já me engajei no conjunto geral da luta contra a ditadura militar e na luta pela anistia logo depois que foi o movimento.

MARCIA: 79-78?

ELOI: Exatamente. A essa época, esse movimento tinha como fio condutor a *Comissão de Justiça e Paz*, mas com

forte presença do *Partido Comunista Brasileiro*. Era, vamos dizer, embora ilegal, era uma das forças - não sei se hegemônicas necessariamente - mais importantes dentro do *Comitê pela Anistia* aqui de Santa Catarina, de Florianópolis. A partir disso foi conquistada a Anistia. Tratamos de receber os companheiros que retornavam do exílio, ou que simplesmente emergiam da clandestinidade. E, e entre eles, uma figura de destaque apareceu aqui e, como repórter, tive a satisfação profissional de fazer esse trabalho: *Derley Catarina De Lucca*, que entrevistei no primeiro dia que chegou aqui em Florianópolis.

MARCIA: 79?

ELOI: Isso. Logo em seguida à Anistia. Ela tinha uma história. Digo satisfação profissional porque a história dela era uma história muito rica. Não só do ponto de vista pessoal como do ponto de vista político. Porque assumiu inclusive posição de relevo dentro particularmente da AP e do enfrentamento às forças militares.

Em 82, as eleições estaduais de Santa Catarina, ao contrário de praticamente todo o Brasil, e certamente em função de uma fraude eleitoral que posteriormente ficou comprovada, fez com que o poder estadual permanecesse nas mãos das principais forças aliadas ao antigo governo militar, ou seja, o PMDB não venceu as eleições aqui, como não venceu também no Rio Grande do Sul e em Pernambuco. No resto do Brasil todo houve uma mudança que propiciou,

proporcionou inclusive a abertura de arquivos .. estadual

MARCIA: Por que aqui foi diferente?

ELOI: Houve uma intervenção direta do Governo Federal - não só aqui, mas aqui com muita ênfase, para impedir ao PMDB de vencer as eleições aqui, porque o candidato ao governo pelo PMDB era um dos principais líderes dos autênticos - o então senador Jaison Barreto. Então, a derrota dele era uma derrota muito importante, assim como no Rio Grande do Sul, até por questões da geopolítica que os militares imaginavam no contexto de Brasil e América do Sul. Então eles descarregaram fichas mesmo e isso posteriormente foi provado a fraude porque alguns municípios apresentaram número de eleitores duas vezes superior ao número de habitantes, como foi o caso de Imanui. Isso alguns anos depois a revista *Veja* trouxe a comprovação desse tipo de fraude. Além de um movimento fortíssimo de controle de mídia de forças empresariais, etc. Foi uma luta complicada aqui, eleitoralmente, que trouxe esse retrocesso. Ou seja, a máquina pública estadual permaneceu idêntica à que existia anterior, e não houve propriamente acesso à documentação que poderia já ter àquela altura trazido a lume uma série de fatores. É bom até fazer aqui um outro *flashbackzinho*. Em 1965, no início do processo da ditadura militar, do regime militar, Santa Catarina foi um dos raros estados em que a oposição venceu as eleições. Uma

coligação PSD-PTB - e aí vai remeter inclusive à figura de Paulo Stuart Wright - venceu as eleições. Foi aqui, acho que foi no Rio com Negrão de Lima e em Minas Gerais com Israel Pinheiro. Agora, eu não tenho certeza, só confirmando. Ou seja, em Santa Catarina houve isso - as forças políticas que estavam apoiando o golpe sofreram um revés eleitoral. Que culminou com a cassação do vice, que era do velho PTB, e com a ascensão do hoje candidato ao Senado, Jorge Bornhausen, que ainda não tinha idade (mudaram a Constituição para ele ser o vice poder ser o novo vice eleito de maneira indireta). E que mostra bem o tipo de configuração política que o Poder Legislativo daquela época tinha. É esse Poder Legislativo que vai estar ligado depois ao processo de cassação do Paulo Wright. Fiz esse *flashback* porque me veio à cabeça agora essa analogia entre esses dois períodos históricos. Voltando para onde a gente estava.

MARCIA: 82.

ELOI: Em 82. O Estado mantém mais ou menos o mesmo *statu quo* de poder que havia anteriormente. Não há uma modificação muito grande. Em 86 na esteira da grande vitória do PMDB que ganha em todo o Brasil praticamente em todos os estados, etc. o PMDB finalmente chega ao poder. Atrasado em relação aos outros estados brasileiros sem 4 anos, mas chega ao poder com ...

MARCIA: E neste meio tempo o comite já estava desenvolvendo alguma atividade?

ELOI: Sim, já estava desenvolvendo alguma atividade.

MARCIA: A'té a recepção de volta dos que estavam exilados.

ELOI: Sim mas, neste nível de recebendo as pessoas...

MARCIA: A Derley disse assim, que existem dois eventos, um dia 31 de março e outro no dia 10 de dezembro.

ELOI: Isso, que é da Declaração dos Direitos Humanos. Mas isso ainda era...

MARCIA: Rudimentar.

ELOI: Muito rudimentar. Cresceu-se a expectativa de que esse movimento tomasse mais vulto com a vitória do PMDB. O novo governador, o ex-coronel Pedro Ivo Campos, embora de patente militar, um homem a princípio...

MARCIA: Em 85, um parenteses, eu estava aqui, eu trabalhei na Prodasc e lembro no final a campanha, candidatos.

ELOI: É porque aí teve as Diretas um pouco antes em 85, em que voce trabalhou aqui. Em 86 nas eleições para governador o Pedro Ivo ganhou as eleições. Ele, embora fosse militar era um homem que tinha, durante o regime militar, dado guarida a muitos companheiros do Partido Comunista,

particularmente, na Prefeitura de Joinville. Então, quer dizer, era alguém que voce tinha expectativa, mesmo conservador, que abrisse espaço para esse tipo de coisa. E sobretudo porque o Secretário Adjunto de Segurança Pública que foi nomeado por ele era um ex-deputado estadual e ex-presos político barbaramente torturado, hoje Juiz do Trabalho, Roberto Mota. Só que uma semana depois - uma semana é expressão, alguns dias depois - do governo tomar posse enquanto Paraná o então governador Roberto Requião abria os arquivos do Dops, aqui se anunciava que os Arquivos do DOPS tinham sumido. E até hoje não se sabe onde e que eles tinham, onde é que eles estavam. O Comitê que - eu não tenho certeza, se já estava estruturado, o Comitê Pró-Memória dos Mortos e Desaparecidos, mas eu acho que já, ele começa um trabalho de resgates dessa documentação que vem em complementação a um trabalho que ele já vinha fazendo, já desde o fim da Anistia que era a busca dos restos mortais de vários companheiros que haviam sumido literalmente do mapa. Entre eles o jornalista Rui Fitzleroi que eu tenho a grata, tive a grata satisfação profissional de fazer a primeira reportagem quando descobrimos os restos mortais dele no Cemitério de Perus, em São Paulo, lá estão as ossadas todas, e uma série de outros companheiros, de corpos de outros companheiros que foi descoberta durante esse período. A Derley, com apoio firme da Assembléia Legislativa - e aí a Assembléia passa a assumir uma posição

bastante distinta em relação a esses, a essas duas máculas, digamos assim que ela tivera anteriormente - empresta todo o apoio para que se vá a São Paulo para se pesquisar os arquivos - São Paulo não, no Paraná e a Derley é designada para fazer este trabalho. Ela se meteu lá naqueles papéis todos e começou a trazer à tona este tipo de documento.

MARCIA: Lá ela foi em 90-92?

ELOI: Lá ela começou. Não. Foi em 86, a partir de 86.

MARCIA: Lá foram abertos em 90-92?

ELOI: A Segunda, aí foi da Auditoria Militar. Os arquivos do Dops ou seja, de alçada da Justiça Estadual, do poder estadual eu acho que foi antes.

MARCIA: Pedro Bitencourt, depois Gilson dos Santos foram dando apoio. E tu também estavas junto, participando do Comitê?

ELOI: dos Santos, todos os presidentes foram dando apoio. Sim, estávamos juntos, desde esse período.

MARCIA: Que dificuldades vocês tiveram?

ELOI: Não tivemos dificuldades. A mídia local teve um papel muito importante durante esse tempo todo, buscando auxiliar, também divulgar. Foi através da mídia inclusive que se encontrou pistas sobre pessoas que nem se sabia que tinham tido envolvimento. Através de notas nos jornais na imprensa do interior, houve assim um

trabalho. Não houve propriamente reações que eu me recorde mais importantes, não.

MARCIA: Este material que a Derley tem é dela e do Comitê que está em Criciúma? Todo o resultado deste trabalho está lá só em Criciúma, aqui tu não tens nada?

ELOI: Isso. Isso. Aqui tem só algumas coisas, como este material agora do Paulo Wright que foi descoberto mais recentemente, o do Arno Prais não sei se veio para cá, porque foi feito - um outro marco da Assembléia Legislativa que eu acho importante, na passagem dos 30 anos do golpe militar, foi feito uma sessão solene de repúdio à tortura à violência, etc. E foi feito também, no mesmo ano de 94, uma sessão solene com os restos mortais do Arno Prais que tinham sido encontrados acho quem Goiás, minha memória também falha.

MARCIA: Sobre o Paulo Wright, nesse período de se poder apresentar algum trabalho, de ser divulgado pela mídia, o que se destaca?

ELOI: Eu acho que quando eu penso no Paulo Wright, teve o projeto de nomeação do auditório, que até o deputado Francisco Richter, esse gabinete aqui é do que foi o autor da emenda que deu o nome do auditório. Até ele fez essa emenda, essa emenda foi arquivada, não conseguiu quorum, na legislatura seguinte ela foi desentranhada, nestes termos, por um outro deputado aí do PT e os dois juntos, fizeram e conseguiram.

O que eu pessoalmente sinto em relação ao Paulo Wright é que há vários pontos obscuros da história dele, em que acho que seria muito importante de um dia poderem ser esclarecidos.

MARCIA: Quais são?

ELOI: Primeiro sobre a atuação específica dele na organização das cooperativas de pescadores, etc.. de como ele fez isso, o que sobrou disso, pessoas que vivenciaram isso, porque isso nunca foi feito.

MARCIA: Como eu gostaria de fazer isso!

ELOI: Como eu gostaria de fazer isso! De Ter um financiamento, de fazer um trabalho de resgate de todo esse período. E segundo. Eu disse dois mas acho que são tres pontos. Segundo, uma coisa que sempre ficou pairando sobre a história, é relativo à questão da nacionalidade dele.

MARCIA: Ele tem dupla nacionalidade.

ELOI: É. Isso sempre houve sobretudo adversários, muitas vezes colocaram em suspeita, houve até dele Ter sido agente da CIA, coisas mais absurda. Então estes pontos obscuros. Esse é um outro ponto que eu acho mereceria uma atenção maior dessas pessoas que como você realizam esse trabalho fundamental de resgate da nossa memória.

MARCIA: Tem um terceiro ponto que se você permite, quero colocar. O seguinte: aqui ele não foi cassado só como deputado, ele foi cassado como

presbítero. É um dos pontos que eu estou analisando.

ELOI: Isso eu não sabia.

MARCIA: Foi uma puxada de tapete, e não foi pouca. Foi proibido de realizar o que chamam de aulas dominicais, coisas dessa ordem.

ELOI. De pregar? Isso eu desconhecia.

MARCIA: É uma cassação que pode ser anistiada, pelo que eu andei observando. Quer dizer, não foi feita uma anistia nesse sentido. Então, uma espécie de tribunal inquisitorial existiu aqui. Eu não sou evangélica, não sou católica, sabe, não entendo muito o porque. Ainda quero entender. Uma das razões que levantaram é que talvez fosse a nacionalidade dele. Parece que tem divisões, como tu estás levantando. Mas ele mesmo se dizia totalmente do Brasil. Ele se via como brasileiro.

ELOI: Pois é essas coisas... Sim, embora isso aí é uma questão de confiabilidade. Eu sei por parte de relatos da própria Derley, por exemplo, que teve contato direto, sobre essas posições dele. Mas tem o outro lado. Agente tem que buscar, muitas vezes se distanciar mesmo para tentar ver o que que era, o que que não era.

Marcia: Além de se distanciar, eu estou tentando pelo menos visualizar o que seria a mentalidade aqui na época. Então isso que tu estavas falando: naquela época foi o único estado onde a oposição venceu. De repente, o contexto aqui em Florianópolis, a

mentalidade, deveria se esperar uma reação diferente. Não só da comunidade presbiteriana, como da comunidade política. Por que que teve uma ação dessa ordem?

ELOI: Santa Catarina tem uma outra peculiaridade. Eu acho que é o estado brasileiro em que a hierarquia católica tem mais força.

Marcia: Hierarquia católica aqui? É mesmo? Eu estou falando com tantos protestantes, que eu só estou vendo protestantes.

ELOI: A sociedade é católica. Tem muita força. É muito forte. Os católicos são muito fortes. Inclusive porque eles são parceiros do estado. Na realidade o regalismo, o padroado, continuou funcionando e ainda funciona. Voce tem os proprios professores da rede pública estadual, a educação religiosa é a educação católica. E paga pelo estado, com professores indicados pelo esquema de igrejas.

MARCIA: Parece que houve inclusive uma perseguição aos protestantes, da parte dos católicos?

ELOI: Sim, sim. Houve, houve. Senão uma perseguição, mas o não acesso a determinadas esferas do poder.

MARCIA: E isso se imiscui no Parlamento também?

ELOI: Um pouco. Embora no Parlamento esses outros credos tivessem sempre condição de Ter um ou dois representantes presentes.

MARCIA: Para contrabalançar um pouquinho. E era o caso dele? Por que ele era presbiteriano?

ELOI: Mas sempre foi minoria. Talvez. Não sei. Pois é. Mas não sei se a eleição dele se deu por essa via. Se foram os votos dos presbiterianos que o levaram a uma cadeira na Assembléia. Porque ele era, como o Partido Comunista era ilegal, ele se candidatou pelo PSP, partido do Adhemar, como legenda de aluguel. Não sei se tinha uma vinculação eleitoral com as comunidades presbiterianas.

MARCIA: Mas recuando isso no tempo, hoje, é difícil de você conseguir entender. Pelo menos para mim é totalmente impossível entender as razões que levaram tanto na igreja quanto na assembléia, na Fecopesca. Eu queria estar lá.

ELOI: Pois é, na Assembléia é que é o meu terceiro ponto obscuro. Voce me passou a frente dando essa nova informação. Porque que ele foi cassado na Assembléia? Porque até parlamentares do velho PTB, parlamentares de esquerda de oposição ao governo militar, senão foram... foram no mínimo obscuros. E até porque cientes de que a cassação dele significava a sentença de morte dele. Era ainda o que segurava...

Marcia: E significou mesmo!

ELOI: É. Com certeza! Esses documentos que foram resgatados agora, na realidade eles não trazem nenhuma informação nova não. Tudo que está ali já se tinha ciência. O que está ali era para se Ter

ciência. O que sumiu sumiu e não se acha mais.

MARCIA: A Fecopesca. Por que tu gostarias? qual a razão? qual o registro que tu tens aí?

ELOI: Em primeiro lugar porque os pescadores catarinenses, a pesca como atividade econômica, foi uma atividade sempre muito importante. E eles continuaram numa situação de dominação absoluta, e o pior, num processo de decadência. E ele aí trazia a possibilidade de uma independência para todo esse setor. O frigorífico, a comercialização. Era um processo em que o desenho econômico do estado seria outro. Tenho certeza absoluta disso.

Marcia: E não tens notícia de nada que tenha sido feito nessa direção? Pesquisa? Em termos políticos?

ELOI: Pelo contrário. Pesquisa, que eu saiba não, pode ser que tenha sido feito. Eu nunca vi nada. E mesmo os segmentos vamos dizer à esquerda da região sobretudo do sul, onde essa coisa é mais evidente por causa das lagoas. Você já passou ali nas lagoas com aquilo tudo iluminado? Não na lagoa da Conceição, não. Nas lagoas do sul, que são enormes.

MARCIA: Eu não fui lá. As outras eu não conheço.

Elói: Porque lá, quando voce fala em reforma agrária em Santa Catarina, é quase um absurdo voce concentrar esforços nessa luta num estado

que já tem uma divisão territorial relativamente boa tendo como parametro o resto do Brasil pelo menos, e essa lagoa toda é propriedade privada hoje. O cara põe um liquinho, uma redezinha pra um monte e tem um cara que é empregado dele. É essa rede de supermercado Angeloni. Os caras são os donos do camarão, está na mão dos caras.

Marcia: Imagine 34 anos atrás, ele correndo torda essa região. É uma coisa mágica!

ELOI: E fazendo com que os pescadores fossem os donos daquilo. Essas regiões são regiões miseráveis. Ali no sul do estado é uma região iserável. Tinha lá o carvão, e a população que não ia pro carvão vivia dessa economia de subsistencia. Esses caras continuariam vivendo hoje, não tivesse sido a lagoa apropriada como propriedade privada. Então não tem nem mais o carvão, nem o cara consegue sobreviver. O cara vive como assalariado de um dono de alguém que se diz dono de água. Voce, se voce fosse lá, se nós dois de noite fossemos pegar um camarão lá, não pode. Tem um cara que é o dono de tantas redes, tantos liquinho, aquilo tudo é do cara. Saindo do lado do mar é a mesma coisa. O cara tem a baleeira, tem a rede, e montava junto com os outros companheiros um sistema de produção de divisão, ele ficava com tantas partes, como existe em quase todo o resto do Brasil. Isso foi aos poucos sendo extinto. O Paulo Wright tinha uma proposta muito mais avançada, que era a

organização deles em cooperativa, comercialização etc. E hoje o que aconteceu? Alguns indivíduos passaram a ser donos de grandes barcos, e essas pessoas são assalariadas dentro do barco, e o peixe ali não chega mais.

MARCIA: Extinguiu a comunidade?

ELOI: Extinguiu. Comunidades inteiras perderam a sua fonte de sobrevivência.

MARCIA. ELOI, o que voce gostaria de acrescentar para a gente encerrar?
Eu te agradeço esta entrevista. Se o meu programa de trabalho se cumprir, no final do ano que vem eu estou fazendo a defesa. Mas antes vais receber uma cópia e um termo de autorização.
Gostaria que encerrasses com algum pensamento teu, alguma idéia ou alguma questão.

ELOI: Acho que a complementação realmente se exige por si só. O Comitê catarinense continuou fazendo esse trabalho, sem ter obstáculos maiores a não ser aqueles naturais - documentos que sumiram mesmo, mas com apoio de instituições, desde a mídia privada até as instituições públicas, com notável destaque para o poder legislativo estadual, sem que isso desmereça também apoios do poder executivo nesses períodos e mesmo das bancadas no Congresso Nacional e de prefeituras, vem trabalhando com a perspectiva de resgatar...

14.5.12. Entrevista com Levi Bucalem Ferrari e Clara Ferrari

Fita 1

Marcia: Vou pedir ao Levi e à Clara que se apresentem. Que possamos estar contribuindo de alguma forma para um trabalho de documentação do período da ditadura militar e do que foi praticado naquela época. Por favor, Clara.

Clara: Boa noite, meu nome é Clara, sou socióloga, tenho 58 anos. E vivi intensamente aquele período. Pegou justamente a minha fase muito marcante na vida das pessoas. A partir de 64, quando se instalou a ditadura no Brasil. Eu estava no segundo ano de Ciências Sociais e já desde aquele período - como estudante, embora não participando de nenhum grupo com ação mais radical -, nós fomos perseguidos. Como estudante que fazia show, que cantava. Até nisso nós fomos perseguidos. Nessa ocasião eu morava no interior, e no interior as posições eram bem radicalizadas. Ou você era considerado de esquerda ou você era de direita. E isso ficou muito claro, depois de 64. Acho que é isso, para começar.

Levi: Meu nome é Levi, eu também sou sociólogo. E fui bastante prejudicado durante a ditadura militar. Tudo isso que a Clara falou, eu também concordo.

Mal entrei na faculdade, em 1964, e o Centro Acadêmico já foi fechado. Tinha dois ou três meses de faculdade. Entrei em março de 64 e exatamente um mês depois fechou o Centro Acadêmico. Isso para um

estudante era uma coisa muito frustrante.

Mas eu já tinha uma participação, ainda que nem tão intensa, no secundário. Entre 62 e 64, no colegial, eu havia participado do Grêmio do Instituto de Educação Monsenhor Bicudo de Marília. Fui diretor do jornalzinho que esse Grêmio tinha.

A partir de 64, já na faculdade, o Grêmio foi fechado. E nós iniciamos um trabalho de resistência em Marília. Ainda não muito organizado, ainda não ligado a partidos ou movimentos organizados.

Entre jovens, do que, genericamente, se poderia chamar de esquerda. Havia algumas ligações com o movimento comunista, com a Ação Popular que era dos católicos de esquerda, com a JUC que era vamos dizer também um movimento de esquerda.

A JUC estava em transição, vamos dizer assim - ela veio de uma extração mais conservadora, e junto com a igreja foi progredindo na direção da esquerda.

Mas me parece que, deste ponto de vista específico da Igreja no movimento estudantil, a AP era a face mais esquerdista, e a JUC a face mais conservadora. Com o progresso da Igreja, em geral, a JUC fica no centro e a AP mais à esquerda.

Marcia: Você acompanhou isso até 69, quando a AP deu origem à APML? Houve um afastamento da AP, da JUC, da hierarquia católica. Se afastou

totalmente da Igreja porque até então havia um vínculo bem forte com a Igreja, administrativo, burocrático? A partir daí houve uma...

Clara: Eu vim para São Paulo no final de 66 e me inscrevi no curso de Pós-Graduação em Sociologia na USP. Nós vivemos muito bem esse período, da JUC, digamos, não se separando, mas ficando muito nítida a diferença entre a AP indo cada vez mais para uma posição mais radical e a JUC quase que desaparecendo.

Marcia: Como que você descreve isso? Havia leituras, discussões?

Clara: Olha, eu percebia muito isso nas Assembléias. Nós percebíamos posições muito claras dos vários grupos que existiam na época. Ligados mais à AP tinham uma posição, a JUC muitas vezes tinha uma posição até meio digamos entre aspas "meio anti-comunistas". Percebíamos muito bem claramente isso. Mas hoje, olhando de longe, as diferenças não eram tão assim gritantes, eram posições..

Marcia: Gostaria de entender isso.

Lembro desse período, em 62 - o Levi recuou um pouco antes -, daqueles cadernos de Violão de Rua, que tinham muitas poesias.

Nesse período havia um movimento cultural muito forte, que dava suporte a essa discussão de idéias.

Avançando no tempo - 68 / 67, é quando houve uma redefinição de posições?

Clara: Em 68, e justamente por este fato aqui [reportagem Veja: Maria Antonia: Mackenzie x Filosofia] que culminou com o Ato Institucional n° 5, houve mesmo uma ruptura. Parece que tivemos uma segunda fase da ditadura muito mais difícil a partir destes acontecimentos da Maria Antonia.

A repressão realmente, não só se reorganizou, como ela modernizou, digamos assim, e deu no que deu. Deu o Ato n° 5 e a partir daí um período bastante difícil para todos nós. Bastante difícil mesmo. Com muita morte de companheiros, tortura, prisões e muito medo. Porque nós ficamos no Brasil, eu com o Levi. Muitos dos companheiros, não.

Marcia: Vocês estavam na luta? Não pertenciam a nenhuma organização?

Clara: Não pertencíamos a nenhuma organização, mas eu tinha, digamos assim, "simpatia" pela ALN. Mas nós nunca pertencemos e nunca fizemos parte de nenhuma ação armada e nem de nenhum tipo. Mas como estudante, praticamente participei de todas as passeatas que teve. Porque neste período, antes desse período, eu trabalhava dentro da USP.

Eu trabalhava no Centro Acadêmico, justamente no Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, na gestão do Bernardino que era o presidente do Centro Acadêmico, neste período.

Eu estava trabalhando dentro da USP, aqui. Nesses dias acompanhei, vi de perto toda essa luta.

Marcia: Estava na Filosofia exatamente nestes dias?

Clara: Eu estava na Filosofia exatamente nestes dias todos. Porque eu trabalhava aí dentro.

Marcia: Você teve, por estar no Centro Acadêmico da Filosofia...

Levi: Era Grêmio da Filosofia. Na época chamava Grêmio. Tinha o Cursinho do Grêmio.

Marcia: Inclusive tinha o Cursinho do Grêmio.

Clara: Foi uma fase bastante marcante na minha vida.

Marcia: Clara, conta para mim, como você lembra dessa batalha do Mackenzie?

Clara: Eu fiquei muito perplexa. Eu tinha um outro emprego. Cheguei um dia para trabalhar, e já havia uma briga na rua, entre os mackenzistas e os alunos da USP.

Não sei como que teve início essa briga, mas acho que foi por volta do dia 2, se não me engano - na reportagem deve ter.

Foi assim uma coisa muito impressionante, porque mataram um rapaz. Enfim, houve troca de tiros e coquetel molotov. Muita gente saiu ferida.

Muita gente saiu queimada. Na Maria Antonia a USP ficava numa posição inferior ao prédio do Mackenzie.

Então, nós sofremos todo tipo de bombardeio ali por cima.

O prédio ficou praticamente destruído, naquele período nós tínhamos que andar agachados, assim se arrastando ali no chão.

Foi um período bastante complicado.

Permaneci no prédio até a Força Pública subir. Os cavalos iam invadir o prédio. Acho que saí de lá 10 minutos antes da invasão do prédio. Realmente foi como que um pesadelo.

Marcia: Havia uma exposição sobre a Guerra Civil da Espanha, uma exposição comemorativa no saguão?

Clara: Eu não estou me lembrando, porque aconteciam muitas coisas. Por exemplo, o Caetano, o Chico, se apresentavam ali, antes disso. Foi um período muito intenso da minha vida, muito cheio de acontecimentos.

Marcia: Uma pessoa comentou sobre haver uns painéis. Seria bom se pudesse recuperar aquilo.

Clara: Eles levaram tudo embora. Agente tomava conta de uma livraria, da parte de Secretaria do Grêmio. Mas isso tudo, esses documentos, desapareceram. E mesmo os livros que eram vendidos, nunca mais nós tivemos notícia.

Marcia: Você chegou a voltar lá, Clara?

Clara: Nunca mais voltei lá no prédio. Às vezes tenho vontade de voltar. Aliás, fui uma vez e não consegui entrar.

Marcia: Por que não conseguiu entrar?

Clara: Porque era a inauguração do Espaço Cultural que virou aquele prédio da USP

Marcia: Centro Cultural Maria Antonia.

Clara: Mas eu não consegui entrar porque só podia entrar com convite. Eu me senti muito frustrada.

Levi: Foi uma ironia. Era uma peça que falava exatamente... Era uma peça da...

Clara: da Leila Assunção

Levi: Da Leila Assunção, justamente sobre aquele período. E, particularmente, sobre a invasão da Filosofia. Mas era só para convidados e a gente foi...

Clara: Ah eu fiquei muito zangada!

Levi: Ela, que foi uma das últimas a sair, não conseguiu entrar. (risos) Expulsa duas vezes. (risos)

Clara: Eu fui uma das últimas pessoas que saiu de lá. Eu me lembro muito bem que...

Marcia: A gente dá risada mas deve ter dado um...

Clara: Eu fiquei com muito medo porque eu percebi a cavalaria subindo. Vieram dizer para a gente. Nós resistimos até aquela hora, mas depois nós vimos que realmente não seria conveniente para ninguém a gente permanecer no local. Porque os que permaneceram, realmente devem ter passado apertados, não é?

Marcia: Sim, lógico. Voltando um pouquinho antes da invasão, Clara, foram alguns dias a batalha?

Clara: Foram vários dias.

Marcia: Essa lembrança, mexendo aí nas visões que voce tem, na fotografia que voce tem, quero a fotografia dos mackenzistas. É possível ?

Clara: Fotografia como assim?

Marcia: Voce fazer uma comparação primeiro da fotografia. Quem é esse personagem?

Clara: Esses personagens são do CCC porque o Mackenzie tinha um organizado paramilitar. Que era o Raul Careca, isso todo mundo sabe. O Raul Careca e outras pessoas do bando. E não só o CCC, havia outros grupos.

Levi: O Boris Casoy, diziam que era do CCC, agora, não há provas que ele tenha participado.

Marcia: Ele pediu que fossem defender o Mackenzie, na rádio Eldorado.

Clara: Mas o Raul Careca com toda certeza. Acontece que, pela minha visão hoje, quer dizer hoje não, mesmo naquela época, fomos nós que fomos agredidos. Porque eles jogavam por exemplo, jogavam ácido. Um amigo meu, o Vinicius de Minas Gerais, que estudava Economia na USP, sofreu queimaduras porque estava passando lá e os mackenzistas jogaram ácido em cima dele. Não só em cima dele como de

outras pessoas. Mas o Vinicius era uma pessoa que eu conheci. Agora, eu senti também naquela época que não eram todos mackenzistas também. Era um grupo paramilitar bem armados. Mas os outros alunos não tinham uma participação. Eles pareciam indiferentes.

Marcia: Era uma minoria?

Levi: Era uma minoria. Sem dúvida, era uma minoria.

Clara: Eu acho que era uma minoria. Na Faculdade de Direito São Francisco, sim, tinha uma direita bastante forte.

Marcia: Tem uma crônica do Mario Prata, muito interessante, em que ele conta que esteve lá recentemente, não sei porque que ele estava ali.

Mas estava lá e estava manobrando o carro, quando uma pessoa ali, do Mackenzie mesmo, ajudou a sair. Ele estava lembrando, justamente do que tinha acontecido. Era impossível estar ali sem lembrar da batalha.

Bom, ele encerra a crônica dizendo o seguinte:

- Infelizmente os mackenzistas continuam sendo os donos da rua.

Os donos do mundo, na verdade...

Levi: (risos) É, mas a bem da verdade e da justiça, o Mackenzie instituição, paga por um grupo de estudantes, talvez professores, talvez até administradores da Universidade, que na época tiveram essa posição radical. Mas eu não acredito...

Marcia: E tiveram acolhida lá.

- Levi: Tiveram acolhida lá. Isso não significa que a maioria dos estudantes estivesse de acordo, do Mackenzie.
- Clara: A reitora era a Esther.
- Levi: A reitora era a Esther [de Figueiredo Ferraz].
- Clara: Ela comemorou a vitória.
- Levi: É verdade.
- Clara: Com o fechamento da Filosofia. Que ficou em frangalhos. O Mackenzie não. A Faculdade de Filosofia foi destruída.
- Marcia: A ironia é que justamente o prédio que tem em frente da Filosofia é da Faculdade de Direito. Quando você passa ali na Maria Antonia, tem exatamente lembra muito bem o desnível, o prédio de onde calculo que estavam jogando é da Faculdade de Direito.
- Clara: Nós tínhamos a nítida sensação de desvantagem. Primeiro porque o CCC e os mackenzistas estavam bem armados, e nós não. E quando nós saímos e deixamos o prédio, deixamos com vários focos de incêndio, ... , e bastante danificado. O prédio do Mackenzie não, porque nós não conseguimos absolutamente nada. O prédio do Mackenzie ...
- Marcia: A provocação foi deles? Estavam bem organizados no sentido de atingir?
- Clara: Foi deles. Eu me recordo de neste período, certo,
- num dia desses, teve uma Assembléia no saguão de entrada da Maria Antonia e eu me lembro que eles jogaram uma pedra e bastou para que todos entrassem em pânico. Foi um dia assim muito complicado.
- Nós estávamos todos no saguão e eu estava na escadaria que sobe aqui e fiquei sentada, porque foi um tumulto. Eles jogaram uma pedra e não sei o que os estudantes pensaram - que fosse uma bomba -, e todos se levantaram e saíram correndo.
- Muito bem, no final, quando nós percebemos, muita gente tinha quebrado as pernas, quebrado a mão, porque foi ... Eu fiquei de pé e fiquei encostada na parede, de medo. Porque houve uma debandada da boiada, sabe aquela coisa de...
- Marcia: Pânico?
- Clara: Pânico total. Para você ver como que nós estávamos acuados ali.
- Marcia: Isso chegou a ser discutido depois pelo próprio Grêmio da Filosofia? Não havia ainda instalações aqui na Cidade Universitária?
- Clara: A partir do momento, quando nós deixamos o prédio, em várias pessoas, em vários carros, nós fomos para a Cidade Universitária. E os alunos, os estudantes se reuniram na Cidade Universitária.
- Acontece que mesmo na Cidade Universitária, logo depois desse incidente, portanto logo depois da instalação do Ato 5, toda e qualquer manifestação era proibido e muito perigoso.
- Marcia: Não, eu não digo depois assim. Depois, logo em seguida. No mesmo dia.
- Clara: Logo em seguida olha eu acho houve uma desmobilização. Durante o período, houve assim um período com muita passeata, com bastante violência, queimando carro, coisas desse tipo. Mas logo depois houve meio que uma desmobilização. Por que? Porque na Cidade Universitária é um lugar descampado.
- Levi: Longe.
- Clara: Longe.
- Marcia: Vamos recuperar isso. Estou tentando juntar. Entrei na Biologia em 68. O pessoal da Biologia tinham posições menos adiante do que a Filosofia, ou como a Ciências Sociais. Tinha assembleias no Crusp e lá.
- Clara: Certo. Eram os cursos que eram bastante atuantes, não só pela localização. Também. Os cursos de Filosofia e Ciências Sociais, Economia e Arquitetura, estavam próximos ali, naquela região da Maria Antônia. Quando nós perdemos o prédio, imediatamente nós fomos levados para uns barracões muito precários.
- Marcia: Na própria Colméia?
- Levi: Não. Não era na Colméia. Eram barracões mesmo. Lá embaixo. Agora é que estão com a Psicologia lá.

Marcia: Ah, lá do outro lado!
Atrás da Economia?

Levi: É para baixo.

Clara: Mas nesse momento
houve meio que uma
desmobilização do pessoal
mais ativo, eu senti.

Marcia: Naquela semana? Eu
me lembro na Biologia de
assembléias, de discussões a
respeito...

Clara: Eu senti que houve uma
desmobilização.
Não sei se pelo fato do nosso
ser um curso que realmente
tinha toda uma efervescência
de idéias e de coisas
acontecendo. Não só foi
também uma consequência de
68 na França, coisas desse tipo
que também estavam se
reproduzindo não só no Brasil,
mas acho que em todo lugar.
As teorias do Debret e coisas
desse tipo que estavam
começando a chegar ou já
estavam aqui no Brasil.
O Curso de Ciências Sociais
era um curso que propiciava a
participação, esse debate maior
que os outros cursos. Eu
percebia, por exemplo, alunos
de Química, havia uma
participação maior

Marcia: Exatas também?

Clara: Exatas, então! Bom,
com exceção de Física, que
tinha uma participação muito
ativa naquela ocasião, dos
alunos de Física.

Marcia: Como que se
rearticulou tudo isso? Como
que foi essa reorganização na
Cidade Universitária? Como
isso afetou a mobilização?

Clara: Acho que afetou
bastante. E, nesse período,
Márcia, eu comecei a me
afastar porque, logo após o
incidente da Maria Antonia,
teve uma assembléia na USP
em que 800 alunos foram
presos. Ou se não presos, mas
ficaram retidos ali no campus.

Marcia: Foi no Crusp.

Levi: A invasão do Crusp.

Clara: Eles apagaram as luzes.
Eu estava lá um pouco antes,
mas a gente teve uma
informação de que eles
estavam vindo para cercar a
Usp. Nós conseguimos fugir
por uma estradinha atrás da
Física, que ia dar lá no Rio
Pequeno

Marcia: Hoje é perto da
Biomédicas?

Levi: É por lá.

Clara: Eu me lembro que a
gente estava fugindo em dois
tres carros com amigos nossos
da Ciências Sociais, e eles
apagaram as luzes e então foi
um pânico geral.

Marcia: Era tudo mato por ali,
vocs devem Ter sentido um
medo!

Clara: A partir dali eu nunca
pisei o pé na Usp. a não ser no
final de 70, quando eu tive meu
filho. Eu tive meu filho pelo
Coseas. Foi quando eu voltei à
Cidade Universitária. Depois
daquele dia da invasão da Usp,
eu nunca mais retornei até eu
ter o meu filho.
E me afastei completamente de
qualquer atividade, embora a
gente tivesse notícia, embora
tentasse ajudar algumas
pessoas.

Marcia: Ficou na
clandestinidade, Clara?

Clara: Não. Eu tive meu
emprego. Quem esteve
bastante prejudicado, foi o
Levi, que nem ficou na
clandestinidade nem nada, mas
perdeu vários empregos por
causa da participação.

Marcia: Voce também estava
com ela nesse...

Levi: Não, não.

Marcia: Tua participação no
interior é em Marília, também?

Clara: É em Marília. No final
de 66 eu vim para São Paulo,
para estudar, para fazer pós
graduação, que não terminei.
Acabei não terminando nunca
isso. Mas aí por outras razões...

Levi: Não, também por isso.

Clara: Mas eu realmente fiquei
em pânico.

Marcia: Eu entendo isso.

Clara: E quando meu filho
nasceu eu fiquei mais em
pânico ainda.

Marcia: Quando que nasceu
seu filho?

Clara: Em 70. Em novembro, 3
de novembro de 70. Quer dizer
um ano exatamente após a
morte do Marighela.

Marcia: Estávamos grávidas na
mesma época, o meu nasceu
em março de 71, o seu em
novembro.

Clara: Dia 4 de novembro de
1969, eu estava assistindo um
jogo do Corinthians e Santos,

quando eles pararam o jogo e anunciaram a morte do Marighela. Um ano depois eu estava tendo meu filho, que em homenagem também se chama Carlos. O Carlos nasceu dia 3 de novembro. Um ano exatamente.

Levi: Não, um ano e um dia.

Clara: É, um ano e um dia.

Levi: Um dia menos.

Clara: E mesmo antes do Carlos nascer eu fiquei com bastante medo, e me afastei praticamente de toda...

Fita 2

Clara: Eu sempre fui uma pessoa de base, não de liderança estudantil.

Marcia: Não é por aí. Eu quero retomar, Clara.

Clara: Minha participação foi como uma aluna, uma pessoa comum, participando do movimento estudantil que a gente acreditava.

Marcia: Esses 8 anos, datando de 62 até 70, você assistiu todo o debate...

Clara: Olha Marcia, veja bem, minha participação no colegial foi muito pequena, embora estudasse no mesmo colégio que ele. Havia uma grande efervescência naquele colégio também, mas a minha participação era bem menor. Quando eu entrei em Ciências Sociais, aí sim, a partir daí sim, eu tive uma vivência bem maior.

Marcia: Essa "simpatia" pela ALN, o Marighela, descreve do teu jeito, porque essa simpatia pela ALN. Estou usando o mesmo termo que você usou.

Clara: Olha Marcia, eu não sou.

Marcia: A gente estava falando de posições, discussões de posição da JUC, da AP, APML, e onde entra? vc sabe que a importância da ALN nessa divisão é grande...

Clara: Eu tinha uma admiração muito grande pelas pessoas que faziam parte e que eu conhecia, que eram da ALN. Eram meus amigos.

Marcia: Mais pessoal?

Clara: Era mais pessoal do que tão ideológico.

Marcia: Vamos mudar um pouquinho o termo de admiração, de simpatia, para reflexão. Na tua opinião, como que entram os dominicanos, no episódio da morte do Marighela, como você ve essa participação? Já é diferente, não é a JUC, do centro, já não é uma participação em nível ideológico, já é luta armada mesmo, como que você ve?

Clara: Eu achei muito importante a participação dos padres dominicanos, não só acolhendo as pessoas da ALN mas também praticamente se juntando a esse grupo. Porque, veja bem, Marcia, eu não pertencia à ALN, tinha simpatia pelas posições da ALN, da luta armada, coisas desse tipo. Mas na verdade eu ficava torcendo para que aquilo

desse certo. Porque no fundo, no fundo Marcia, todos nós, pelo menos eu já sabia que sem o apoio da população seria uma guerra praticamente perdida, Marcia, certo?

A repressão no Brasil e a direita no Brasil, - como que eu posso dizer isso? - sempre foi muito mais competente do que a esquerda. E com a falta também de divulgação do que estava ocorrendo, eu acho que o movimento de guerrilha realmente não teria dado certo. No fundo eu não acreditava.

Marcia: Voltando ao que nós tínhamos começado a falar, de uma posição anterior, da AP e da JUC e já chegando nesse episódio trágico que foi o assassinato do Marighela, os padres tinham sido torturados.

Clara: É. Eu li o livro do Frei Betto [Batismo de Sangue]

Marcia: A gente ve que a participação deles, dos padres, já é uma participação

Levi: Direta.

Marcia: Direta, sem ser uma discussão. Já é um outro período. Em 69 a gente já está realmente num enfrentamento. Então, a Igreja, nesse momento - não sei se nesse momento, não acompanhei as coisas dos católicos, mas eu tenho uma admiração muito grande pela posição assumida pela Igreja, hoje principalmente. Começo a buscar na literatura o que que a Igreja fez nesse período, e eu fico encantada eu fico da profundidade da participação. Esse momento dos dominicanos é um momento que marcou claramente essa posição.

Voce em Marília, o Levi, quer dizer era um outro período. Acredito que em 67 é que houve, se eu estiver errada voces me corrigem, a AP para APML. Nós estamos em 69, onde um posicionamento mais claro se fez.

Você tem assim como melhorar essa análise que eu estou fazendo? Vc chega a pensar dessa maneira, do ponto de vista político?

Clara: Não tenho muito claro não. Acho que em 69 realmente já havia, não sei se estava iniciando, a fusão de vários grupos de esquerda com outros grupos armados.

Marcia: Foi depois do AI-5. O AI-5 que forçou...

Clara: É um início já. Depois do AI-5. Forçou. Antes disso era nítido os vários grupos estudantis, que tinham posições, por exemplo, o Pcdob, como que chamava mesmo o grupo?

Marcia: Ala Vermelha?

Levi: Ala Vermelha era uma ala do Pcdob

Clara: Tinha a ala trotskista.

Levi: Polop.

Clara: Que era a Polop.

Levi: Todas as siglas imagináveis.

Clara: Todas as siglas. E a JUC se apresentava de uma forma diferente da AP. Eles eram diferentes. E a dissidência do PC, porque a

ALN vem de uma dissidência do PC. Acho que a partir de 68 há uma fusão em outros grupos armados e formando então o que seria a ALN e outros grupos como seria a do Lamarca...

Levi: A VPR

Clara: Que eu acho que veio depois.

Marcia: A Igreja nisso para voce parece que está diluída? A AP não tinha ainda se contactado com o Pcdob.

Clara: Acho que está diluída. A AP, eu não tive muito contato com pessoas da AP, então eu não sei.

Marcia: Até 70 e poucos, essa data está...73 foi quando fecharam a AP totalmente.

Clara: Porque meus amigos quase todos eram simpatizantes da ALN. Quando não da própria ALN. Tive vários amigos que já morreram. Fica muito difícil, porque realmente não tive muito contato com a AP. Tive mais contato com a AP no interior, porque nós trabalhávamos juntos. Não dá nem para imaginar voce fazer algum movimento no interior sem estar com a AP, sem estarmos todos juntos. Nós trabalhávamos. Cada um tinha sua posição, suas divergências, suas divergências ideológicas, mas na hora de fazer alguma ação, alguma passeata...

Marcia: Voce ficou em São Paulo?

Clara: Fiquei em São Paulo.

Marcia: Puxa mas esta coincidência de gestação... até saio um pouco do ar ... do Carlos, e eles davam risada porque eu fiquei enorme...

Levi: Teu filho também chamava Carlos?

Marcia: Não, Sérgio. Mas seria muita coincidência. É bem diferente minha ligação naquela época.

Clara: São vários amigos que deram o nome de Carlos em homenagem

Marcia: Meu filho é Sérgio Carlos.

Levi: Ah, certo. É que voce falou Carlos.

Clara: Na ocasião, eram tres Carlos. Tive amigas minhas que também tiveram filhos e que em homenagem ao Marighela se chamam Carlos também.

Marcia: Clara, eu vou te pedir para dizer aí o que voce gostaria para encerrar tua parte. Voce disse que se desligou de toda militância.

Clara: Eu me desliguei de toda militância mas quando havia alguma manifestação, eu nunca deixei - eu acho que em todas as em todos os movimentos importantes que ocorreram mesmo durante a ditadura, eu havia me afastado mas, ainda depois disso houve alguma passeata e algumas manifestações, e eu me recorde de uma delas que foi na frente do Largo São Francisco que eu estava com a perna quebrada e engessada, mas mesmo assim eu fui.

Mesmo depois continuei participando, e muito pra frente na questão das diretas, quando Vladimir Herzog foi morto, exatamente, e a gente ficou meio que entorpecido. Até , engraçado, a eleição de Quércia em 74. Foi quando começou uma certa liberalização, mas ainda em 75 quando aconteceu a morte do Herzog, a morte de um jornalista do nordeste que é irmão de uma amiga minha. Mas ainda tinha pessoas desaparecendo naquele período. Mas a gente começou meio que do esconderijo. Porque, no nosso caso, a gente ficou praticamente escondido, a gente nem pensava mais nisso.

Marcia: A gente, é voce e o Levi , também?

Clara: Ele eu não sei, eu não queria conversar, eu suspeitava de todos.

Levi: Especificamente...

Marcia: Uma paranóia geral.

Clara: Uma paranóia. Da minha vizinha que sentava na mesa - a vizinha que trabalhava comigo eu tinha medo. Eu tinha medo dos vizinhos. Enfim, foi a partir de 75, mais ou menos na missa do Herzog que eu não consegui ir porque eles interceptaram

Levi: Fizeram barreira.

Clara: Eu falei: Eu vou lá, acho que devo ir.

Marcia: Operação Gutemberg.

Levi: É.

Clara: Mas foi a partir de 75 [que] nós praticamente começamos a colocar as manguinhas de fora, como diz o outro. Certo? Nós começamos, eu pelo menos comecei a achar que valeria a pena, que a gente tinha mais que participar. Nós somos um grãozinho de areia mas acho que a nossa participação é... De grão em grão que os movimentos se fazem.

Marcia: Obrigado Clara.

Clara: Tá...

=====

Marcia: Eu quero falar um pouco do seu livro... Só quem participou de perto pode reproduzir tanto e tão bem como a repressão se desenvolveu. Tuas descrições no livro sobre o modo de operação dos torturadores, é muito forte, mesmo que meio que camuflado entre mil Brecht diz que tem cinco formas de dizer a verdade... Mesmo que mesclado com vários outros episódios, a gente percebe a tônica muito forte de denúncia, de como que isso se produziu. O que voce pode dizer a esse respeito?

Levi: Do ponto de vista existencial é óbvio que voce descreve com mais emoção aquilo que voce viveu do que aquilo que voce imagina ou intui, etc.

Até do ponto de vista literário é sabido que os chamados romances de formação, ou seja o primeiro romance de alguém que está escrevendo, sempre tem uma dose autobiográfica muito grande ainda que

camuflada ainda que mesclada com outras tramas.

Obviamente, muito da verossimilhança e muito da densidade da descrição dessas cenas de tortura vêm da minha própria experiência e da experiência de amigos que voce acompanhou, ficou sabendo, sentiu muito proximamente.

Eu acho particularmente chocante para qualquer jovem ter amigo morto em circunstâncias violentas. Já é chocante a morte do jovem...

Marcia: É o caso do Augusto?

Clara: É do personagem

Levi: Augusto. Se bem que o Augusto morre depois. Ele morre depois.

O Augusto, sim ele vai sentindo outras mortes. Porque sobram ele, a Azaléia, e o mexicano, o hispânico no grupo.

Mas o que eu quero dizer é que a morte de um jovem é sempre mais chocante que a morte de um velho, de um adulto e tal. Agora, imagine que num grupo pequeno de pessoas em que voce não só conhece a pessoa do ponto de vista organizacional e político, mas conhece também alguns aspectos particulares, que a pessoa gosta de fulana, casou com beltrana, tá namorando ciclana, enfim voce conhece um pouco os dramas da pessoa e de repente a pessoa é presa, torturada e morta.

Aquilo é um choque. Imagina! Que idade nós tínhamos na época, acredito que a maioria deveria ter entre 19 e 25 anos. Se ponha, pensa isso hoje. Hoje é a idade de nossos filhos ou até menos.

Então, é realmente uma coisa chocante.
Então é por causa disso que eu consigo descrever com tal intensidade essas passagens de sentimentos.

Marcia: Os atropelamentos, aquele concerto de pneus, tudo reproduz bem o clima em que agente que vivia, as perseguições.

Levi: Certo. Houve uma época, não foi logo depois do AI-5 não.
Foi em 71 e 72, foram os piores anos do ponto de vista da repressão.
71 e 72 foi o ano que mais morreu guerrilheiros e simpatizantes e às vezes até gente que não tinha nada a ver com isso.

Eu lembro que numa operação caiu um movimento inteiro, um movimento chamado Molipo - Movimento de Libertação Popular.

Numa questão de semanas, morreram uns 15 ou 20 jovens, dos quais a maioria eu conhecia. Conhecia de Colegial, conhecia de Faculdade, conhecia de movimento estudantil, alguns dos quais eu conhecia intimamente, sabe?

Aquilo que eu falei, de voce saber quem era a namorada, quem era o namorado de quem, dos dramas pessoais de cada um, etc. Não era só uma amizade em função do movimento.

Marcia: Como foi isso aí?

Levi: Em 72, voce quer dizer?

Marcia: Como foi para voce isso, esses 15-20.

Levi: Extremamente chocante porque 15 ou 20 conhecidos morrerem...

Marcia: E todos nessa faixa de idade?

Levi: Todos nessa faixa de idade entre 23 e 25 anos de idade.

Marcia: De que forma essa morte?

Levi: Sob tortura. Em tortura. Alguns em tiroteio. Mas minoria em tiroteio.

Clara: Todos morreram sob tortura.

Levi: Houve alguns que morreram em tiroteio. Por exemplo a Lola morreu em tiroteio. Por que? Porque ela foi esperta: "Já que eu vou morrer...."

Clara: Ela não morreu em tiroteio.

Foi a única pessoa que morreu na coroa de cristo.
A Lola foi uma grande amiga minha e que foi a única pessoa que foi torturada

Levi: Aurora Furtado.

Clara: E teve a cabeça e o craneo

Levi: Vai apertando, vai apertando.

Marcia: O Renato Tapajós..

Clara: É o cunhado dela,

Levi: É o cunhado dela.

Clara: Lola era uma grande amiga minha. Mas grande amiga minha mesmo, de morar no meu apartamento.

Marcia: Eu lembro de um capítulo em que voce fala "No tempo das veraneios". Um título bem escolhido. Voce tinha medo quando via uma veraneio?

Levi: Eu tinha pavor. Não tinha medo, tinha pânico. Pânico.

Clara: Pânico. A ponto de uma noite ele pegar o nosso filho porque eu vi uma veraneio parada quase que em frente da nossa casa.
Ele pegou meu filho, eu apaguei todas as luzes e fui ver o que era aquilo, porque para nós já era outra coisa.
Quando eu percebi que era o nosso vizinho que estava chegando de carona com uma veraneio de um amigo.

Marcia: Mais medo ainda...

Clara: Não, depois que eu percebi isso, Marcia, voce vê em que estado a gente vivia, porque ele pegou o meu filho e já ia sair.

Levi: Eu ia sair pelos fundos.

Clara: Ele ia fugir, porque eu falei: "Voce foge com o meu filho, vai embora. Eu vou ficar aqui para ver o que que é isso". Imagine, era apenas o vizinho, o filho do vizinho chegando de carona.
Coincidentemente era uma veraneio.

Levi: Não, porque a veraneio era um carro comercial, não era só policial.

Clara: chegar de noite, de vagarinho...

Marcia: Mas a identificação da veraneio era outra...

Levi: Mas era pior. Era pior. Porque às vezes voce tinha um pânico à toa.

Marcia: Mas era motivo, ainda mais nesta época que voce falou, 71-72.

Levi: É, 71 e 72, foram os piores anos. 72 particularmente. Em 72 esfacelou o movimento guerrilheiro. O que houve depois foi muito residual, já não se tinha muita notícia, inclusive já tinha polícia infiltrada. Havia inclusive movimento guerrilheiro falso apenas para justificar a repressão, isso foi denunciado pelo Paulo Francis, naquele livro Cabeça de Negro. Que a direita dava dinheiro para grupos guerrilheiros, às vezes sabendo, às vezes sem ele saber. Chegava um cara infiltrado, digamos, e chegava num movimento guerrilheiro e dizia assim: - vem um dinheiro aí da China.

Clara: Ou radicalizava...

Marcia: Também voce, indo para o imaginário, fala dos sacis, ao mesmo tempo fala nas freiras, depois tem uma hora em que fala de deuses gregos, e voce encerra no último capítulo, voltando para o Sací, naquela narrativa de quem matou, que foi o Saci que apareceu, e depois uma cobra. Mas, eu vejo que ao mesmo tempo em que apresenta a coisa concreta, a realidade, a tortura, da perseguição dos atropelamentos, desse medo.... voce traz essa (aspas) realidade do imaginário que é bem nosso, do brasileiro, as crenças

do pessoal mais simples, traz para esse universo, desses personagens.

Como que voce interpreta - se é realmente que voce ve - o abismo, esse fosso que existe? Apesar de isso parecer meio que diáfano - não nem é nem duende, não são fadas, são personagens que fazem parte do cotidiano - mas são tão fortes para o povo, para a comunidade, para a sociedade. Ao mesmo tempo é um fosso nessa realidade e esses personagens.

Como que voce ve isso? Existe realmente esse fosso? De onde, porque voce trouxe? Qual a razão de voce trazer isso para o seu livro, eles fazem parte também, ou é o sociólogo falando?

Levi: Não, são dois aspectos, Marcia, são dois aspectos. O primeiro aspecto é o seguinte, esteve muito em moda à época em que eu escrevi esse livro - esse livro tem 6 anos, então, como entre gráfica, edição, procura de editora, se passou mais um então fazem 7 anos que eu comecei a escrevê-lo. Naquela época estava muito em moda livros esotéricos. E baseados na mitologia europeia e particularmente norte européia, quer dizer, anglo-saxônica, germânica, etc. O que que era? Brumas de Avalon, o Paulo Coelho trabalha muito com isso, então voce via as pessoas comprarem duendes para colocar em casa, ainda tem muito disso hoje, mas naquela época tinha muito mais. Enfim, a mitologia anglo-saxônica e germânica estava dominando o imaginário brasileiro, como mais um aspecto da colonização cultural.

Então, num primeiro momento, o Saci que eu coloco lá, a Iara, etc, - num primeiro momento, eles são uma brincadeira, e uma reação a isso.

Quer dizer: a minha fada madrinha é a Iara, o meu duende é o Saci.

(interrupção)

Levi: Como que a gente faz?

Marcia: Vamos falar do Saci. O Saci resolve.

Levi: Então, num primeiro sentido é isso.

Num outro sentido, tanto a Iara quanto o Saci, ocupam um papel fundamental na narrativa porque eles reencarnam (não é bem reencarnam, porque reencarnam implica um termo técnico do espiritualismo) mas eles se travestem em seres, em personagens populares. Particularmente o Saci. O Saci, uma hora ele é o delegado de Serra Dourada, outra hora ele é Zé da Coca, enfim.

Marcia: Por que essa escolha? Só de marketing?

Levi: Não, absolutamente, longe do marketing. Se fosse marketing eu teria optado por um duende por um deus grego, enfim, algo que estivesse mais na moda naquela época. Ninguém lembrava mais do Saci.

Hoje houve uma retomada do Saci porque ocorreu as comemorações do aniversário do Monteiro Lobato, etc etc. Mas voce tem que pensar em 7 anos atrás, ninguém falava em Saci. Nem as professoras primárias falavam mais.

Marcia: Essa numeração do seu livro de 1 a 70, a primeira

parte, e depois de 71 a 93, tem alguma ligação com a divisão da situação política brasileira?

Levi: Não, isso é totalmente ocasional. (sorriso)

Marcia: E 97-93, voce terminou em 93, alguma coisa assim no último, há quatro anos atrás que esse livro foi escrito. Será que quis dividir.

Levi: Não não tem nada a ver.

Marcia: Levi, eu não sei como continuar, já estamos sendo expulsos daqui.

Clara: Já estão nos mandando embora.

Marcia: Gostaria que voce encerrasse. Que voce fizesse uma observação sua dessa escolha do viés religioso. Como a tua vivência pode somar a esta análise, seja a igreja progressista ou a conservadora?

Levi: Olha eu acho que o fenômeno mais importante dos anos 60 do ponto de vista ideológico mundial foi a mudança de posição da Igreja. O resto é consequência, neste ponto de vista específico. Por outro lado, para sermos justos, a gente tem que constatar que em boa parte a JUC e mesmo a AP crescem em oposição ao Partido Comunista. É verdade. Porque havia uma projeção tão grande. ..

Fita 3

Marcia: Eu gostaria, já liguei o gravador. Vamos continuar. Estávamos falando do José Dirceu, uma liderança da AP?

Clara: Não ele não era da AP. Era da dissidência que virou ALN, o Levi conhece bastante.

Levi: Eu tinha falado antes, estava falando que o fato mais importante teológico mundial do período foi a mudança de posição da Igreja com o João XXIII.

No Brasil isso se reflete com a esquerdização da JUC e posterior criação da AP, como coisa mais esquerda que a JUC.

Por outro lado também, do ponto de vista dialético, a gente não pode esquecer que a JUC surge como um movimento anticomunista, antes dessa guinada do João XXIII, e que como movimento anticomunista ela estava perdendo espaço no movimento estudantil.

Então, numa análise marxista - e era a análise que os marxistas faziam na época - , por mais à esquerda que estivessem JUC e AP, seriam sempre anticomunistas, tiveram essa marca até a sua dissolução. Quer dizer, ela se afirmava como alternativa. Eu sou alternativa católica ao Partido Comunista e as suas dissidências, ALN, VPR, VAR, etc etc etc.

Tanto é que como guerrilheiros, os apedeutas, como a gente chamava na época, ou os membros da AP e até da APML, não tiveram destaque.

Os grupos que se destacaram na guerrilha, ao que me consta foram ...

Marcia: Foram os chamados militaristas? Pelo Gorender.

Levi: Chamados militaristas pelo Gorender. Mas também é uma terminologia dele (risos).

Veja, já que você analisa discurso - se você voltar à época, quem chamava os guerrilheiros de militaristas era basicamente o PCBão, o Pqque ficou. Que é a linguagem do Jacob Gorender. Agora, em ordem de importancia, os movimentos guerrilheiros eram a ALN - que fez mais barulho, digamos assim, o Pcdob que deu mais susto por causa da Guerrilha do Araguaia, e depois vem VPR, VAR-Palmares, Molipo, MR-8, Movimento Tiradentes, Aí teve um monte de siglas.

Marcia: Como que você trouxe para o teu livro esses personagens do imaginário e como vc ve o fosso que existe entre os grupamentos de luta e os religiosos. Você esclareceu agora explicando que a própria AP significou essa vertente.

Levi: Sim. Você perguntara antes por exemplo dos dominicanos. Claro, é importantíssimo que os dominicanos tenham abraçado a luta naquele período. Por que? Porque os estudantes, a esquerda, e principalmente os guerrilheiros urbanos ou alguém ligado a eles, o mais remotamente, não poderia fazer o que eles fizeram.

Marcia: Institucionalmente, eles tinham muito mais estrutura?

Levi: Claro! Eles tinham a Igreja por tras! E a Igreja por tras não é pouco! Claro que um ou outro foi vítima de tortura. Um ou outro foi quando a repressão recrudesciu, eles pagaram o mesmo preço que todo mundo pagou. Mas antes, não! Antes, se eu era padre,

poderia falar certas coisas que um estudante não poderia falar. E uma coisa, um pequeno detalhe que deve chamar a atenção: Por que que os dominicanos - eu não estou julgando ninguém -mas, acabaram entregando o Marighela? Porque não tinham preparo militar. Tá? Os primeiros membros da ALN eram pessoas muito bem preparadas para morrer sob tortura. Os dominicanos não estavam preparados.

Marcia: Você vê no caso do sequestro em que a liderança foi do Joaquim Câmara Ferreira.

Levi: Isso. O pessoal ligado ao Joaquim Câmara Ferreira,

Clara: Isso que eu ia falar. Nós tivemos contato. Nunca nós caímos, Márcia. Porque a gente abrigou gente.

Marcia: Estratégia e tática?

Clara: Exatamente. Mas nunca abriram a boca. Todos morreram. Todos morreram.

Levi: Todos morreram.

Marcia: Depois o Câmara Ferreira, na roupagem do Toledo, foi torturado até a morrer e não entregou ninguém.

Levi: Exatamente. Então, esse pessoal, por exemplo, que foi preparado para a guerrilha ou para dar suporte à guerrilha, na logística, para esconder gente, para transportar gente, para emprestar carro, para emprestar dinheiro, todo esse pessoal era assim: - Caía um não caía mais ninguém. Não por causa dele. Caía, eventualmente, porque

um policial infiltrado pegava dois ou tres. Agora, o pessoal que entrou depois, inclusive dominicanos, era um pessoal mais militarmente preparado. O pessoal que entrou depois

Marcia: Agradeço muito este alerta que você fez já na tua interpretação, que a AP APLM elas sintetizam a posição religiosa naquele momento. Tem uma outra pergunta, não posso deixar de fazer, é o seguinte:

- Os protestantes, pelo que eu estava ... por leituras, parece que fizeram parte do aparelho repressor, predominantemente era constituído por protestantes. Exceção o que seria, vamos dizer, os progressistas protestantes, a gente tem aí a figura do Paulo Wright.

- Como voce interpretaria isso, esse fato apresentado por quem? Por um jornalista norteamericano, nas leituras dele, isso que aconteceu: o aparelho repressor tinha nos seus quadros principalmente protestantes. Você tem a análise do Rubem Alves.

Levi: Aí eu só posso dar palpite, o meu depoimento não acrescentaria muito. Porque havia uma identificação cultural entre o protestante antigo e os Estados Unidos, a cultura anglo-saxônica, a penetração, eventualmente da CIA ou dos organismos ligados à repressão, nos Estados Unidos, eles ...

Marcia: Identificação com os americanos, isso sim, porque a hegemonia nos Estados Unidos, é protestante.

Veja, é complicado para mim tentar fazer esses enlances, porque, eu estou tentando ver não a nível ideológico, só, mas, principalmente, a nível institucional.

Por exemplo, os protestantes tinham os missionários aqui, que vinham com uma tarefa determinada, no Brasil Central. Tinham uma característica que me deixa muito curiosa, eles tinham a itinerância, os pastores ficavam dois meses dois anos num local e depois mudavam. Tinham, institucionalmente condição de chegar aos quadros da repressão.

Essa reflexão que estou te passando: será que de alguma forma isso foi verificado, foi vivenciado por quem estava sendo perseguido? Eles tinham o setor de religiões no Dops, nomeado assim, Setor de Religiões do Dops, ocupado em perseguir religiosos e por aí vai.

Levi: Sei. Olha, nessa parte eu não posso te acrescentar muito. Eu posso concordar com o que voce falou por verossimilhança. Acho que tem muito a ver, tem lógica própria e tem a ver com o que eu passei, não dá para contradizer. Mas também eu não tenho muito que acrescentar. Não tenho documento e nem vivência. Pelo feeling sim, pelo sentimento sim.

Os protestantes, acho que eram mais susceptíveis à influência americana, e consequentemente dos órgãos de repressão americana, da CIA, etc etc etc.

Agora, a extensão disso eu não sei te calcular.

Marcia: Não tem alguém ligado, ou seja à AP que

tivesse algum estudo a esse respeito, embora o Rubem Alves, que não era ligado à AP, mas era protestante.

Levi: Não, veja a AP é muito importante, mas na minha opinião, veja, a AP é uma coisa católica. E essa diferença, hoje o mundo está ecumenizado, nós acabamos de ver, inclusive o papel do Arns nisso, mas naquela época não!
Quer dizer, a AP era uma coisa de católicos, não tinha nada a ver com protestantes, que eu saiba não! E a Igreja Católica tem um pouco essa coisa de império romano, essa coisa que na época se chocava muito com a tradição anglo-saxônica das igrejas protestantes antigas. Não dá para misturar as coisas.
Quer dizer, o trabalho do Wright, do Arns e do Sobel, por exemplo, são trabalhos pioneiros que negam as próprias origens dessas tres grandes vertentes.

Marcia: Como você ve isso, Levi? Tem aí uma divisão política das igrejas, as igrejas se dividiram em progressistas e conservadoras, cada uma delas.

Levi: Sim, cada uma delas. Teve recentemente um debate que participava o Arns e o Sobel, e o Arns disse assim: "É eu sei o quanto os teus radicais te dão trabalho".
Quer dizer, deve ser a colonia ortodoxa judaica, etc e tal. Enquanto que o Sobel prega uma convivência ecumênica (naquele sentido que você deu à palavra *ecumênica*, socialmente ecumênica, politicamente, como falou a Ana Martins) e no caso específico, aí incluindo palestinos, porque o Sobel quer o que? quer que a colonia

judaica também incorpore uma convivência pacífica com os palestinos etc e tal

Marcia: Essa reflexão vai longe.
No teu livro você fala bastante como a repressão agia, e de uma certa maneira eu estou ligando isso a como eles foram formados.

Os protestantes tinham uma disciplina que justificaria até a prática de tortura. E o próprio Geisel declarou no livro dele que em certos momentos a tortura para ele era justificada. Mas resumindo a ópera, tudo isso mudou na o e como mudou? na medida em que eles deram apoio a uma retomada política.

Eu acho que talvez está invertida a situação: o próprio movimento de resistência política no Brasil forçou uma retomada das lideranças religiosas, não seria isso? Eles foram acompanhando assim como voce disse...

Levi: Sim! Sim. Nesse sentido eles não são exceção alguma. Sabe? E aí também a coisa não ganha importância.

Veja, ela falava de 74 da importância da eleição do Quércia. Eu trabalhava numa instituição dirigida por militares. Militares da pesada mesmo e tal, ligados ao SNI etc etc. Quer dizer, eu era um mero técnico. Então, nós não conversávamos de política entre nós.

Ninguém sabia quem era esse Quércia, o que ia dar e o que não ia dar. Mas no dia em que o Quércia ganhou, noutro dia estava todo mundo sorrindo para todo mundo, ou seja: "Eu sei que eu posso confiar em você. Porque se 90% das pessoas votou no Quércia é

mais provável que você que senta ao meu lado tenha votado do que não."

Nesse dia, a revolução perdeu a legitimidade - 74. Ela vai acabar em 85, mas perdeu legitimidade em 74.

Marcia: 11 anos eles seguraram.

Levi: Exatamente.
Então, voltando à sua pergunta, quer dizer, as igrejas todas vão aos poucos passando à oposição, como outros setores da sociedade, empresários. Não no caso da Igreja católica e parte da protestante, ligada a essa corrente do James Wright. Eu acho que eles são vanguarda. Mas é pequenininho, é bem ínfimo, é a mesma extração que havia entre militares. Talvez até menor. Quer dizer, em 64 haviam militares de esquerda em número maior que padres de esquerda em 72, digamos. (risos)

Marcia: Quer dizer o Lamarca, quando ele deixou...

Levi: Um monte de generais que foram cassados, de coronéis que foram cassados em 64. E isso o pessoal esquece, coloca o militar como o grande assassino, etc. Quer dizer, ser militar é ser de direita, em 64 não era assim. Quer dizer, o comandante

Marcia: Para mim em especial os militares ficaram e ficam com uma imagem muito ruim, do que fizeram no Araguaia, sabe?

Levi: Sim, não., mas aí já eram outros militares, eles mudaram.

Marcia:.....onde ele faz uma reflexão dizendo: Puxa, nós estudamos doutrina , o ocidente cristão para fazer isso? Mataram e ainda queimaram os corpos de quase 70 mais de 60 jovens?

Levi: Olha Marcia, se a gente pegar de um ponto de vista mais neutro, esquecer um pouco as paixões, guerra é guerra! e os militares tinham isso muito presente, como todo militar tem, é o ofício dele...

Marcia: Voce quer dizer que foi ordem de Brasília que eles fizessem a fogueira lá com os corpos?

Levi: Sei lá, você sabe. Um ou outro exagero pessoal etc etc não pode ser responsabilizado o Falcão, por isso.

Mas sem dúvida havia uma política institucional: isso é guerra.

Se o império invadia uma aldeia gaulesa matava todos os homens machos e guerreiros. Depois negociava.

Marcia: É o que de uma certa maneira, não explica, mostra a morte do Lamarca. Como aquele milico lá foi atrás dele, dizendo, ele nos traiu, ele não pode...

Levi: Claro, porisso é que os militares que foram, a parte nacionalista das Forças Armadas que foi derrotada em 64, estava ligada a Jango, Getúlio, Brizola, essas lideranças mais antigas etc que tinham inserção no meio militar, inclusive o Partido Comunista por causa da origem do Prestes e muitos militares que seguiam o Prestes etc - eles pagaram muito alto.

Quer dizer, houve uma primeira onda de repressão que ninguém mais lembra. Eu era criança, mas isso é coisa para quem está com 60 anos hoje. Houve uma primeira onda de repressão já em 64. A gente pegou de 68 para frente. Houve uma repressão em 64 que pegou muito militar. Proporcionalmente à população, pegou mais militar que civil.

Marcia: No Brasil: Nunca Mais, tem processos de investigações e inquéritos anteriores a 64 em que pegaram militares.

Agradeço de coração. Muito obrigado a vocês dois.

Clara: De nada Marcia, não sei se serviu para alguma coisa.

Marcia: Vocês entenderam o objetivo?

Levi: Claro. Qualquer dúvida, você liga, a gente esclarece.

14.3.13. Entrevista com Prof. Bernardo Kucinski**Fita 1**

Marcia: Professor, estou dando continuidade ao Projeto de Pesquisa que iniciei com o senhor. Se eu cometer alguma impropriedade nesta entrevista, continuo pedindo sua ajuda. Esta entrevista vai ser gravada dentro dos moldes de um trabalho acadêmico.

BK: Tá. Vamos em frente.

Marcia: O projeto, atualmente, está voltado à pesquisa a respeito do Paulo Wright. Mas, antes de falar do Paulo Wright que está centralizando minhas atenções no momento, quero falar do senhor.

Como foi o combate do senhor quando chegou no Brasil, tentando localizar Ana Rosa Kucinski e Wilson Silva, e ao mesmo tempo sendo fiscalizado, sendo marcado pelo regime? Ao consultar os arquivos do Dops, vi que eles tem bem marcado toda sua militância desde 66, no prontuário 01280. Imagino que o senhor também, foi nesse fogo cruzado, tanto em busca da sua família quanto perseguido?

BK: Deixa eu te responder. Eu não vou entrar em muito detalhe desta história porque eu não estou com muito espírito de mergulhar nisso de novo agora, certo?

Mas eu vou tentar responder aquilo que eu acho que são pontos importantes que são o seguinte.

O ponto mais importante aí é que os familiares dos

desaparecidos, que era a minha condição quando voltei ao Brasil, paradoxalmente eles ganham uma imunidade, ninguém mexe com eles.

Porque fica sendo uma questão maldita. Primeiro porque eles ganham um direito de fazer o que eles quiserem, porque é um direito natural, que vem do fato de ser mãe, de ser pai, de ser irmão.

Todo mundo respeita esse direito. E não atribui a esse direito uma outra intenção, que é o que se faz em geral num clima de guerra fria. Tudo é uma conspiração e tal. Aí, não, é um direito de familiar. A sociedade entende esse direito, espera que ele faça de tudo, as autoridades também esperam, os torturadores também esperam, e ele tem esse a necessidade de fazer, e também ele logo percebe que ele tem uma imunidade. Pode ir, bater na porta do quartel, encher o saco, entrar que ninguém vai mexer com ele, entende?

Eu acho que essa é que é a questão essencial. E isso ele logo percebe. E também percebe porque também mexer com ele é passar um recibo. É talvez uma exceção a esse caso, foi o caso da mãe do Stuart Angel. Aí mataram ela. Então, pode haver exceções, mas a sensação que eu tenho e também das reuniões que eu participei, das outras pessoas, é de que a gente acaba constituindo um mundo diferente, entendeu?

Talvez o problema da mãe do Stuart Angel é que ela realmente incomodou demais um grupo específico de

militares num momento em que ela estava sozinha, em que não existia ainda esse reconhecimento do familiar, não sei. Mas realmente pensando no caso dela eu vejo que há exceções.

Marcia: Quando o senhor fala que não está com o espírito de voltar a esse tempo, eu entendo. Mas eu preciso de insistir, porque o meu espírito está mergulhado neste tema. Eu me lembro que numa das entrevistas que fiz com o Reverendo Jaime Wright, ele fez uma observação a seu respeito que ficou marcada. Ele disse o seguinte: Minha pergunta era a respeito do germe duma relação ecumênica entre diversas religiões. E ele fez uma série de observações e citou o seguinte - que talvez, num dado momento, o senhor, o Luis Eduardo Greenhalg e ele, marcaram essa situação ecumênica ao procurarem o Cardeal Arns, para, com a vinda do Jimmy Carter procederem a alguma ação na imprensa, que registrasse a existência de tortura no Brasil. O senhor poderia?

BK: Não me lembro. Eu tenho a memória muito... Eu não me lembro desse episódio.

Marcia: Ele disse o seguinte. Que quando ele, o senhor e o Greenhalg até o Cardeal falou: "É a comissão Ecumênica"!

BK: Pode ser! Eu simplesmente não lembro. Tenho uma vaga coisa na memória mas eu não...

Marcia: Porque quando o Jimmy Carter veio, saiu publicado pela primeira vez, parece que na Folha, a existência de tortura no Brasil, exatamente o desaparecimento do Paulo Wright.

BK: Eu não lembro, sinceramente, eu não lembro. Eu lembro que o caso da minha irmã, o que teve de pioneiro, foi que nós publicamos o primeiro anúncio no jornal. E aí provocou uma comoção. Assim: "Desapareceu...."

Marcia: 75. Início de 75.

BK: É. E aí isso foi uma coisa que teve um...ninguém não tinha ocorrido a ninguém, de ir lá, pagar um anúncio e publicar, entende? Agora esse episódio eu não lembro muito não. Deve Ter acontecido, mas eu não lembro.

Marcia: Ainda eu vou insistir nesse episódio, porque eu fiz uma ligação dele com o seu editorial no Jornal ...

BK: Ah, sobre Direitos Humanos?

Marcia: Isso. E que provocou a cisão

BK: Certo.

Marcia: E que deu origem ao Movimento.

BK: Certo.

Marcia: Porisso que eu insisto nessa retrospectiva aí. Quer dizer, o sr então estava nesse momento junto a um católico e um protestante, apenas olhando de um viés, buscando localizar ..um advogado, o irmão de um

desaparecido, o irmão de uma desaparecida, da Ana Rosa.

BK: Para mim essa questão do ecumênico não entra, porque não é uma categoria que me interessa.

Marcia: Entendi. Mas o sr estava junto deles nessas ações em busca de publicar, de localizar.

BK: É, mas o que acontece é o seguinte. Voce tem dois planos que voce atua nesse caso. Voce tem o plano coletivo e voce tem o plano individual da família. Então, a família, ela faz tudo que ela pode. E ela não pode compartilhar isso com as outras famílias, não porque ela não quer. Mas porque ela tem os recursos dela mesmo. Então, ela que tem um vizinho que era tio de um general - ela vai falar com ele. A outra família não vai falar com ele. A outra família vai falar com um outro vizinho que é tio de outro general. Ela tem um cara que consegue chegar ao Secretário Geral da ONU, porque ele é um banqueiro importante, ele vai lá e chega, ele tem pressão. Ela faz de tudo. Mexe com todos os pauzinhos que pode. E todas as famílias fazem isso. Então, esse é o plano em que as famílias atuam. Eu estava muito metido neste plano. E depois tem o plano coletivo em que eu também estava metido. Mas aí esse plano coletivo já é um plano mais político. As famílias se reúnem articulam as ações, vão falar com o Cardeal, vão escrever manifesto, vão exigir a abertura de disso...é muito importante esse plano, porque ele cria um ambiente propício a se conseguir alguma coisa.

Mas eu estava muito metido também nesta outra esfera aqui. Por exemplo, para te dar um exemplo como é que a coisa funciona. Nós conseguimos através de meu irmão em Israel, porque ele tinha um amigo, que era um cara muito importante em Israel, que era amigo de um cara muito importante num Departamento de Estado americano. Então, nós conseguimos informações diretamente do Departamento de Estado, sobre minha irmã e o Wilson.

Então, são coisas que...

Marcia: Que informações?

BK: Ah, informações muito precárias. Mas foi as únicas assim um pouco mais concretas, que estavam realmente presos, e tal, não diziam aonde, nem como nem quando. E também demorou muito para chegar. E o meu irmão tinha um outro amigo que conseguiu através do Estado de Israel, passaportes pro Wilson e para Ana.

Marcia: O seu irmão? O nome dele?

BK: É mais velho do que eu. Wolf. Então, ele fez o diabo também. Ele nem conhecia a Ana direito, porque ele foi para Israel quando ela tinha sei lá...ela era muito pequena.

Marcia: No tempo dos kibutz?

BK: É. Então essa é uma ação que voce faz com os recursos que a família tem, os vínculos que ela tem, e cada uma tem os seus vínculos. E isso é muito importante porque às vezes da certo, às vezes voce consegue informação.

Marcia: Em que medida nesse plano, os contatos, os relacionamentos do Sr. Majer, seu pai, possibilitou algum apoio da comunidade israelita internacional, além desse contato direto com seu irmão.

BK: Aí, tem que entender o seguinte: que a comunidade judaica, ela tem um procedimento muito complexo. Primeiro que ela tem uma vasta tradição de lidar com essas coisas, pela história do povo judeu. Então eles tem o Comitê chama-se American Jewish Comitee, que é um comitê especializado em procurar judeus desaparecidos. Eu não me lembro quando que ele surgiu, eu acho que foi na primeira guerra mundial, ou nalguma das guerras lá, ou se foi na época do nazismo. Mas ele é um comitê que se caracteriza por atuar com muita eficácia e discretamente. Ele não faz política. Ele atua por baixo do pano. Ele tenta obter informações. Um pouco parecido com o que faz a Cruz Vermelha, também não faz política mas tenta obter. Então, esse é um Comitê quente, tem conexões com o Serviço Secreto, sei lá o que eles tem. Eu fui lá em Nova York logo que cheguei no Brasil, foi a primeira viagem que eu fiz foi para lá para falar com eles. Etambém não deu em nada. Enfim, eles indicaram um cara em Buenos Aires, em Buenos Aires estava sumindo muita gente também. Então, esse cara. Depois esse cara também sumiu. Sumiram com ele. Encontrei com ele aqui, depois ele sumiu, depois eu soube que ele sumiu, também. Não sei se sumiram com ele ou ele resolveu ir embora.

Marcia: Quem é?

BK: Voce não conhece e nem eu Kovaklov. Não importa era um cara que era ligado ao American Jewish Comitee.

Marcia: Kovaklov? Tá.

BK: Mas, enfim, estou te mostrando o tipo de coisa. Os judeus tem uma tradição nisso.

Marcia: Uma estrutura?

BK: Eles tem várias estruturas! O que eu quero dizer é que eles tem uma tradição, entendeu?

Marcia: Entendi.

BK: Essa foi que não

Marcia: Não foi a ação do sr. Majer, seu pai, mas sim essa estrutura que o sr foi buscar.

BK: Sim, mas agora, por exemplo, o caso do meu pai, ele tinha muito prestígio na comunidade judaica, porque ele era um escritor, ele era um professor. Ele era muito respeitado. Ele dava conferências. Ele fazia discursos uma vez por ano.

Marcia: De que natureza, de que temática.

BK: Ele era um especialista em literatura iidish, era o maior especialista aqui no Brasil, e ele também escrevia em jornais - havia muitos jornais iidish nos anos 50, havia jornais da Argentina que chegavam aqui, jornais daqui mesmo. Era literatura. Mas ele também era um político. Ele escrevia sobre política.

Marcia: Ele era religioso?

BK: Ocorre que ele era anti-religioso. A geração dele era uma geração que negava religião. Ele era anti-religioso, e na verdade ele não gostava nem de chegar perto dos rabinos. Então, ele era muito respeitado, uma pessoa mais ou menos pobre, que se dedicava muito mais à cultura do que às outras coisas, não era daqueles judeu que ficou rico. E, mas ele tinha havia restrições a ele em vários lugares da colonia, entende? No meio religioso, no rabinato, entende? Ele tinha restrições. Então, ele era um cara desse tipo. Então, está certo que comoveu um pouco a colonia sim.

Marcia: Comoveu?

BK: É, o caso da Ana e de alguns outros. Ela não era a única de origem judaica, mas comoveu.

Marcia: Na prática de que modo?

BK: Ficou uma história. Acho que comoveu pelo sofrimento do meu pai. Porque derepente o caracomeçou a sofrer. Ele que era um cara contador de piada e todo mundo gostava de ouvir ele fazer conferência e um sujeito naquela idade começa a sofrer então isso houve uma certa comoção.

Marcia: Que idade?

BK: Uns sessenta.

Marcia: Eu lembro do seu pai conversando comigo, assim, olhando muito firme para mim, num local não sei aonde na Praça Roosevelt, e eu lembro dele muito objetivo, muito persistente, numa luta muito grande, muito verdadeiro.

- BK: Então, mas, aí acontece o seguinte, a colonia, como eu estou te explicando, a colonia judaica, ela tem é muito parecido com o que faz a Anistia Internacional. A Anistia Internacional faz assim: o Comitê de Anistia Internacional do Brasil, ele não mexe com o Brasil, mexe com os outros países.
- Marcia: É sempre mexe...e vice-versa.
- BK: É Isso eu acho que eles devem Ter aprendido talvez dos judeus. E ntão o judeu é assim - A colonia aqui não se mete na política daqui, nestas questões mais delicadas. Não protesta, não faz nada, fica quietinho, fica na moita. Mas eles vão acionar gente de outro lugar para fazer isso.
- Marcia: Isso quer dizer que o Henri Sobel nesse período todo, ele que teve uma posição clara, principalmente no caso Herzog, só que a gente está um ano , um ano antes...
- BK: Olha o Sobel eu acho que a história dele está mal contada.
- Marcia: Por que?
- BK: Eu não conheço. Eu como não gosto de rabino, meu pai já não gostava, eu também não gosto. Eu não sei bem a história do Sobel. Mmas eu não estava aqui quando o Herzog morreu, por um acaso naquele semana eu viajei, fiquei uns quinze dias fora. Até me lembro que era o dia do meu aniversário, dia 25 de outubro. Naquele dia eu levantei voo, cheguei na Europa ele tinha morrido.Então
- aquela movimentação que teve naqueles dias eu não acompanhei de perto,mas eu tenho amigos que dizem que o Sobel foi um oportunista , que ele não fez nada disso que falam que ele fez.
- Marcia: É mesmo?
- BK:É.
- Marcia: Quer dizer, em relação à Ana Rosa e ao Wilson ele não somou nada?
- BK: Nunca fui conversar com ele. Nós fomos conversar com um rabino que foi indicado por uma outra familia.
- Marcia: Quem é o rabino.
- BK: Ah eu não me lembro nem o nome dele.
- Marcia: Por favor.
- BK: Eu não me lembro!
- Marcia: Quando o sr. Lembrar o sr. Me fala.
- BK: Eu não vou me lembrar nunca.
- Marcia: O sr faz uma dedicatória no livro abertura: a meu pai pelo humanismo que ele me legou, agora entendo esse humanismo.
- Professor, o Lawrence Weshler, naquele livro, Um Milagre, Um Universo, O Acerto de Contas com os Torturadores, ele faz lá uma observação, na página 20, onde ele diz o seguinte - quanto a isso "era sabido que o aparato de segurança do regime incluia um número desproporcionalmente alto de protestantes".
- BK: O aparato de segurança tinha gente muito protestantes lá? Nunca tinha me deparado com isso...
- Marcia: Isso que eu queria perguntar, o sr em parte já respondeu. Quer dizer, nesta busca que o sr fez, o sr esteve várias vezes nas unidades do exercito, e em outras no Dops, em São Paulo, no Rio, o sr fez em algum momento esta constatação, quer dizer, a nível religioso do comportamento dos agentes de repressão?
- BK: Para mim isso é uma novidade e é muito estranho. Não consigo explicar isso.
- Marcia: Parece que existia em São Paulo, um Setor no Dops, ligado a Religião, e tratava apenas dos religiosos.
- BK: Não, isso sim, isso a gente sabe que tem. Tem um setor que trata dos japoneses um que trata dos italianos, um que trata dos católicos, todas os grupos que eles conseguem identificar porque são grupos que tem cultura própria, porque às vezes tem organizações próprias, tem organizações de autoajuda, tem organizações que mandam dinheiro, tem organizações dos mais diversos tipos. Então, eles ficam de olho. Tem organizações políticas. Então, eles tem, isso é uma tradição. Eles tem uma divisão de trabalho lá. Agora, justamente protestante, eu acho muito estranho, porque a única coisa eu fico imaginando um pouco é que havia um certo olhar sobre os protestantes, devido à ação das igrejas dos missionários que vinham dos Estados Unidos, naquela época criando novas igrejas, em que primeiro, pode ser que era do

interesse do regime que eles fizessem uma incursão entre os pobres para ganhar um pouco as almas dos pobres...

Marcia: O sr. Está falando do SIL = Summer Institute of Linguistics?

BK: Esse é um deles. Mas tem muitos. Muitos vieram de lá fazer catequese aqui. Eles tinham projetos para o Terceiro Mundo. Então por um lado eles podiam ser uteis ao regime militar porque eles iam fazer catequese, então eles tiravam da política mas por outro lado eu acho que havia uma preocupação da cúpula militar com a ação deles na Amazonia, uma preocupação meio tipo nacionalista que eles ficam lá descobrindo nossos minérios, vão tomar a Amazonia. Uma relação de amor e ódio. A única coisa que eu posso meio que aventar é isso. Mas eu não sabia que especificamente nos meios de repressão tinha muita participação, também não sei explicar porque. Eu sei que os espíritas tinham restrições a tortura.

Marcia: Como o sr sabe.

BK: Eu sei porque um dos gerais era espírita.

Marcia: Qual general?

BK: Justamente o general que ficou com fama de linha dura, mas ele era contrário a tortura. Que depois o Geisel demitiu ele. Já vou lembrar, tem no meu livro. É o Silvio Frota. Em 1977 ele foi demitido. O Frota ele ficou com fama de linha dura porque ele queria ser candidato a presidencia, ele foi angariar votos nos quartéis. Mas na verdade do ponto de

vista da repressão, ele era um linha mole, ele era contrário, ele era ativamente, ele ficava furioso, ele fazia incursões de surpresa, para pegar os caras em flagrante, e tal. E a turma escondia.

Marcia: Ele prefacia o seu livro?

BK: Não, quem prefacia é o Severo Gomes. Esse é o general Silvio Frota. Eu sei porque eu tinha contatos com um militar que era muito chegado a ele que me contava essas coisas.

Marcia: Que militar?

BK: Um coronel que me dava informações.

Marcia: NO Dops de São Paulo, o coronel Faustini, me parece que era um dos evangélicos, não sei se presbiteriano, se metodista, se adventista, não sei qual era a denominação, ou se era mackenzista, o sr sabe alguma coisa a respeito?

BK: Não, eu só sei isso dos espíritas, porque para eles era uma coisa que iria influir na reencarnação. Era uma coisa assim que não podia fazer mesmo.

Marcia: Fica difícil situar essas linhas divisórias de comportamento, mas o Brasil: Nunca Mais é feito uma separação dos religiosos que foram vítimas da repressão, e como é esse o enfoque principal do projeto, a tentativa é entender como esses quadros se formaram, e principalmente com essa observação do jornalista Lawrence Weshler. Ainda sobre os protestantes, o

sr. Teve junto do Raimundo Pereira e ele foi testemunha de Jeová durante algum tempo. Não sei se há possibilidade e se o sr fez essa observação, da tomada de decisão dele de ser materialista no ITA, se alguma vez ele comentou isso com o sr e como que e se o sr teve uma conversa a esse nível com ele.

BK: Não sei... Olha você tem que entender o seguinte: ser materialista naquela época era a ordem natural das coisas. Todos eram. Porque isso era o que se colocava. Era a cultura da época. Era ser marxista, materialista, portanto ser revolucionário, aliás, era uma coisa que vinha naturalmente, era uma coisa da cultura, voce chegava, voce virava, entende. Era no ambiente universitário, o ambiente que ele foi pro ITA, era um ambiente desse tipo. Se bem que é verdade que havia na época a Juventude Católica nesses ambientes, a católica, a JUC, depois havia essas correntes marxistas. Ele poderia Ter ficado católico. Mas ele já era evangélico. Não sei, eu nunca conversei muito com ele.

Marcia: O sr destaca no livro Jornalistas e Revolucionários, o sr faz essa observação.

BK: Porque Não foi um pouco de preconceito meu, quando eu escrevi o livro, de achar que isso poderia indicar porque que ele tinha um mentalidade na minha opinião, um pouco fanática, Então é uma coisa que já vinha de uma formação religiosa dogmática e continua dogmática só transportou o dogmatismo, o messianismo de um campo para outro.

Marcia: Entendo. Exatamente esse termo, o sr usa: o messianismo.

BK: É, mas assim, um cara meio assim, messiânico. Mas só por isso sem...

Marcia: outras reflexões. Ainda sobre a JUC e AP, eu gostaria de voltar no tempo do Cursinho do Grêmio, a divisão que teve e que o sr descreve no Jornalistas e Revolucionários. E antes disso ou durante isso, não consigo situar agora, a batalha que teve Mackenzi e Usp, o sr estava ali, o que o sr relata, existe alguma conotação religiosa aí? Até onde os presbiterianos mackenzistas que me parece que também faziam parte dos quadros de repressão no pós-68, que ligações pode-se fazer?

BK: O Mackenzie é de origem presbiteriana, né? Não, nunca ocorreu isso a nós na época, não. Pode ser, olha eu acho que essa é uma linha que pode render alguma coisa, pensando bem. Pelo seguinte, porque pensando bem assim: havia uma questão religiosa gravíssima entre os militares e a Igreja Católica.

Marcia: Vamos trocar o lado da fita?

Fita 2

Marcia: Havia uma questão religiosa?

BK: religiosa gravíssima entre a Igreja e o Estado. Mataram os padres em Recife, tinha Dom Helder, eles impediam a entrada de padres,

Marcia: Tinha o Padre Alípio de Freitas.

BK: a Igreja católica estava toda no campo popular e esse projeto Brasil: Nunca Mais mostra que o engajamento da igreja realmente era mais profundo do que se pensa. de religiosos protestantes na repressão tem um certo um aspecto de uma guerra religiosa, assim como os católicos estavam de um lado, do lado da subversão, por assim dizer, eles estavam do lado da repressão.

Que é um pouco o alinhamento que existe até hoje. Então, na eleição de 89, Lula contra Collor, os evangélicos maçoçamente se alinharam e não só, eles levaram os militantes nas ruas acusando o Lula de ser o demônio. Eles demonizaram o Lula e isso teve uma importância muito grande na época. Depois houve um arrefecimento. Mas eles continuam se alinhando em geral com a direita.

Marcia: Naquela época, 67?

BK: Não, como em 89 houve isso eu acho que já começou antes. Então porisso que eu acho que é uma linha que pode ser interessante. Entende? Mas eu não tenho nenhum elemento sobre isso.

Marcia: O sr estava naquela batalha.

BK: Eu estava lá. Foram vários dias. Naquela época, o que me lembro é que eu e o Wilson tínhamos feito uma exposição lá na Maria Antonia.

Marcia: Exposição do que?

BK: Era comemorando os 30 anos da Guerra Civil na Espanha. Painéis grandes e tal. Aí quando o Dops invadiu, levou embora. Aliás, eu queria saber onde que está isso, porque deve estar lá no Dops. Então, a gente andava por lá naquela época.

Marcia: E a Ana Rosa, aqui na Química?

BK: É, porque naquela época a Química ainda era aqui na Campos Eliseos, não era na Maria Antonia. E o Curso de Física também não era na Maria Antonia. O Curso de Física só o primeiro ano ou o segundo que a gente ainda assistiu aula na Maria Antonia. Ele mudou para a Cidade Universitária. Mas a gente andava lá. E também a Ana Rosa. Mas talvez menos, não sei direito, porque ela circulava em outras esferas.

Marcia: Quando o sr diz que dá para tentar uma linha de reflexão nessa direção, de alguma forma dá para entender esta estratégia, essa tática essa forma de luta que os mackenzistas fizeram? Eu estou insistindo nisso porque eu vou Ter que retomar com mackenzistas também.

BK: Eu acho que tem que entender o espírito da época, entende? Agora, entender o espírito da época significa assim, a direita na época era uma direita paramilitar, eles tinham, já desde da crise do Jango, a TFP era muito agressiva, o CCC era paramilitar, o Mackenzie dizia-se que era a sede do CCC. Tem uma edição da revista Cruzeiro que traz os retratinhos deles todos, voce conhece essa

edição? Lá que apareceu que o Boris Casoy era do CCC. Ele era locutor na Rádio Eldorado e ele que conclamou ao mackenzistas a virem defender o Mackenzie. Porisso que ele ficou com essa fama. Ele nega de pé junto, e ele não tem nada de protestante, ele é judeu. Então, eu acho que essa divisão também um pouco, tem que ir com cuidado mas eu imagino que possa Ter tido na época um certo aliciamento mais fácil entre protestantes, do que entre os católicos, porque estava difícil. Agora, a minha experiência pessoal é de que a repressão tinha muito mais gente ligada a ela do que se imaginava, para um regime daquele tipo. Que não era um regime que tinha uma oposição tão massiva. Mas eles tinham medo, não sei. Então, por exemplo, na procura da minha irmã, eu descobri que o padeiro da esquina da loja do meu pai dava informações para a polícia. Descobri que o motorista de taxi de tal ponto dava informações para a polícia. Eu descobri que um conhecido da mãe da amiga minha tinha relações com a polícia. Voce percebe que as ramificações formam um tecido um pouco mais denso do que se pensa. Não é um cara aqui e um cara ali. Eles aliciavam pessoas de quase todos os lugares. E eram formas diferentes de aliciamento. Eles podiam, por exemplo, pedir ao motorista de táxi, que só contasse a eles quando ele visse alguma coisa de estranho. E aí davam um dinheirinho para ele ou nem davam. Enquanto que outro podia ser um agente full time. O fato é que tinha mais gente metida nisso do que eu supunha.

Marcia: Aquela reflexão que o sr estava desenvolvendo, de que essa raiz, por exemplo o problema da demonização do Lula, pode Ter começado antes, é um caminho que a gente vai tentar seguir...

BK: Até porque voce tem aí o seguinte. A demonização na questão da guerra fria. Voce tem o Bem e o Mal. Voce tem o Ocidente, voce tem a Russia. E o ocidente o núcleo dessa coisa os Estados Unidos. E os Estados Unidos é um país de protestantes. As igrejas protestantes são Igrejas que nessa época justamente defendem muito a luta contra o comunismo e tal, se bem que a guerra do vietnã foi uma guerra de católicos. Também tem essa.

Marcia: É. O sr me falou uma vez sobre o Cardeal Spelmann.

BK: eles mandavam pessoas para o sul para catequisar. Tanto tendo em vista o projeto de diminuir a explosão populacional, disseminar técnicas de controle de natalidade, como também para catequisar e como também como anteparo ao comunismo. Então, por aí.... há um claro alinhamento anticomunista dessas igrejas nessa fase. Não impede que os católicos dos Estados Unidos também fossem nessa fase. Mas o que acontece é que no Brasil eles acabam vindo como um força religiosa cristã anticomunista num país onde o cristianismo estava muito vinculado à esquerda. Porisso que eu acho que isso poderia render. Agora voce teria que Ter documentação sobre isso.

Marcia: Isso, em parte é o que eu estou buscando. Estive em Florianópolis atras disso

BK: Isso. Os documentos. Os próprios jornaizinhos deles da época já podem ser uma documentação.

Marcia: Sim, eu já tenho alguma coisa a respeito. Eu gostaria de voltar ao Mackenzie. O Oswaldo Hack, que hoje é chanceler do Mackenzie, aproveitou e introduzo o assunto do Paulo Wright, ele era ele foi pastor durante 30 anos em Florianópolis, e ele foi dirigente religioso da Igreja, onde o Paulo Wright, o deputado Paulo Wright, ministrava aulas dominicais, realizava orações como presbítero que ele era. E lá existiu uma espécie de tribunal de Inquisição, termo usado por mim, mas que na verdade tem uma aparência mais democrática porque é um conselho, uma assembléia que faz uma votação, e ele foi cassado da Igreja. Então, a reflexão que eu estava dizendo, em cima da cassação religiosa dele, no meio conservador presbiteriano, é que de alguma forma me faz voltar ao Mackenzie pelas ligações disso. Não está surgindo de alguma fumacinha não.

BK: Não é gratuito o fato de que o Mackenzie se torne de repente uma fortaleza da reação... não é gratuito. Agora eu não tenho nenhuma informação, nenhum vínculo com o Mackenzie.

Marcia: Tá certo. Então vamos voltar, quase que já para encerrar, ao Wilson e à Ana Rosa. Como o sr sabe eu

trabalhava com o Wilson Silva na área de informática. E às vezes eu escutava comentários dele sobre a Igreja católica e sobre o comportamento dos padres, freiras, de santos, e eu estava comparando essas conversas dele, com várias pessoas, um grupo de pessoas ele gostava de ficar batendo papo com colegas, com a luta do Paulo Wright, no Comitê da AP discutindo a posição dele como cristão. Porque eu estou comparando isso? Tentando aproximar do que o Paulo Wright viveu. Em termos de reflexão e de ideologia. E que o Wilson trazia a discussão nessas conversas. Com a diferença de que o Wilson questionava os católicos, desmascarava, desmontava a pseudo-santidade de alguns elementos da Igreja, e com o objetivo de despertar o espírito crítico naqueles que o ouviam. E o Paulo Wright ele já questionava na organização AP-APML nas organizações a exigência de ser ateu. A minha pergunta aí é nessa mesma linha. O sr disse que ser materialista naquela época era o

BK: Estado natural.

Marcia: A la Politzer...Mas como diz o Paulo Wright no livro que a Lali escreveu, sobrinha dele, argumentando lá no Comitê, muitos dos que faziam parte lá dos grupos tinham um passado religioso, um era ligado ao Ubaldi, como ele diz, outro era católico, enfim. O sr pelo que o sr disse não tinha nenhuma ligação religiosa já pela formação que o sr

BK: Nem eu nem a Ana.

Marcia: O Wilson, eu soube pela dona Lígia, durante algum tempo ele foi espírita, em Taubaté, escrevia discutia jornal via jornal, eu imagino - apesar de não Ter conseguido o jornal - eu imagino o estilo que ele deve ter imprimido ao debate. Mas quero saber a opinião do sr deste caldeirão de reflexões.

BK: O que eu posso falar é o seguinte. Primeiro que o agnosticismo, o materialismo era uma espécie de estado natural na época. Se bem que eu admito que havia toda uma corrente católica que criou a JUC. Mas esta corrente vai se transmutando e vai se tornando cada vez mais marxista e menos católica. Ela mantém o discurso por assim dizer cristão, já nem.....ela é marxista. Ela faz uma leitura marxista da Bíblia, porque realmente, né, então houve um esvaziamento de toda essa questão que eles chamam hoje carismática. Quer dizer tudo se volta para o social, para a militância política, formam as comunidades de base e tal. Agora, eu acho que a religião, além de que o estado natural era ser materialista, a religião não era uma questão que se colocava como problema. Seja como divisor, seja como identidade, seja como não identidade, ela não se colocava, na minha opinião. Ninguém ficava perguntando para o outro que religião você é ou se você tem religião. Mesmo nos agrupamentos marxistas, ser religioso não era impedimento de nada, porque você tinha aquele padre colombiano e o padre liderou a revolução. Na revolução na Nicarágua, tinha um padre lá,

até hoje ele ainda está lá. A Igreja era revolucionária. Outra questão na época era a questão da revolução. Quer dizer, independente da questão do marxismo, você tinha a questão da revolução. Que era realmente o que nos movia na época, era a revolução. As pessoas estavam ali prontas para fazer a revolução.

Marcia: O fascínio da guerrilha como o sr disse no livro.

BK: Então essa questão da revolução é que era o mais importante. O cara era revolucionário ou não era. Se ele não era ele era um cara desprezado. E se ele era revolucionário ninguém ia perguntar que religião ele tinha. Tá. Você tinharevolucionárias. Então, eu acho que a religião não era uma questão não era um problema.

Marcia: Para o Paulo Wright era. Tanto que ele discutiu isso, ele era o dirigente da AP-APML.

BK: É pode ser que.... mas era um problema porque realmente ele não tinha muito como sustentar aquilo naquele ambiente. Ele insistiu.

Marcia: Traduz, por favor.

BK: Eu imagino que ele tinha um problema de Ter que justificar a religião dele. Mas era uma coisa totalmente absurda até o cara ser religioso no nível em que ele era, porque ele era um praticante religioso. Isso é uma coisa que pegava até mal, eu acho. Ser um praticante de religioso em cargo de ...

- Marcia: De direção de uma organização.
- BK: Mas como eu digo, ele era aceito, fazia parte. Não era porisso que ele era expulso nem nada. O cara podia ser expulso por ser um pequeno burgues.
- Marcia: Ele foi expulso da APMML.
- BK: Mas não por motivo de religião.
- Marcia: Qual seria o motivo então?
- BK: Não sei. Ele deve Ter sido expulso porque houve um racha. Houve um racha, dos que aderiram ao Pcdob e os que não aderiram. Talvez tenha sido nesse racha.
- Marcia: Sim. Ai foi a formação da APMML.
- BK: Não era uma questão realmente. Era um racha se devia juntar, claro que o partido era marxista, mas iam se juntar.
- Marcia: Ele se propos a fazer uma revisão teológica da visão de Deus numa uma perspectiva marxista-leninista
- BK: Isso já tinham feito. Éssa Igreja de libertação já fez.
- Marcia: É o que fez a Teologia da Libertação.
- BK: É, mais ou menos fez.
- Marcia: Eu aprendi sobre a JUC, JOC, Comunidades de Base, AP, no livro Jornalistas e Revolucionários. Quando o sr fala do nascimento dos jornais e a composição, o sr conviveu bem com essas questões, e o que o sr me passa é assim, que na verdade isso não era significativo. Então eu estou concluindo, ou estou pensando seguindo este raciocínio, que isso era importante sim, nos quadros do governo. Quer dizer havia um alinhamento da questão religiosa muito forte, conservador.
- BK: Mas eu não tinha essa informação que voce está dando, essa coisa de que, nunca tinha me ocorrido.
- Marcia: Do que?
- BK: de que havia uma tendência entre as evangélicas de se alinharem com a revolução.
- Marcia: Ah sim, aí não estou destacando os evangélicos
- BK: Nos protestantes em geral.
- Marcia: Eu estou pensando que no sentido geral no governo havia um posicionamento religioso, a Doutrina de Segurança Nacional se definindo como cristã defendendo o Ocidente Cristão.
- BK: Mas aí eles tinham que fazer isso, eles tinham que usar os valores. Mas o que eu queria dizer é o seguinte: quando há um racha tipo esse APMML de um lado e não ML do outro, isso aí tem que ser visto também como uma cultura da época. Porque e se fosse.... e eram dogmáticos. No fundo eram todos dogmáticos. Porque eles faziam... Quem explica isso muito bem é o Eli Silva ... não sei se é Eli Silva que ele chama, Elício da Veiga, acho se eu cito ele, suco ou alguma coisa com suco,
- Marcia: Eu procuro.
- BK: Acho que é a Revolução do Suco, uma coisa assim, não, não me lembro. José Eli da Veiga, eu acho que ele chama.
- Ele é professor aqui da FEA, ele escreve sobre agricultura, é um cara inteligente. Tem um texto dele que ele conta um pouco esse o espírito da época.
- Acho que ele era daquela ala, Ala Vermelha. Porque dentro da APMML, Pcdob, surgiu essa ala. Então essa ala. Então, o que que ele diz: Cada grupo fazia o seu diagnóstico do Brasil. E a partir deste diagnóstico fazia o seu teorema da Revolução Brasileira.
- Marcia: Eu estou lembrando do capítulo que o sr fala disso, exatamente da geração.
- BK: Então, isso eu tirei dele. Então, se esse diagnóstico, eles não aceitam o diagnóstico do outro grupo. Então, se tem um grupo que diz o Brasil é formado, é um país feudal, ele é um país que nunca virou capitalista, é feudal. Então se ele é feudal temos que acabar com o feudo - então essa é a posição do Pcdob. Então tem que ajudar a burguesia a fazer a sua revolução, então isso implica que a aliança é com a burguesia. Aí vem um outro grupo e diz, não o Brasil nunca foi feudal. O feudalismo é uma

formação européia. O país é uma economia colonial escravista. Era capitalista escravagista, sempre foi capitalismo, então não tem nada... o que tem que fazer aqui é fazer uma revolução proletária. Então, do diagnóstico surgia um teorema, do teorema surgia a organização. E uma lutava, uma não aceitava a outra. E os rachas eram uma característica da época também, divisionismo, sectarismo, começa naquela época também. Entendeu? E a religião nunca foi objeto desse tipo de ela entrou aí um pouco na questão do Wright, mas eram rachas a partir desse tipo de diagnóstico.

Marcia: Ela entrou na verdade por parte do governo na repressão aos religiosos.

BK: Sim, tudo bem ,está certo.

Marcia: Eu gostaria antes de pedir para o senhor encerrar com uma observação sua, de voltar a um trechinho do seu livro Abertura, onde o sr faz uma observação: "de 32 desaparecidos entre setembro de 73 e setembro de 75, parece que exatamente nesse intervalo houve uma operação voltada a liquidar totalmente com os grupos revolucionários. Como que o sr chegou a isso, a esse dado? Eu sei que é meio.... Crise dos desaparecidos... então, seriam 32 desaparecidos

BK: esse foi um dado da época, e depois a gente viu que era mais.

Eu não incluí nos meus números, os desaparecidos do Araguaia.

Por que que eu não incluí?

Porque ali havia uma guerra entre eles. Mas na verdade deveria Ter incluído depois, porque a maneira como eles negam, que eles existiram, na verdade eles acabam sendo também desaparecidos.

Marcia: Do Araguaia subiria a lista para mais sessenta e poucos.

BK: Mas aqui não está incluído o Araguaia. O que chama a atenção aqui é que era um período de transição, do governo Geisel Em que ele já existe ele era a abertura, o que se percebe é que eles matam pessoas de diversas organizações, não é de uma mas de diversas. Então, a idéia que ficou (não sei nem se está escrito aí, mas foi a idéia que ficou na minha cabeça) que pode ser duas coisas, a primeira, é de que a repressão se dá conta de que tudo aquilo vai acabar, já está acabando, eles vão acabar oficialmente, eles não vão precisar mais de preservar as pessoas que estão infiltradas nas organizações.

E como não vão precisar mais das pessoas infiltradas, eles podem usar as últimas informações que essas pessoas podem dar, e eliminar essas pessoas. Porque eventualmente se eles eliminassem por exemplo o Wilson a partir da informação de não sei quem, que era o único cara que poderia Ter aquela informação, eles estariam queimando esse cara. Mas a partir do momento em que se convence de que aquele não vai ser mais preciso, ele já pode matar o Wilson. Porque aquele cara que sabia do Wilson e que era informante deles, não vai ser

mais necessário. Porque eles já decidem partir para a liquidação. Mas no fundo eles já sabiam que essas pessoas existiam, já tinham intenção de acabar com elas, algumas delas pelo menos, só que eles não podiam queimar os seus informantes. Então, isso é um motivo.

O outro motivo é que realmente, limpar o terreno para a abertura.

Marcia: Essa tática usada de desaparecimento.

BK: E também, o terceiro motivo era provocação contra o Geisel.

Marcia: Como assim?

BK: Porque o Geisel se colocou contra os desaparecimentos.

Marcia: É mesmo?

BK: Sim! Dom Paulo ia lá falar com o Golbery , e o Golbery ficava todo cheio de , ficava constrangido... Não posso fazer nada, isso é uma coisa. Na verdade eu acho que eles eram contra assim, mas no fundo, na hora do vamos ver, eles acabam fechando, mas eles preferiam que não fossem assim, tanto assim que....

Marcia: Professor, eu não havia colocado a Guerrilha do Araguaia como tópico, mas o sr mencionou e eu vou pedir para continuarmos só sobre isso. Não foi gravado..... Araguaia.

Marcia Elizabeth De Aquino

PERSONNAS

*gradações e sujeitos
do discurso político-religioso
no Estado autoritário pós-64
uma abordagem lexical e sóciosemiótica*

Lista de anexos e apêndices

Corpus C		Corpus A + D
Nós, os cristãos e o mundo (Ação Popular)	1962	
	1963	Anotações sobre Jango Goulart, Adhemar de Barros e a Igreja Católica, no Diário do Gen.O.Olímpio Mourão
Ata de exclusão de Paulo Wright da IPB	1964	
Carta da Igreja de Cuba sobre Paulo Wright	1965	
Mensagem de Natal, por Paulo Wright	1967	Entrevista Ato2 – Gen.Mourão e Bevilacqua
		Enciclopédia Moral e Civismo – Pe. Ávila
1968, por Derlei De Luca	1968	Costa e Silva, E.Médici, J.Passarinho, L.Tavares, O.Geisel, Ato Institucional 5, Conselho de Segurança Nacional
A paz... A questão de Deus, por Paulo Wright	1971	Cartas ao Médici, por J.Passarinho Carta ao J.Passarinho, por Pe. Viveiros O bispo do Acre, Projeto Rondon
	1972	Prefácio a Enciclopédia de Moral e Civismo, por J.Passarinho, Ministro da Educação
Prisões e desaparecimento de Paulo Wright, Gildo Lacerda e José Mata Machado Prisões Ação Popular Notícia do Correio Braziliense, Pronunciamento do Dep.Aldo Fagundes, Carta de W.Schisler, Carta de d.Célia, Carta da igreja de Cuba Prefácio de Freitas Nobre	1973	
Homilia ao Herzog, Cardeal Arns	1975	A Igreja e a questão de terras Relatório do Acre (SNI)
	1976	Discurso do Gen.Dilemando na véspera do Massacre na Lapa
Carta do Chile (Clamor) Título de Cidadão de SP ao Cardeal Arns	1978	
Mensagem de Natal, por Paulo Wright (jornal <i>O Som do Evangelho</i>) Comitê Catarinense Pró-Memória dos Mortos e Desaparecidos Políticos	1979	
<i>A igreja dos oprimidos</i> , fragmentos de debate Duarte Pereira	1981	Gen.Golbery (R.Isto é)
Nem anistia quiseram, por Jaime Wright, jornal <i>O São Paulo</i>	1985	
Prefácio do Cardeal Arns ao livro sobre Paulo Wright, de Delora Wright	1987	
Homenagem ao Cardeal Arns, Rabino Sobel e Reverendo Wright Prêmio Herzog	1998	
Restauração de Paulo Wright na IPB	1999	

CORPUS B

- ◆ Publicação Jornal do Brasil – Segurança Divulga Morte de Dois Subversivos em Recife
- ◆ Carta de Elyanni Marinho de Souza Santos para o Diretor do Departamento de Pessoal da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.
- ◆ Razões de Apelação de Elyanni Marinho de Souza Santos
- ◆ Termo de Perguntas ao Indiciado – assinado pelo Coronel Nelson Maurell Salgado
- ◆ Continuação do depoimento de Elyanni Marinho de Souza Santos
- ◆ Considerações do Coronel Nelson Maurell Salgado
- ◆ Requerimentos aos : Superintendente da SUDEPE, Superintendente da SUNABE, Ministério da Agricultura, Presidente da República.
- ◆ Requerimento – Mensagem ao Diretor do Departamento Nacional de Previdência Social
- ◆ Requerimento ao Presidente João Goulart pelo Deputado Paulo S. Wright
- ◆ Solicitação de envio de telegrama ao Dr. Annes Gualberto feita pelo Deputado Paulo S. Wright

- ◆ Documento manuscrito pelo Deputado Paulo S. Wright
- ◆ Dossiê Paulo S. Wright
- ◆ Documento 0672 (GAB)
- ◆ Do: Comandante do Comando do 5º Distrito Naval
- ◆ Ao: Chefe do Estado Maior da Armada
- ◆ Ofício no. 612/ SS. 15 (155) da Presidência da República. Serviço Nacional de Informações – ag. Curitiba
- ◆ Manuscrito sobre o Deputado Paulo S. Wright
- ◆ Documento manuscrito da Comissão de Constituição Legislação e Justiça
- ◆ FAT/MVVS no. 0610 (GAB) Florianópolis 30/05/64
- ◆ Cópia de Manifesto ao Povo em 01/09/61 – Florianópolis
- ◆ Auto de Apreensão do M. M. Comando do 5º Distrito Naval para Polícia Militar de Santa Catarina
- ◆ Carta do Deputado Nelson Pedrini ao Coronel José Magalhães da Silveira – Chefe da Agência do SNI – Curitiba
- ◆ Portaria da Delegacia de Segurança Nacional em Recife - 29/ out/ 73
- ◆ Certidão de Óbito de Paulo Stuart Wright
- ◆ Xerox de documentos de João Paulo Wright
- ◆ Xerox de documentos de Leila Cristina Wright
- ◆ Ofício no. 1394/ 73 – Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco
- ◆ Impresso dando o nome de Avenida Gildo Macedo Lacerda
- ◆ Certidão de Óbito de Wilson da Silva
- ◆ Diploma do Mérito Democrático da Câmara Municipal de Criciúma a Paulo Stuart Wright - 22/ set/ 95
- ◆ Memória Essencial – 20 anos de parcial Anistia - agosto/ 79 – 1999
- ◆ Recorte do Jornal O SÃO PAULO 04/ jan/ 85 - Cartas – Nem Anistia Quiseram

- ◆ Documento da Câmara Municipal de São Paulo – Concessão de Título
- ◆ CLAMOR – Carta de Santiago do Chile
- ◆ Documento do Serviço de Informação – DOPS sobre Paulo Stuart Wright
- ◆ Publicação – Cruz de Malta Jan.- fev./ 1964 - Reforma da Pesca Faz
- ◆ Documento sobre “Operation Condor”
- ◆ Encaminhamento no. 050/ 17/AC/ 75 – Anexo “E” Relatório sobre “A Igreja e o Problema de Terras” 27/jan./75 - Anexo “F” Anexo “G”
- ◆ Publicação – Nós, Os Cristãos e o Mundo
- ◆ Manuscrito – Ata no. 910
- ◆ Publicação – Vinde, Adoremos ao Senhor - 18/ julho/ 65
- ◆ Revista Rondon Sul – Integrar para não Entregar – ano 1 no. 1
- ◆ Publicação : O Som do Evangelho - São Paulo jan./ 79
- ◆ Publicação : XX Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos – 1998
- ◆ Publicação Primeira Igreja Presbiteriana Reformada (em Cuba) folha 1 a 3
- ◆ Publicação sobre Paulo Stuart Wright
- ◆ Frente Operário - Estudantil - Manifesto ao Povo - Florianópolis, 03/ jan./ 64
- ◆ Recorte de Jornal Diário Catarinense 03/nov/99 - Presbiterianos Revogam Punição a Paulo Wright
- ◆ Publicação Igreja Presbiteriana de Florianópolis no. 43/ 99 24/ out./ 99

Textos do *Corpus* em ordem numérica – “input” para o Aplicativo de Estatística Lexical “Stablex”

Corpus C		Corpus A	
C01 – Nós, os cristãos...	AP 62	A1 – Costa e Silva	
C02 – Homilia a Herzog	Homilia 75	A2 – Emilio Médici	
C03 – Arns e Paulo Wright	Prefácio 87	A3 – Jarbas Passarinho	
C04 – Arns Cidadão	Câmara SP 78	A4 – Lira Tavares	
C05 – Carta do Chile	Jornal Clamor 78	A5 – Orlando Geisel	
C06 – Carta de Cuba - PSW	IPB 73,6	A6 – Ato Institucional 5	68
C07 – Comitê Catarinense	Derlei De Luca	A7 – Conselho Segurança	
C08 – 1968, Derlei De Luca	AP	Corpus D	
C09 – A questão religiosa	Duarte Pereira 81 Br.Debates	D01 – Relatório Acre (SNI)	75
C10 – Prefácio, FfreitasNobre	Bezerra de Menezes 73	D02 – Gen.Dilermando	76 II Exército
C11 – Desap. Gildo	Carta ao Min.Justiça 73	D03 – Gen.Golbery	81 R.Isto é
C12 – Arns, .Sobel, Wright	Prêmio Herzog, Parlatino 98	D04 – J.Passarinho (1)	71 Carta ao Médici-Pe.Avila
C13 – DomHelderCâmara	O deserto é fértil	D05 – J.Passarinho (2)	71 Carta ao Médici
C14 – Solidariedade, J.Wright	Jornal Clamor 1983	D06 – J.Passarinho (3)	81 Entrevista Ver.Isto É
C15 – Nem anistia....JWright	IPB, O São Paulo 85	D07 – J.Passarinho (4)	72 Prefácio EMC
C16 – Ata de exclusão PSW	IPB – 64	D08 – Gen.Mourão (1)	66 Civ Bras A2
C17 – DepA Fagundes-PSW	Câmara 73	D09 – Gen.Mourão (2)	63 Jango
C18 – Prisão de militantes AP	Correio Brasiliense 73	D10 – Pe. Avila (1)	67 Decalogo EMC
C19 – PSW – questão de Deus	AP 71	D11 – Pe. Avila (2)	67 Prefácio EMC
C20 – PSW – Natal	Evangelho 67/79	D12 – Gen. P.Bevilacqua	66 Entrevista Ato2 R.Civ.Bras
C21 – PSW – A paz é ...	Carta ao Cardeal Arns 71	D13 – ronacre	71 Bispo Acre
C22 – Restauração PSW	IPB 99	D14 – Carta ao J.Passarinho	71 A invasão da PUC-RJ
C23 – Carta W.Schisler-PSW	Carta 73		
Corpus E (1)		Corpus E (2)	
E1 - Carlos Pereira		E5 – Rever.Osvaldo Hack	
E2 – Elzira Vilela		E6 – Cel.Jarbas .Passarinho	
E3 - Levi Ferrari		E7 – Rever. Eni L.Moura	
E4 –Nilmário Miranda		E8 – Cel. Walter Faustini	
E9 – Rever.Jaime Wright			

ENTREVISTADO	CIDADE	PROFISSÃO	CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS							
			POLÍTICA	RELIGIOSA	EDUCACIONAL	FAMIL./ ONGs	IMPrensa	LEGISLATIVO	EXÉRCITO	OUTRAS
ALDO ARANTES	GOIÂNIA	DEPUTADO	AP - PCdoB						ASS. LEGISL.	
ANA CRISTINA	S. PAULO	SECRETÁRIA		IPB	MACKENZIE					
ASTRID SAYEG	S. PAULO	PROF. / ESC.		FED. ESP.						
AZIEL	CURITIBA	MILITANTE	AP							
BERNARDO KUCINSKI	S. PAULO	JORNALISTA			ECA	CUNHADO				
CARLOS G. PEREIRA	T. SERRA	CONSTRUTOR	APML							
CARLOS TIBURCIO	S. PAULO	JORNALISTA	GTNM / POLOP							
CÉLIA LACERDA	UBERABA	D. CASA				MÃE (GML)				
CLAIR FLORA MARTINS	CURITIBA	ADVOGADA	GTNM / AP							
CLARA FERRARI	S. PAULO	SOCIÓLOGO	AP							
CYRO POLICENO JR.	S. PAULO	ADVOGADO		I. CATÓLICA					MILITAR	
DANIEL	CRICIÚMA	ADVOGADO			UFESC					
DANIVAL	UBERABA	EDUCADOR	AP							
DELORA J. WRIGHT	RIB. PRETO	SOCIÓLOGA				SOBRINHA(PSN)				
DEODORO G. MENDONÇA	FLORIANÓPOLIS	ADVOGADO		IBB						
DERLEI DE LUCA	CRICIÚMA	PROF. HIST.	AP			CGPMMD				
DUARTE PACHECO PEREIRA	S. PAULO	JORNALISTA	AP - PCdoB							
EDITH SCHISLER	FLORIANÓPOLIS	EDUCADORA		METODISTA	METODISTA					
EDMILSON COSTA	S. PAULO	JORN. / ECON.	AP							
ELIEZER RIZZO	CAMPINAS	PROFESSOR		IPB	UNICAMP-NEE					NEE
ELISEO	FLORIANÓPOLIS	REVERENDO		IPB						
ELOI GATOI	FLORIANÓPOLIS	JORNALISTA				CGPMMD				
ELYANNI M. SANTOS	FLORIANÓPOLIS	ADVOGADO						ASS. LEGISL.		PSW
ELZIRA VILELA	S. PAULO	MÉDICA	APML			GTNM				
ENEIDA	S. PAULO	D. CASA		IPU						
ENILUZ DE MOURA	FLORIANÓPOLIS	PASTOR		IPB						
ERASNO F. NUZZI	S. PAULO	JORNALISTA			CÁSPER LÍBERO					
ERIC H. HERNANDEZ	S. PAULO	SEMIOTICISTA	PC (HAVANA)		USP					
"ESPOSA" GILDO M. LACERDA	B. HORIZONTE	ECONOMISTA				GTNM				
EURÍPEDES	BRASÍLIA	REVERENDO		IPB						
EWALDO DANTAS	S. PAULO	JORNALISTA		I. CATÓLICA			O SÃO PAULO			CÚRIA
FLAVIO TINE	S. PAULO	JORNALISTA	PCB							
FREI JOÃO CHERLI	S. PAULO	FREI / ESCR.		I. CATÓLICA						
GENI M. PEREIRA	T. SERRA	PROFISS. SAÚDE	APML							
HÉLIO HERNANDES	R. JANEIRO	JORNALISTA					TRIB. IMPRENSA			
HELOISA GRECO	B. HORIZONTE	HISTORIADOR			UFMG	GTNM				
HECTOR MENDES	CUBA	PASTOR		IPC						
HERMINIO MIRANDA	R. JANEIRO	ESCRITOR		ESPÍRITA						
JACOB GERENDER	S. PAULO	HISTORIADOR	PCBR							
JAIME WRIGHT	S. PAULO	PASTOR		IPU/IPB/CMI						
J. LUIS NADAE	S. PAULO	SOCIÓLOGO					J. EM TEMPO			
JAMES Mc MASTER	R. JANEIRO	ENG. / PROF.		METODISTA						

CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS										
ENTREVISTADO	CIDADE	PROFISSÃO	ORGANIZAÇÃO							
			POLÍTICA	RELIGIOSA	EDUCACIONAL	FAMIL/ ONGs	IMPrensa	LEGISLATIVO	EXÉRCITO	OUTRAS
JARBAS PASSARINHO	BRASÍLIA	SENADOR							SENADO	
JOAS DIAS DE ARAÚJO	AMERICANA	PASTOR		IPB						
JOÃO DIAS ARAÚJO	RECIFE	REVERENDO		IPU						
JOÃO PAULO WRIGHT	CURITIBA	ANAL/SUPORTE				CF				
JOER	GOIÂNIA	REVERENDO		IPB						
JOANA LOPES	S. PAULO	PROF	APML							
JOSÉ	UBERABA	RELIGIOSO		C.ESP.BATUÍRA						
JOSÉ DERVIL MONTOVANI	S. LUIZ	ANTROPÓLOGO	MOLIPO							
JOSÉ MARQUES MESQUITA	R. JANEIRO	RADIALISTA	JUC/N	ESPIRITA			RADIO CARIOCA			
JOSÉ NEUMA PINTO	S. PAULO	JORNALISTA	PT							
JOSÉ WALTER FAUSTINI	S. PAULO	CORONEL							SNI/IPI	
JUSTINO	FLORIANÓPOLIS	PASTOR		METODISTA						
LEVI B. FERRARI	S. PAULO	SOCIÓLOGO	MOLIPO							
LIGIA V. SILVA	TAUBATÉ	D. CASA				MÃE / W. S.				
LILIA AZEVEDO	S. PAULO	ESCRITORA		IC		CDH				
LUCIA HELENA	S. PAULO	JORNALISTA								CUBA
LUCILA CARDOSO	FLORIANÓPOLIS	ADVOGADA		IPI						
LUIS MAKLOUF	S. PAULO	JORNALISTA				DH-IC				
MARCILIO KRIEGER	FLORIANÓPOLIS	ADVOGADO			OAB/SC					
MARIO J. GARCIA	S. PAULO	MOTORISTA							D. POLICIAL	
MARLENE SOCCAS	CRICIÚMA	DENTISTA	ALN			AMIGA / P. S. W.				
MARLUCE	S. PAULO	JORNALISTA	APML/GML			VIÚVA / G. L.				
MIROSLAVA	FLORIANÓPOLIS	PROFISS SAÚDE		IPB		AMIGA / P. S. W.				
NILMARIO MIRANDA	BRASÍLIA	DEPUTADO	POLOP			CDH				
OSMAR MIRANDA DIAS	S. PAULO	ANA/SISTEMA				AMIGO/W.SILVA				
OSVALDO H. HACK	S. PAULO	CHANCELER		IPB						
OTTO FILGUEIRAS	OSASCO	JORNALISTA	APML							
OVIDIO BARRADAS	S. PAULO	ENGENHEIRO			ITA					
PABLO WRIGHT	ARGENTINA	ANTROPÓLOGO								UBA
PADRE CIDO	S. PAULO	PADRE/EDUC.					O SÃO PAULO			
PADRE FERNANDO B. ÁVILA	R. JANEIRO	BISPO			IBRADES/PUC					
PAULO ROBERTO ROCHA	S. PAULO	PASTOR		IPU						
ROBERTO THEMUDO LESSA	S. PAULO	REVERENDO		IPI						
RONDON PACHECO	R. JANEIRO	DEP./CONSTIT.	ARENA							
RUBENS AGONDI	S. PAULO	ADMINSTRADOR		ESPIRITA		C V V				
SOLANGE/J. CARLOS DIAS	S. PAULO	SECRETÁRIA				D.H				
SALOMÃO	GOIÂNIA	PASTOR		IPB						
SAMARONE L. OLIVEIRA	S. PAULO	JORNALISTA				C.J.P				
VALMIR MARTINS	FLORIANÓPOLIS	HISTORIADOR	APML		UFSC					
WALMOR MARCELINO	CURITIBA	ESC./JORN.	APML							
ZÁIRA	UBERABA	D. CASA		ESPIRITA		C.J.P				